UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

EM BUSCA DE UMA PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA PARA OS ESTUDOS DAS CIDADES MÉDIAS: REFLEXÕES A PARTIR DE UBERLÂNDIA (MG)

HÉLIO CARLOS MIRANDA DE OLIVEIRA

UBERLÂNDIA (MG)
2008

HÉLIO CARLOS MIRANDA DE OLIVEIRA

EM BUSCA DE UMA PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA PARA OS ESTUDOS DAS CIDADES MÉDIAS: REFLEXÕES A PARTIR DE UBERLÂNDIA (MG)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Gestão do Território

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares

Uberlândia (MG)
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48p Oliveira, Hélio Carlos Miranda de, 1982-

Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias : reflexões a partir de Uberlândia (MG) / Hélio Carlos Miranda de Oliveira. - 2008.

364 f . : il.

Orientadora: Beatriz Ribeiro Soares.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Inclui bibliografia.

1. Uberlândia (MG) - Geografia - Teses. 2. Cidades e vilas - Uberlândia (MG) - Teses. I. Soares, Beatriz Ribeiro. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 911.375(815.1*UDI)

Elaborado pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação
mg- 02/08

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Hélio Carlos Miranda de Oliveira

Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias: reflexões a partir de Uberlândia (MG)

_____

Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares – UFU (Orientadora)

_____

Profa. Dra. Anete Marília Pereira – Unimontes

_____

Prof. Dr. Vitor Ribeiro Filho – UFU

Data: 25 de fevereiro de 2008.

Resultado: **Aprovado com louvor**.

A João Alberto, Aparecida Regina e Renata Rastrelo, pelo amor que sinto por vocês.

Agradecimentos

A construção de um trabalho acadêmico, mesmo que muitas vezes seja uma tarefa solitária, sempre tem o apoio de pessoas que reúnem esforços para sua realização. São para essas pessoas que registro meus sinceros agradecimentos.

À Beatriz Ribeiro Soares, por ser mais do que uma orientadora. Agradeço a confiança, os ensinamentos, a alegria, os conselhos e as oportunidades dadas. É, com certeza, uma verdadeira mãe acadêmica, e por esse motivo, devo a você toda minha trajetória acadêmica e profissional. Você é um exemplo de orientadora, uma pessoa alegre, preocupada não só com o trabalho a ser concluído, mas também com a satisfação pessoal dos seus alunos, auxiliando-os a realizarem seus sonhos. Se todos os professores fossem como você, com certeza a universidade seria um ambiente muito mais alegre e menos preocupado com as vaidades. É por tudo isso que sou eternamente grato a você!

À Renata Rastrelo, a historiadora baixinha e brava que escolhi para amar. Uma companheira cúmplice, que sempre apoiou minhas decisões, mesmo sabendo que elas poderiam levar a um sacrifício do nosso relacionamento. Muito obrigado por sempre me acolher bem nas terras altas de Rio Paranaíba, onde elaborei a maior parte deste trabalho. Obrigado pela leitura, conversas e auxílio no levantamento de dados da pesquisa empírica. Saiba que sua colaboração foi fundamental para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Aparecida Regina e João Alberto, pelo amor, carinho e apoio incondicional às minhas decisões. Saibam que são duas pessoas que admiro pela garra e determinação de darem aos seus filhos aquilo que não tiveram a

oportunidade de ter. É por isso que sempre continuarei me esforçando para ser motivo de orgulho a vocês. Se não fosse a oportunidade que me deram de estudar, com certeza não teria chegado aqui.

Ao professor Vitor Ribeiro Filho, grande incentivador deste trabalho. Obrigado pelas conversas e pelas oportunidades de trabalharmos juntos nos projetos de pesquisa sobre as cidades médias. Sou grato pelas contribuições da defesa do projeto, do relatório de qualificação e de tantas outras ao longo da minha caminhada no mestrado. Espero que esse início de amizade que está sendo construída nunca se acabe. Agradeço também a disposição para participar da banca de defesa desta dissertação.

À professora Anete Marília Pereira, por ser mais do que uma avaliadora do trabalho final, mas uma amiga do norte de Minas. Obrigado pelas nossas conversas sobre as cidades médias durante os eventos pelo Brasil, por disponibilizar material de sua tese antes mesmo da finalização e por aceitar o convite de participar da banca de defesa. O garoto que correu atrás do carro em Londrina (PR) sente-se muito honrado em tê-la como participante de uma etapa tão importante de sua vida.

Aos amigos e companheiros de pesquisas Flávia Araújo, Iara França, Janes Luz, Marcus Vinícius e Nágela Melo que vêm enfrentando a difícil tarefa de estudar os espaços não-metropolitanos no Brasil. Saibam que contribuíram para a realização deste trabalho e por isso, meu muito obrigado.

Aos professores William Ferreira e Júlio Ramires, pelas contribuições na defesa do projeto e no relatório de qualificação.

À professora Marlene Colesanti pelo apoio e incentivo.

À Daniela Belo, pela colaboração no levantamento e organização dos dados, à Diélen Borges pela correção do português, ao George Silva pela confecção dos mapas e ao Tiago Brunêto pela elaboração do abstract.

Aos professores da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, em especial Bruno Siqueira, Cláudia Souza, Fátima Greco, Iara Guimarães, Lúcia Helena que, durante meu período de trabalho nessa escola, me apoiaram e auxiliaram na substituição de aulas para que eu pudesse participar de eventos científicos.

Aos professores Carme Bellet Sanfeliu, Josep Maria Llop Torné da Universidade de Lleida, na Espanha, à professora Eduarda Marque da Costa da

Universidade de Lisboa, em Portugal e à senadora argentina Alicia Mastandrea, pelo envio de materiais que foram fundamentais para a realização da pesquisa.

Às minhas irmãs Samantha Miranda e Tamara Regina, pelos incentivos aos meus estudos. Agradeço especialmente à Tamara e seu namorado, Roberto Bomtempo, por me auxiliarem em algumas atividades do dia-a-dia e pela ajuda na impressão desta dissertação.

À Ana Paula Crosara pelo apoio jurídico necessário em alguns momentos de minha vida.

À professora Vera Salazar, pelas aulas de metodologia científica e de humanidade.

Aos amigos Carlos Alberto e Josenilson Bernardo pelas oportunidades profissionais concedidas e por integrarem o grupo dos bandeirantes da educação.

À Dilza, pela dedicação e gentileza no atendimento das solicitações na secretaria do curso.

Aos amigos e colegas que sempre incentivaram meus estudos: Alex Marciel, André Freitas, Antônio Carlos Nomura, Aristóteles Teobaldo, Cintia Godoi, Cristiane Salgado, Edgard Jerônimo, Felipe Mariano, Francine Borges, Francis Liporone, Jeane Medeiros, Kelly Bessa, Lorenna Bittencourt, Marcelo Gonçalves, Matteus de Paula, Naiara Souza, Naiara Vinaud, Paula Cristina, Paulo Vitor, Reginaldo Pereira, Rogério Silva, Salmo Alves, Sílvio Barbosa, Thiago Marra.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia pela oportunidade.

Ao CNPq pelo apoio financeiro e material, pela concessão da bolsa de estudo e pela aprovação de projetos de pesquisas que envolvem esta dissertação.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para minha caminhada e não possuem seus nomes registrados aqui, o meu muito obrigado.

La ville intermédiaire ou moyenne est un UGO - unidentified geographic object.

(Roger Brunet, 2000)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo construir uma proposta metodológica para o estudo das cidades médias, fundamentando-se em metodologias já existentes. Para isso foi elaborado um resgate de quatro importantes trabalhos da Geografia brasileira, de dois estudos governamentais e de duas experiências estrangeiras, enfocando em sua discussão os caminhos metodológicos percorridos pelos autores. Esses trabalhos, juntamente com o modelo metodológico seguido para o estudo da cidade de Uberlândia (MG), fundamentaram a proposta metodológica elaborada. O estudo da dimensão econômica da cidade de Uberlândia (MG) permitiu entender o papel dos agentes econômicos na transformação do espaço interno da cidade e no estabelecimento das suas redes de fluxos, além de servir de balizamento para a proposição de uma metodologia de estudo das cidades médias. Foi a partir do conhecimento da realidade da cidade estudada que alguns apontamentos foram possíveis, sejam eles referentes à *nova* metodologia ou à crítica à metodologia utilizada para o estudo da cidade. Foi, então, diante do contexto regional do Centro-Sul brasileiro e da realidade da cidade de Uberlândia (MG) que se elaborou a proposição metodológica organizada por dimensões de análise do espaço, suas variáveis e indicadores. As dimensões propostas foram as seguintes: demográfica, econômica, de equipamentos e infra-estruturas, política e de gestão do território, ambiental, social e cultural, além de uma tipologia para as cidades médias brasileiras. Essa *nova* metodologia não está acabada, fechada a novas discussões, pelo contrário, ela é uma proposta inicial que deve ser submetida às críticas, para que assim, possa, com as devidas alterações, servir de referência para o estudo das cidades médias brasileiras.

Palavras-chave: cidade média, metodologia, Uberlândia (MG).

Abstract

This paper has like objective to do a methodological proposal in order to contribute in the studies of middle cities, getting like fundament methodologies already existent. In order to get this goal was made a rescue of four important papers in Brazilian's Geography, of two governmental studies and two foreign experiences, focusing in their texts the methodological ways made by them.
These papers, with the methodological model followed for the Uberlândia City (MG) study, justified the methodological proposal worked in this paper. The study of economics Uberlândia City dimension allowed us to understand the place of economics agents in the transformation of the inside space of town and in the establishment of its fluxes chains, besides to work like an example for a proposition of a methodological study of middle cities. Was from this knowledge of the studied city reality, that some appointments were possible, being their relating to a new methodology or to a critique among the methodology used in this study. Then, in front of the regional context of Brazilian South-Center and the reality of Uberlândia City (MG), was made a methodological proposition organized in dimensions of the space's analysis, their variables and appointments. The dimensions brought in this paper are: demography, economy, of equipments and infra-structures, policy and territorial administration, environmental, social and cultural, besides of and typology for the Brazilian's middle cities. This new methodology is not over, with the new arguments done, it is a primary proposal which needs to be put under critiques, and, in this way could be used in future like reference for studies about Brazilian's middle cities..

Keywords: middle city, methodology, Uberlândia City (MG).

Lista de figuras

Figura 01 – Mundo: % da população urbana (2000).....38
Figura 02 – América Latina: % da população urbana (2000).....38
Figura 03 – Triângulo Mineiro: relações entre cidades (2001).....136
Figura 04 – Minas Gerais: hierarquia das cidades médias (1982).....139
Figura 05 – Minas Gerais: hierarquia das cidades médias (1999).....142
Figura 06 – Minas Gerais: hierarquia das cidades médias (2006).....143
Figura 07 – Minas Gerais: regiões de potencial tecnopolitano (1996).....144
Figura 08 – Uberlândia: distribuição do PIB por setor da economia (1999).....154
Figura 09 – Uberlândia: distribuição do PIB por setor da economia (2005).....154

Lista de mapas

Mapa 01 – Mundo: população urbana (2000).....35
Mapa 02 – Uberlândia: localização da cidade (2007).....133
Mapa 03 – Triângulo Mineiro: hierarquia urbana (2001).....137
Mapa 04 – Uberlândia (MG): área de polarização (2001).....148
Mapa 05 – Uberlândia (MG): estrutura logística de agroindústrias (2001).....162
Mapa 06 – Uberlândia (MG):
comércio de adubos e fertilizantes agrícolas (1997-2007).....164
Mapa 07 – Uberlândia (MG): comércio de sementes (1997-2007).....165
Mapa 08 – Uberlândia (MG):
venda de tratores, peças e serviços (1997-2007).....166
Mapa 09 – Uberlândia (MG): empresas associadas à UNEDI (2007).....170
Mapa 10 – Uberlândia (MG): atacadistas (1997-2007).....174
Mapa 11 – Uberlândia (MG): transporte de pessoas e cargas (1997-2007).....176
Mapa 12 – Uberlândia (MG): lojas de departamentos (1997-2007).....178
Mapa 13 – Uberlândia (MG): hipermercados e supermercados (2007).....182
Mapa 14 – Uberlândia (MG): clínicas médicas (1997-2007).....186
Mapa 15 – Uberlândia (MG):
lojas de artigos e equipamentos hospitalares (1997-2007).....187
Mapa 16 – Uberlândia (MG): hospitais (1997-2007).....188
Mapa 17 – Uberlândia (MG): Laboratórios (1997-2007).....191
Mapa 18 – Uberlândia (MG): bancos (1997-2007).....194
Mapa 19 – Uberlândia (MG): financeiras (1997-2007).....196
Mapa 20 – Uberlândia (MG): consórcios (1997-2007).....197

Mapa 21 – Uberlândia (MG):
seguradoras e corretoras de seguros (1997-2007).....198
Mapa 22 – Uberlândia (MG):
Universidade, centro universitário e faculdades (1997-2007).....202
Mapa 23 – Uberlândia (MG): hotéis (1997-2007).....203
Mapa 24 – Uberlândia (MG): agências de turismo (1997-2007).....205
Mapa 25 – Uberlândia (MG):
empresas de organização de eventos (1997-2007).....206
Mapa 26 – Uberlândia (MG): concessionárias (1997-2007).....209
Mapa 27 – Uberlândia (MG): imobiliárias (1997-2007).....210
Mapa 28 – CTBC Telecom: área de atuação (2001).....213
Mapa 29 – Uberlândia (MG): provedores de acesso à internet (1997-2007)....214

Lista de quadros

Quadro 01 – PNCCPM: tipos de cidades médias (década de 1970).....53
Quadro 02 – Indicadores socioeconômicos selecionados para caracterização da pobreza urbana (década de 1970).....66
Quadro 03 – Cidades médias com maiores índices de pobreza urbana (1970)...67
Quadro 04 – Cidades médias com menores índices de pobreza urbana (1970)..67
Quadro 05 – Patos de Minas: equipamentos de relações externas (1975).....79
Quadro 06 – Patos de Minas: matriz de relações externas (1975).....80
Quadro 07 – América Latina: classificação tipológica das cidades médias.....102
Quadro 08 – Esquema de análise das cidades médias.....106
Quadro 09 – Dimensões para análise das cidades médias.....109
Quadro 10 – Escalas de intermediação das cidades.....109
Quadro 11 – Eixos de análises das cidades selecionadas.....110
Quadro 12 – Esquema de análise das cidades médias.....116
Quadro 13 – Variáveis utilizadas para a análise das cidades médias.....140
Quadro 14 – Níveis hierárquicos e principais características das cidades médias.....141
Quadro 15 – Triângulo Mineiro: principais características das cidades.....147
Quadro 16 – Uberlândia (MG): principais agroindústrias (2006).....161
Quadro 17 – Uberlândia (MG): hospitais (1997-2007).....185
Quadro 18 – Triângulo Mineiro: níveis de centralidade de algumas cidades segundo EGIC (1993).....216
Quadro 19 – Classificação demográfica das cidades médias.....221
Quadro 20 – Dimensão demográfica: proposição metodológica.....224

Quadro 21 – Dimensão econômica: proposição metodológica.....228
Quadro 22 – Dimensão dos equipamentos e das infra-estruturas: proposição metodológica.....231
Quadro 23 – Dimensão política e de gestão do território: proposição metodológica.....234
Quadro 24 – Dimensão ambiental: proposição metodológica.....236
Quadro 25 – Dimensão social: proposição metodológica.....238
Quadro 26 – Dimensão cultural: proposição metodológica.....239
Quadro 27 – Tipologia para as cidades médias: proposição metodológica.....240

Lista de tabelas

Tabela 01 – Brasil: população total, urbana e rural (1970-2000).....33
Tabela 02 – Brasil: evolução da população total, urbana e rural (1970-2000)...34
Tabela 03 – Brasil: ranking dos dez maiores municípios (1991-2006).....37
Tabela 04 – Mundo: população urbana por classe de tamanho (1950-1990).....39
Tabela 05 – Brasil: população urbana por classe de tamanho (1991-2000).....40
Tabela 06 – Brasil: taxas médias anuais de crescimento populacional nas cidades médias (1960-1970).....61
Tabela 07 – Classificação das cidades médias segundo suas potencialidades de crescimento econômico.....70
Tabela 08 – Programa CIMES:
dimensões médias das cidades médias (2003).....117
Tabela 09 – Brasil, Minas Gerais e Triângulo Mineiro: população total, população urbana e população rural (1970-2000).....133
Tabela 10 – Uberlândia: população total, população urbana e população rural (1970-2000).....134
Tabela 11 – Uberlândia: evolução da população – total, urbana e rural (1970-2000).....134
Tabela 12 – Triângulo Mineiro e Uberlândia:
população não residente em 01/09/1991.....150
Tabela 13 – Uberlândia (MG): população ocupada por setores (1991-2000)....152
Tabela 14 – Uberlândia (MG): população economicamente ativa e população ocupada por área de residência (1970-2000).....153

Tabela 15 – Uberlândia (MG): produto interno bruto (PIB) a preço de mercado corrente total, em reais (1999-2005).....153
Tabela 16 – Brasil, região Sudeste, Minas Gerais e Uberlândia: produto interno bruto per capita a preços correntes, em reais (1999-2004).....155
Tabela 17 – Minas Gerais: dez maiores municípios por PIB do setor de atividade econômica (2004).....156
Tabela 18 – Uberlândia (MG): ICMS por setores da economia (2000-2006)....156
Tabela 19 – Minas Gerais: ranking dos municípios com os dez maiores números de consumidores de energia elétrica (2006).....157
Tabela 20 – Minas Gerais: ranking dos dez maiores municípios consumidores de energia elétrica (2006).....158
Tabela 21 – Uberlândia (MG): consumo acumulado por classe (2005-2006)....158
Tabela 22 – Triângulo Mineiro e Uberlândia (MG): efetivo do rebanho (2005)..159
Tabela 23 – Triângulo Mineiro e Uberlândia (MG): produção agrícola (2006)...160
Tabela 24 – Uberlândia (MG): espacialização das unidades de atividades comerciais por setores da cidade (1997-2007).....167
Tabela 25 – Uberlândia (MG): número de unidades industriais (1980-2005)...168
Tabela 26 – Uberlândia (MG): número de empresas do setor terciário (2000-2005).....171
Tabela 27 – Uberlândia (MG): número de lojas varejista de departamentos (1997-2007).....179
Tabela 28 – Uberlândia (MG): nº de lojas de supermercados em rede (2007).....181
Tabela 29 – Uberlândia (MG): espacialização das unidades de atividades ligadas ao setor de saúde (1997-2007).....184
Tabela 30 – Uberlândia (MG): número de bancos (1997-2007).....193
Tabela 31 – Uberlândia (MG): instituições de nível superior (2007).....199

Sumário

Introdução.....19

Capítulo 1. Cidades médias: estudos e metodologias.....31

1.1. Contextualizando o tema.....32
1.1.1. A urbanização mundial e brasileira.....32
1.1.2. A origem dos estudos das cidades médias.....41

1.2. Cidades médias: estudos e metodologias brasileiras.....51
1.2.1. O Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio (PNCCPM).....51
1.2.2. Sistema Urbano e Cidades Médias no Brasil.....60
1.2.3. Os estudos geográficos das cidades médias.....76

1.3. Cidades médias: estudos e metodologias estrangeiras.....96
1.3.1. O projeto Monitoreo de ciudades intermedias.....98
1.3.2. O programa Ciudades Intermedias y Urbanización Mundial.....113

Capítulo 2. Uberlândia: que cidade média é essa?.....122

2.1. Discutindo a metodologia utilizada.....122
2.2. Uberlândia: que cidade média é essa?.....132

Capítulo 3. Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias.....218

3.1. A construção de uma proposta metodológica.....218
3.1.1. A dimensão demográfica.....219
3.1.2. A dimensão econômica como definidora dos fluxos.....225
3.1.3. Os equipamentos e as infra-estruturas: os fixos.....230
3.1.4. A dimensão política e de gestão do território.....233
3.1.5. Dimensões ambiental, social e cultural.....235
3.1.6. Uma tipologia para as cidades médias.....239

3.2. Reflexões a partir das metodologias.....244

Considerações finais.....252

Referências.....258

Apêndices.....270
Apêndice 01 271
Apêndice 02.....336

Anexos.....346
Anexo 01.....347
Anexo 02.....356
Anexo 03.....359

Introdução

A compreensão dos sistemas urbanos dos países ocidentais tem exigido dos pesquisadores novas formulações teórico-metodológicas para a explicação de fenômenos que antes eram observados somente em escalas locais, regionais ou nacionais, mas que agora, são observados em escala global.

Vários estudos têm seus focos voltados para essa temática, principalmente aqueles que pretendem entender as realidades e as dinâmicas dos centros metropolitanos. No caso brasileiro isso não é diferente, todavia, a significativa expressão do processo de globalização, somada às mudanças no padrão demográfico do país, criam a necessidade de compreender os espaços não-metropolitanos.

Para Davidovich (1991), o quadro urbano brasileiro acompanha uma tendência demográfica universal irreversível de concentração de população nas cidades, resultando na formação de diferentes estruturas no tecido urbano nacional, principalmente em função do desenvolvimento da economia urbano-industrial e de um planejamento altamente centralizado, surgindo o que autora classifica como Brasil metropolitano e Brasil urbano não-metropolitano. Segundo a autora:

> Um Brasil urbano não-metropolitano pode ser reconhecido na interiorização da urbanização, que tem particular manifestação em novas frentes de valorização urbana, referenciadas, principalmente, a novas necessidades criadas pela agricultura moderna, pela mineração e por certo tipo de indústria. Trata-se de agrupamentos de cidades, antes isoladas, que se articulam em torno de determinadas atividades [...] (DAVIDOVICH, 1991, p. 127).

É nesse grupo de cidades que compõem o Brasil urbano não-metropolitano que estão inseridas as cidades médias, com novos papéis urbanos, não isoladas da rede urbana, mas como cidades consagradas a desenvolverem uma alta e competitiva especialização funcional (SILVEIRA, 2002).

O papel das cidades médias no mundo globalizado e na divisão territorial do trabalho é definido por Silveira (2002) como centros urbanos que têm a função de exercer um comando técnico da agricultura científica, da criação de gado e da produção energética da sua região, e de não ser sede de comando político das principais decisões das atividades econômicas desenvolvidas no território brasileiro. A autora completa afirmando que “as cidades médias são nós de uma divisão do trabalho à escala mundial, e o estudo de suas especializações pode ser uma pista para entender a atual organização do espaço” (SILVEIRA, 2002, p. 15).

Pereira (2005), discorrendo sobre o papel das cidades médias no mundo globalizado, ressalta que:

> [...] o papel exercido por essas cidades no mundo globalizado também sofre alterações que devem ser avaliadas. Qualidade de vida, desenvolvimento científico e tecnológico, mão-de-obra disponível, incentivos governamentais são alguns dos elementos que passaram a ser divulgados como atrativos e que alteram a realidade dessas cidades. São, assim, cidades pensadas em termos do seu significado diante das transformações demográficas ou diante do seu padrão de crescimento. (PEREIRA, 2005, p. 02).

Entender as funções das cidades médias no sistema urbano brasileiro contribui para a difícil tarefa de classificação dessas cidades, uma vez que suas funcionalidades na rede urbana estão associadas diretamente ao consumo de mercadoria, demarcando, assim, seus papéis na divisão territorial do trabalho e na definição dos fluxos *de* e *para* as cidades médias. Diante disso, Sposito (2001) aponta que:

> [...] podemos caracterizar as "cidades médias", afirmando que a classificação delas, pelo enfoque funcional, sempre esteve associada à definição de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação proporcionado por suas situações geográficas, tendo o consumo um papel mais importante que a produção na estruturação dos fluxos que definem o papel intermediário dessas cidades (SPOSITO, 2001, p. 635).

Entendidas não como cidades isoladas na rede urbana, as cidades médias têm aparecido nos estudos recentes da urbanização do Brasil como importantes pontos na rede (SOARES, 2005), exigindo dos pesquisadores uma análise que considere as relações entre a cidade e a região e entre as cidades de diferentes níveis hierárquicos.

O crescimento da importância dessas cidades no cenário urbano brasileiro leva a uma preocupação que envolve os pesquisadores dessa temática, que é a de definição/conceituação do que seja uma cidade média. Apesar disso, não existe um consenso[1] para definição/conceituação de cidade média, variando, de acordo com o pesquisador, a região estudada, o país e o período histórico. Entretanto, alguns autores apontam caminhos que podem ser percorridos para a definição do que seja uma cidade média, estando entre eles[2]: Amorim Filho (1984), Amorim Filho e Serra (2001), Andrade e Lodder (1979), Andrade e Serra (2001), Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2000a), Bolay et al (2003), Castello Branco

[1] Sobre isso, confira: Corrêa (2007), Soares (2005) e Sposito (2001).

[2] Uma lista mais completa sobre os estudos das cidades médias pode ser verificada em Amorim Filho e Senna Filho (2005), Soares (2005) e nas referências bibliográficas desta dissertação.

(2007), Corrêa (2007), França (2007), Lajugie (1973), Marques da Costa (2002), Pereira (2007), Pontes (2001), Soares (1999), Sposito (2001) e UIA (1998).

Na tentativa de compreender e construir um conjunto de reflexões sobre a temática, Pereira (2005, p. 03) aponta que:

> [...] a definição de cidade média tem por base as funções urbanas da cidade, relacionadas, sobretudo, aos níveis de consumo e ao comando da produção regional nos seus aspectos técnicos. Já não é mais um centro no meio da hierarquia urbana, mas, sim, uma cidade com capacidade para participar de relações que se estabelecem nos sistemas urbanos nacionais e internacionais. Os estudos sobre essas cidades devem estar calcados numa concepção, em rede, da cidade e da região, numa perspectiva que priorize, mais que a dimensão demográfica, o modo como a cidade média articula as suas relações com os demais componentes do sistema urbano.

Nesse mesmo sentido, Bravo (1997) afirma que:

> El concepto de ciudad intermedia es esencialmente relativo, dependiendo de su tamaño, dos límites demográficos establecidos, con base en diversos factores, entre los cuales se destaca, la extensión geográfica del contexto nacional respectivo. Las ciudades medias o intermedias corresponden a realidades territoriales caracterizadas por primacía de las relaciones y funciones urbanas; distintas formas de la relación con los entornos rurales regionales en que se inscriben; un tamaño poblacional medio en relación con la estructura nacional del país que le corresponde; nivel de especialización económica productiva suficiente y una perspectiva de desarrollo posible en función de los factores antes mencionados. (BRAVO, 1997, p. 156).

Portanto, diante desse quadro, surge a intenção de construir uma proposta metodológica para os estudos das cidades médias, uma vez que, conforme destaca Soares (2005), é necessário estudar essas cidades considerando as possibilidades de circulação de pessoas, mercadorias, informações e valores, já que são esses elementos que intensificam as relações entre as cidades e suas regiões e, ao mesmo tempo, as fazem diferentes umas das outras, levando à construção de caminhos metodológicos para a compreensão das cidades médias.

Visando responder uma das necessidades apontadas por Soares (2005) para o avanço dos estudos das cidades médias no Brasil, esta dissertação de mestrado apresenta o seguinte objetivo geral: construir uma proposta metodológica para o estudo das cidades médias a partir da leitura crítica das metodologias conhecidas. De forma complementar, foram propostos os seguintes objetivos específicos: i) discutir as metodologias utilizadas para os estudos das cidades médias tanto em nível nacional como internacional; ii) caracterizar a cidade de Uberlândia (MG) a partir da aplicação de uma metodologia já existente; iii) propor uma metodologia para o estudo das cidades médias a partir do que foi constatado nas metodologias estudadas.

Esta pesquisa, além lançar luz sobre uma discussão temática existente no interior da Geografia, especialmente da Geografia Urbana, sobre as cidades médias e dos caminhos metodológicos para os seus estudos, integra os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da Universidade Federal de Uberlândia, especialmente no Instituto de Geografia; os estudos da *Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias* (ReCiMe[3]), composta por pesquisadores do Brasil, Chile e Argentina; as pesquisas do projeto intitulado *Cidades médias brasileiras: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional*, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do *Edital MCT/CNPq 07/2006 – Casadinho*; e, de forma mais específica, o projeto de pesquisa aprovado pelo CNPq no *Edital MCT/CNPq 02/2006 – Universal*, intitulado *Uberlândia: agentes econômicos e reestruturação urbana*.

No desenvolvimento desta pesquisa foram tomados como referências, para o entendimento da realidade regional, os seguintes processos: a modernização

[3] Detalhamento sobre a ReCiMe, confira: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330706CJT5EMV>.

da agricultura e a concentração econômica do setor terciário[4], baseados na proposta de Sposito et al (2006).

- A modernização da agricultura é processo fundamental para o entendimento da realidade regional, uma vez que foi a partir dessa modernização que a rede urbana do Triângulo Mineiro se refuncionalizou[5], criando, assim, uma nova dinâmica para as cidades dessa região, em especial, para Uberlândia. Esse processo é resultado dos avanços científicos e tecnológicos, promovidos pelas instituições públicas e privadas de pesquisa (institutos, empresas estatais[6], universidades, empresas privadas[7]), que tiveram a cidade de Uberlândia como referência regional.
- A expansão territorial e a multiplicação das redes de estabelecimentos comerciais e de serviços, que aconteceram nos últimos 20 anos, geraram uma concentração econômica no setor terciário da economia, alterando o ciclo espacial das empresas envolvidas nesses setores, uma vez que no passado elas localizavam-se somente nas metrópoles e nas capitais de estados, com uma área de atuação bastante restrita, e hoje passam a ocupar também os espaços das cidades médias brasileiras, pois essas cidades são capazes de polarizar mercados consumidores regionais.

[4] As descrições dos processos foram realizadas com base na metodologia do projeto *Cidades médias brasileiras: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional*, de Sposito et al (2006).
[5] Para saber mais sobre o assunto, confira Soares (1997).
[6] No caso do Cerrado, a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) foi fundamental para a adaptação das culturas de soja e milho nessas áreas.
[7] As grandes empresas privadas, como *Monsanto* e *Agroceres*, possuem muita importância na revolução tecnológica da agricultura, principalmente na área de sementes. A *New Holland*, por exemplo, foi fundamental no desenvolvimento das máquinas utilizadas na agricultura moderna.

> Assim, o produto desse processo foi a modificação das formas de consumo e a reestruturação nessas cidades[8].

A metodologia proposta por Sposito et al (2006) para a investigação das cidades médias brasileiras refere-se à metodologia do projeto de pesquisa intitulado *Cidades médias brasileiras: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional*, que foi aprovado pelo CNPq no *Edital Casadinho*, no ano de 2007, coordenado pelas professoras Denise Elias da Universidade Estadual do Ceará e Maria Encarnação Beltrão Sposito da Universidade Estadual Paulista, campus Presidente Prudente. Além de consolidar o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará, este projeto também visa contribuir para a fundamentação teórico-conceitual da noção de *cidade média*, propondo novos parâmetros metodológicos para sua compreensão; analisar a estruturação urbana e regional das cidades médias, a partir da ação de novos agentes econômicos nos últimos vinte anos, realizar pesquisas sobre *cidades médias* em diferentes regiões brasileiras para avaliar os elementos que as identificam e aqueles que caracterizam suas especificidades; e analisar a dinâmica socioespacial das cidades médias brasileiras selecionadas para a pesquisa, a partir de sucessivas e articuladas escalas (locais, estaduais, nacional e supranacional)[9].

O caminho metodológico seguido para a elaboração dessa pesquisa inicia-se no levantamento bibliográfico de estudos que envolvem as cidades médias, seja de análises teóricas, de proposição metodológica ou estudos empíricos. Buscou-se além das referências nacionais estudos de outros países. Foram encontrados

[8] O setor de hipermercados é ilustrativo dessa tendência, assim como a expansão das franquias de todos os tipos. Nota-se, igualmente, mudanças profundas na organização do setor médico-hospitalar e em serviços modernos diversos, incluindo os associados à expansão da agricultura moderna.

[9] Esses objetivos estão de acordo com o projeto enviado ao CNPq.

estudos de língua espanhola, francesa e inglesa, privilegiando os estudos de língua espanhola.

Após o levantamento bibliográfico delimitou-se a metodologia que seria aplicada no estudo da cidade de Uberlândia (MG), sendo escolhida a proposta de Sposito et al (2006), por dois motivos, quais sejam: i) a metodologia é utilizada pela rede ReCiMe para o estudo das cidades médias brasileiras, sendo a base do projeto *Cidades médias brasileiras: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional*; ii) sua utilização da metodologia permite elaborar reflexões sobre a própria metodologia, com a realização de críticas que contribuem para o avanço dos estudos.

A pesquisa de campo teve como recorte temporal o período de 1997 e 2007, com o objetivo de entender como a cidade de Uberlândia mudou no período de dez anos. As seguintes variáveis foram eleitas para a análise: comércio de adubos e fertilizantes agrícolas; comércio de sementes; empresas de vendas de tratores, peças e serviços; empresas associadas à União das Empresas do Distrito Industrial; empresas atacadistas; empresas de transporte de pessoas e de cargas; lojas de departamentos; hipermercados e supermercados; clínicas médias; lojas de artigos e equipamentos hospitalares; hospitais; laboratórios; bancos; financeiras; consórcios; seguradoras e corretoras de seguros; instituições de nível superior; hotéis; agências de turismo; empresas de organização de eventos; concessionárias de veículos; imobiliárias e provedores de acesso à internet. Para o ano de 1997 o levantamento de dados foi feito através da lista telefônica da cidade de Uberlândia, enquanto que para o ano de 2007, além da utilização da lista telefônica, também foram feitos trabalhos de campos para verificação das informações.

Também foram levantados dados referentes a população, no período de 1970 a 2000; migração para no período anterior a 1991; população ocupada por setor da economia entre 1991 e 2000; população economicamente ativa de 1970 a 2000; produto interno bruto de 1999 a 2005; Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para o período de 2000 a 2006; consumo de energia em 2006; efetivo de rebanho em 2005; produção agrícola em 2006; número de unidades industriais no período de 1980 a 2005; número de empresas do setor terciário entre 2000 e 2005.

Esses dados foram levantados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Censos Demográficos, Pesquisa Pecuária Municipal e Pesquisa Agrícola Municipal –, no site do Instituto de Pesquisas Aplicadas (IPEA) – indicadores estatísticos –, no site da Fundação João Pinheiro – produto interno bruto –, no site da Associação Brasileira dos Atacadistas-Distribuidores (ABAD) – informações referentes aos atacadistas sediados na cidade –, no Banco de Dados Integrados de Uberlândia – informações estatísticas diversas sobre a cidade – e no Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia – indicadores econômicos municipais.

A utilização de diferentes fontes de dados estatísticos possibilita ao pesquisador levantar maior número de informações referentes ao seu objeto de pesquisa, entretanto, não permite a utilização de um único período de tempo nas suas análises, justificando, assim, a não homogeneidade temporal na utilização das informações estatísticas.

Para responder os objetivos propostos na pesquisa o trabalho está organizado em três partes (capítulos) e as considerações finais. O primeiro capítulo refere-se ao primeiro objetivo específico, que é de fazer uma releitura de

algumas metodologias para os estudos das cidades médias. Antes de discutir essas metodologias, é elaborada uma rápida apresentação sobre o processo de urbanização mundial e brasileiro demonstrando o significativo papel que as cidades classificadas como médias possuem nesse quadro urbano.

Para entender esses papéis, foi necessário retomar a história da origem dos estudos sobre as cidades médias, que teve como marco a década de 1970 com o *VI Plano de Desenvolvimento Econômico e Social* do governo francês, com o *aménagement du territoire*. Essa política visava organizar o território francês, diminuir o crescimento desordenado de Paris, com a distribuição mais equilibrada das atividades, das riquezas e dos homens sobre o espaço nacional e regional francês. Nesse quadro urbano, as cidades médias aparecem como *relais* entre a metrópole, as pequenas cidades e o mundo rural (AMORIM FILHO, 1984; AMORIM FILHO E SERRA, 2001; MARQUES DA COSTA, 2002). É nesse contexto que surgem as preocupações acadêmicas com essas cidades. No caso brasileiro, as cidades médias ganham destaque com o *II Plano Nacional de Desenvolvimento*, implantado em 1975 pelo governo federal, e com o *Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio* (PNCCPM), criado em 1976.

O PNCCPM é a proposta oficial do governo brasileiro para tentar desenvolver de forma mais homogênea o território, diminuindo a concentração populacional e econômica das metrópoles. Destacam no contexto do PNCCPM os estudos de Amorim Filho (1984), Amorim Filho e Serra (2001), Pontes (2001), Serra (1991) e Steinberger e Bruna (2001).

O estudo de Andrade e Lloder (1979) é uma contribuição significativa para os estudos das cidades médias, pois é o primeiro estudo acadêmico brasileiro nessa temática que envolve todo o país. Apesar dos autores se pautarem no

critério demográfico para a definição das cidades médias, eles elaboram análises sobre os quadros econômicos e sociais dessas cidades, apresentadas como uma importante contribuição metodológica para aquele período.

Na seqüência do capítulo são apresentados estudos e metodologias de geógrafos brasileiros. Foram escolhidos três autores e seus respectivos trabalhos: Amorim Filho (1978, 1984), Soares (1999) e Sposito (2001). A escolha desses autores se justifica de três maneiras: i) dentro do grupo de publicações sobre cidade médias que foram acessadas para a realização da pesquisa esses são os autores que possuem os trabalhos mais antigos sobre a temática; ii) são autores que sempre estão presentes nas referências bibliográficas dos trabalhos sobre cidades médias; iii) são autores que sempre pesquisaram e continuam pesquisando as cidades médias. Os estudos desses autores foram apresentados destacando os caminhos e propostas metodológicas para a análise das cidades médias.

Da mesma forma, na última parte do capítulo são discutidas duas metodologias estrangeiras. Foram escolhidos o projeto *Monitoreo de ciudades intermedias*, pertencente à Organização das Nações Unidas (ONU), e o programa *Ciudades intermedias y urbanización mundial*, da União Internacional dos Arquitetos. A escolha desses trabalhos é justificada de quatro maneiras: i) são trabalhos que envolvem em suas pesquisas cidades brasileiras; ii) são projetos de organizações internacionais; iii) não foi encontrado nas bibliografias brasileiras nenhuma referência ao projeto *Monitoreo de ciudades intermedias*, tornando-o inédito; iv) vários trabalhos têm como referência o programa *Ciudades intermedias y urbanización mundial* como importante modelo de análise das cidades médias. Como nos estudos brasileiros, foram apresentados os trabalhos destacando suas propostas metodológicas.

O capítulo dois está ligado ao segundo objetivo específico da pesquisa, que é de analisar a cidade de Uberlândia a partir de uma metodologia para o estudo de cidades médias. A escolha, conforme apresentado e justificado anteriormente foi pela proposta de Sposito et al (2006). Na primeira parte do capítulo são feitas a apresentação e uma discussão da metodologia seguida, enquanto na segunda parte são discutidos os resultados obtidos, a partir do levantamento de dados estatísticos e da pesquisa de campo. Além da pesquisa empírica, importantes estudos sobre a cidade de Uberlândia e a região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba auxiliaram no entendimento da cidade, estando entre eles: Bessa e Soares (2003), Cleps Júnior (1998), Cleps (1997 e 2005), Soares (1995, 1997 e 2007) e Soares et al (2004).

Baseada nas idéias dos autores discutidos no primeiro e segundo capítulo e na pesquisa empírica na cidade de Uberlândia foi elaborada uma proposta metodológica para o estudo das cidades médias, presente no terceiro capítulo desta dissertação, cumprindo assim o terceiro objetivo específico. A utilização da expressão *em busca de* no título desta dissertação faz referência à idéia do autor de que essa proposta não está pronta e acabada nem deve ser a única possível, e sim, mais uma que deve ser levada a crítica e assim contribuir para os estudos das cidades médias. Só será possível fazer apontamentos sobre ela após sua aplicação na realidade urbana para verificar se a metodologia proposta disponibiliza elementos ao pesquisador para classificar uma cidade como média ou não.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, que oferecem alguns elementos sobre a proposição metodológica elaborada neste trabalho, uma avaliação do trabalho produzido e alguns questionamentos que devem ser considerados em outros estudos sobre as cidades médias.

Capítulo 1

Cidades médias: estudos e metodologias

Esse capítulo trata da importância das cidades médias no contexto da recente urbanização no Brasil, destacando alguns trabalhos produzidos sobre as cidades médias brasileiras e estrangeiras. Entre os trabalhos existentes, as experiências nacionais serão baseadas no *Programa Nacional de Apoio às Cidades de Porte Médio*, de responsabilidade do governo federal na década de 1970; no livro *Sistema Urbano e Cidades Médias do Brasil*, de autoria de Andrade e Lodder (1979); em dois trabalhos produzidos por Amorim Filho (1978, 1984); no texto de Soares (1999) e Sposito (2001). Já nas experiências internacionais, dois projetos serão analisados, o *Monitoreo de ciudades intermedias* de Bolay et al (2003) e o *Ciudades intermedias y urbanización mundial* da União Internacional dos Arquitetos. Pretende-se, com as análises dos trabalhos, destacar as contribuições dadas por esses estudos para o entendimento das cidades médias, considerando, principalmente, suas propostas metodológicas.

1.1. Contextualizando o tema

Nessa parte do trabalho será realizada uma contextualização dos temas explorados no capítulo, que são o recente processo de urbanização mundial e brasileira e a origem dos estudos das cidades médias, no Brasil e no mundo.

1.1.1. A urbanização mundial e brasileira

As transformações do território brasileiro, principalmente aquelas ocorridas a partir da década de 1970, criaram uma nova dinâmica espacial no país. A modernização da agricultura, com a mecanização do campo e a implantação de novas tecnologias, acompanhada dos avanços tecnológicos das indústrias, constituíram-se nos principais elementos transformadores do território. Entre os reflexos dessas transformações está a intensa migração campo-cidade e o conseqüente aumento da taxa de urbanização do país. Diante desse quadro de transformações socioespaciais, Santos (2005) afirma que o Brasil atingiu a urbanização da sociedade e do território e destaca que:

> [...] a urbanização brasileira tornou-se praticamente generalizada a partir do terceiro terço do século XX, evolução quase contemporânea da fase atual da macrourbanização e metropolização. O turbilhão demográfico e a terciarização são fatos notáveis. A urbanização se avoluma e a residência dos trabalhadores agrícolas é cada vez mais urbana. Mais que a separação tradicional entre um Brasil urbano e um Brasil rural, há, hoje, no país, uma verdadeira distinção entre um Brasil urbano (incluindo áreas agrícolas) e um Brasil agrícola (incluindo áreas urbanas). No primeiro, os nexos essenciais devem-se, sobretudo, a atividades de relação complexas e, no segundo, a atividades mais diretamente produtivas. (SANTOS, 2005, p. 06).

O Brasil, no ano de 2000, segundo o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possuía uma população

total de 169.799.170 habitantes, sendo que 137.953.959 deles viviam nas cidades e apenas 31.845.211 no campo. Esse retrato populacional demonstra a importância das cidades no território brasileiro, concentrando 81,25% da população total do país. Entretanto, a taxa de urbanização no Brasil só atingiu taxas superiores a 50% a partir da década de 1970, quando chegou a 55,94%. No ano de 1960, a taxa de urbanização, segundo Santos (2005), era de 45,52%, ou seja, naquele momento, a população rural ainda era superior à urbana. Diante disso, pode ser afirmado que a inversão demográfica que ocorreu no país serve como marco temporal para o entendimento das transformações do espaço brasileiro. A Tabela 01 demonstra o crescimento populacional brasileiro a partir da década de 1970.

Tabela 01 – Brasil: população total, urbana e rural (1970-2000).

População	Pessoas				Percentual (%)			
	1970	1980	1991	2000	1970	1980	1991	2000
Total	93.134.846	119.011.052	146.825.475	169.799.170	100	100	100	100
Urbana	52.097.260	80.437.327	110.990.990	137.953.959	55,64	67,59	75,59	81,25
Rural	41.037.586	38.573.725	35.834.485	31.845.211	44,06	32,41	24,41	18,75

Fonte: Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991 e 2000.

É possível perceber nessa tabela que, a partir da década de 1970, a população rural diminui no Brasil, o que pode ser explicado, entre outros motivos, pela modernização do campo, a conseqüente expulsão da população rural e sua migração para as cidades. Como resultado, tem-se o crescimento da população urbana, atingindo taxas de urbanização superiores a 70% a partir de 1991.

Esse significativo crescimento das áreas urbanas no Brasil é melhor visualizado na Tabela 02, a qual demonstra a evolução da população brasileira segundo setores de domicílio. Tal tabela evidencia a perda populacional do

campo em relação às cidades, chegando, entre os anos de 1991 e 2000, a atingir a taxa negativa de 11,13% em nível nacional, enquanto a população urbana crescia, nesse mesmo período, 24,29%, ultrapassando o crescimento da população total do país, que foi de 15,64%.

Tabela 02 – Brasil: evolução da população total, urbana e rural (1970-2000).

População	1970-1980	1980-1991	1991-2000
Total	27,78%	23,37%	15,64%
Urbana	50,39%	37,98%	24,29%
Rural	- 6,0%	- 7,1%	- 11,13%

Fonte: Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991 e 2000.

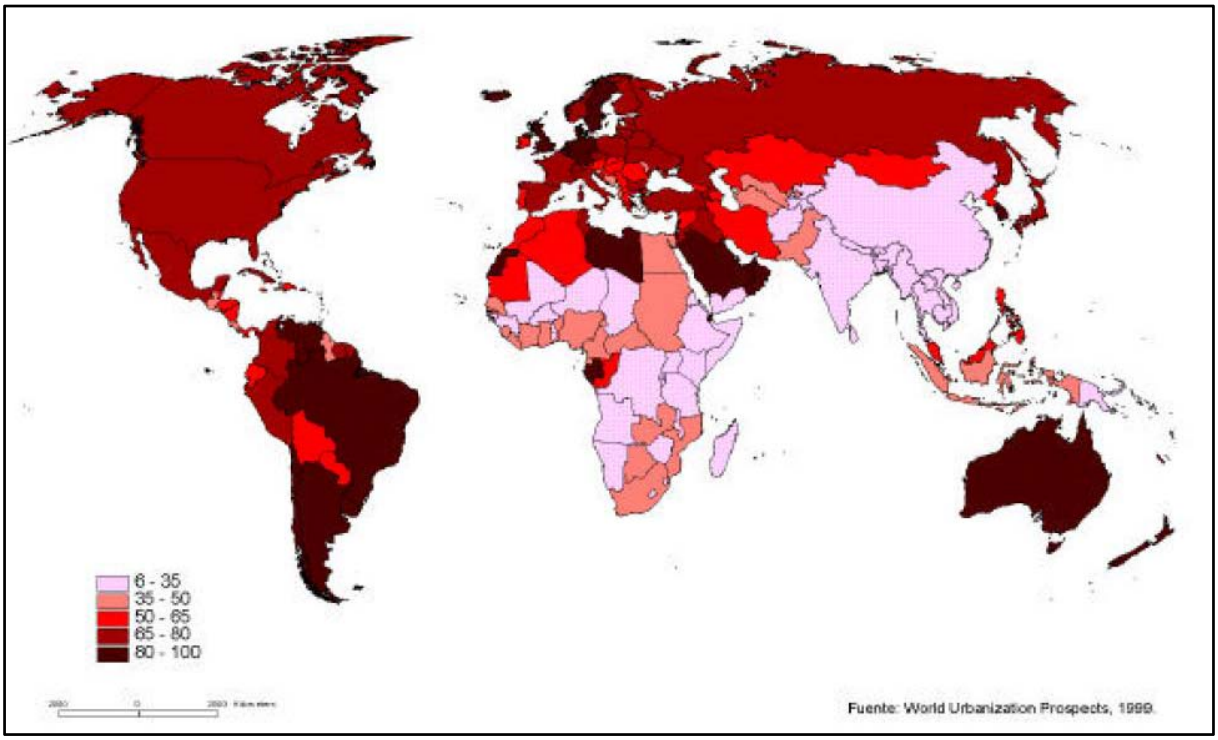
Os dados apresentados na Tabela 02 confirmam que o Brasil segue uma tendência mundial de deslocamento de pessoas para as áreas urbanas, pois no período de 1970-2000 a população urbana brasileira cresceu 213,04%. Essa tendência é destacada por Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2003), quando afirmam que a partir de 1999, cerca de 47% da população mundial vivia em áreas urbanas. Os autores destacam que:

> En las últimas décadas se han producido cambios importantes en los patrones de asentamientos de la población en el planeta. La primera observación que podemos realizar sobre este punto es la generalización y la rápida expansión de la urbanización a casi ya cualquier rincón del planeta, asistiéndose a un proceso de urbanización que podríamos calificar de global y acelerado. En 1950 el 29% de los habitantes del planeta vivían en ciudades, unos 750 millones de personas. En 1999 el porcentaje llegó a un 47% y afectaba a unos 2850 millones de habitantes, y se prevé que durante la primera década del siglo XXI este porcentaje llegue a superar el 60% con unos 5000 millones. Incluso, y admitiendo la fragilidad de las cifras, se puede afirmar que entre un 45% y un 55% de la población mundial vive actualmente en asentamientos urbanos. (BELLET SANFELIU e LLOP TORNÉ, 2003, p. 12).

Nesse mesmo sentido, Bellet Sanfeliu (2000) afirma que a América do Sul era, em 2000, a região mais urbanizada do planeta, atingindo taxas superiores a

80% de urbanização nos seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Uruguai e Venezuela (ver Mapa 01).

Mapa 01 – Mundo: população urbana (2000).



Fonte: Bellet Sanfeliu (2000, p. 02).

Apesar do processo de urbanização ser desigual em todo o mundo, conforme é possível ser observado no Mapa 01, algumas características se assemelham em diversos países, quais sejam: a centralidade urbana, a concentração populacional e o conseqüente crescimento acelerado de algumas cidades em detrimento de outras.

Buscando entender a urbanização mundial, Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2003, p. 13) afirmam que a concentração populacional em grandes aglomerações urbanas, o crescimento acelerado das cidades milionárias e a proliferação de megacidades (cidades com mais de dez milhões de habitantes), especialmente nos países menos desenvolvidos, são características do processo

de urbanização mundial. Em função dessas características, Llop Torné e Bellet Sanfeliu (2000) destacam que não é possível haver equilíbrio no sistema urbano mundial: “La polarización y la concentración de la población urbana en unos pocos núcleos anula, además, cualquier posibilidad de equilibrio territorial y desestabiliza el sistema de asentamientos” (LLOP TORNÉ e BELLET SANFELIU, 2000, p. 338).

O fenômeno de polarização e concentração de população em grandes cidades faz com que estas se localizem no topo da hierarquia urbana, comandando, assim, toda a rede urbana, criando uma primazia urbana exagerada e desproporcional, principalmente nos países menos desenvolvidos (LLOP TORNÉ e BELLET SANFELIU, 1999).

Analisando o sistema urbano brasileiro, constata-se que existe uma concentração populacional e de fluxos voltada para a cidade de São Paulo, a maior e a mais importante cidade do Brasil, sendo classificada como metrópole nacional e internacional. Nesse sentido, a Tabela 03[1] permite observar a concentração populacional nas dez maiores cidades brasileiras, no período de 1991-2006, confirmando a tese de Llop Torné e Bellet Sanfeliu (1999) de uma polarização e primazia urbana desproporcional no território dos países menos desenvolvidos.

Diante dessa tabela, pode-se concluir que São Paulo é maior, em média, para o período de 1991-2006, 1,77 vezes que a segunda maior cidade brasileira, o Rio de Janeiro. São Paulo também possui uma população semelhante à soma das populações das cidades de Rio de Janeiro, Salvador e Fortaleza,

[1] Os dados populacionais dessa tabela são referentes à população municipal e não somente à população das cidades, entretanto, se desconsiderarmos a população rural, não haverá mudanças no quadro. E mais, os dados disponíveis para 2006 são referentes às estimativas populacionais para os municípios, sem possibilidade de divisão dos dados entre população urbana e população rural.

demonstrando, assim, o poder de sua primazia e polarização na rede urbana brasileira.

Tabela 03 – Brasil: ranking dos dez maiores municípios (1991-2006).

Municípios	1991		2000		2006*	
	Total	Ranking	Total	Ranking	Total	Ranking
São Paulo	9.649.519	1º	10.434.252	1º	11.016.703	1º
Rio de Janeiro	5.480.768	2º	5.857.904	2º	6.136.652	2º
Salvador	2.077.256	3º	2.443.107	3º	2.714.018	3º
Fortaleza	1.768.637	5º	2.141.402	5º	2.416.920	4º
Belo Horizonte	2.020.161	4º	2.238.526	4º	2.399.920	5º
Brasília	1.601.094	6º	2.051.146	6º	2.383.784	6º
Curitiba	1.315.035	7º	1.587.315	7º	1.788.559	7º
Recife	1.310.259	8º	1.422.905	8º	1.688.524	8º
Manaus	1.011.501	13º	1.405.835	9º	1.515.052	9º
Porto Alegre	1.251.898	9º	1.360.590	10º	1.440.939	10º

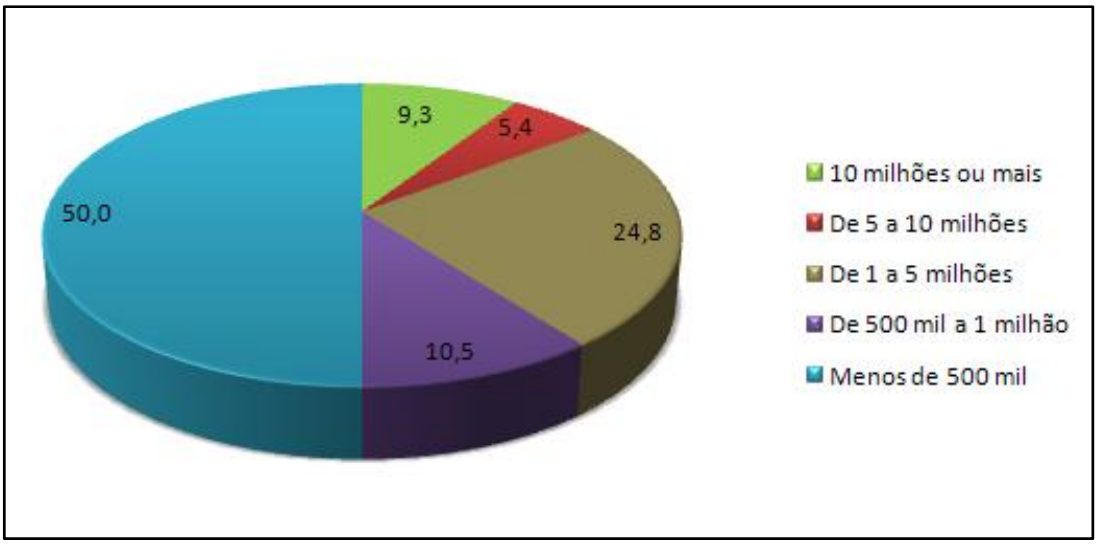
Nota da tabela: * Os dados referentes ao ano de 2006 foram retirados da estimativa populacional realizada pelo IBGE, referente a primeiro de julho de 2006.
Fonte: Censos Demográficos: 1991 e 2000. Estimativa Populacional: 2006.

Além dos dados populacionais, o estudo realizado pelo IBGE no ano de 1993, intitulado Região de Influência das Cidades, destaca também a importância das metrópoles brasileiras, sendo que, entre elas, a que mais se destaca é a cidade da São Paulo, exercendo na rede urbana um nível de centralidade classificado como máximo (IBGE, 2003).

Apesar de toda a importância das megacidades e das cidades milionárias para a hierarquia urbana, 50% da população urbana mundial, no ano 2000, vivia em cidades de até 500 mil habitantes, conforme é possível ser observado na Figura 01. O mesmo aconteceu em relação à América Latina, onde 47,8% da população urbana viviam em cidades de até 500 mil habitantes, no ano 2000, enquanto 15,1% viviam em cidades com dez milhões ou mais habitantes (ver Figura 02).

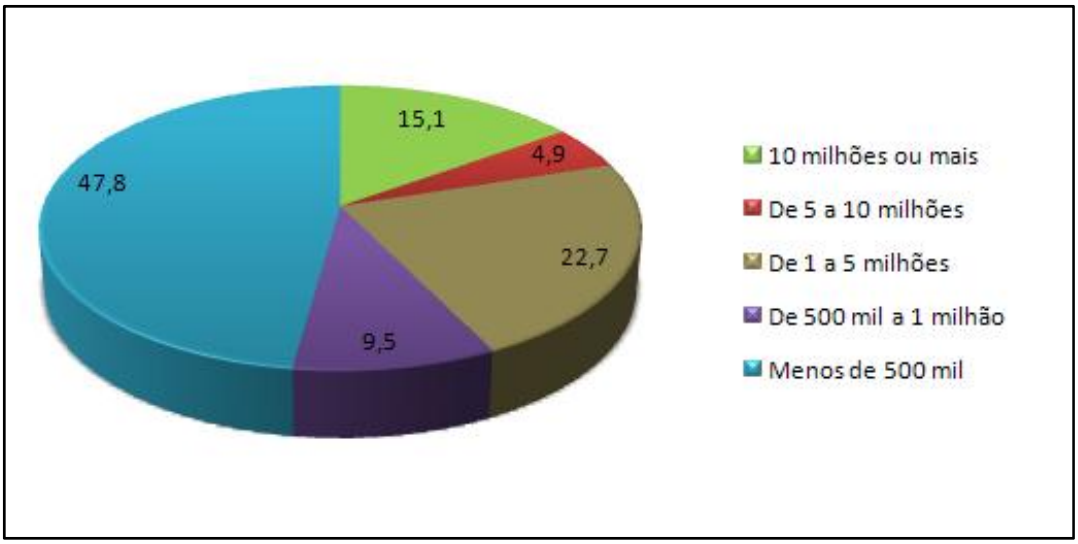
É necessário ressaltar que o número de cidades com a população variando até 500 mil habitantes é muito superior ao número de cidades com dez milhões ou mais habitantes, dando, assim, o caráter de concentração populacional em algumas cidades.

Figura 01 – Mundo: % da população urbana (2000).



Fonte: Bellet Sanfeliu (2000, p. 05).

Figura 02 – América Latina: % da população urbana (2000).



Fonte: Bellet Sanfeliu (2000, p. 05).

Llop Torné e Bellet Sanfeliu (1999) demonstram que, historicamente, a maior parte da população mundial vivia em cidades com menos de 500 mil habitantes (ver Tabela 04). Entretanto, analisando as figuras 01 e 02 e a Tabela 04, é possível concluir que, apesar da maior parte da população mundial residir em cidades com população menor que 500 mil habitantes, a quantidade de pessoas residentes nas megacidades aumentou 1.350%, enquanto nas cidades de até 500 mil habitantes o aumento foi de 267,35%, no período de 1950 a 1990. Percentualmente, as megacidades, que absorviam 1,2% da população urbana mundial, em 1950, passaram a absorver, no ano 2000, 9,3% dessa população. Em sentido contrário, têm-se as cidades com menos de 500 mil habitantes, que dominavam, em 1950, 64,3% população urbana mundial, chegando, no ano 2000, com 50% dessa população.

Tabela 04 – Mundo: população urbana por classe de tamanho (1950-1990).

Classe de tamanho	1950		1970		1990	
	Pessoas*	%	Pessoas*	%	Pessoas*	%
10 milhões ou mais	12	1,6	44	3,2	162	6,8
De 5 a 10 milhões	42	5,6	130	9,6	157	6,6
De 1 a 5 milhões	140	18,7	265	19,5	482	20,4
De 500 mil a 1 milhão	73	9,8	123	9,1	278	11,8
Menos que 500 mil	481	64,3	795	58,6	1.286	54,4

Nota da tabela: * Em milhões de pessoas.
Fonte: Llop Torné e Bellet Sanfeliu (2000, p. 338).

Analisando o território brasileiro, percebe-se que o país também segue essa tendência mundial, uma vez que, segundo o Censo Demográfico de 1991, 66,93%, ou seja, 74.287.691 pessoas viviam nas cidades com até 500 mil habitantes, enquanto no ano 2000, segundo o Censo Demográfico, essa taxa subiu para 66,99%, equivalendo a 92.419.376 habitantes.

Apesar de residirem nessas cidades mais de 60% da população urbana brasileira, esta se distribui em vários núcleos urbanos, sendo que no ano de 1991 eram 5.483 núcleos, com uma média de 13.548,73 habitantes, e, no ano 2000, 5.477 núcleos, com a média de 16.874,08 habitantes.

Por outro lado, têm-se as cidades brasileiras com mais de um milhão de habitantes, que concentravam, em 1991, 27.123.809 pessoas, ou seja, 24,43% da população urbana do país, e, em 2000, 33.590.175 habitantes, o que equivalia a 24,34% da população urbana do Brasil. Apesar dos percentuais serem menores, a média por núcleo urbano é muito superior, atingindo o valor de 2.712.380,9 habitantes por núcleo urbano em 1991 e de 2.583.859,61 de habitantes por núcleo urbano em 2000. Para melhor compreensão do que foi dito, observe a Tabela 05.

Tabela 05 – Brasil: população urbana por classe de tamanho (1991-2000).

		Menos de 500 mil	De 500 a 1 milhão	1 milhão ou mais
	Total de habitantes (A)	74.287.691	9.579.509	27.123.809
1991	**Quantidade de núcleos (B)**	5.483	14	10
	A/B	13.548,73	684.250,64	2.712.380,9
	Total de habitantes (C)	92.419.376	11.944.408	33.590.175
2000	**Quantidade de núcleos (B)**	5477	17	13
	C/D	16.874,08	702.612,23	2.583.859,61

Fonte: Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991 e 2000.

É diante dos quadros sobre a urbanização mundial e brasileira, apresentados nas tabelas 04 e 05, que surgem os estudos com interesses pelas cidades médias, seja pela grande concentração de população em poucas cidades ou pela pequena concentração de população em muitas cidades, gerando, como resultado disso, uma desigualdade no sistema urbano mundial e, conseqüentemente, um desenvolvimento territorial desigual. Dessa forma,

conforme afirma Pereira (2005), entender os papéis desempenhados pelas cidades médias nesse contexto contribuiu, sobremaneira, para a compreensão da urbanização como resultado de um processo desigual no espaço e no tempo, uma vez que essas cidades não são mais somente centros urbanos com funções intermediárias na rede urbana, mas, sim, cidades com capacidade de participar de relações que se estabelecem em níveis nacionais e internacionais, sejam centros urbanos de maior ou menor importância na hierarquia urbana.

1.1.2. A origem dos estudos das cidades médias

Buscando resgatar a origem dos estudos das cidades médias, Amorim Filho (1984), Amorim Filho e Serra (2001) e Marques da Costa (2002) afirmam que as principais contribuições para o estudo dessas cidades surgiram na década de 1970, na França, junto com o *VI Plano de Desenvolvimento Econômico e Social* (1971-1975). Nesse sentido, Amorim Filho e Serra (2001) afirmam que existiam três motivos que estavam na base das preocupações com o tema das cidades médias na década de 1970, quais sejam:

> - a exacerbação de problemas de desequilíbrios urbano-regionais;
> - o agravamento da qualidade de vida nas grandes aglomerações urbanas, bem como o aumento acelerado dos problemas sociais aí verificados;
> - a frágil organização hierárquica das cidades, e obviamente, o fluxo insuficiente das informações e das relações socioeconômicas nas redes urbanas de maior parte dos países do mundo, com reflexos negativos sobre o funcionamento dos sistemas político-econômicos (sejam eles de orientação capitalista ou socialista). (AMORIM FILHO e SERRA, 2001, p. 05).

Ainda segundo esses autores, as preocupações com as cidades médias remetem à Europa do pós Segunda Guerra Mundial, quando se manifestavam novas preocupações com o planejamento do território. Esse período ficou

conhecido como o do *aménagement du territoire*[2] (AMORIM FILHO e SERRA, 2001).

Conforme Amorim Filho (1984, p. 06), o *aménagement du territoire* [...] "resulta de uma reflexão geográfica, de uma reflexão sobre a procura de uma distribuição mais equilibrada das atividades, das riquezas e dos homens sobre o espaço nacional e regional".

Diante das idéias apresentadas por Amorim Filho (1984) e Amorim Filho e Serra (2001) é possível constatar que o interesse pelas cidades médias, surge entre outros motivos, relacionado com a preocupação do crescimento desordenado de algumas cidades e a conseqüente perda de qualidade de vida das populações residentes nelas.

Na França, vários esforços foram feitos para a aplicação dos princípios do *aménagement du territoire*, principalmente em função do desequilíbrio que existia na rede urbana desse país, uma vez que Paris enfrentava vários problemas que foram gerados pelo desequilíbrio do seu gigantismo e pelas fragilidades urbanas e econômicas do restante do espaço nacional francês (AMORIM FILHO e SERRA, 2001). Percebe-se, então, a necessidade de investimentos em políticas de desenvolvimento de centros urbanos que desempenhassem papéis intermediários na rede urbana do país, exercendo, assim, a função de núcleos descentralizadores.

De acordo com Amorim Filho e Serra (2001), na primeira etapa do programa, que aconteceu no período de 1954 a 1962, as intervenções do *aménagement du territoire* possuíam caráter setorial, ou seja, os investimentos em indústria, em produção energética, etc. eram feitos em algumas cidades, em

[2] Para saber mais sobre o assunto, confira: Amorim Filho (1984), Amorim Filho e Serra (2001) e Marques da Costa (2002).

detrimento de outras. Apesar dos investimentos pontuais, visava-se, com isso, a descentralização e desconcentração territorial.

Buscando uma coordenação mais eficaz dessas políticas, foi criada na França a *Délégation à l'Aménagement du Territoire at à l'Action Régionale* (DATAR), que tinha como objetivo tratar de forma diferenciada as cidades que exerceriam papéis de articulação do território (AMORIM FILHO e SERRA, 2001).

Diante desse quadro criado pela DATAR, em 1963, iniciou-se um período de harmonização do território, ou seja, cidades classificadas como "metrópoles de equilíbrio" ganharam destaque na rede urbana francesa, fazendo com que Paris não figurasse mais sozinha em território francês. Segundo Amorim Filho (1984), essas cidades eram aglomerações metropolitanas com populações variando entre 100 mil e um milhão de habitantes.

A consagração dessa política de "metrópole de equilíbrio" se deu, de acordo com Amorim Filho (1984), com o *V Plano de Desenvolvimento Econômico e Social* do governo francês, no ano de 1966. Desse modo, o autor declara que:

> Uma série de medidas práticas foram tomadas em favor das oito metrópoles de equilíbrio selecionadas, a partir de 1966: canalização de investimentos industriais, instalação de numerosos equipamentos terciários (em certos casos transferidos de Paris), desenvolvimento das redes de comunicação e transportes, etc. (AMORIM FILHO, 1984, p. 07).

Apesar de essas cidades terem contribuído para a diminuição das desigualdades territoriais na França, com o passar do tempo, elas começaram a drenar os capitais e os recursos humanos de suas regiões de influências, criando o mesmo problema que Paris criava em nível nacional (AMORIM FILHO, 1984). Portanto, visando diminuir os efeitos dessas polarizações regionais, em 1971, com o *VI Plano de Desenvolvimento Econômico e Social*, buscou-se integrações

mais adequadas entre as “metrópoles de equilíbrio” e o seu espaço regional. Nesse propósito, Amorim Filho e Serra (2001, p. 07) afirmam que:

> [...] para uma integração mais adequada entre as metrópoles de equilíbrio e o espaço regional a ela ligado, um certo número de cidades aí localizadas deveria exercer a função de *relais* entre as metrópoles de equilíbrio, as pequenas cidades e o mundo rural. Desse modo, uma política para as cidades médias (que poderiam cumprir essa função de *relais*) era uma conseqüência lógica do aprofundamento da orientação de descentralização e de procura por maior equilíbrio. (Grifos dos autores).

Marques da Costa (2002), comentando sobre os principais objetivos do *VI Plano de Desenvolvimento Econômico e Social*, afirmou que para se atingir os objetivos propostos – distribuição equilibrada de emprego, desenvolvimento da região oeste do país e reforço das regiões de fronteira – era necessário um suporte territorial que [...] “dependia da existência de uma rede urbana equilibrada e para qual era fundamental o reforço das cidades médias.” (MARQUES DA COSTA, 2002, p. 104). A autora ainda afirma que [...] “as cidades médias se inscreviam na continuidade das políticas das ‘metrópoles de equilíbrio’ cujo aparecimento não se podia conceber num contexto isolado, quer no plano da produção, quer no consumo, nos serviços e em outros aspectos.” (MARQUES DA COSTA, 2002, p. 104).

Assim, percebe-se que as cidades médias exerciam papéis de intermediação no sistema urbano francês, funcionando, como afirmou Amorim Filho e Serra (2001), como *relais*, evitando o crescimento desordenado das grandes cidades e a defasagem das pequenas e gerando, assim, maior homogeneidade do território.

Nesse sentido, o *Comité d’Éstudes et de Liaison des Intérêts Bretons* publicou, em 1971, um parecer reforçando a importância das cidades médias no

território francês. Para Marques da Costa (2002), o parecer apresentado afirmava o seguinte:

> [...] a importância de uma rede de cidades médias no sentido de controlar o seu crescimento, de ordenar os seus espaços e de acentuar a complementaridade das funções. O estabelecimento das relações depende da existência de vias de comunicação e de conhecimento de que os espaços urbano e rural serão encarados como complementares e não como unidades opostas. (MARQUES DA COSTA, 2002, p. 104).

Outro importante estudo sobre as cidades médias francesas foi o realizado por Joseph Lajugie, no ano de 1974, e publicado em forma de livro com o seguinte nome: *Les villes moyennes*. Nesse estudo, o referido autor apresentou duas partes distintas: na primeira destacou a importância das cidades médias para a rede urbana francesa, ressaltando o oferecimento de uma qualidade de vida superior aos seus habitantes; na segunda questionou a viabilidade de uma política pública voltada para as cidades médias (MARQUES DA COSTA, 2002). Apesar dessa dualidade, Marques da Costa (2002) afirma que, de acordo com o estudo realizado por Lajugie (1974), as cidades médias francesas deveriam apresentar as seguintes características para a implantação de políticas públicas específicas voltadas a elas:

> - constituir centros de emprego industrial e terciário alternativo às grandes cidades para a população que migre dos territórios rurais envolventes;
> - oferecer alojamento e equipamentos colectivos à população que chega e reside na cidade;
> - dispor de serviços públicos (educação, saúde, cultura, desporto, lazer) capazes de oferecer aos seus habitantes qualidade de vida urbana;
> - possuir meios de comunicação que não só assegurem a sua ligação aos níveis mais elevados da hierarquia urbana, como também ao espaço rural envolvente;
> - assegurar a coesão regional, no sentido da não exclusão do espaço rural envolvente. (MARQUES DA COSTA, 2002, p. 105).

Assim, constata-se, mais uma vez, a importância das cidades médias, observando seus papéis de intermediações na rede urbana, na desconcentração e descentralização do capital e no oferecimento de melhor qualidade de vida para os seus habitantes.

É nesse mesmo contexto de desconcentração populacional, de capital e de fluxos que surge no Brasil, na década de 1970, o *Programa Nacional de Apóio às Capitais e Cidades de Porte Médio* (PNCCPM). Esse programa foi uma iniciativa da *Comissão Nacional de Política Urbana* e compunha o *II Plano Nacional de Desenvolvimento* (II PND), implantado em 1975, durante o governo militar brasileiro.

Segundo Steinberger e Bruna (2001), foi com o II PND que surgiu a primeira política urbana nacional brasileira, que tinha como base para suas propostas as seguintes questões:

> - a velocidade acelerada do processo de urbanização que gerou uma sociedade predominantemente urbana;
> - *o desequilíbrio do sistema urbano como a metropolização prematura, a proliferação de grandes aglomerados urbanos e a pulverização de pequenas cidades, sem um número de cidades médias para dar equilíbrio ao conjunto*, além de uma distribuição espacial concentrada no litoral; e
> - as cidades como núcleos concentradores de riqueza, mas como locais onde os problemas urbanos assumiam grandes dimensões, a exemplo da desigualdade na distribuição dos equipamentos urbanos. (Grifos das autoras) (STEINBERGER e BRUNA, 2001, p. 43-44).

Percebe-se, assim, que a preocupação com o crescimento acelerado de algumas cidades em detrimento de outras permeava tanto a política francesa como a brasileira, levando os órgãos oficiais desses governos a criarem políticas públicas de contenção de crescimento e de desenvolvimento mais homogêneo do território. Dessa forma, a *Comissão Nacional de Política Urbana* definiu como objetivo para o desenvolvimento urbano brasileiro promover uma melhor

estruturação do sistema urbano, almejando maior eficácia das funções exercidas pelas cidades e a elevação dos padrões de urbanização e de qualidade de vida das populações (STEINBERGER e BRUNA, 2001). Para isso, era necessário:

> [...] a implementação de regiões metropolitanas; a identificação das funções a serem cumpridas pelas metrópoles nacionais e regionais; *e a definição de pólos secundários*. [...] uma análise da política permite constatar que tal estratégia era a desconcentração e a interiorização. A par disso, foram sugeridas como estratégias regionais: a desconcentração intra-regional na região Sudeste, a ordenação do sistema urbano do Sul, a dinamização da base econômica das metrópoles regionais do Nordeste e a promoção da urbanização das áreas de ocupação recente das regiões Norte e Centro-Oeste. (Grifo das autoras) (STEINBERGER e BRUNA, 2001, p. 43-44).

As estratégias regionais traçadas pela *Comissão Nacional de Política Urbana* do II PND, apontadas por Steinberger e Bruna (2001), também foram trabalhadas por Pontes (2001). Em seu texto, a autora indica que essas estratégias foram projetadas no nível das macrorregiões brasileiras e previam que:

> Na região Sudeste previa-se:
> - a coordenação dos investimentos em infra-estrutura e a regulamentação do uso do solo nas regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, de modo a conter a taxa de crescimento dessas metrópoles e induzir à descentralização das atividades produtivas, particularmente das indústrias, para centros periféricos de médio porte que apresentassem potencialidades locacionais;
> - o planejamento da expansão e reforço da infra-estrutura urbana das cidades beneficiárias da desconcentração funcional intra-regional, com atuação preferencial sobre os núcleos urbanos com mais de 50.000 habitantes;
> - a dinamização das funções urbanas de apoio às atividades agropecuárias e agroindustriais desempenhadas por cidades de médio e pequeno porte.
> Na região Sul pretendia-se alcançar:
> - a dinamização e promoção das atividades de planejamento integrado, infra-estrutura urbana e equipamento social, atuando, preferencialmente, nos centros urbanos com população superior a 50.000 habitantes.
> Na região Nordeste, a estratégia urbana visava:

> - ao crescimento das atividades produtivas e à melhoria na infra-estrutura funcional e no equipamento social das capitais dos estados e dos pólos secundários regionais;
> - à dinamização dos núcleos urbanos regionais que exerceriam ou viriam a exercer funções de polarização do desenvolvimento regional através de apoio às atividades produtivas e dos investimentos em infra-estrutura urbana e equipamento social. A esses núcleos caberia importante função na contenção do processo migratório e no apoio às atividades agropecuárias e agroindustriais.
>
> Nas regiões Norte e Centro-Oeste, a estratégia tentaria:
> - a promoção dos núcleos urbanos de ocupação, estrategicamente selecionados ao longo das grandes rodovias de integração nacional, bem como em função das potencialidades sub-regionais para o desenvolvimento agropecuário, agroindustrial e agromineral. (PONTES, 2001, p. 569-570).

É nesse contexto histórico apresentado por Steinberger e Bruna (2001) e Pontes (2001) que surgiu, junto à implantação do II PND, o *Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio*, criado no ano de 1976[3].

Tal programa tinha como objetivos: i) propiciar novos pólos de desenvolvimento; ii) desconcentrar a população e as atividades econômicas; iii) criar novos empregos; iv) reduzir disparidades de renda.

Para isso, foram traçados os seguintes pressupostos: i) existência de relações entre a aglomeração e o desenvolvimento; ii) possibilidade de concentrar os investimentos governamentais.

Para alcançar tais objetivos, de acordo como os pressupostos estabelecidos, um método deveria seria ser traçado, que foi o seguinte: i) concentrar ações do governo; ii) atingir certos níveis de estrutura urbana; iii) atingir determinada escala nas aglomerações.

Diante de tudo isso, os centros urbanos foram classificados de duas formas:

[3] Para saber mais sobre o Programa de Cidades de Porte Médio, confira: Amorim Filho (1984), Steinberger e Bruna (2001), Pontes (2001).

> i) centros com função de desconcentração (alternativas para Rio de Janeiro e São Paulo); ii) centros com função de dinamização (nas regiões que se pretende desenvolver).

Segundo Pontes (2001, p. 571), o programa propôs, para os centros com função de desconcentração, melhorias nos sistemas de transportes e de comunicações em nível regional, estímulo e garantia de espaço e infra-estrutura para o setor secundário, criação de distritos industriais, promoção da indústria local e proteção ao meio ambiente. Já para os centros com função de dinamização, foram propostas melhorias nas redes de transportes regionais, apoio à comercialização e estocagem de produtos primários, facilidade de crédito para as indústrias regionais, desenvolvimento das redes de telecomunicações, construção de equipamentos sociais urbanos e qualificação de mão-de-obra.

O *Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio* surgiu em um período em que, conforme Andrade e Lodder (1979), o Brasil passava por uma nova etapa de consolidação da rede urbana, com a concentração da população nas metrópoles, atraída pelo desenvolvimento delas, e com o aparecimento de subsistemas regionais ligados às metrópoles regionais. Nesse contexto, os autores destacam que:

> Estabeleceu-se, assim, uma estrutura urbana com centros primazes que dominavam uma hierarquia de cidades nos espaços periféricos. Desta forma, um número reduzido de metrópoles concentra tanto as atividades dinâmicas de alcance regional e/ou nacional, como a direção e a propagação do processo de mudanças tecnológicas e inovações em geral. Resultou daí uma estrutura urbana “multi-hierarquizada” baseada em cidades primazes, com vasta rede de pequenas cidades sem função complementar às grandes metrópoles, servindo apenas como uma ponte entre o campo e o meio urbano desenvolvido. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 29).

Além de possuir um sistema urbano caracterizado por sua forma primaz, o Brasil, na década de 1970, possuía também uma distribuição desigual dos centros, com concentração significativa (62%) dos 50 maiores municípios[4] na região litorânea (ANDRADE e LODDER, 1979). Amorim Filho e Serra (2001) afirmam que essa concentração foi reflexo da herança econômica agroexportadora e da incapacidade do processo de substituição de importações distribuir regionalmente os investimentos produtivos. Tudo isso cria, então, um acúmulo de funções nas metrópoles, fazendo com que elas se tornem um problema para o desenvolvimento territorial do país, uma vez que elas próprias ampliam as desigualdades econômicas e sociais em relação às cidades de menor tamanho.

A diferença entre metrópole e cidade pequena não foi o único problema do sistema urbano brasileiro na década de 1970. Nesse período, as desigualdades presentes nas grandes regiões foram marcantes no Brasil, pois o distanciamento entre metrópole e cidade pequena variava ao longo das regiões, sendo que nas regiões mais desenvolvidas (Sul e Sudeste) a quantidade de centros de intermediação eram maiores, conforme destacam Andrade e Lodder (1979, p. 33):

> [...] na medida em que passamos das regiões menos desenvolvidas para as mais desenvolvidas, observa-se um aumento no número das cidades intermediárias, ao invés de um aumento na participação das metrópoles e, por outro lado, de pequeno aumento da participação da população das cidades pequenas, resultando, assim, na distribuição mais homogênea das cidades, segundo seu tamanho.

Assim, tentando diminuir as desigualdades territoriais brasileiras, foi implantado o *Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio* no Brasil. Esse programa foi o primeiro estudo realizado no Brasil que envolveu

[4] Maiores municípios de acordo com o critério demográfico.

as cidades médias. Diante disso, na próxima seção deste trabalho, pretende-se analisar, além desse programa, os estudos realizados no Brasil sobre as cidades médias, destacando o caminho metodológico de cada um deles.

1.2. Cidades médias: estudos e metodologias brasileiras

Nessa parte do trabalho serão realizadas análises dos estudos brasileiros sobre as cidades médias, tendo como principal foco de análise as metodologias utilizadas/propostas por cada trabalho. Serão analisados alguns trabalhos realizados por geógrafos brasileiros, além do *Programa Nacional de Apoio às Cidades de Porte Médio* e seu relatório, intitulado *Sistema Urbano e Cidades Médias no Brasil*.

1.2.1. O Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio (PNCCPM)

Conforme anunciado nas páginas anteriores, esse programa teve como objetivos principais criar novos pólos de desenvolvimento no sistema urbano e atuar na desconcentração populacional e econômica brasileira. Para isso, o governo federal propôs políticas estratégicas de desenvolvimento das cidades médias, visando diminuir as desigualdades regionais brasileiras.

Amorim Filho e Serra (2001) afirmam que as cidades médias, na década de 1970, possuíam papéis estratégicos na rede urbana brasileira, atuando, principalmente, na redução das disparidades regionais, na orientação dos fluxos migratórios, no desenvolvimento regional com manutenção da taxa de crescimento nacional e na multiplicação de postos avançados de expansão do

sistema socioeconômico nacional. Nesse mesmo sentido, Steinberger e Bruna (2001) afirmam que:

> O Programa de Cidades de Porte Médio foi instituído em 1976, no âmbito da CNPU[5], com o objetivo de fortalecer cidades médias por meio de ações inter e intra-urbanas. Sobre as interurbanas, a idéia era que tais cidades, ao expandirem sua capacidade produtiva e o mercado da região por elas liderado, apresentassem economias de aglomeração e reduzissem os fluxos migratórios que se dirigiam para as regiões metropolitanas. Para tanto, pretendia-se localizar equipamentos terciários de alcance regional e oferecer incentivos, a fim de atrair capitais industriais para as cidades selecionadas. Ao mesmo tempo, previa-se uma atuação intra-urbana nas áreas carentes de tais cidades, supondo-se que essa seria uma maneira de redistribuir renda. Além disso, a assistência técnica, a ser fornecida às prefeituras, visava preparar as administrações locais para orientar o crescimento físico-territorial e ser mais eficiente na prestação de serviços urbanos, garantindo-lhes, portanto, condições de se autogerenciar. (STEINBERGER E BRUNA, 2001, p. 52).

Em consonância com os papéis desempenhados pelas cidades médias na rede urbana da década de 1970, o PNCCPM, na pessoa de Michael Rochefort, então assessor da *Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Políticas Urbanas* (CNPU) do *Ministério do Planejamento*, propôs esta classificação das cidades médias brasileiras: i) *as cidades médias integradas à rede urbana*; e ii) *as cidades médias situadas às margens das redes urbanas hierarquizadas* (PONTES, 2001).

De acordo com Pontes (2001), *as cidades médias que estavam integradas à rede urbana* eram aquelas que se encontravam nas regiões de influência das metrópoles do Sul e Sudeste brasileiro, além de algumas cidades instaladas nas zonas litorâneas próximas a Salvador e Recife. Já o grupo das *cidades que estavam às margens das redes urbanas hierarquizadas* era formado por centros

[5] A Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas e Políticas Urbanas (CNPU) foi criada em 1975 e extinta em 1979, quando foi substituída pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano (CNDU).

urbanos que desenvolviam atividades que não dependiam diretamente dos outros centros da rede urbana hierarquizada, pois “os fluxos econômicos que os unem às cidades mais importantes, não constituem, efetivamente, a essência de seu papel na organização da economia e do espaço que os cercam.” (PONTES, 2001, p. 575).

Esses dois grandes grupos de cidades médias podem ser subdivididos em diferentes tipos de cidades[6], conforme a Quadro 01.

Quadro 01 – PNCCPM: tipos de cidades médias (década de 1970).

Cidades médias integradas à rede urbana:	**Cidades médias situadas às margens da rede urbana hierarquizada:**
Cidades médias que recebem o impacto direto do atual crescimento industrial das metrópoles.	Cidades médias que constituem centros terciários das zonas de agricultura tradicional.
Cidades turísticas e de instâncias termais.	Cidades médias que servem de ponto de apoio às atuais zonas de colonização agrícola.
Cidades médias complexas.	Cidades médias essencialmente administrativas.
	Cidades médias que canalizam produtos básicos destinados à exportação.

Fonte: organizado a partir de Pontes (2001).

A fim de atingir os objetivos propostos, foram criados critérios para a seleção das cidades que seriam beneficiadas pelo PNCCPM, uma vez que a proposta original não dava conta de atingir todas as cidades médias da época.

Os critérios foram divididos em duas categorias, sendo a primeira relacionada aos *aspectos interurbanos* das cidades e o segundo aos *aspectos intra-urbanos*.

Os *aspectos interurbanos* receberam o nome de *critérios espaciais* e foram subdivididos em quatro variáveis, quais eram: *relevância regional*, *localização em relação aos eixos principais*, *existência de programas especiais na área*, *distância de outras aglomerações ou centros* e *posição estratégica*. Os *aspectos*

[6] Para conhecer as características e funções de cada tipo de cidade, confira Pontes (2001).

intra-urbanos foram subdivididos em *dimensões demográficas*, *desempenho recente*, *grande proporção de migrantes recentes*, *estrutura da população economicamente ativa (PEA)*, *pobreza urbana e evolução urbana recente* (SERRA, 1991).

Entre as variáveis dos *critérios espaciais*, a *relevância regional* era entendida de forma relativa, ou seja, o destaque que a cidade possuía frente às outras cidades da microrregião, da mesorregião ou do estado. Assim, uma cidade média em uma região poderia ser uma cidade pequena em outra, demonstrando, assim, os diferentes papéis desempenhados pelas cidades de acordo com suas regiões. Já o indicador *localização em relação aos eixos principais* era bastante subjetivo, uma vez que os eixos foram definidos em função de condicionantes geográficos, de sistemas de transportes, de sistemas de comunicação, etc. Esse critério estava relacionado diretamente com o desenvolvimento tecnológico do território (PONTES, 2001).

A variável *existência de programas especiais na área* estava relacionada com a implantação de projetos especiais de desenvolvimento, vinculados aos grandes investimentos, por exemplo, instalação de unidades produtivas. Segundo Serra (1991), foi nesse item que se percebeu uma separação entre a política econômica governamental e a política urbana, pois no processo de instalação de unidades produtivas os critérios utilizados eram os técnicos e os econômicos, usualmente utilizados pelas indústrias, somados a alguns condicionantes. Esse distanciamento entre a política econômica governamental e a política de apoio às cidades se tornou a maior contradição no desenvolvimento do PNCCPM, conforme destacou Serra (1991, p. 91).

A *distância de outras aglomerações ou centros* estava relacionada com a inclusão ou não de determinadas cidades no PNCCPM, ou seja, cidades como

Juazeiro e Petrolina, no Nordeste brasileiro, deveriam fazer parte do programa juntas, em função de suas estreitas relações, da mesma forma que cidades que se encontravam mais isoladas também deveriam ser incluídas, estimulando o desenvolvimento territorial do país (PONTES, 2001).

Por fim, tem-se a *posição estratégica* como a última variável dos *critérios espaciais* para a seleção das cidades que participariam do PNCCPM e se refere, segundo Serra (1991, p. 91), [...] "aos aspectos econômicos e físicos, tais como proximidade a recursos econômicos importantes ou a nós do sistema de transporte regional". Tanto a *posição estratégica* como a *relevância regional* era variável ao longo do território, alterando-se de acordo com o desenvolvimento da região em que a cidade encontrava-se inserida.

Com relação aos *critérios intra-urbanos*, a *dimensão demográfica* foi uma das variáveis consideradas. Apesar do perigo de se engessar um programa devido a critérios matemáticos, o PNCCPM utilizou esse critério, conforme afirma Serra (1991), de forma bastante elástica, permitindo a inclusão de centros urbanos com diferentes tamanhos demográficos.

Outra variável referente aos *critérios intra-urbanos* utilizada na escolha das cidades foi o *desempenho recente*, que se referia ao dinamismo econômico dos centros urbanos nos anos próximos à implantação do PNCCPM, ou seja, na década de 1970. Já a *grande proporção de migrantes recente* estava ligada à taxa de crescimento das cidades em função da migração. Essa variável foi importante na mensuração do crescimento e na conseqüente proposição de políticas públicas para os centros urbanos de porte médio, pois os planos de intervenções deveriam ser elaborados de acordo com o crescimento das cidades. Relacionada à variável referente à população, tem-se também a *estrutura da PEA*, principalmente aquela ligada ao setor secundário. Essa variável foi

fundamental para a proposição de políticas públicas, tendo em vista que os objetivos do programa eram desconcentrar a população, as atividades econômicas e criar novos empregos (PONTES, 2001).

A *pobreza urbana* foi outra variável considerada para a escolha das cidades, pois de acordo com Serra (1991, p. 92), a necessidade de investimentos em função do desequilíbrio na distribuição de renda foi um critério considerado para inclusão das cidades no PNCCPM, uma vez que existia uma esperança quanto aos investimentos que o programa traria para as cidades escolhidas, amortecendo, assim, a desigualdade social presente.

Por fim, a última variável considerada no *critério intra-urbano* foi a *evolução urbana recente*, que estava ligada à taxa de crescimento da população urbana do centro analisado. A taxa de crescimento está diretamente relacionada com a qualidade de vida da população, pois quanto pior a qualidade de vida, menor a taxa de crescimento, em função da emigração. O contrário também é válido, ou seja, quanto melhor a qualidade de vida da população, maior o recebimento de migrantes e, conseqüentemente, o aumento da taxa de crescimento urbano. Assim, para aquelas cidades que tivessem essa taxa em declínio, seria necessária uma intervenção, podendo a cidade ser ou não pertencente ao PNCCPM.

Apesar das críticas apontadas por Amorim Filho (1984), Rochefort (1998), Pontes (2001), Steinberger e Bruna (2001) e Serra (1991) ao PNCCPM, os critérios de seleção das cidades estavam coerentes com os objetivos propostos, sendo que o insucesso do PNCCPM esteve mais relacionado à ingerência do governo e à falta de verba para financiamento do programa do que aos critérios utilizados para a seleção das cidades que participariam do programa. Assim, Amorim Filho (1984) afirma que os principais problemas do programa foram:

> - falta de estudos suficientes sobre a realidade urbana local, regional e nacional, sobretudo no concernente ao nível das cidades de porte médio, para servirem de subsídios seguros para a seleção de cidades e formulação de projetos;
> - limitada capacidade de acompanhamento e de gerenciamento de projetos por parte das administrações locais e, até mesmo, estaduais;
> - escassez de recursos a aplicar. (AMORIM FILHO, 1984, p. 23).

Apesar das críticas ao PNCCPM, as cidades médias, na década de 1970, possuíam grande importância para o sistema urbano brasileiro, sendo responsáveis pelo equilíbrio interurbano e urbano regional das regiões onde elas se situavam e pelo interrompimento dos fluxos migratórios rumo às metrópoles e às grandes cidades. O desenvolvimento das cidades médias (multiplicação e crescimento) era necessário e inevitável para o período de evolução pelo qual passava a sociedade urbana brasileira (AMORIM FILHO, 1984). O autor ainda completa que:

> [...] a cidade média é cada vez mais necessária porque representa uma das alternativas de manutenção do sistema socioeconômico vigente, não importando aqui, em última análise, sua orientação ideológica. O mau funcionamento gerado pela concentração exagerada de homens, de atividades e de capitais tem que ser corrigido de algum modo: nesse caso, as cidades médias representam válvulas de desconcentração que conseguem minimizar o mau funcionamento. Nas cidades médias não se manifestam com a mesma intensidade os problemas que causam o mau funcionamento do sistema socioeconômico: deseconomias externas, altos preços dos terrenos, salários elevados, custosos deslocamentos residência-trabalho, problemas sociais diversos. A cidade média, ao contrário, oferece terrenos e preços mais acessíveis, mão-de-obra às vezes numerosa em disponibilidade, não concentrada geograficamente e, portanto, de organização mais difícil como grupo de pressão e que se contenta, em geral, com salários mais baixos. (AMORIM FILHO, 1984, p. 11-12).

As cidades médias também serviam como locais propícios à localização de estruturas comerciais voltadas para a distribuição de mercadorias nas regiões onde se localizavam, com sistema de transporte mais eficiente do que os

presentes nos grandes centros urbanos. Também eram locais importantes para o desenvolvimento do sistema socioeconômico nacional, atuando como re-distribuidoras da produção e dos valores de capitais (AMORIM FILHO, 1984).

Sendo assim, Amorim Filho e Serra (2001) afirmam que, além dessas cidades atuarem na redução das diferenças regionais, elas também eram responsáveis por reorientações nos fluxos migratórios, absorvendo parte da população que migraria para as metrópoles, evitando, com isso, o aumento dos problemas sociais e ambientais já existentes nos grandes centros urbanos[7].

Outra função desempenhada pelas cidades médias na década de 1970 era a de atuar na diminuição dos desníveis regionais de produtividade do setor industrial. Sobre isso, Amorim Filho e Serra (2001, p. 14) declaram que:

> [...] havia um reconhecimento generalizado de que a opção pelo crescimento econômico acelerado impediria uma política efetivamente redistributiva do ponto de vista regional. A noção de que havia uma incompatibilidade entre políticas de desenvolvimento regional e aquelas de manutenção do ritmo acelerado de crescimento econômico pode ser evidenciada pela idéia de *desconcentração concentrada* largamente utilizada nessa década [1970]. Este conhecido termo, antes de expressar uma crítica *a posteriori*, cujo objetivo seria mostrar os limites da política de desconcentração industrial, pertencia à própria nomenclatura dos planejadores. A intenção era mesmo esta: *desconcentrar dentro de um certo limite espacial, para não colocar em xeque os níveis de produtividade alcançados nos grandes centros urbanos do país*. (Grifos dos autores).

Essas cidades estariam inseridas nos limites espaciais que não prejudicariam o desenvolvimento dos níveis de produtividade atingidos pelas indústrias ao longo dos anos. Diante desse quadro de *desconcentração concentrada*, as cidades médias foram fundamentais para a distribuição espacial

[7] Duas formas de tentativa de contenção migratórias são apontadas por Amorim Filho e Serra (2001) e estão diretamente ligadas a documentos oficiais do governo federal (I e II PND). A primeira tentativa seria através da proposição de políticas que incentivassem o desenvolvimento da agricultura na região Nordeste do país, no I PND. A segunda é a política de apoio aos centros médios de áreas economicamente defasadas, estabelecida junto com o II PND.

das riquezas nacionais e para a busca de níveis de produtividade compatíveis com as exigências de competitividade impostas pela economia global, conforme citaram Amorim Filho e Serra (2001).

Na mesma linha de raciocínio, Pontes (2001) afirma que:

> [...] a classe intermediária de hierarquia constitui um intervalo de variação do tamanho urbano muito favorável à eficiência industrial. É aliás, o que apresenta melhores possibilidades de tirar partido da crescente divisão do trabalho e das especializações que se processam no âmbito do sistema de cidades, tendo em vista, o alcance de estágios mais complexos do processo de industrialização. Isso permite definir uma estratégia redistributivista com considerável margem de segurança, em face dos riscos de perda da eficiência do setor industrial, facultando, pois, o estabelecimento de uma política de desenvolvimento regional/urbano, com bases sólidas de compromisso entre objetivos de qualidade e de eficiência. (PONTES, 2001, p. 594).

De acordo com os autores anteriormente citados, é possível concluir que as cidades médias possuíam papéis significativos na rede urbana brasileira da época, justificando, assim, a tentativa governamental de implantação e desenvolvimento do PNCCPM.

É nesse sentido de avaliação da importância das cidades médias no cenário urbano brasileiro que Andrade e Lodder (1979) realizaram um estudo do sistema urbano brasileiro dando enfoque às cidades médias, que foi publicado na forma de livro, com o seguinte título: *Sistema Urbano e Cidades Médias no Brasil*[8]. Apesar de ser um trabalho do final da década de 1970, esse estudo é uma importante referência metodológica para as atuais pesquisas desenvolvidas sobre essas cidades, uma vez que organizou, sistematicamente, uma metodologia própria para os estudos das cidades médias. A análise pormenorizada dessa pesquisa será realizada na próxima seção deste trabalho, que se apresenta em seguida.

[8] Esse estudo foi o relatório da pesquisa do PNCCPM.

1.2.2. Sistema Urbano e Cidades Médias no Brasil

Este estudo teve como objetivo discutir a importância das cidades médias na rede urbana brasileira até a década de 1970, ampliando, com isso, o conhecimento sobre a estrutura urbana brasileira da época. Abaixo, o objetivo nas palavras dos autores:

> [...] a nossa preocupação é a de procurar ter uma visão global das modificações que estão ocorrendo no sistema de cidades e de ter uma visão particular das características de um conjunto específico de centros urbanos – as cidades médias – que em nossa opinião terão um importante papel a desempenhar no desenvolvimento urbano do país. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 09).

Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa foi dividida em duas partes. Na primeira foi realizada uma análise de todo o sistema urbano brasileiro, discutindo o processo de crescimento e suas conseqüentes transformações no espaço, no período de 1940 a 1970. Foram analisadas também as diferenças no crescimento populacional das regiões, a distribuição e o tamanho das cidades ao longo do território.

A segunda parte do estudo concentrou-se na avaliação das estruturas econômicas e sociais das cidades médias, diante dos seguintes objetivos:

> a) encontrar diferenciações estruturais entre estas cidades por meio de uma análise agregada de suas características demográficas, econômicas e sociais;
> b) examinar a questão da pobreza urbana nestes centros, procurando investigar as suas causas e avaliando que indicadores socioeconômicos são importantes para distinguir as de menor nível de pobreza das de maior nível; e
> c) estudar o crescimento econômico, examinando as suas potencialidades e o seu desempenho nos anos recentes. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 11).

A definição de cidade média para esse estudo foi construída a partir do critério demográfico, sendo que aqueles centros ou aglomerados urbanos que

possuíam, na década de 1970, população urbana variando entre 50 mil e 250 mil habitantes foram classificadas como cidades médias. Os autores justificam o critério utilizado da seguinte maneira:

> [...] já que a escolha do critério demográfico resulta não só do objetivo de tornar este estudo amplo o suficiente para permitir comparações com outros que adotam critérios mais ou menos semelhantes, mas também da constatação de que estão implícitas no tamanho populacional algumas das dimensões funcionais urbanas que refletem o nível de complexidade e de complementaridade das atividades econômicas nestes centros e os diferentes graus de interação da cidade com suas áreas de influência [...]. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 36).

Com a definição do critério utilizado os autores analisaram as características demográficas e econômicas das cidades médias. Andrade e Lodder (1979) constataram que 33% da população urbana brasileira viviam nas cidades médias e que as cidades que mais cresciam no período de 1960 a 1970 eram aquelas que se localizavam próximo às regiões metropolitanas, especialmente na região Sudeste do país, conforme demonstra a Tabela 06.

Tabela 06 – Brasil: taxas médias anuais de crescimento populacional nas cidades médias (1960-1970).

Regiões	Crescimento populacional			Média
	Cidades médias pertencentes às regiões metropolitanas	Cidades médias pertencentes às aglomerações urbanas	Cidades médias isoladas	
Norte	-	-	11,80	11,80
Nordeste	5,60	5,32	5,03	5,20
Sudeste	12,12	5,29	4,76	6,55
Sul	7,13	3,10	4,70	4,81
Centro-Oeste	-	6,50	7,30	7,03
Média	10,37	5,05	5,12	5,99

Fonte: Andrade e Lodder (1979, p. 42).

As cidades médias isoladas só apresentaram maiores índices de crescimento nas regiões onde não existiam cidades médias pertencentes às regiões

metropolitanas ou não existiam regiões metropolitanas, como é o caso da região Norte do Brasil.

Com relação às características econômicas Andrade e Lodder (1979) constataram que a maior parte da população residente nas cidades médias estava inserida nos setores secundários e terciários, com destaque para o setor terciário. Para os autores,

> [...] este predomínio das atividades terciárias nas cidades médias não é um fato novo já que se forem analisadas as distribuições setoriais da PEA para cada cidade nas últimas duas décadas [1960-1970], chegaremos à conclusão que o terciário sempre foi o mais importante absorvedor de mão-de-obra, embora isto não signifique que não tenham ocorrido modificações estruturais. Muito pelo contrário, o setor terciário nestas cidades sofre transformações internas provocadas pelo surgimento de novas atividades e pela substituição de outras, como de resto ocorreu, com maior intensidade, no escalão superior da hierarquia de cidades. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 45).

Andrade e Lodder (1979) destacaram que, apesar da importância do setor terciário para a maior parte das cidades médias brasileiras, o setor secundário também teve papel significativo no desenvolvimento econômico dessas cidades, uma vez que parte dos serviços existentes nas cidades eram resultados diretos do funcionamento das atividades industriais.

Visando compreender a importância das atividades terciárias para as cidades médias brasileiras, Andrade e Lodder (1979) realizaram uma análise desagregada do setor, constatando que a importância relativa de cada sub-setor se deu, no ano de 1970, da seguinte forma: prestação de serviços (36,7%), comércio de mercadorias (23,9%), atividades sociais (13,55%), transportes, comunicações e armazenamento (13,54%), administração pública (10,55%) e outras atividades (1,76%)[9]. Na análise dos dados os autores afirmam que a alta

[9] Segundo Andrade e Lodder (1979) a ordem de importância relativa desses sub-setores se mantêm nas diferentes regiões do Brasil.

porcentagem da PEA no sub-setor de prestação de serviços confirma a tese de que a preponderância do setor terciário reflete a existência de subemprego nos centros médios, o que tem como conseqüência os acentuados níveis de pobreza familiar (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 53).

Com relação ao setor secundário, Andrade e Lodder (1979) constataram que existem diferenças regionais em relação à produtividade, à especialização e ao tamanho dos estabelecimentos industriais. Diante desse quadro, os autores afirmam que:

> [...] a indústria de transformação nas cidades médias apresentam um desempenho diferenciado regionalmente em termos de produtividade média anual de sua mão-de-obra. Enquanto os centros do Sudeste e das regiões metropolitanas do Sul exibem níveis de eficiência produtiva acima da média do sistema urbano, as cidades do Nordeste e as do Sul, com pequenas exceções, mostram níveis inferiores. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 46).

A especialização e o tamanho dos estabelecimentos industriais variavam de acordo com a localização das cidades no sistema urbano. As cidades médias isoladas apresentavam estabelecimentos maiores, enquanto as que pertenciam às regiões metropolitanas ou a aglomerados urbanos apresentavam estabelecimentos menores. O mesmo ocorre com a especialização das unidades produtivas: as que se localizavam em cidades médias pertencentes às regiões metropolitanas eram menos especializadas do que as cidades médias isoladas e as pertencentes a aglomerações urbanas (ANDRADE e LODDER, 1979).

Essas diferenciações são explicadas pela disponibilidade de unidades produtivas no sistema urbano. É natural que regiões metropolitanas apresentem unidades produtivas menores e com nível de especialização individual menor, pois são mais interdependentes umas das outras, enquanto nas cidades médias isoladas as unidades produtivas são responsáveis por todo o processo de produção da mercadoria, devido à dificuldade de acesso a outras unidades

produtivas. Se as indústrias existentes nas cidades médias isoladas dependessem diretamente de outras indústrias para a produção da mercadoria, o seu preço final poderia ser mais alto que o valor médio do mercado, tornando-se, assim, pouco competitivo.

De acordo com o caminho metodológico estabelecido por Andrade e Lodder (1979), foram esses os resultados conseguidos em relação à dimensão econômica das cidades médias. Serão apresentadas, a diante, as análises referentes às características sociais das cidades médias brasileiras na década de 1970. Para a análise dessas características, os referidos autores utilizaram os seguintes indicadores: *medida censitária de desemprego aberto*, *subemprego*, *pobreza urbana e acesso a serviços urbanos básicos*.

Andrade e Lodder (1979, p. 55) afirmam que a *taxa de desemprego* nas cidades médias brasileiras, na década de 1970, era insignificante, seja para a média nacional ou para as médias regionais. Eles destacam como ligeiramente alta somente a taxa referente às regiões metropolitanas do Nordeste, que atingiu a média de 7,7%, sendo que esse índice retrata a dificuldade de absorção da mão-de-obra migrante do campo para as cidades médias das regiões metropolitanas do Nordeste.

As *taxas de subempregos* mais significativas nas cidades médias isoladas e nas pertencentes às aglomerações urbanas foram as do Nordeste, com percentual médio superior a 18%, enquanto no Sudeste a taxa média não ultrapassava 11% para a mesma localização das cidades. Os menores índices eram aqueles referentes às cidades médias pertencentes às regiões metropolitanas do Sul e Sudeste brasileiro.

A *pobreza urbana* também era um mal que assolava as cidades médias estudas por Andrade e Lodder (1979). Essas cidades, apesar de apresentarem

índices menores do que os das metrópoles e das grandes cidades, possuíam 50% da sua população, na década de 1970, com renda inferior a dois salários mínimos.

O *acesso aos serviços urbanos básicos* foi medido pela existência ou não de infra-estrutura urbana nas cidades, como água e esgoto encanado, serviços médicos e educação primária. Quanto a esses critérios os atores atestam que:

> [...] em termos de serviço de água e esgoto, as cidades do Norte e Nordeste estão em piores condições, com elevados percentuais de prédios sem ligação em redes destes serviços, embora as do Sul e do Centro-oeste também se mostrem bem carentes. As cidades situadas em áreas metropolitanas exibem percentagens mais altas que as demais, resultado do grande crescimento destes centros e das dificuldades que os diversos níveis governamentais têm em aumentar a oferta dos sistemas existentes. Quanto aos serviços médicos e à educação, a carência é, do mesmo modo, a característica básica com destaque negativo para a deficiência de leitos hospitalares nas cidades [pertencentes às regiões] metropolitanas do Nordeste e maiores deficiências em educação nas cidades [pertencentes às regiões] metropolitanas, particularmente do Sudeste e Sul. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 61).

Dentre as cidades com população variando entre 50 mil e 250 mil habitantes, Andrade e Lodder (1979), utilizando a metodologia utilizada por Tolosa (1977)[10] para a definição da pobreza urbana no Brasil, criaram um quadro de indicadores socioeconômicos para a caracterização da pobreza urbana nas cidades médias, conforme o Quadro 02.

A partir da metodologia proposta por Tolosa (1977) e do Quadro 02, Andrade e Lodder (1979) separaram em dois grupos as cidades médias, sendo que o Quadro 03 apresenta as cidades com os maiores índices de pobreza e o Quadro 04, as cidades com os menores índices de pobreza urbana, na década de 1970.

[10] Para saber mais sobre a metodologia proposta de avaliação da pobreza urbana, confira Tolosa (1977) e Andrade e Lodder (1979).

Quadro 02 – Indicadores socioeconômicos selecionados para caracterização da pobreza urbana (década de 1970).

Item de bem-estar	Indicadores socioeconômicos	Procedimentos de cálculo
Habitação	Qualidade de construção	N° de domicílio do tipo rústico ou improvisado/Total de domicílios
	Densidade	Nº de moradores/Nº de domicílios
	Iluminação elétrica	Nº de prédios no quadro urbano sem iluminação elétrica/N° de prédios urbanos
	Água encanada	Nº de prédios no quadro urbano sem água encanada/Nº de prédios urbanos
	Rede de esgoto	Nº de prédios no quadro urbano sem ligação com a rede de esgoto/Nº de prédios urbanos
Saúde	Índice de sobrevivência	Nº de filhos vivos/Nº total de filhos nascidos vivos
	Assistência médica	População urbana/Nº de médicos, dentistas e atividades auxiliares
	Assistência hospitalar	População urbana/Nº de leitos em hospitais gerais
Educação	Escolaridade	Nº de pessoas com até um ano de instrução ou sem instrução/população urbana
	Qualidade da educação	Nº de estudantes de cinco anos ou mais na população urbana/Nº de professores e atividades auxiliares
Emprego e renda	Substituição crítica	Pessoas economicamente ativas trabalhando menos de 15 horas semanais/PEA
	Distribuição de renda	Nº de famílias recebendo menos de um salário mínimo mensal/Nº de famílias
Consumo de duráveis	Fogão	Domicílios com fogão a lenha, gás e (ou) outro/Total de domicílios
	Televisão	Domicílios com rádio, geladeira, televisão/Total de domicílios
	Automóveis	Domicílios com automóvel/Total de domicílios

Fonte:Andrade e Lodder (1979, p. 66-67).

Quadro 03 – Cidades médias com maiores índices de pobreza urbana (1970).

1	Cachoeira do Sul (RS)	13	Campina Grande (PB)
2	Campos (RJ)	14	Itabuna/Ilhéus (BA)
3	Cuiabá (MT)	15	Jequié (BA)
4	João Pessoa (PB)	16	Teófilo Otoni (MG)
5	Lajes (SC)	17	Caruaru (PE)
6	Maceió (AL)	18	Vitória da Conquista (BA)
7	Aracaju (SE)	19	Teresina (PI)
8	Uruguaiana (RS)	20	Sobral (CE)
9	São Luiz (MA)	21	Santarém (PA)
10	Montes Claros (MG)	22	Mossoró (RN)
11	Governador Valadares (MG)	23	Parnaíba (PI)
12	Macapá (AP)	24	Crato/Juazeiro do Norte (CE)

Fonte: Andrade e Lodder (1979, p. 79).

Quadro 04 – Cidades médias com menores índices de pobreza urbana (1970).

1	Tubarão (SC)	16	Presidente Prudente (SP)
2	Bajé (RS)	17	Londrina (PR)
3	Campo Grande (MT)	18	Barretos (SP)
4	Criciúma (SC)	19	Vitória (ES)
5	Cachoeiro do Itapemirim (ES)	20	Franca (SP)
6	Barbacena (MG)	21	Marília (SP)
7	Uberlândia (MG)	22	Joinvile (SC)
8	Ponta Grossa (PR)	23	Florianópolis (SC)
9	Uberaba (MG)	24	Bauru (SP)
10	Pelotas/Rio Grande (RS)	25	São José do Rio Preto (SP)
11	Itajaí (RS)	26	Caxias do Sul (RS)
12	Passo Fundo (RS)	27	São Carlos (SP)
13	Santa Maria (RS)	28	Blumenau (SC)
14	Araçatuba (SP)	29	Araraquara (SP)
15	Maringá (PR)	30	Ribeirão Preto (SP)

Fonte: Andrade e Lodder (1979, p. 80).

Os quadros de Andrade e Lodder (1979) apresentados anteriormente são as representações esquemáticas de sua proposta metodológica para a avaliação da pobreza urbana nas cidades médias. A partir dos dados estatísticos levantados e

dos índices de pobreza urbana, os referidos autores puderam hierarquizar, de forma classificatória, as cidades médias brasileiras, na década de 1970.

Outro critério de classificação das cidades médias elaborado por Andrade e Lodder (1979) foi o de potencialidades de crescimento econômico, a partir de análises fatoriais de três variáveis, quais sejam: *o tamanho funcional urbano*, a *base industrial moderna* e a *base industrial tradicional*[11].

A variável *tamanho funcional urbano* foi dividida pelos autores nos seguintes indicadores: i) população urbana na sede do município ou aglomeração; ii) soma das rendas da PEA com renda no setor de serviços e comércio; iii) população economicamente ativa urbana com renda; iv) PEA com renda do setor de serviços e comércio; v) emprego no setor de serviços e comércio; vi) PEA com renda no município ou aglomeração; vii) população do município ou aglomeração; viii) soma das rendas da PEA com renda no setor urbano; ix) soma das rendas da PEA com renda; x) receita total do setor de serviços e comércio; xi) folha de salários dos setores de serviços e comércio; xii) receita tributária municipal; xiii) proporção entre as variáveis ii e ix; xiv) número de cidades na área de influência do município ou aglomeração (ponderado); e, xv) grau de aglomeração ou densidade média do município (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 101). Esses indicadores permitem a análise do mercado de bens e serviços produzidos nas cidades, sendo que:

> [...] as cidades médias que estiverem mais bem situadas em termos desta dimensão são aquelas que têm condições de ofertar bens e serviços que requerem áreas de mercado maiores do que aquelas apresentadas pelas outras cidades. [Assim,] [...] as cidade médias mais bem situadas na dimensão tamanho funcional urbano potencialmente apresentam condições mais favoráveis para o crescimento de sua renda agregada. (ANDRADE e LODDER, 1979 p. 105-106).

[11] Para saber detalhes do critério de classificação, confira Andrade e Lodder (1979, p. 95-125).

A outra variável utilizada pelos autores para a classificação das cidades médias, segundo suas potencialidades de crescimento econômico, foi a *base industrial moderna* que se subdividiu nos seguintes indicadores: i) folha de salários do setor industrial moderno; ii) valor bruto da produção do setor industrial; iii) valor bruto da produção do setor industrial moderno; iv) salário médio industrial (folha de salários/emprego); v) emprego no setor industrial moderno; iv) folha de salários do setor industrial; vii) tamanho médio dos estabelecimentos; viii) soma das rendas da PEA com renda do setor industrial; ix) produtividade industrial; x) proporção da renda industrial na renda total; e, xi) PEA com renda no setor industrial (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 103).

A variável *base industrial tradicional* se divide nos seguintes indicadores: i) folha de salários do setor industrial tradicional; ii) número de empregados do setor industrial tradicional; iii) grau de industrialização do município ou aglomeração; iv) número de empregados do setor industrial; v) valor bruto da produção do setor industrial tradicional (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 104).

Apesar da separação entre *base industrial moderna* e *base industrial tradicional*, os autores dizem que essas duas variáveis se confundem e que para as cidades médias existe uma variável industrial única, com predomínio de atividades vinculadas à variável industrial moderna.

A variável industrial das cidades médias é importante para a classificação das cidades segundo suas potencialidades de crescimento econômico, pois, segundo Andrade e Lodder (1979, p. 106):

> [...] podemos interpretar que a hierarquia atual das cidades médias, segundo a base industrial das mesmas, reflete um passado recente de condições diversas de economias de escala, de localização e de urbanização que provocam um fluxo diferenciado de capital, de mão-de-obra e de progresso técnico nestas cidades, que permitiu o crescimento econômico variado destes centros. Além disso, e o que é mais importante, estas diferenças representam vantagens locacionais acumuladas que irão

> condicionar o futuro crescimento destas cidades e, neste caso, podem ser usadas como condições potenciais de crescimento diferenciado das mesmas.

Após a análise fatorial das variáveis e indicadores anteriormente citadas, Andrade e Lodder (1979, p. 106-107) construíram um quadro analítico que demonstra as limitações relativas ao crescimento das cidades médias do ponto de vista da demanda de bens e serviços produzidos nas cidades (*tamanho urbano funcional*) e as restrições comparadas de crescimento das cidades médias do ponto de vista da oferta de fatores de produção (*base industrial*).

O quadro analítico de classificação das cidades médias segundo suas potencialidades de crescimento econômico é sintetizado na Tabela 07, abaixo.

Tabela 07 – Classificação das cidades médias segundo suas potencialidades de crescimento econômico.

		Base industrial			
		Q_1	***Q_2***	***Q_3***	***Q_4***
Tamanho funcional urbano	***Q_1***	1	2	3	4
	Q_2	5	6	7	8
	Q_3	9	10	11	12
	Q_4	13	14	15	16

* **Nota da tabela**: Q: quartis. Os quartis se referem a pontos da distribuição decrescente de escores das dimensões utilizadas para análise.
Fonte: Andrade e Lodder (1979, p. 107).

A partir da Tabela 07 é possível classificar as cidades médias que apresentaram os maiores, os menores e os intermediários índices de potencialidades de crescimento econômico. As cidades que, após as análises fatoriais, apresentavam quartis Q_1 e Q_2 (posição 1, 2, 5 e 6) tanto no *tamanho funcional urbano* quanto na *base industrial* eram as que possuíam os melhores índices de potencialidades de crescimento. Nessas posições, segundo Andrade e Lodder (1979), estavam relacionadas as cidades que apresentavam, em 1970, os

melhores potenciais de crescimento, pois, relativamente, possuíam o *tamanho funcional urbano* e a *base industrial* superiores ao das demais cidades médias. Por outro lado, têm-se as cidades que apresentaram os menores índices de potenciais de crescimentos, ou seja, apresentaram as maiores desvantagens relativas nas variáveis analisadas, ocupando as posições 11, 12, 15 e 16, referentes aos quartis Q_3 e Q_4.

Nas posições intermediárias estão as posições 3, 4, 7, 8, 9, 10, 13 e 14, variando de Q_1 a Q_4, dependendo da variável analisada, por exemplo, as cidades médias do grupo intermediário formado pelas posições 3, 4, 7 e 8 possuíam quartis Q_1 ou Q_2 para o *tamanho funcional urbano* e quartis Q_3 ou Q_4 para a *base industrial*, ou seja, essas cidades apresentavam desvantagens na *base industrial* enquanto apresentavam vantagens no *tamanho funcional urbano*, dando a elas o caráter intermediário de potencialidade de crescimento econômico.

Essa classificação analítica tinha dupla finalidade, que segundo os autores, era:

> [...] uma ligada a um interesse voltado para verificar se estas potencialidades diversas se revelam efetivas em termos do crescimento econômico diferenciado após 1970, e outra relacionada com sugestões de medidas diferenciadas de política econômica visando apoiar o crescimento destas cidades de porte médio. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 108).

Conforme Andrade e Lodder (1979, p. 111), as cidades médias que foram classificadas nos maiores quartis (posição 1, 2, 5 e 6) e, conseqüentemente, com maiores potencialidades, foram as seguintes:

- *Posição 1*: Vitória, Juiz de Fora, Volta Redonda, Ribeirão Preto, Sorocaba, Jundiaí, São José dos Campos, Piracicaba, Londrina e Pelotas.
- *Posição 2*: São Luís, João Pessoa, Maceió, Bauru e São José do Rio Preto.
- *Posição 5*: Taubaté, Americana, Blumenau, Joinvile e Caxias do Sul.

- *Posição 6*: Uberlândia, Presidente Prudente, Araraquara, Ponta Grossa, Maringá e Campo Grande.

Essas cidades eram as que apresentavam as melhores condições necessárias para o desenvolvimento econômico, uma vez que possuíam os mais altos indicadores referentes ao *tamanho funcional urbano* e à *base industrial*. Os autores destacam que [...] "é bem provável que estas cidades estejam tendo um crescimento apreciável e que para as mesmas o que deve ser estimulado é a pesquisa e a promoção de oportunidade de investimentos." (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 108). Os autores ainda completam: [...] "as cidades médias que maior potencialidade de crescimento apresentavam em 1970 eram centros urbanos quase totalmente do Sudeste e Sul, em particular [do estado] de São Paulo" [...] (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 112).

As cidades que apresentavam índices intermediários de potencial de crescimento econômico foram divididas em dois grupos. O primeiro, formado pelas cidades que apresentavam os maiores quartis para o *tamanho funcional urbano* em detrimento da *base industrial* (posição 3, 4[12], 7 e 8), era composto pelas seguintes cidades, segundo Andrade e Lodder (1979, p. 111):

- *Posição 3*: Aracajú, Campos e Florianópolis.
- *Posição 7*: Feira de Santana, Governador Valadares, Uberaba, Araçatuba e Santa Maria.
- *Posição 8*: Teresina, Campina Grande e Itabuna.

Essas cidades de potencialidades intermediárias possuíam um significativo *tamanho funcional urbano* conseguindo atender as demandas do mercado local e/ou regional. Por outro lado, tem-se a *base industrial* reduzida, que não é capaz de atender as demandas regionais e locais.

[12] Não houve nenhuma cidade classificada na posição 4.

> Para as cidades que estão nestas posições, o que se verifica é que elas podem ter uma estrutura industrial mais ampla e que as atividades que exigem mercado local e/ou regional teriam condições, em princípio, de aí se localizarem. Para aquelas que estão especializadas no setor terciário, é o caso de se verificar se a especialização será suficiente para promover o crescimento econômico da cidade e a melhoria do nível de bem-estar da sua população. É bem provável que para estas cidades seja necessária a adoção de uma política que privilegie investimentos industriais nas mesmas. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 109).

As cidades médias que tinham boa *base industrial* e reduzido *tamanho funcional urbano* compunham o segundo grupo de cidades que possuíam potencialidades intermediárias de crescimento econômico (posição 9, 10, 13[13] e 14) e era formado, segundo Andrade e Lodder (1979, p. 112), pelos seguintes núcleos urbanos:

- *Posição 9*: Franca, Limeira e São Carlos.
- *Posição 10*: Poços de Caldas, Nova Friburgo, Marília, Rio Claro, Guaratinguetá e Lages.
- *Posição 14*: Macapá e Criciúma.

Essas cidades apresentavam, segundo os autores, uma *base industrial* mais desenvolvida em detrimento do *tamanho funcional urbano*. A explicação dada pelos autores para esse fato foi a de que as atividades industriais desses centros urbanos poderiam estar voltadas para o mercado nacional, não importando, assim, o tamanho do mercado local e/ou regional (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 109).

A alternativa proposta pelos autores para o desenvolvimento econômico dessas cidades em potenciais ideais consistia em desenvolver uma *base industrial* que permitisse a expansão da produção de bens locais e/ou regionais e daquelas atividades que poderiam deixar maior apropriação de renda,

[13] Não houve nenhuma cidade classificada na posição 13.

promovendo, assim, o aumento do *tamanho urbano funcional* e, conseqüentemente, o potencial de crescimento econômico desses núcleos urbanos (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 110).

Por fim, segundo a proposta de Andrade e Lodder (1979), tem-se o grupo de cidades que apresentaram os menores potenciais de crescimento econômico e foram classificadas nas posições 11, 12, 15 e 16, referentes ao quartis Q_3 e Q_4 do *tamanho funcional urbano* e da *base industrial*. As cidades eram as seguintes:

- *Posição 11*: Montes Claros, Paranaguá e Passo Fundo.
- *Posição 12*: Juazeiro do Norte, Caruaru, Vitória da Conquista e Cuiabá.
- *Posição 15*: Cachoeiro do Itapemirim, Sete Lagoas, Barretos, Itajaí e Tubarão.
- *Posição 16*: Santarém, Parnaíba, Sobral, Mossoró, Garanhuns, Jequié, Alagoinhas, Teófilo Otoni, Barbacena, Uruguaiana e Cachoeira do Sul.

Como proposta para o desenvolvimento desses centros urbanos, Andrade e Lodder (1979, p. 110) indicaram que:

> Os centros urbanos situados nestas posições relativas mostrarão deficiências do lado da demanda e do lado da oferta. Para estas cidades, portanto, a atenção de um programa de apoio tem que ser maior do que a dispensada para as demais porque apresentarão um nível de desenvolvimento econômico bem menor. Aí, com toda certeza, estarão muitas cidades do Nordeste e é onde aparecerão as cidades com maior nível de pobreza urbana. Por isso mesmo, acreditamos que para estes centros há necessidade de se criar ou expandir uma infra-estrutura econômica (sem se esquecer da social) que possibilite a ampliação da estrutura produtiva, seja através de programas de distritos industriais, de melhoria de meios de comunicação e de transportes e de maior articulação entre as atividades primárias e dos demais setores [...].

Os autores ainda completam que era necessário atrair empreendimentos para essas cidades, visando o desenvolvimento do seu mercado local e/ou

regional, além de investimentos imediatos que poderiam diminuir a alta taxa de pobreza urbana existentes nessas cidades (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 110).

Andrade e Lodder (1979) concluem sua pesquisa sobre as cidades médias brasileiras destacando que era necessário, já naquele momento, promover políticas públicas ou programa de desenvolvimento que estivessem de acordo com a realidade regional de onde essas cidades estavam inseridas, pois havia, de acordo com os autores:

> [...] uma nítida diferença regional entre elas, da mesma natureza da observada nos níveis de desenvolvimento econômico ente as regiões. Há assim uma dicotomia de centros urbanos de porte intermediário, sendo que os que apresentam melhores condições econômicas estão no Sul/Sudeste. Observou-se uma relativa uniformidade na estrutura ocupacional da PEA destas cidades, com predominância do setor terciário, embora este setor tenha tamanho e funções mais diversificadas nos centros mais desenvolvidos. (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 129).

Para os autores parte significativa da PEA empregada no setor terciário era subutilizada, criando um inchaço nesse setor via atividades informais, o que se confirmou devido às altas porcentagens de famílias com baixas rendas, às deficiências habitacionais e ao pouco acesso aos serviços urbanos básicos. Foi diante da constatação desse quadro nas cidades médias brasileiras que os referidos autores incluíram em sua metodologia de análise o estudo da pobreza urbana, concluindo que componentes da estrutura ocupacional (mão-de-obra sub-remunerada na economia informal) e componentes da estrutura produtiva (tamanho dos estabelecimentos industriais e grau de industrialização) foram os principais determinantes da pobreza urbana nessas cidades (ANDRADE e LODDER, 1979, p. 130).

A contribuição metodológica de Andrade e Lodder (1979) está centrada na utilização de indicadores estatísticos e de qualidade para a análise das cidades

médias, uma vez que consegue, a partir das análises das variáveis propostas, estabelecer relações entre as cidades, considerando a grande diversidade regional existente no Brasil. Assim, mesmo sendo um estudo do final da década de 1970 e utilizando o critério demográfico para a definição das cidades que seriam pesquisadas, Andrade e Lodder (1979) avançam, para a época, nesses estudos, pois analisam as cidades em seus contextos regionais, considerando suas deficiências e potencialidades para o desenvolvimento econômico e urbano local, regional e até mesmo nacional.

Seguindo a proposta de análise das metodologias utilizadas para os estudos das cidades médias, seguem, na próxima seção desse trabalho, algumas análises geográficas das cidades médias.

1.2.3. Os estudos geográficos das cidades médias

Sabe-se da diversidade de trabalhos que têm sido produzidos sobre a temática das cidades médias. Em função de não ser possível fazer uma análise de todos eles, foram selecionadas as seguintes publicações sobre as cidades médias brasileiras: os estudos realizados por Amorim Filho (1978, 1984), Soares (1999) e Sposito (2001)[14].

Oswaldo Bueno Amorim Filho[15] foi o primeiro geógrafo brasileiro a realizar um estudo geográfico das cidades médias, sendo que sua tese de doutorado,

[14] Publicações sobre as cidades médias brasileiras encontram-se espalhadas em vários meios de divulgação científica. Entretanto, trabalhos sobre essa temática podem ser encontrados nas seguintes publicações específicas: anais do I Simpósio Internacional sobre Cidades Médias, realizado em Presidente Prudente (SP), em 2005; anais do II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias, realizado em Uberlândia (MG), em 2006; nos livros organizados por Sposito, Sposio e Sobarzo (2006) e Sposito (2007).

[15] Doutor em Geografia pela Université de Bordeaux III, professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial – da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), campus de Belo Horizonte.

intitulada *Contribution à l'étude de villes moyennes au Minas Gerais – Formiga et le sud-ouest du Minas Gerais* e as publicações que dela resultaram são importantes referências para os estudos das cidades médias brasileiras. Nesse sentido, serão analisados aqui dois artigos publicados em revistas especializadas da Geografia, que se intitulam: *Patos de Minas: uma cidade média em Minas Gerais e sua região*, de 1978, e *Cidades médias e organização do espaço no Brasil*, publicado em 1984[16].

Na publicação de 1978, sobre Patos de Minas, Amorim Filho (1978) afirma que o objetivo de sua pesquisa era realizar um estudo urbano dessa cidade sob dois enfoques: o primeiro estava ligado às relações externas da cidade, ou seja, às relações que Patos de Minas mantinha com as cidades da sua região geográfica; o segundo era a análise da estrutura interna da cidade, privilegiando sua estrutura funcional e morfológica.

Para alcançar os objetivos propostos, Amorim Filho (1978) analisou a cidade de Patos de Minas, segundo o enfoque relativo às relações externas, considerando os seguintes fatores: as relações de longa distância, a identificação e influência em outros centros urbanos dos equipamentos existentes na cidade.

Para a análise das relações de longa distância, Amorim Filho (1978) considerou o número de viagens de ônibus diárias e o fluxo de correspondências (cartas) a partir de Patos de Minas, além da procedência dos hóspedes dos hotéis da cidade[17]. Na análise desses fatores, o autor concluiu que Patos de Minas, na época, estabelecia relações importantes com cidades de hierarquia superior, como Belo Horizonte, São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Goiânia, Uberlândia e Uberaba (AMORIM FILHO, 1978, p. 74). O autor ainda completa que:

[16] Além dos artigos citados no corpo do texto desse trabalho, outra importante contribuição para os estudos das cidades médias é o livro publicado por Amorim Filho e Sena Filho (2005), intitulado: *A morfologia das cidades médias*.

[17] Confira os mapas elaborados para cada um desses fatores em Amorim Filho (1978, p.75-77).

> [...] Patos de Minas não se coloca sob a influência dominante de nenhum desses centros em particular, mas suas relações com cidades de hierarquia superior têm direções variadas, situando-se em um espaço marcado pela intersecção de polarizações de centros às vezes distantes [...]. Mas, mesmo não havendo uma dominação absoluta de um desses centros, observa-se que a predominância de Belo Horizonte vem se confirmar [...]. De qualquer modo, a relativa fraqueza com que os diversos centros analisados exercem sua influência sobre o espaço ligado a Patos de Minas é um fator que possibilita e favorece o desenvolvimento de uma certa autonomia de Patos. (AMORIM FILHO, 1978, p. 74).

Diante disso, o autor constatou e concluiu que em um raio de aproximadamente 200 quilômetros não existia nenhuma cidade com população equivalente ou maior que a população de Patos de Minas, podendo esta cidade fortalecer suas relações regionais, principalmente no sentido leste e norte, uma vez que nenhum outro centro urbano apresentava condições de se desenvolver e de se tornar a referência regional.

Na tentativa de completar sua análise referente ao enfoque das relações externas, Amorim Filho (1978) fez uma amostragem dos equipamentos existentes em Patos de Minas visando compreender melhor a intensidade e a área de influência desse centro urbano. Foram considerados, para isso, 33 equipamentos, agrupados em seis grupos, conforme o Quadro 05.

Com base nos tipos de equipamentos de relações externas, Amorim Filho (1978) realizou as seguintes observações: i) os equipamentos ligados ao meio rural possuem grande importância, cobrindo praticamente todos os setores das relações cidade/meio rural, apresentando, assim, condições de exercer ações dinamizadoras do espaço rural que envolve a cidade de Patos de Minas; e ii) a maior parte dos equipamentos de serviços públicos utilizados para a avaliação das relações externas possui suas sedes ou centros de comandos em Belo

Horizonte, reforçando o poder de polarização desse centro urbano sobre Patos de Minas e sua região.

Quadro 05 – Patos de Minas: equipamentos de relações externas (1975).

Serviços e comércio voltados para a zona rural	ACAR[1] (EMATER-MG[2])	Sindicato rural (patronal)
	CAMIG[3]	Cooperativa
	Venda de insumos	FUNRURAL[4]
	CASEMG[5]	PLANTEC[6]
	Comércio de máquinas agrícolas	RURALPLAN[7]
	Cooperativa Mista Agropecuária	
Comércio	Automóveis	Material de construção
	Eletrodomésticos	Óticas
	Atacadista de tecidos	Flora
Serviços educacionais e de assistência médico-social	Ensino superior	INPS[8]
	Merenda escolar	Delegacia de ensino
Serviços administrativos, de fiscalização e policiamento	Comarca	IBGE[9]
	Polícia Militar	Receita Federal
	Delegacia de Serviço Militar	Receita Estadual
Serviços ligados à infra-estrutura regional	DER[10]	CEMIG[11]
Outros serviços	Hotéis	Associação Médica
	Bancos	Jornais

Notas da tabela: [1]Associação de Crédito e Assistência Rural; [2]Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais; [3]Companhia Agrícola de Minas Gerais; [4]Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural; [5]Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais; [6]Planejamentos Agropecuários e Assistência Técnica; [7]Planejametno Rural S.A.; [8]Instituto Nacional de Previdência Social; [9]Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [10]Departamento de Estradas de Rodagem; [11]Centrais Elétricas de Minas Gerais.
Fonte: Adaptado de Amorim Filho (1978, p. 80).

Para identificar a importância desses equipamentos sobre a região de influência de Patos de Minas, Amorim Filho (1978) construiu uma matriz objetivando estabelecer a área de atuação dos equipamentos existentes na cidade (ver Quadro 06). Analisando essa matriz, constatou-se que existiam três níveis de intensidade de relacionamento entre a cidade e seu entorno regional, sendo o primeiro com relações muito intensas, estabelecidas entre a cidade de Patos de Minas e a área rural do município. Para o segundo nível a intensidade

das relações era classificada como intensa e constante, as quais eram estabelecidas entre a cidade de Patos de Minas e os municípios mais próximos (fronteiriços). Já o terceiro nível de intensidade de relações era classificado como regular, porém, menos intensas, estabelecidas, principalmente, com os municípios mais distantes.

Quadro 06 – Patos de Minas: matriz de relações externas (1975).

Municípios servidos / **Equipamentos**	Patos de Minas	Lagoa Formosa	Presidente Olegário	São Gonçalo do Abaeté	Lagamar	Carmo do Paranaíba	Guimarânia	Patrocínio	Vazante	João Pinheiro	Paracatu	São Gotardo	Coromandel	Arapuá	Unaí	Rio Paranaíba
ACAR	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
CAMIG	■	■	■	■	■				■							
CASEMG	■	■	■	■	■				■							
FUNRURAL	■	■	■	■												
PLANTEC	■	■	■				■	■								
RURALPAN	■	■	■					■	■				■			
Venda de insumos	■	■	■	■	■	■		■	■							
Comércio de máquinas agrícolas	■	■	■	■	■	■		■	■	■	■	■	■			■
Sindicato rural	■	■	■	■	■		■		■	■						
Cooperativa Mista Agropecuária	■	■	■	■	■		■									
Cooperativas	■	■	■	■		■	■			■						
Automóveis	■	■	■		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	
Eletrodomésticos	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■				■	■
Atacadista de tecidos	■	■	■		■	■	■	■								
Material de construção	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■			■	■
Óticas	■	■				■		■	■	■					■	
Flora	■		■	■		■		■	■	■	■		■			
Ensino superior	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Merenda escolar	■	■	■	■	■	■	■					■	■	■		■
INPS	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■			■	■	■
Delegacia de ensino	■	■	■	■	■	■	■	■				■	■	■		■
Comarca	■	■		■			■									
Receita Federal	■	■	■	■	■	■	■					■		■		■
IBGE	■	■	■	■	■	■	■	■			■	■	■		■	
Receita Estadual	■	■	■	■	■	■	■					■		■		■
Polícia Militar	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Delegacia de Serviço Militar	■	■	■	■	■		■		■							
DER	■	■	■	■	■	■								■		■
CEMIG	■	■	■			■		■			■			■		
Hotéis	■	■						■	■	■	■	■	■		■	
Associação Médica	■			■		■					■					
Jornais	■	■	■	■	■	■	■			■						
Bancos	■	■	■	■	■	■	■		■		■	■	■			

Fonte: Adaptado de Amorim Filho (1978, p. 79).

Em função desses três níveis de relações externas, Amorim Filho (1978, p. 82) afirma que:

> É preciso observar que o relacionamento do espaço que acabamos de delimitar com Patos de Minas não é sempre de dependência: as noções de "dominação" e de "polarização" nos parecem exageradas e não correspondem ao que verificamos na realidade concreta, pelo menos ao nível do relacionamento externo de cidades médias, como é o caso de Patos, no que se refere a cidades como Patrocínio (já dotada de um certo número de equipamentos de cidade média) ou como Paracatu e Unaí, que começam a ter uma parcela de autonomia e a ampliar seus próprios espaços de relações (em função da distância que as separa de Patos e de outros centros de hierarquia superior). Mesmo alguns municípios próximos – como Carmo do Paranaíba ou São Gotardo – mantém com Patos não apenas "relações de dependência", mas, sobretudo, relações de complementariedade. É por razões dessa natureza que não usamos, pelo menos ao nível das cidades pequenas e médias, as expressões já consagradas de "espaço de dominação" ou "espaço de polarização", mas, preferencialmente, "espaço de relações".

O segundo enfoque dado por Amorim Filho (1978) era a análise da estrutura interna da cidade de Patos de Minas, de acordo com a estrutura morfológico-funcional do espaço urbano. Conforme relata Amorim Filho (1978, p. 92) a análise da organização interna da cidade se justificava pela dependência que existia entre o seu relacionamento externo e a estruturação interna da cidade.

> Se se admite a relação processo-função-forma, torna-se evidente que qualquer transformação verificada em um dos três componentes vai se refletir necessariamente nos outros dois. Assim, é de se supor que uma cidade como Patos, que já tem relacionamento externo considerável, apresente em sua estrutura interna, ao mesmo tempo os reflexos e os fatores de seu nível de interação regional. (AMORIM FILHO, 1978, p. 92).

Assim, é possível afirmar que Amorim Filho (1978) admite que o desenvolvimento do espaço urbano de uma cidade média está diretamente ligado ao seu relacionamento externo com outros núcleos urbanos e que maior será o

espaço de relações de uma cidade média se esta apresentar uma estrutura urbana melhor desenvolvida, concentrando em seu espaço urbano uma grande diversidade de serviços especializados[18].

Na análise morfológico-estrutural desenvolvida por Amorim Filho (1978), o autor faz uma divisão do espaço urbano da cidade de Patos de Minas em centro, subcentro e periferia. Posteriormente, ele relaciona esses diferentes espaços com suas áreas de atuações, concluindo que a polarização desses espaços variava do nível local, passando pelo municipal, chegando até o regional. Para o nível municipal, somente as estruturas comerciais e de serviços existentes no centro da cidade conseguiam atingir tal nível. O nível regional sofria interferências de todos os espaços, sendo que o centro da cidade era o mais importante, seguido pela periferia e o subcentro, que tinham a mesma importância. O nível local recebe influências de todos os espaços, acompanhando a proporção estabelecida para o nível regional.

Por fim, nesse estudo, Amorim Filho (1978) conclui que Patos de Minas possuía uma posição geográfica privilegiada, podendo relacionar-se tanto com cidades de hierarquia superior como inferior; e também, que a cidade já apresentava estrutura urbana complexa, com presença de uma área central dotada de equipamentos que possuíam alcance regional e áreas de subcentros diversificadas.

A análise dessa publicação de Amorim Filho (1978) no contexto deste trabalho é justificada pela organização metodológica que o autor apresenta em sua obra, servindo de referência para novos estudos e para futuras proposições

[18] Essa constatação também foi feita por Pereira (2007) ao analisar a mesorregião do Norte de Minas Gerais. A autora, ao percorrer os 89 municípios que compõem essa mesorregião, constatou que os principais fluxos estão voltados para Montes Claros, que é a maior e mais importante cidade no Norte de Minas. O trabalho de França (2007) também confirma essa tese, ao analisar dois importantes subcentros da cidade de Montes Claros, cidade média norte-mineira.

metodológicas para a interpretação das cidades médias brasileiras, uma vez que, seguindo o mesmo modelo metodológico, é possível traçar uma evolução dos centros urbanos em tempos e espaços diferentes.

Nessa mesma temática, a das cidades médias, o autor publicou, em 1984, o artigo intitulado *Cidades médias e organização do espaço no Brasil*, que se tornou referência para os atuais estudos dessas cidades. Amorim Filho (1984) realizou discussões sobre a origem das preocupações com as cidades médias[19], as diferentes definições de cidade média a partir do critério populacional, as funções urbanas das cidades médias e, por fim, fez uma análise crítica do *Programa Nacional de Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio*[20].

Na parte referente aos limiares demográficos das cidades médias, Amorim Filho (1984) realizou levantamento demonstrando que existiam diferentes faixas populacionais para classificar um centro urbano como médio[21]. Diante desta diversidade de critérios, o autor concluiu que era necessário utilizar-se de outros critérios para classificar uma cidade como média, como é possível ser observado nas palavras do autor:

> [...] essa classificação no tamanho demográfico é considerada por todos os especialistas como preliminar e incompleta. A ela deve ser acrescentadas classificações hierárquicas e tipológicas fundamentadas em outros critérios como tamanho funcional, a intensidade e a qualidade das relações externas, a especialização ou diversificação econômica. É preciso dizer, todavia, que os aspectos determinantes para a caracterização da cidade média são sua posição e papel na região e no sistema urbano de que faz parte. (AMORIM FILHO, 1984, p. 10).

Com relação aos papéis urbanos das cidades médias, Amorim Filho (1984) destacou que essas cidades possuíam a função de *relais* na rede urbana que

[19] Discussão já apresentada no item 1.1.2 deste capítulo.
[20] Discussão já apresentada no item 1.2.1 deste capítulo.
[21] Em texto específico, Amorim Filho e Rigotti (2002) discutem os limiares demográficos na caracterização das cidades médias.

estavam inseridas, servindo como válvulas de desconcentração populacional das áreas muito ocupadas (grandes cidades e metrópoles). Essas cidades eram, para o autor,

> [...] pontos mais adequados à localização dos equipamentos de distribuição comercial para as regiões em que se situam, sem apresentarem os problemas de congestão de trânsito e de comunicação encontrados nas grandes cidades. Por outro lado, as cidades médias aparecem como os postos avançados de expansão do sistema socioeconômico nacional [...]. (AMORIM FILHO, 1984, p. 12).

Diante do que foi apresentado, é possível afirmar que as contribuições de Amorim Filho (1978 e 1984) são fundamentais para os atuais estudos das cidades médias brasileiras, pois os questionamentos lançados por esse autor, em seus artigos, ainda permeiam as discussões referentes a essas cidades, sendo base fundamental para as novas análises, sejam conceituais/teóricas, de proposição metodológica ou de aplicação de método para análise dessas cidades.

Outra obra importante para a compreensão das cidades médias no contexto da globalização é o artigo intitulado *Repensando as cidades médias brasileiras no contexto da globalização*, publicado no ano de 1999, por Beatriz Ribeiro Soares[22]. A autora realizou uma análise das cidades médias brasileiras, considerando os motivos das preocupações com esses centros urbanos, os desafios para a classificação e identificação das cidades para além dos critérios demográficos e, por fim, propôs indicadores a serem utilizados para a identificação dos centros urbanos médios.

Segundo Soares (1999), as preocupações e os estudos sobre as cidades médias do Brasil estavam relacionados aos seguintes aspectos:

> - lugar que essas aglomerações vêm ocupando na organização espacial brasileira, a partir da intensificação da globalização;

[22] Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

> - agravamento das relações sociais e condições de vidas nas grandes cidades;
> - frágil organização da rede urbana brasileira e suas relações socioeconômicas;
> - necessidade de rediscussão do conceito de rede e suas vinculações com a dinâmica urbana;
> - significado na articulação do território nacional tendo em vista a diversificação do setor de comércio e serviços; investimento industrial; instalação de equipamentos públicos e privados; desenvolvimento de redes de transporte e comunicação; influência regional e altos índices de qualidade de vida. (SOARES, 1999, p. 55).

Essas preocupações levaram pesquisadores e institutos de pesquisas a se envolverem na busca por critérios de classificação e identificação das cidades, visando um planejamento territorial que conseguisse contribuir para a diminuição dos problemas das cidades brasileiras, tornando as políticas públicas patrocinadas pelo Estado mais eficientes. Nesse sentido, pode-se destacar a importância dada aos papéis desempenhados pelas cidades médias na rede urbana brasileira, pois, conforme afirmam Amorim Filho (1984) e Soares (1999), essas cidades proporcionavam um maior equilíbrio interurbano, seja através da interrupção da migração em direção as metrópoles, seja através da influência econômica na organização regional das áreas que estavam inseridas.

Soares (1999), como Amorim Filho (1984), criticou a utilização dos critérios demográficos para a classificação e identificação das cidades médias, principalmente por parte das instituições oficiais[23], uma vez que aceitar somente o critério populacional para a interpretação da urbanização conduziria essas análises ao não reconhecimento da complexidade do processo de urbanização, negando, assim, as outras dimensões envolvidas, como, a econômica, a política, a social e a cultural. Assim, Soares (1999) propõe que se considerem as seguintes variáveis para a identificação das cidades médias:

[23] Para essas instituições, esse critério é mais fácil e menos complicado para utilização e aplicação.

> [...] tamanho demográfico, qualidade das relações externas, especialização e diversificação econômica, posição e sua importância na região e na rede urbana de que faz parte, organização espacial e índices de qualidade de vida; atributos que podem variar de região para região, de país para país, tendo em vista sua formação histórico/geográfica, que é diversificada segundo sua localização espacial. Desse modo, podemos dizer que as cidades médias ou intermediárias são definidas pelo lugar que ocupam não apenas na rede urbana, mas também no sistema econômico global.

Diante do apresentado, conclui-se que Soares (1999) corrobora com os estudos das cidades médias, pois destaca quais elementos devem ser considerados para a identificação dessas cidades e ressalta que as análises devem contemplar as diferenças regionais do território brasileiro de acordo com sua formação histórica e geográfica.

Outro artigo que se tornou referência para os estudos das cidades médias foi o publicado por Maria Encarnação Beltrão Sposito[24], no ano de 2001, intitulado *As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos*. O objetivo da autora com o texto era o de apresentar contribuições para a construção do conceito de cidade média, a partir de uma reflexão teórico-conceitual sobre o tema. Apesar dessa preocupação com a construção do conceito de uma expressão já consagrada nos estudos da Geografia Urbana, Sposito (2001) afirma que não pretendia construir um conceito de caráter universal, mas sim elaborar reflexões a partir de dimensões da realidade estudadas (enfoque econômico e recorte territorial paulista), limitando-se à abrangência de análise que delas emana. Em outras palavras, suas conclusões são válidas de acordo com as dimensões consideradas, podendo ser aplicadas ou não em outras áreas de diferentes formações socioespaciais, uma vez que, como também destacou Soares (1999), deve-se considerar, para o estudo dessas

[24] Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Presidente Prudente.

cidades, as diferenças regionais, para que não sejam feitas interpretações equivocadas de realidades diferentes.

Para atingir seu objetivo, Sposito (2001) estruturou seu texto em quatro partes, quais sejam: a primeira trata de uma discussão acerca da classificação ou conceituação das cidades médias; a segunda, da relação entre divisão social e territorial do trabalho, transformações na rede urbana e os papéis urbanos das cidades médias no Brasil; a terceira discute a importância da situação geográfica e do consumo para a compreensão da cidade média; e a quarta analisa o papel dos novos fluxos e das novas configurações espaciais nos estudos das cidades médias.

Na primeira parte do texto, Sposito (2001) destaca que o parâmetro mais utilizado para embasar o termo *cidade média* é o demográfico e que existem diferentes classificações dessas cidades, variando em função do período histórico e da realidade estudada. Considera, ainda, que os parâmetros demográficos são importantes para a organização dos dados de determinado período, auxiliando, assim, nas análises realizadas sobre esses espaços urbanos. Entretanto, segundo Sposito (2001),

> A adoção dessa referência serviria para a definição do que seja "cidade média". No plano da construção do pensamento, essa definição se aproximaria mais de uma noção, já que sua base de sustentação é empírica, oriunda das informações demográficas organizadas em classes e, nessa medida, pouco ajudaria na elaboração do conceito, pelo menos por duas razões, dentre muitas outras: a) não há correspondência direta entre o tamanho demográfico de uma cidade e seu papel na rede urbana [...]; b) as múltiplas formas de aglomeração urbana que se constituem, com intensidade crescente a partir da segunda metade do século XX, apresentam realidades urbanas que expressam integração do ponto de vista funcional, ainda que, no caso brasileiro, o tamanho populacional tome como base os limites municipais. (SPOSITO, 2001, p. 613-614).

Diante disso, percebe-se que Sposito (2001), como outros autores já mencionados, destaca a necessidade de utilização de outros critérios, além dos demográficos, para a construção de um conceito sobre as cidades médias. Nessa linha de raciocínio, a autora discute alguns trabalhos que se preocupavam com a problematização do termo cidade média, ressaltando que, dentre os trabalhos analisados, o papel urbano, a posição na rede e os fluxos eram os principais elementos considerados por tais autores. Assim, ela faz uma análise, na segunda parte do seu artigo, sobre a divisão territorial e social do trabalho, os reflexos dessa organização na rede urbana e os conseqüentes papéis urbanos desempenhados pelas cidades médias no sistema urbano brasileiro.

Na segunda parte do seu texto, a autora ressalta a importância da industrialização para a redefinição do espaço urbano, dos modos de vida e das formas de produção. Segundo Sposito (2001, p. 618), foi com o advento do processo de industrialização que as cidades se tornaram espaços de produção, no sentido estrito do termo, servindo de base para o crescimento da complexidade da divisão social e territorial do trabalho e para os diferentes papéis desempenhados pelo consumo da produção industrial.

Outros aspectos, como a multiplicação das funções ligadas ao abastecimento das cidades, ao armazenamento e circulação da produção, ao financiamento das atividades econômicas, bem como à ampliação dos conhecimentos técnicos e científicos que proporcionaram a reprodução capitalista, também influenciaram o processo de urbanização e se tornaram fundamentais para a análise da constituição das redes urbanas e dos papéis desempenhados pelas diferentes cidades no sistema urbano (SPOSITO, 2001, p. 618).

A rede urbana brasileira é recente e tem sua história vinculada ao período de passagem de uma economia agrário-exportadora para uma economia urbano-industrial. Essa economia propiciou o surgimento ou o fortalecimento de cidades com diferentes papéis na rede, criando uma hierarquia de cidades dentro de um mesmo sistema urbano[25], transformando, assim, o cenário urbano brasileiro. Foi com a intensificação da produção industrial, com o aumento da diversidade e da quantidade de produtos e com o aumento do consumo por parte da população que as cidades médias ganharam destaque na rede urbana brasileira, tornaram-se centros intermediários na economia, pólos de produção e distribuição de mercadorias e até mesmo barreiras para a migração das populações rumo às metrópoles – reflexo da concentração fundiária e da modernização do campo –, resultando no aumento do número de cidades e no crescimento populacional.

As transformações pelas quais passaram o território brasileiro culminaram no seguinte quadro, apresentado por Sposito (2001, p. 624-625):

> - ampliação da importância das grandes metrópoles, com o aumento dos papéis de gestão empresarial do capital, face às novas formas de internacionalização, que marcam o período denominado de globalização;
> - descentralização da atividade industrial produtiva, aumentando os papéis de muitas cidades grandes e médias, e centralização das decisões, como conseqüência da concentração dos capitais, reforçando o perfil de terciário superior das grandes metrópoles, guiando São Paulo à condição de um dos pontos da rede global de cidades;
> - crescimento do emprego informal e do desemprego, como conseqüência da flexibilização do sistema produtivo, mas também do aumento da participação da tecnologia na produção, como caminho para a diminuição dos custos em um período de crise, em que se acentua a competitividade;
> - crescimento das disparidades no interior das cidades, sobretudo das maiores, em função do aumento do custo de vida nesses centros e da diminuição do mercado de trabalho.

[25] Sposito (2001) dividiu, para fins didáticos, em três períodos a história do território brasileiro que está vinculada à formação da rede urbana. Para conhecer essa divisão, confira Sposito (2001, p. 617-625).

Na terceira parte do texto a autora discute a importância da situação geográfica para as cidades médias, uma vez que é essa característica que as identificam com a condição de médias no sistema urbano. De acordo com Sposito (2001), para uma cidade aspirar o adjetivo de média, levando em consideração sua situação geográfica, ela não deve compor áreas metropolitanas ou de aglomerações, pois essas áreas são estruturadas funcionalmente, com índices de coesão e integração significativos. Diante dessa constatação, a autora conclui que [...] “o não pertencimento a áreas urbanas de grande porte é uma das condições para que se constitua o caráter de ‘cidade média’, no sentido do conceito que se quer construir e não, apenas, da classificação demográfica.” (SPOSITO, 2001, p. 627).

O segundo elemento a ser considerado para a construção de um conceito são os papéis desempenhados pelas cidades médias em função do distanciamento dessas cidades de centros de hierarquia urbana superior. Quanto maior for a distância, maiores poderão ser os papéis urbanos desempenhados, uma vez que as cidades médias se tornarão referências regionais, polarizando o espaço de suas áreas de influências. Entretanto, o distanciamento de centros de hierarquia superior não é necessariamente, contexto favorável para a existência de cidades médias, pois o que condiciona a existência desses centros urbanos são os papéis por eles desempenhados na rede e não a ausência de cidades concorrentes no estabelecimento de relações espaciais (SPOSITO, 2001, p. 627).

O terceiro elemento a ser considerado para a elaboração de um conceito de cidade média, para Sposito (2001, p. 627-628), é o reconhecimento do papel intermediário de uma cidade média a partir da avaliação das relações estabelecidas entre essa cidade e os centros urbanos de maior e menor porte, e entre si e os espaços rurais com que mantém relações.

Tendo como base esses três elementos, Sposito (2001) afirma que o conceito de situação geográfica é essencial para o entendimento das relações (circulação de pessoas, mercadorias, informações, valores e idéias) estabelecidas com e a partir das cidades médias. Nesse sentido, a autora destaca que existe uma redefinição das relações espaciais, pois a distância de um centro ao outro não é mais fator determinante para a definição do consumo de bens e serviços[26]. Portanto, a distância de um centro urbano que concentra maior oferta de consumo de determinado tipo de bem ou serviço não é mais impedimento para o seu consumo, pois, conforme afirma Sposito (2001, p. 629),

> Essas novas possibilidades técnicas viabilizaram a constituição de relações entre uma cidade que, na condição de ponto de rede, pode se articular com outros pontos do território mais distantes, originando uma configuração do espaço de relações, marcada pela descontinuidade territorial.

Por outro lado, para o consumo de determinados bens e serviços é necessário o deslocamento dos consumidores para os centros de maior porte, tornando a distância, nesse caso, elemento importante para a definição das relações marcadas pela contigüidade territorial (SPOSITO, 2001, p. 62).

As análises elaboradas sobre a situação geográfica, distância entre os centros e relações estabelecidas levaram à seguinte conclusão da autora:

> [...] podemos concluir que as relações, com base nas quais se considera a situação geográfica de uma cidade, estão, na atualidade, medidas por duas escalas – a das distâncias espaciais e a da conectividade que as redes de transmissão de informações possibilitam – expressando a indubitável indissociação entre espaço e tempo. (SPOSITO, 2001, p. 630).

Para a análise das cidades médias e para a compreensão de como os contextos de relações ou de situações geográficas influenciam na definição dos

[26] Deve-se lembrar que a distância de centros urbanos de hierarquia superior é elemento de definição dos papéis desempenhados pelas cidades médias na rede urbana, conforme destacado anteriormente.

papéis desempenhados por essas cidades na rede urbana, considerando a contigüidade ou a conectividade, Sposito (2001, p. 631) afirma que quatro aspectos devem ser considerados, quais sejam: i) desconcentração[27] industrial das unidades de produção; ii) queda no custo, melhoria e diversificação dos sistemas de transportes e de telecomunicações; iii) formas contemporâneas de organização espacial das atividades econômicas ligadas ao comércio de bens e serviços; iv) consumo de bens e serviços especializados ligados à modernização do setor agropecuário.

A desconcentração industrial das unidades de produção dos grandes grupos empresariais se dá rumo às cidades de menor hierarquia na rede urbana, sendo essas com boa localização geográfica, com estrutura técnico-informacional eficiente e com boa qualidade de vida. As cidades médias apresentam, na maioria das vezes, condições para o recebimento desses capitais industriais e, como conseqüência, tem-se a ampliação da oferta de empregos – principalmente os mais qualificados – e da capacidade de consumo da população – principalmente a empregada nessas unidades produtivas.

Viabilizando essa desconcentração industrial, tem-se o segundo elemento considerado por Sposito (2001), que é o da queda no valor dos transportes e das telecomunicações, juntamente com o aumento da eficiência, melhoria e diversificação dos serviços prestados. Essa re-organização dos sistemas de comunicação e transporte possibilita às populações das cidades pequenas e de diferentes classes sociais terem acesso a bens e serviços mais sofisticados com custos menos elevados (SPOSITO, 2001, p. 630-631). As cidades médias tornam-se, então, centros importantes nas redes de circulação de bens e serviços, uma vez que estão localizadas nas posições intermediárias da rede

[27] A autora utilizou a palavra *deslocalização*.

urbana, estabelecendo as relações entre as cidades de maior e menor porte. Além disso, existe também a estrutura técnico-informacional presente nessas cidades, que facilita e diminui os custos das relações estabelecidas entre os centros urbanos de hierarquias diferentes. Assim, Sposito (2001, p. 632) sustenta que:

> [...] a situação geográfica favorável ao consumo (nesse caso, definido nas escalas externas à cidade – regionais, nacionais ou globais) dependerá das infra-estruturas que articulam cada cidade média a diferentes sistemas de circulação – ligados aos transportes de consumidores ou às redes de comunicação que possibilitam o consumo à distância.

O terceiro aspecto a ser considerado é o da existência de formas contemporâneas (*shopping centers*, franquias) de organização espacial das atividades econômicas ligadas ao comércio de bens e serviços nas cidades médias, pois foi através da expansão das filiais de redes de supermercados, hipermercados e lojas de departamentos que essas cidades receberam investimentos de capitais, responsáveis pela transformação das estruturas comerciais existentes e pela alteração do mercado de base, antes local, agora regional. Elementos que contribuíram para a escolha das cidades médias para implantação dessas filiais, muitas vezes de capital estrangeiro, são os investimentos mais baixos que os necessários para implantação nas metrópoles, facilidade e baixo custo de acesso a esses locais, além do mercado potencial significativo, com área de abrangência regional (SPOSITO, 2001, p. 633-634).

Por fim, o último elemento considerado por Sposito (2001) é o de consumo de bens e serviços especializados ligados à modernização do setor agropecuário. Para a autora, duas relações comerciais são estabelecidas nesse setor e são possíveis a partir das cidades médias. A primeira é a relação de proximidade física entre vendedor e comprador, que é responsável pela definição e

configuração de uma região contínua sob o domínio de uma cidade média. Por outro lado, têm-se as relações comerciais resultantes das modernas formas de comunicação, que são cada vez mais utilizadas para a aquisição de bens e serviços especializados, evidenciando, assim, o aumento das relações não definidas pela proximidade, ou seja, não há contato físico entre vendedor e comprador e sim uma transação comercial intermediada por algum meio de comunicação, seja ele a internet ou o telefone (SPOSITO, 2001, p. 634). Diante disso, a autora afirma que:

> Assim, muitas vezes, os negócios são realizados, a partir de "cidades médias", que são ou foram local de moradia dos proprietários que se reproduzem capitalisticamente, a partir da ampliação de suas terras e de seus negócios nessas áreas de expansão. (SPOSITO, 2001, p. 634-635).

Os aspectos apresentados levam à diversificação dos fluxos existentes em uma cidade média, redefinindo a importância dos papéis desempenhados por essas cidades na rede urbana, resultando em uma crescente complexidade das configurações espaciais (SPOSITO, 2001, p. 636).

Essa realidade de diversificação de fluxos e de complexidade das configurações espaciais[28], quando analisada pelo ponto de vista do consumo, permite concluir que essas cidades desempenham papéis importantes na rede, pois populações de cidades menores ou de áreas rurais deslocam-se até tais centros urbanos para consumirem determinados bens e serviços, criando, assim, áreas de influência marcadas pela continuidade territorial (SPOSITO, 2001, p. 637). Tem-se também, para a mesma área, fluxos resultantes do consumo a distância de bens e serviços, responsáveis pela ampliação dos papéis urbanos das cidades médias, possibilitando a essas cidades competirem com outros centros de mesma hierarquia ou superior, oferecendo produtos mais sofisticados

[28] Refere-se à quarta parte do texto de Sposito (2001).

e com preços mais acessíveis, do que os comercializados nas cidades menores. Esse consumo a distância, segundo Sposito (2001, p. 637), gera [...] “um espaço que se organiza em redes estruturadas pelos múltiplos fluxos possíveis desenhados pela comunicação via satélite”.

E ainda completa:

> Essas redes podem reforçar relações que já haviam se estabelecido em períodos técnico-informacionais anteriores, constituindo a rede urbana organizada hierarquicamente, mas podem, também, subverter a ordem-tamanho dessa rede urbana, já que as relações de concorrência ou complementaridade podem se dar entre cidades de mesma importância. Num caso ou no outro, a configuração em múltiplas *redes* é conformada com *descontinuidade territorial*. (Grifos da autora) (SPOSITO, 2001, p. 637).

Deve-se considerar ainda, na análise da diversificação dos fluxos, os eixos de circulação de mercadorias, os pontos fixos no território (rodovias, ferrovias, aeroportos, terminais de cargas), responsáveis pela organização da rede de circulação e que contribuem para a fluidez territorial (SPOSITO, 2001, p. 638).

Considerando, assim, todos esses aspectos referentes à quarta parte de seu texto, Sposito (2001) afirma que as cidades médias ultrapassam a escala regional de relações, principalmente por terem sido beneficiadas pelas estratégias de desconcentração das atividades industriais e por serem pólos intermediários no armazenamento e distribuição de produtos.

Após essas palavras sobre o trabalho de Sposito (2001), percebe-se, então, a importância da análise das cidades médias a partir das relações por elas estabelecidas, seja com seu entorno rural, com as cidades pequenas ou com as grandes cidades. As análises dos fluxos das relações de produção e de consumo são elementos que não podem faltar no estudo dessas relações, pois são esses

elementos que permitem caracterizar a situação urbana das cidades classificadas como médias.

Assim, as contribuições de Sposito (2001), como a de Soares (1999), Amorim Filho (1978,1984), Andrade e Lodder (1979), entre outros autores, foram fundamentais para o avanço dos estudos das cidades médias brasileiras, pois servem de baliza para futuros estudos, principalmente aqueles que pretendem analisar as cidades médias e propor metodologias de estudos para tais centros urbanos.

1.3. Cidades médias: estudos e metodologias estrangeiras

Nessa parte, serão analisados dois projetos estrangeiros de estudos das cidades médias, sendo o primeiro, intitulado *Monitoreo de ciudades intermedias*, pertencente à Organização das Nações Unidas (ONU) e o segundo, intitulado *Ciudades intermedias y urbanización mundial*, da União Internacional dos Arquitetos.

Apesar da escolha por esses trabalhos ter sido justificada na introdução da dissertação, é necessário deixar claro que existem outras experiências internacionais para os estudos das cidades médias. Farias et al (1998) constrói uma metodologia para medir qualidade de vida em cidades médias chilenas a partir de dimensões, variáveis e indicadores sobre essas cidades. As seguintes dimensões e variáveis foram adotadas pelos autores[29]: natural (topografia, clima, água, esgoto e contaminação dos recursos naturais), social (moradia, saúde e alimentação, educação, ocupação da população, infra-estrutura) econômica (uso do solo, valor do uso do solo), comunicação (telefonia,

[29] Para conhecimento detalhado da metodologia proposta, confira Farias et al (1998).

comunicação periódica), recreação e cultura (espaços livres, espaços fechados, espaços culturais) e equipamentos comunitários (de serviço público, infra-estrutura educacional, infra-estrutura em saúde).

Benavides, Manzano e Mendoza (2003) elaboram uma metodologia para a análise das cidades médias da Bolívia, considerando a gestão urbana para um desenvolvimento sustentável dessas cidades. Sobre sua metodologia, os autores apontam que:

> Metodológicamente el estudio estará al diseño y aplicación de un modelo para identificación de ciudades intermedias que utilizará un análisis de carácter funcional en la identificación de ciudades intermedias que finalmente derivará en un conjunto de sugerencias o recomendaciones de la gestión urbana. (BENAVIDES, MANZANO e MENDOZA, 2003, p. 10).

Os autores propõem, então, a análise das cidades considerando as seguintes variáveis: populacional, fluxos, desenvolvimento econômico, desenvolvimento humano, bem-estar social, organização espacial e estrutura geográfica da cidade, mobilidade da população, indicadores de gestão urbana e nível organizacional[30] (BENAVIDES, MANZANO e MENDOZA, 2003).

O projeto intitulado *Profiles of Medium Sized Cities in the Baltic Sea Region*, coordenado por Groth (2005) é outra experiência de estudo sobre as cidades médias, nesse caso específico daquelas situadas no noroeste da Europa, na região do mar Báltico. Foram analisadas cidades da Alemanha (uma), Dinamarca (três), Suécia (duas), Finlândia (três), Rússia (quatro), Estônia (uma), Letônia (três) e Polônia (uma), considerando as dimensões econômica, demográfica, social, natural, política e cultural[31].

É diante dessa diversidade de estudos e metodologias que envolve as cidades médias que serão apresentadas e discutidas as propostas dos projetos

[30] Para conhecimento detalhado da metodologia, confira Benavides, Manzano e Mendoza (2003).
[31] Para conhecimento detalhado da metodologia, confira Groth (2005).

Monitoreo de ciudades intermedias e *Ciudades intermedias y urbanización mundial*.

1.3.1. O projeto *Monitoreo de ciudades intermedias*

O projeto intitulado *Monitoreo de ciudades intermedias*, publicado no ano de 2003, em forma de documento-texto, sob o título *Intermediación urbana: ciudades de América Latina en su entorno*, foi elaborado e executado pelo *Programa de Gestão Urbana*, da *Coordenação Regional para América Latina e Caribe*, pertencente ao *Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos*, que é uma subdivisão do *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*. Contou, também, com a participação do *Instituto de Investigação sobre o Meio Ambiente Construído*, hoje, *Laboratório de Sociologia Urbana da Escola Politécnica Federal de Lausanne* e com o financiamento da *Cooperação Suíça para o Desenvolvimento*.

Esse projeto é uma referência importante para os estudos das cidades médias, pois tem como objetivo principal discutir as funções e os potenciais de desenvolvimento das cidades médias da América Latina, propondo, para isso, uma metodologia de monitoramento dessas cidades, contribuindo, sobremaneira, para os estudos desses centros urbanos. Diante disso, os objetivos específicos do projeto são:

> - Contribuir a la construcción del conocimiento sobre la noción de intermediación desde la visión regional, identificando la existencia de diferentes “tipos de ciudades intermedias” y detectando las ventajas y debilidades comparativas que dichas ciudades presentan para su desarrollo en el marco territorial de referencia: rural y diferentes escalas de las redes urbanas (micro regional, nacional, internacional);
> - Elaborar una metodología de monitoreo de ciudades intermedias para la puesta en marcha de observatorios participativos locales como una fuente permanente de información para la ciudad.

> Dichas informaciones constituyen elementos fundamentales para la toma de decisiones en materia de gestión urbana y la definición e implementación de políticas públicas de desarrollo urbano, y socioeconómicas en un marco de gobernabilidad participativa. (BOLAY et al, 2003, p. 07).

Para conseguir responder os objetivos propostos, o projeto utiliza em sua base conceitual o termo *intermediação urbana* (*intermediación urbana*), que segundo os autores do documento, consiste em analisar as cidades a partir das relações estabelecidas com seu entorno (BOLAY et al, 2003, p. 02). Nesse sentido, os autores afirmam que:

> [...] el concepto de intermediación contempla un espectro amplio y diverso de ciudades, las cuales juegan un papel determinante entre las zonas rurales y las redes urbanas, representando un polo motor tanto en el ámbito económico (centros de transacción entre las actividades rurales y los servicios comerciales y administrativos de tipo urbano), como a nivel socio-demográfico (zonas de asentamiento para inmigrantes de origen rural e de otros centros urbanos). (BOLAY et al, 2003, p. 02).

Nessa linha de análise, o projeto é estruturado sobre uma visão multidimensional da cidade média, que consiste na análise dessas cidades abordando as dimensões urbanística, socioeconômica, ambiental, cultural, político-institucional, de infra-estrutura e serviços coletivos (BOLAY et al, 2003, p. 03).

A partir disso, as cidades médias podem ser definidas a partir de três critérios, quais sejam:

> - La extensión demográfica, con grandes variaciones de un país a otro (como de un autor a otro), pero con una noción de “talla critica” a partir de la cual la organización de la ciudad se “vuelve más compleja”.
> - La oferta en servicios, equipamientos y actividades que permite, por una parte, acoger a poblaciones migrantes de origen rural, y por otra parte, asegura a la región cercana servicios necesarios al desarrollo económico, social y cultural.
> - La localización territorial de la ciudad intermedia, que le otorga un rol motor determinante en la animación regional y la

> intermediación con las otras escalas de la red urbana. (BOLAY et al, 2003, p. 04).

Segundo Bolay et al (2003), esses critérios permitem uma diferenciação entre *ciudad mediana* e *ciudad intermedia*, sendo a primeira definida em função de critérios quantitativos (tamanho populacional, extensão territorial, densidade de ocupação territorial e imobiliária) e a segunda em função das relações estabelecidas entre a cidade e seu entorno, através das dimensões econômicas, sociais, culturais e políticas. No Brasil não existe uma diferenciação metodológica clara entre *cidade média* e *cidade intermediária*, sendo, em muitos dos estudos, expressões utilizadas como sinônimos. Em alguns casos, a expressão *cidade de porte médio*, remete-se ao tamanho demográfico da cidade, entretanto, em outros, remete-se àquelas cidades que possuem importância intermediária na hierarquia urbana do país[32].

Partindo da diferenciação entre *ciudad mediana* e *ciudad intermedia* e dos objetivos propostos para a pesquisa, foram traçadas, pela coordenação do projeto, quatro questões centrais (problemática) para a análise das cidades médias, quais sejam:

> - ¿Cuáles son las dimensiones que permiten identificar una ciudad intermedia, sobre las pueda construirse una tipología de dicha escala de la red urbana?
> - ¿Cuáles pueden ser los criterios que permiten determinar de manera objetiva las características de cada ciudad investigada?
> - ¿De qué manera los actores urbanos integran los elementos de intermediación observados en la ciudad en su estrategia de desarrollo?
> - ¿En qué medida los instrumentos utilizados por los actores urbanos permitem una planificación y gestión urbana adecuadas? ¿Cómo podemos conjuntamente mejorarlos y complementarlos para facilitarles la comprensión, el monitoreo, la planificación y la gestión de sus actividades urbanas en un marco de desarrollo sostenible relacionado con su entorno. (BOLAY et al, 2003, p. 10).

[32] Para saber mais sobre o assunto, confira: Santos (1988a e 1996), Soares (1999), Soares (2005) e Sposito (2001).

Essas quatro questões, somadas às características particulares das diferentes regiões onde essas cidades estão inseridas – fruto da formação histórico-geográfica diferenciada – e à diversidade de situações locais e regionais desses espaços, levaram os autores do projeto, baseados em um conjunto de características semelhantes, a criarem uma classificação tipológica para as cidades médias da América Latina, com dez diferentes tipos de cidades, conforme o Quadro 07.

É necessário lembrar que, apesar da construção de uma proposta de classificação tipológica ampla para as cidades médias da América Latina, essa não deve ser encarada como a única forma possível de classificar tais cidades, uma vez que podem existir, em realidades peculiares, características que extrapolarão o proposto nesse projeto, não sendo possível ser classificada de acordo com esse modelo. Esse aspecto é um desafio para os pesquisadores das cidades médias, sejam elas brasileiras ou não, pois as diversidades regionais dificultam a criação de modelos de identificação, classificação e interpretação de tais cidades.

Embora haja a variação regional e as características peculiares de algumas cidades médias, tipologias, como a proposta por Bolay et al (2003) contribuem, sobremaneira, para os estudos dessas cidades, pois servem como balizadores para as futuras pesquisas, evitando que os pesquisadores percorram os mesmos caminhos e cometam os mesmo erros, podendo, assim, avançar nos estudos e nas proposições metodológicas.

Quadro 07 – América Latina: classificação tipológica das cidades médias.

Tipos	Criterios
Mercado regional	La ciudad juega un papel motor de producción y de intercambio de bienes y servicios en el marco económico de comercio local y regional.
Centro de servicios	La ciudad ofrece una serie de servicios públicos (centro de salud, escuelas superiores, etc.) y privados (bancos, comercios, centros recreativos, etc.) para la colectividad urbana y las poblaciones vecinas.
Capital regional	La ciudad abarca las distintas instituciones políticas y administrativas de niveles provincial y nacional para un territorio dado.
Polo económico	La ciudad desarrolla una estrategia concertada a nivel nacional e internacional de centro de producción industrial y de comercialización a gran escala. Invierte en las infraestructuras necesarias.
Centro turístico	La ciudad aprovecha de sus ventajas comparativas (localización, recursos naturales, patrimonio histórico, cultura, etc.) para promover actividades ligadas con el turismo nacional y/o internacional.
Nudo de comunicación	La ciudad juega, por su localización estratégica y a través del desarrollo de infraestructuras adaptadas, un papel motor en el intercambio de personas, bienes e informaciones en las 3 escalas de intermediación.
Periferia metropolitana	El desarrollo de la ciudad es incluido en una dinámica superior ligada directamente a su integración a una zona metropolitana y/o a una red urbana a nivel nacional y/o internacional.
Interfase nacional/internacional	La ubicación geográfica de la ciudad (zona fronteriza, litoral, ciudades-estados, etc.) y su estrategia de desarrollo (zonas francas, maquiladoras, turismo internacional) le otorga un papel predominante de relacionamiento con lógicas internacionales.
Miembro de una conurbación	El desarrollo de la ciudad depende de su integración a un conjunto que se relaciona con otro nivel de la armadura urbana. Sus habitantes sin embargo comparten el sentimiento de pertenecer a una mista comunidad diferenciada.
Mancomunidad de ciudades	Constituido por un grupo de pequeñas ciudades aledañas en una región, ejerciendo entre ellas una influencia mutua.

Fonte: Bolay et al (2003, p. 12).

De acordo com os objetivos propostos, com a problemática do projeto e com a classificação tipológica das cidades, oito hipóteses foram lançadas para

entender o papel das cidades médias na rede urbana. As hipóteses da pesquisa são:

> - Las ciudades intermedias se definen básica y principalmente por sus funciones frente a un entorno territorial y humano de referencia (lo regional, lo nacional y lo internacional) y no únicamente por sus características demográficas y morfológicas (tamaño físico y densidad).
> - El concepto de intermediación contempla un espectro amplio y diverso de ciudades. A partir de la determinación de algunas variables chaves, podremos enunciar una forma tentativa de tipología de ciudades intermedias (incluyendo sus especificidades – la multidimensión de la intermediación – y la amplitud de esta interacción).
> - Las ciudades juegan un papel determinante entre las zonas rurales y las redes urbanas, representando un polo motor tanto a nivel económico como socio-demográfico. En el ámbito económico, las ciudades intermedias son centros de transacción entre las actividades rurales y los servicios comerciales y administrativos do tipo urbano. Al nivel socio-demográfico, las ciudades intermedias representan zonas de asentamientos para inmigrantes de origen rural en vías de urbanización.
> - Las ciudades intermedias configuran, en el marco de las redes urbanas, un espacio particular en el cual encontramos una solidaridad entre actores locales (de tipo social, institucional y político) frente a agentes externos (representantes del Estado nacional o de las grandes empresas nacionales o internacionales), que facilita la consolidación de una identidad propia y la definición de estrategias de concertación en el manejo de la ciudad (gobernabilidad local).
> - Las ciudades intermedias engendran tipos de conflictos sociales y políticos distintos de los encontrados en las grandes metrópolis: están relacionados, por una parte, (fenómeno más reciente), a un eventual rol competitivo que pueden jugar frente a las metrópolis, en el marco de la globalización mundial de la economía. Los conflictos metropolitanos en cambio, están mas directamente ligados a la alta segregación económica, social y territorial que caracteriza esas urbes.
> - Por sus especificidades sociales y urbanísticas, las ciudades intermedias representan un entorno privilegiado para la definición y la puesta en marcha de una planificación regional sostenible ligando el crecimiento urbano, el equilibrio territorial y una dinámica positiva de relacionamiento rural-urbano.
> - La participación activa (socio-política y técnica) de todos los actores, incluidos los más desfavorecidos, es indispensable en todo "proyecto urbano". La creación e implementación de abordajes metodológicos innovadores son indispensables para garantizar la construcción de espacios reales de concertación y negociación que permitan satisfacer las aspiraciones de todos los sectores.

> - Frente a las escalas superiores de la red urbana, las ciudades intermedias pueden poner énfasis sobre ciertas ventajas comparativas, pero padecen también de ciertas debilidades que deben superar para volverse competitivas (BOLAY et al, 2003, p. 13).

Na busca por uma comprovação ou negação das hipóteses da pesquisa, os autores do projeto estabeleceram um modelo de caracterização das cidades médias, considerando, para isso, algumas dimensões do espaço urbano e suas respectivas variáveis e indicadores. As dimensões analisadas são: demográfica, econômica, político-institucional, ambiental, social, cultural, de serviços e equipamentos e de gestão do território. Essas dimensões, segundo Bolay et al (2003, p. 14), compõem o campo de referência no qual serão identificadas as variáveis e os indicadores, os quais permitirão medir a importância das cidades médias na rede urbana a partir das interações entre as diferentes dimensões analisadas. As variáveis das dimensões, a serem analisadas a partir dos seus indicadores, transformam-se em elementos fundamentais para a compreensão do fenômeno de intermediação urbana, pois, conforme afirmam Bolay et al (2003, p. 15), essas variáveis são "*criterios sectoriales de identificación de las intermediación* que permiten desagregar una dimensión global en sus distintas características claves para la compresión del fenómeno" (grifos dos autores).

Já os indicadores referentes às variáveis são entendidos como:

> Índices que permiten evaluar la amplitud de una variable en una dimensión específica de la intermediación. Dichos índices se obtienen a partir de fuentes de información y de métodos de recolección de datos, que podrán ser de naturaleza cuantitativa o cualitativa. (BOLAY et al, 2003, p. 15).

As dimensões, as variáveis e os indicadores utilizados no projeto permitiram a construção de um esquema de análise que possibilita avaliar e interpretar o

papel das cidades médias na rede urbana em que se inserem. Esse esquema pode ser observado no Quadro 08.

Bolay et al (2003) também consideraram as dimensões social e cultural na análise das cidades médias, entretanto, não listaram variáveis e indicadores para essas dimensões, devido, principalmente, à dificuldade de se trabalhar com informações subjetivas. Apesar disso, os autores fizeram a caracterização dessas duas dimensões (ver Quadro 09), por entenderem que para uma análise completa dessas cidades é necessário considerá-las.

Quadro 08 – Esquema de análise das cidades médias.

Dimensión	Descripción	Variables	Indicadores
Demográfica	Abarca toda la dinámica poblacional de una ciudad, teniendo en cuenta tanto la fertilidad natural e una población como los flujos migratorios de individuos entre zonas rurales y zonas urbanas o entre ciudades.	Crecimiento demográfico global	- Cantidad de población (desagregación por edad y por sexo). - Evolución en el tiempo. - Tasa de crecimiento anual.
		Flujos migratorios	- Número de inmigrantes y de emigrantes. - Evolución en el tiempo. - Tasa de crecimiento anual.
		Orígenes y destinos	- Regiones nacionales y extranjeras de: procedencia y destino.
Económica	Relativa a todas las actividades de producción y de intercambio de bienes y servicios, como también al marco regulador en el cual se inscriben.	Sectores económicos	- Repartición sectorial (primaria, secundaria, terciaria): por masa producida y por personas activas en el sector.
		Crecimiento económico global y sectorializado	- Evolución en el tiempo y por sector: por sector y por valor financiero.
		Mercado de importación y de exportación (zonas y productos)	- Origen y destino de los bienes y servicios importados y exportados: por zona geográfica y por valor financiero. - Importancia relativa en el producto interno de la ciudad.
		Estrategias de desarrollo económico de la ciudad	- Lineamientos de políticas económicas. - Estructuras de promoción económica. - Actores involucrados en el proceso. - Actualización.

Continuação do Quadro 08.

Político-institucional	Involucra tanto las estructuras políticas, administrativas y técnicas representativas de los distintos poderes públicos (local, provincial, nacional), la producción de normas y reglas promulgadas por estas instancias, como las relaciones entre esas representaciones y los grupos organizados de la sociedad.	Instituciones locales, instituciones regionales, instituciones nacionales, instituciones supranacionales activas en la ciudad	- Identificación de las instituciones políticas y administrativas. - Evaluación de su actuación.
		Marco legal y reglamentario	- Descriptivo de los textos de referencia relativo a: funciones oficiales de la ciudad en el marco local, regional, nacional. - Organización de las relaciones entre la ciudad y los niveles superiores de la estructura jerárquica política.
		Vida pública (partidos, etc.)	- Identificación de los organismos representativos de la vida pública. - Identificación de los puntos de consenso y do conflicto entre actores. - Formas de resolución de los problemas urbanos entre actores.
Servicios y equipamientos	Identifica las infraestructuras y equipamientos realizados en el marco de una determinada política pública definida por autoridades competentes (en asociación o sin asociación con organismos de la sociedad) y puestos a disposición de una comunidad humana bajo la forma de servicios a la colectividad (destinados a la población urbana y exterior).	Infraestructuras y equipamientos por sectores	- Censo de las infraestructuras y equipamientos urbanos de ámbito local y supra-local.
		Nivel y calidad de cobertura (frente a necesidades y demandas sociales)	- Evaluación de la calidad de la oferta (fiabilidad, modernidad, sofisticación, mantenimiento, costo). - Evaluación de la amplitud del nivel de cobertura (general o por sectores geográficos).
		Servicios (modos de organización y de gestión, público, mixto, privado, etc.)	- Identificación de los servicios de la colectividad. - Modos de gestión: administración pública, empresas públicas autónomas, empresas mistas, empresas subordinadas, empresas privadas. - Identificación de los usuarios (locales y extra-urbanos).

Continuação do Quadro 08.

Medio-ambiental	Relativo al abastecimiento, uso, tratamiento y evacuación de recursos naturales en relación directa con el tejido construido urbano; en términos de política, de gestión y de impacto (ecológico, social, económico) tanto en los lugares de origen, a nivel local de transformación, como a través de sus efectos a un nivel supra-urbano.	Infraestructuras urbanas medioambientales	- Identificación de las infraestructuras y servicios medioambientales existentes y previstos (agua, desechos, aire, suelo).
		Origen e importancia del uso urbano de los distintos recursos naturales	- Localización de las regiones de abastecimiento. - Cuantificación del uso.
		Degradación medioambiental	- Causas y mayores formas de contaminación medioambiental.
		Impacto urbano y extra-urbano de la contaminación de los recursos naturales y del tejido construido	- Efectos de la contaminación urbana: al nivel de los individuos, al nivel de la producción económica, al nivel del patrimonio construido, al nivel de la atractividad de la ciudad. - Impacto directo o indirecto en las regiones de abastecimiento y las zonas exteriores afectadas por la contaminación.
Gestión del territorio	Formalmente, se trata de la definición por normas y reglas, y de su aplicación por planes, de la organización racional y sectorizada del uso del espacio físico, a través del reconocimiento de diferentes actividades humanas, en un marco predefinido sobre un territorio de referencia. A esta visión formal deben agregarse los modos "informales" de ocupación de porciones de dicho territorio. Los conflictos entre esas lógicas "tecnocráticas" y "comunitarias" implican una redefinición de la coherencia de la gestión territorial, a través de modos de concertación entre los actores involucrados en los procesos.	Método de planeación	- Resultados obtenidos en materia de planeación. - Amplitud de la planeación (sectorial, intersectorial, global). - Métodos de previsión, de manejo de la información, de aplicación y de toma de decisiones.
		Instrumentos de concepción y seguimientos de la gestión territorial	- Instrumento utilizados (recursos humanos, equipamientos, organización, etc.).
		Coordinaciones inter-actores	- Identificación de los actores involucrados. - Compromisos entre actores. - Modos de colaboración. - Puntos de convergencia e divergencia.
		Espacios de referencia (limites urbanos, micro-regional, provincial, nacional)	- Delimitación de los espacios cubiertos por la planeación urbana de manera global y sectorial (local, regional, nacional).

Fonte: Adaptado de Bolay et al (2003, p. 15-18).

Quadro 09 – Dimensões para análise das cidades médias.

Dimensión	Descripción
Social	Relativo a las dinámicas sociales de relación entre los residentes urbanos y otros grupos de población exteriores a las urbes estudiadas.
Cultural	Identifica las distintas formas de expresión que caracterizan una ciudad, a partir de influencias endógenas o exógenas presentes o pasadas.

Fonte: Bolay et al (2003, p. 16).

Por fim, após a análise das dimensões via variáveis e indicadores, Bolay et al (2003) definem e descrevem três escalas de relações que podem ser estabelecidas pelas cidades médias (regional, nacional e internacional), conforme o Quadro 10.

Quadro 10 – Escalas de intermediação das cidades.

Escala	Descripción
Escala regional	Se trata de las relaciones establecidas entre una ciudad y su entorno directo (hinterland), entendidas tanto: al nivel social, como una población tejiendo lazos complejos e intensos entre lo rural y lo urbano; al nivel económico, como un sector de producción y de comercialización agropecuario, fabril y de servicios que relaciona la economía rural y la economía urbana; al nivel territorial e infraestructural, como un conjunto espacial organizado por una sociedad humana a fin de valorizar su ocupación y extender relaciones sociales y económicas; y al nivel político-institucional.
Escala nacional	Se trata de las relaciones establecidas entre una ciudad y el territorio nacional, a través de su integración a redes urbanas y sus relaciones con las distintas regiones que constituyen este espacio de referencia, en el marco de las diferentes dimensiones de la intermediación.
Escala internacional	Se trata de las relaciones establecidas entre una ciudad y el resto del mundo, de manera autónoma y proactiva, o en el marco de una estrategia superior (usualmente de nivel nacional), dándole un rol específico ligado directamente a lógicas mundiales, favoreciendo o afectando el desarrollo de dicha ciudad.

Fonte: Bolay et al (2003, p. 19).

Após a construção do modelo de análise das cidades médias, o projeto selecionou quatros cidades da América Latina para a aplicação e avaliação das hipóteses da pesquisa. As cidades escolhidas foram: Camilo Aldao na Argentina,

Maranguape no Brasil, Manta e Cuenca no Equador[33]. Os eixos selecionados para as análises, em cada uma das cidades, estão representados no Quadro 11.

Quadro 11 – Eixos de análises das cidades selecionadas.

Ciudad	Ejes seleccionados para el análisis de la intermediación
Camilo Aldao Argentina	- Mercado regional de la producción agropecuaria y la microempresa. - Centro promotor de la Cultura y Educación. - Red ambiental de reciclaje de residuos sólidos domiciliares.
Maranguape Brasil	- Comunicaciones y flujos diarios de personas (origen y destino). - Sectores de actividad económica.
Manta Ecuador	- Sectores de actividad económica. - Turismo.
Cuenca Ecuador	- Turismo. - Creación de empleos y generación de ingresos. - Sistema de información para el desarrollo.

Fonte: Bolay et al (2003, p. 21).

Segundo os autores:

> [...] el estudio se realizó en relación con 3 ejes estratégicos, analizados en sus diferentes dimensiones y variables. Las análisis son muy diferentes entre sí, no sólo porque cada ciudad responde a características tipológicas particulares, sino también por las modalidades particulares de apropiación de los lineamientos metodológicos generales de la investigación y la diversidad de los actores locales implicados en cada caso. Las diferencias reflejan el mismo tiempo las múltiples percepciones del fenómeno de intermediación. (BOLAY et al, 2003, p. 21).

A utilização de diversificados eixos de análises para cidades de diferentes países torna-se um problema metodológico do projeto, uma vez que seria mais fácil estabelecer comparações entre os papéis desempenhados por essas cidades na rede urbana que pertencem se fossem considerados os mesmos critérios. Tendo como base a realidade urbana brasileira e sabendo que o critério demográfico não deve possuir peso significativo em uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias, outro fator que pode ser considerado problemático no desenvolvimento desse projeto foi a escolha de

[33] A explicação do processo de escolhas das cidades encontra-se no anexo 01 desse trabalho.

cidades com grandes diferenças populacionais, uma vez que enquanto a cidade de Camilo Aldao possuía 5.302 habitantes na área urbana, a cidade de Cuenca possuía 297.924 habitantes – 56,19 vezes maior que Camilo Aldao. Essa diferença populacional já se torna significativa, principalmente do ponto de vista da estruturação do espaço interno da cidade, pois uma cidade com população urbana maior possuirá equipamentos diferenciados daqueles existentes em cidades com populações muito pequenas, podendo, assim, influenciar diretamente no seu grau de polarização regional.

Apesar de considerar a diferença demográfica um problema metodológico do projeto, deve-se lembrar que o importante para a análise de uma cidade média é o papel por ela desempenhado na rede urbana em que se insere e não o seu tamanho demográfico. Entretanto, desconsiderar totalmente o tamanho demográfico é uma decisão que pode comprometer as análises de uma pesquisa, principalmente para o estabelecimento de comparações entre cidades. Dessa forma, analisando a primeira hipótese da pesquisa, já apresentada anteriormente, – que era: *Las ciudades intermedias se definen básica y principalmente por sus funciones frente a un entorno territorial y humano de referencia (lo regional, lo nacional y lo internacional) y no únicamente por sus características demográficas y morfológicas (tamaño físico y densidad)* – os autores fazem a seguinte ressalva:

> La segunda observación se refiere a las características demográficas y espaciales propias de cada ciudad. Tal vez ha sido un poco ligero declarar que estas dimensiones eran secundarias. Hecho el estudio de 4 ciudades en particular, muy diferentes unas de otras, cada una representativa de un elemento de una tipología urbana general, es posible decir que, si bien es evidente que la intermediación debe analizarse a través de las funciones que juega cada una de estas ciudades, es verdad también que las iniciativas dependerán del “poder demográfico y territorial” propio de cada ciudad. Hay funciones que dependerán directamente del tamaño de la población, hay otras que se reproducirán sean cuales fueren

> la capacidades de la ciudad. Esta misma forma de relativizar puede aplicarse en el plano espacial. Según la localización y las características geográficas de cada ciudad, aparecen obstáculos o facilidades para su desarrollo exógeno. (BOLAY et al, 2003, p. 88).

Assim, percebe-se a importância de considerar os aspectos demográficos e espaciais na análise das cidades médias, uma vez que as funções dessas cidades podem variar em função desses dois elementos.

Após a implantação do projeto, do levantamento de dados referente às cidades estudadas e da avaliação das hipóteses da pesquisa, os autores concluem o documento referente ao projeto com algumas recomendações, nas palavras dos autores, “a favor das cidades médias”, sendo as duas principais, na perspectiva do avanço teórico-metodológico dos estudos das cidades médias:

> - La “ciudad intermedia” debe ser comprendida por todos como un fenómeno polimorfo que da sentido a dinámicas de intercambios puestos en marcha entre actores urbanos y sus asociados del exterior. Las diferentes dimensiones que lo constituyen y las diferentes escalas de intervención bases para definir una tipología, dan sentido a “funcionalidades urbanas” difíciles de comprender. Esta complejidad implica que se lleven a cabo investigaciones científicas rigurosas con el fin de fijar la extensión, pero también los límites del fenómeno teniendo en cuenta su anclaje espacial, socio-económico y político-histórico.
> - La investigación sobre el concepto de “ciudad intermedia” debe extenderse puesto que pocos trabajos hasta hoy tan intentado superar una visión estrictamente descriptiva del fenómeno, reducido generalmente a sus dimensiones territoriales y demográficas, sin que sean explotadas sus capacidades para proveer datos objetivos en la elaboración de diagnósticos razonados y la preparación de una planificación que incluya las extremidades de la dinámica urbana. (BOLAY et al, 2003, p. 95).

Diante do que foi apresentado, percebe-se a importância de construir uma proposta metodológica que considera critérios demográficos, espaciais, econômicos e socioculturais, pois o papel de uma cidade na rede urbana só pode ser compreendido se forem feitas análises considerando todos eles elementos. Apesar do projeto *Monitoreo de Ciudades Intermedias* apresentar problemas

quanto à sua execução, sua proposta metodológica é a que abrange o maior número de variáveis, possibilitando, resultados mais completos e complexos em relação às cidades médias.

1.3.2. O programa *Ciudades Intermedias y Urbanización Mundial*

Ciudades Intermedias y Urbanización Mundial[34] é um programa internacional de trabalho desenvolvido pela *União Internacional dos Arquitetos* (UIA) em parceria com o *Ajuntament de Lleid*, que teve seu início durante o *XIX Congresso da União Internacional dos Arquitetos*, realizado em Barcelona, no ano de 1996, sendo que a coordenação geral é de Josep M. Llop Torné, diretor dos serviços urbanos do *Ajuntament de Lleida*, e a direção técnica de responsabilidade de Carme Bellet Sanfeliu, professora do *Departamento de Geografia e Sociologia da Universidade de Lleida*.

Esse programa é, atualmente, uma referência internacional para os estudos das cidades médias, pois além de abranger 95 cidades de mais de 30 países diferentes[35], tem como proposta principal discutir o papel das cidades médias no contexto da urbanização mundial, considerando, para isso, as diferentes realidades socioespaciais das áreas onde se inserem essas cidades. Diante disso, os objetivos do programa são:

> - Obrir un camp de debat i treball específic sobre les ciutats intermédies.
> - Reflexionar sobre el paper que l'aquitectura i l'urbanisme han de jugar en aquestes ciutats i en marc d'urbanització mundial.
> - Establir un marc de cooperació i intercanvi d'informació a nivell mundial basat en l'intercanvi d'experiències, informació, criteris

[34] A sigla referente ao programa, segundo os autores dos textos utilizados é: CIMES. Entretanto, algumas vezes essa sigla é utilizada como sinônimo da expressão "cidade média". Para conhecer mais sobre o programa e seus documentos oficiais, acesse o site: <www.paeria.es/cimes>.

[35] Foram estudadas 95 cidades, distribuídas da seguinte forma: 45 na América Latina, 28 na Europa, 12 na Ásia e 10 na África. Para saber mais, confira Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2003).

> tècnics i metodologies entre els seus membres. (LLOP TORNÉ e BELLET SANFELIU, 1999a, p. 02).

Para alcançar os objetivos propostos, Llop Torné e Bellet Sanfeliu (2000) destacaram quatro características gerais que os auxiliaram na definição do conceito de cidade média. Nas palavras dos autores, essas cidades são:

> - Son centros servidores de bienes y servicios más o menos especializados para la población del mismo municipio y de otros municipios (asentamientos urbanos y rurales), más o menos cercanos, sobre los que ejerce cierta influencia.
> - Son centros de interacción social, económica y cultural, el corazón económico de amplias áreas rurales en las ciudades del Tercer Mundo.
> - Son asentamientos ligados a redes de infraestructuras que conectan las redes locales, regionales y nacionales y algunas, incluso, con fácil acceso a las internacionales (como en el caso de las ciudades medias de las periferias metropolitanas). Son nodos que articulan flujos, puntos nodales, de referencia y de acceso a otros niveles de la red.
> - Son centros que suelen alojar niveles de la administración de gobierno local, regional y subnacionales a través de los cuales se canalizan las demandas y necesidades de amplias capas de la población. La descentralización administrativa y gubernamental a estos niveles, a estas escalas, lleva consigo una mejor comprensión del medio sobre el cual desarrollar proyectos y medidas más acordes con la realidad y necesidades de dicho medio. (LLOP TORNÉ e BELLET SANFELIU, 2000, p. 341-342).

Outras características complementares, referentes à escala das cidades médias em relação às cidades maiores, foram destacadas e definem as cidades como sendo: i) centros urbanos mais equilibrados e sustentáveis, ou seja, essas cidades estabelecem relações mais harmônicas com seu território; ii) são centros mais facilmente governáveis, com a possibilidade de maior participação popular nas decisões oficiais, e de investimentos públicos nos campos sociais e culturais, propiciando, assim, maior qualidade de vida para a população; iii) centros que apresentam menores conflitos sociais, com maior facilidade de criação de elos entre os habitantes e a cidade, criando, assim, uma identidade própria para cada

cidade; iv) centros com problemas ambientais em escalas menores, principalmente se comparado com as grandes cidades, resultando em uma qualidade de vida melhor (LLOP TORNÉ e BELLET SANFELIU, 2000).

Na busca por atingir os objetivos propostos, a equipe responsável pelo programa construiu um modelo de análise das cidades médias, contendo critérios quantitativos (demográficos e territoriais) e qualitativos (funções). O primeiro critério adotado foi o demográfico, definindo uma faixa populacional para as cidades médias, que segundo UIA (1998), era de 20.000 a 2.000.000 de habitantes. Outros critérios também foram considerados, como a função das cidades na rede, a não participação em áreas de conurbação urbana e a órgãos administrativos dos diferentes níveis (local, regional, estadual, nacional (UIA, 1998).

Segundo UIA (1998), o modelo de análise das cidades médias proposto pelo programa é generalista e se justifica pela dificuldade de construir um modelo único de interpretação considerando a diversidade urbana mundial, uma vez que formulações específicas e complexas dificultariam o desenvolvimento do programa e exigiria um grande esforço por parte dos envolvidos. Na tentativa de analisar as cidades médias do mundo, UIA (1998) considerou as seguintes variáveis (ver Quadro 12):

Quadro 12 – Esquema de análise das cidades médias.

Variables	Indicadores
Tamaño y forma de la ciudad	- Determinación de un "radio" medido en kilómetros, de una circunferencia que inscriba a un 70% aproximadamente de la población urbana (municipal). Para determinar la escala y distancia al centro urbano, dibujado sobre un plano. - Determinación de una "línea" medida en kilómetros, como la recta que puede unir los puntos más extremos del núcleo urbano consolidado de cada ciudad (distancia entre edificación no superior a los 200 metros). Para determinar una longitud física de esa ciudad, dibujado sobre el mismo plano anterior. - Establecimiento de las "cotas" altimétricas o topográficas, aproximadas, en cada kilometro de la anterior línea recta con la finalidad de ver un "perfil" de la planta urbana de la ciudad, dibujado sobre el mismo plano anterior.
Tamaño y densidad de la ciudad	- Indicación de las superficies urbana y rural medidas en hectáreas. - Indicación de la población urbana y rural en nº de habitantes. - Densidades brutas en nº habitantes por hectáreas, urbana o rural.
Ciudad y su "hinterland" urbano	- Radio influencia en kilómetros. - Municipios incluidos en su área de influencia y su población total. - Distancia a las dos ciudades más grandes y cercanas - población de las ciudades grandes cercanas.
Red de servicios – infraestructuras	- Indicación del % de superficie urbana con redes de agua potable, de saneamiento, de desguace de residuales, alumbrado público y red de eléctrica, sobre la superficie total de la zona urbana. Estos datos pueden ser muy aproximados. - Limpieza de calles: diaria, semanal. - Recogida de basuras (volumen diario, semanal o mensual). - Recogida selectiva de basuras. - Tratamiento de basuras/reciclaje.
Infraestructuras territoriales	- Aeropuerto más cercano. - Existencia de estación de ferrocarril.
Red de espacios libres y zonas verdes	- Indicación del % de superficie urbana que no esta destinada a la edificación, porque es una zona verde u otros espacios libres (vialidad, cursos de agua), sobre el total de la zona urbana. Este dato puede ser muy aproximado.
Niveles de equipamiento urbano	- Socioculturales: universidades (si puede ser nº de estudiantes), nº bibliotecas públicas, nº centros de enseñanza secundaria, nº pabellones deportivos públicos cubiertos. - Sanidad: hospitales generales (nº de camas), centros básicos de salud o asistencia primaria. - Otras dotaciones y equipamientos: mercados públicos.
Gobierno	- Tipos administraciones territoriales que aloja la ciudad (local, regional-federal, nacional). - Número de concejales municipales.
Tipo de ciudad media/intermedia	¿En qué grupo situarías tu ciudad? - Ciudades medianas en la periferia de las grandes metrópolis. - Ciudades aisladas, pequeños centros "metropolitanos" y polos urbanos en áreas rurales (centros territoriales). - Ciudades conectadas, insertas en redes de intercambios económicos activos, sea porque son una encrucijada en las redes de transporte de gran velocidad, sea porque forman parte de una red regional urbana. - Otros (a especificar).

Continuação do Quadro 12.

Actividad económica	- Actividad económica dominante. - Estructura del empleo en %: sector primario, secundario y terciario. - Índice de paro.
La vivienda	- Nº total viviendas. - Características generales (% aproximado de infravivienda, barraquismo, chabolismo). - Nº aproximado de personas sin hogar/familias sin hogar. - % vivienda sin agua /sin luz.
Monumentos o edificios más representativos de la ciudad	- Nombre, descripción, usos que aloja, fecha construcción.
Proyectos urbanos más importantes realizados en los últimos 10 años	- Proyectos urbanos más importantes realizados en los últimos 10 años. - Proyectos más importantes en realización o a realizar.

Fonte: Adaptado de UIA (1998, p. 13-14).

A partir dessas variáveis e do recebimento das informações das cidades estudadas, a equipe executora do programa elaborou documentos sínteses[36] sobre os perfis das cidades médias.

Com relação ao tamanho demográfico das cidades analisadas, Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2003) constataram que, em média, as cidades possuíam aproximadamente 384.000 habitantes, sendo que a população das cidades pesquisadas variava de menos de 140.000 a mais de 640.000 mil habitantes e que, quanto maior o número populacional das cidades, maior suas dimensões (áreas) urbanas (ver Tabela 08).

Tabela 08 – Programa CIMES: dimensões médias das cidades médias (2003).

Tamanho demográfico	Nº de cidades	Total de habitantes	Área urbana (Ha)	Área rural (Ha)
Menos de 140.000	39	85.014	2.528	65.982
De 140.000 a 390.000	31	248.555	7.041	174.804
De 390.000 a 640.000	9	506.026	8.680	44.099
Mais de 640.000	16	1.312.177	18.403	92.925
Média		384.946	7.558	105.671

Fonte: Adaptado de Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2003, p. 41).

[36] Essas informações estão disponíveis na íntegra em: Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2003, p. 23-38), Llop Torné e Bellet Sanfeliu (2000a) e Torné e Bellet Sanfeliu (1999, p.69-70).

Considerando as dimensões, tamanho demográfico e territorial (área), e os dados levantados sobre as cidades, os responsáveis pelo programa criaram uma tipologia: i) cidades médias de pequena dimensão; ii) cidades médias de dimensões medianas; e, iii) cidades médias de grandes dimensões.

Segundo Llop Torné e Bellet Sanfeliu (2000a, p. 02), esses três tipos de cidades possuem as seguintes características:

> - Las ciudades intermedias de pequeña dimensión: con un radio de 1,2 km (1/4 hora), una distancia máxima entre los puntos más alejados del núcleo urbano consolidado de 3,8 km, unos 50.000 habitantes de media y unas 1.030 hectáreas de suelo.
> - Las ciudades intermedias con una dimensión mediana: con un radio de 2,6 km (3/4 hora), una distancia máxima entre los puntos más alejados del núcleo consolidado de 8,3 km, unos 200.000 habitantes y unas 4.502 hectáreas de suelo.
> - Las ciudades intermedias de gran dimensión: con un radio de 8,2 km (2 horas), una distancia máxima entre los puntos más alejados del núcleo urbano de 16,5 km, unos 1.300.000 habitantes y 20.270 hectáreas de suelo. Estas pueden en muchos casos tener características de conurbación metropolitana más o menos consolidada.

Com relação à área de influência das cidades médias, constatou-se que elas atuam em um raio de aproximadamente 50 quilômetros, sendo que para as de grandes dimensões esse raio pode ser superior a 150 quilômetros. Associado ao raio de atuação está o volume populacional envolvido pela cidade, que é, em média, 2,5 vezes maior que a população da cidade polarizadora (LLOP TORNÉ e BELLET SANFELIU, 2000a). É necessário destacar que algumas cidades médias extrapolam os limites apresentados em determinados ramos de atividades econômicas, possuindo raios de atuação superiores a 1.000 quilômetros.

Elementos importantes vinculados à delimitação das áreas de influência das cidades médias são os setores de transporte e comunicações, responsáveis pela fluidez do território, e, conseqüentemente, pela definição dos papéis urbanos das cidades na rede urbana em que estão inseridas. Essas cidades, diante desse

contexto, servem como pontos de fixação dos responsáveis pela fluidez das informações e mercadorias, ou seja, são nessas cidades que estão instaladas as estruturas responsáveis por dar funcionalidades a determinados tipos de serviços, atendendo, assim, as cidades de menores portes que não as possuem, como exemplo, aeroporto, empresas de transportes logísticos, serviços especializados de saúde, entre outros.

A dimensão socioeconômica das cidades médias foi outra característica analisada pelo programa. A distribuição da população segundo os setores de atividades econômicas seguem a tendência mundial, que é de concentração de população no setor terciário. Para as cidades médias pesquisadas, esses índices variam de 50% a 60% da população total, conforme afirmaram Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2003). Já os equipamentos e serviços urbanos existentes nessas cidades são responsáveis por atender a população municipal e toda sua área de influência, principalmente para aquelas cidades que possuem um papel regional expressivo na rede urbana. Nesse sentido, Llop Torné e Bellet Sanfeliu, (2000a), afirmam que:

> Los niveles de equipamiento y servicios urbanos son temas importantes en las ciudades de estas escalas ya que ello conlleva el ofrecer una mayor calidad de vida para el ciudadano. El rol espacial de estas ciudades y su papel en el equilibrio territorial está buena parte relacionado con la capacidad de estos centros de ofrecer un mínimo de servicios y equipamientos a la población. (LLOP TORNÉ e BELLET SANFELIU, 2000a, p. 03).

A qualidade de vida foi outro indicador analisado pelo programa, apresentando a seguinte conclusão: as cidades médias que estão em contextos territoriais menos desfavorecidos apresentam os maiores problemas, entretanto, na média, essas cidades apresentam bons indicadores, transformando-se, assim, em cidades referências para aqueles que querem fugir dos problemas urbanos das grandes cidades.

Diante do que foi apresentado sobre o programa *Ciudades Intermedias y Urbanización Mundial*, sobre os seus objetivos e a metodologia de estudo proposta, pode-se concluir que tal programa contribui para os estudos das cidades médias, uma vez que propõe análises dessas cidades a partir de variáveis que consideram aspectos não só quantitativos, mas também qualitativos. É válido ressaltar que, em função de ser um programa internacional, ele não se propõe fazer uma análise específica das cidades, mas sim análises gerais, sem se preocupar com as particularidades de cada núcleo urbano.

Apesar da sua contribuição de ordem metodológica para caracterização e análise dessas cidades, o programa não aprofunda na discussão do conceito de cidade média, apoiando-se nas mesmas noções gerais utilizadas pela maioria dos pesquisadores desses centros urbanos.

Após a análise de todos esses trabalhos, conclui-se que as proposições metodológicas analisadas não conseguem dar conta de toda a complexidade do processo de urbanização e dos papéis que as cidades médias possuem frente a esse quadro urbano mundial. Entretanto, algumas propostas são mais completas, o que permite se aproximar mais dos reais papéis das cidades médias na rede urbana. Analisar todos os elementos que envolvem uma cidade é tarefa difícil, necessita de tempo, capital humano e financeiro, além de amadurecimento intelectual para a proposição de dimensões, variáveis e indicadores de análise do espaço urbano e da rede urbana. Sabendo dessa complexidade, o pesquisador deve escolher o caminho a ser percorrido e realizar suas análises de acordo com seus objetivos e metodologia da pesquisa. Nessa pesquisa isso não é diferente, pois entre os diversos caminhos existentes para se pesquisar uma cidade média, foi escolhido como proposição metodológica a ser seguida para a análise da cidade de Uberlândia (MG) a metodologia proposta por Sposito et al (2006). A

apresentação da metodologia seguida e os resultados obtidos estão presentes no próximo capítulo desta dissertação.

Capítulo 2

Uberlândia: que cidade média é essa?

Neste capítulo discute-se a metodologia apresentada por Sposito et al (2006) para o estudo das cidades médias brasileiras. A partir dessa metodologia proposta pelas autoras, foi realizado o trabalho de campo da pesquisa, permitindo tecer análises sobre a cidade de Uberlândia, enquanto uma cidade média.

2.1. Discutindo a metodologia utilizada

Dentre as metodologias utilizadas para os estudos das cidades médias, uma foi escolhida para a realização desse trabalho e está publicada em forma de texto no artigo intitulado *O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica*, de autoria de cinco pesquisadoras[1] brasileiras de diferentes

[1] O texto foi publicado nos anais do V Seminário Internacional de Estudos Urbanos, realizado em Belo Horizonte, no ano de 2006, sob a autoria de Maria Encarnação Beltrão Sposito (UNESP), Denise Elias (UEC), Beatriz Ribeiro Soares (UFU), Doralice Sátyro Maia (UFPB) e Edvânia Tôrres Aguiar Gomes (UFPE). Segundo as autoras, esse texto é resultado de um "trabalho coletivo desenvolvido por um grupo de pesquisadores (Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias – ReCiMe) que vem refletindo sobre as especificidades do fato urbano, no período contemporâneo,

universidades do país. A proposta metodologia apresentada pelas autoras foi elaborada primeiramente para o projeto de pesquisa intitulado *Cidades médias brasileiras, agentes econômicos, reestruturação urbana e regional*, submetido ao edital PROCAD (Programa de Cooperação Acadêmica) da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior) no ano de 2005. O projeto foi aprovado no mérito, mas não recebeu recursos financeiros para a realização da pesquisa. No ano de 2006, pesquisadores de diferentes universidades que compõem a Rede ReCiMe, tiveram propostas de pesquisas aprovadas pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), o que possibilitará a investigação científica a partir da utilização dessa metodologia (SPOSITO et al, 2006, p. 02).

As autoras se propõem, com a publicação desse artigo, trilhar um caminho metodológico para as pesquisas com as cidades médias, oferecendo elementos para o entendimento dos papéis desempenhados por essas cidades na rede urbana, possibilitando, assim, uma comparação entre centros urbanos diferentes. Para atingir o objetivo proposto, as autoras privilegiam, na proposição da metodologia, as dimensões econômicas e sociais e afirmam que:

> [...] a dimensão privilegiada na análise é a econômica, seguida da dimensão social, considerando-se as repercussões relativas ao aprofundamento das desigualdades socioespaciais. Isso não significa que outras dimensões como a política, a cultural e a ambiental não pudessem ser analisadas ou não merecessem ser eleitas para uma pesquisa. Nossa escolha recai sobre o enfoque econômico, por dois fatores: - a grande importância que os determinantes dessa natureza têm tido nas alterações mais recentes relativas aos papéis que desempenham as cidades médias brasileiras; - a identidade e familiaridade da maior parte dos pesquisadores da equipe com o tratamento dessa dimensão. (SPOSITO et al, 2006, p. 02).

---

tomando como referência as cidades médias". Esse texto também está publicado no livro intitulado *Cidades médias: espaços em transição*, organizado por Sposito (2007).

Com isso, a dimensão privilegiada na pesquisa de campo dessa dissertação também será a econômica, uma vez que, entende-se que essa dimensão é a responsável pelo atual quadro urbano da cidade de Uberlândia[2].

Antes da proposição dos procedimentos a serem seguidos para o desenvolvimento da pesquisa, as autoras realizaram uma discussão teórica sobre as diferentes dimensões que envolvem as cidades médias, passando pelos processos, dinâmicas e variáveis responsáveis pelas atuais mudanças nessas cidades, para chegar, por fim, a uma proposta metodológica.

A contigüidade e a conectividade do território é uma das dimensões gerais consideradas por Sposito et al (2006) para a análise das cidades médias, uma vez que, sob a ótica do consumo de mercadorias, as noções de espaço e tempo transformaram-se, principalmente em função da crescente importância dos meios de telecomunicações, que tem gerado alterações na forma de deslocamento de pessoas e mercadorias (SPOSITO et al, 2006, p. 03). Essa dimensão está diretamente vinculada à importância que as cidades médias possuem regionalmente, pois houve uma reorientação na forma de consumo dessas cidades, alterando, assim, suas funções na rede urbana em que se inserem. Diante disso, Santos e Silveira (2001) e Santos (2005) afirmam que as cidades médias são, na atualidade, espaços do trabalho intelectualizado, lugar onde se obtêm informações necessárias à atividade econômica. O papel reservado a elas na rede urbana brasileira é o de ser intérpretes da técnica – em função de sua intelectualização – empregada na produção material, industrial e agrícola. Dessa forma, Santos e Silveira (2001, p. 281) definem que:

[2] Sobre a importância do poder político na redefinição do papel urbano da cidade de Uberlândia, confira Soares (1995 e 1997). Para saber mais sobre a importância dos indicadores econômicos para a cidade de Uberlândia, confira Bacelar (2003), Bessa (2001, 2004, 2005), Camacho (2004), Soares (1997) e Soares et al (2004).

> [...] as cidades médias têm como papel o suprimento imediato e próximo da informação requerida pelas atividades agrícolas e desse modo se constituem em intérpretes da técnica e do mundo. Em muitos casos, a atividade urbana acaba sendo claramente especializada, graças às suas relações próximas e necessárias com a produção regional.

As idéias de Santos e Silveira (2001) permitem afirmar que as cidades médias são centros especializados na rede urbana – especialmente ligados à técnica e à ciência – sendo provedoras de suporte de ensino e pesquisa científica ligada às atividades agrícolas e, em alguns casos, comandando os aspectos técnicos da produção regional. Com relação aos meios de produção[3], Sposito (2001) e Sposito et al (2006) afirmam que a distribuição de produtos industriais foi mais importante para a redefinição dos papéis das cidades médias na rede urbana brasileira do que a produção industrial (unidades produtivas), transformando essas cidades, conforme Santos (1988), em lugares onde há respostas para níveis de demanda de consumo mais elevados. Isso significa que as cidades médias já atendem algumas demandas (produção e consumo) na rede urbana brasileira que antes só eram atendidas pelas grandes cidades e metrópoles, como serviço de saúde especializado, mão-de-obra qualificada, desenvolvimento tecnológico, entre outras atividades.

De acordo com esse "novo" perfil[4] das cidades médias brasileiras, Arroyo (2006) afirma que:

---

[3] Outra dimensão considerada pelas autoras para a análise das cidades médias.

[4] Considerando as mudanças nos papéis desempenhados pelas cidades médias na rede urbana brasileira, as autoras sugerem pesquisas considerando os seguintes objetivos: i) avaliar a natureza das mudanças (qualidade dos fenômenos, eventos, dinâmicas e processos) que alteram os papéis das cidades médias e a posição delas na divisão econômica e territorial do trabalho, na escala nacional e/ou internacional; ii) verificar a dimensão dessas mudanças em relação às permanências (quantidade e proporção relativa dos fenômenos, eventos, dinâmicas e processos), mensurando a força dos novos vetores que alteram a produção do espaço e o uso do território; iii) estudar a ocorrência geográfica das transformações (particularidades e singularidades territoriais), valorizando-se a realização de estudos comparativos que ofereçam elementos para observar se está ocorrendo minimização ou reforço de disparidades regionais, a partir das novas lógicas

> É na encruzilhada da circulação, das redes, dos fluxos que as cidades crescem ou se estancam. É, através de sua capacidade de criar condições de fluidez e porosidade territorial, que elas conseguem ser ponto de confluência de diversos circuitos produtivos. É todo esse movimento, por sua vez, que lhes outorga uma vida de relações intensa. Não necessariamente esses atributos são exclusivos das metrópoles ou das grandes cidades, ao contrário, podem ser encontrados nas cidades médias, inclusive, tornando-se um elemento de diferenciação entre elas. (ARROYO, 2006, p. 81-82).

Entres os processos que redefinem papéis desempenhados pelas cidades em uma rede urbana hierarquizada, Sposito et al (2006) destacam, para a análise dos papéis das cidades médias, os seguintes processos: i) a concentração e centralização econômica; ii) os sistemas de transporte e comunicações; iii) as formas contemporâneas de organização espacial das atividades econômicas ligadas ao comércio de bens e serviços; iv) consumo de bens especializados ligados à modernização do setor agropecuário[5].

De acordo com os processos considerados para a análise das cidades médias, foram selecionadas quatro dinâmicas responsáveis pelas alterações nos papéis dessas cidades, quais sejam: i) difusão da agricultura científica e do agronegócio; ii) desconcentração da produção industrial; iii) difusão do comércio e dos serviços especializados; e iv) aprofundamento das desigualdades socioespaciais.

A difusão da agricultura científica e do agronegócio redefine os papéis desempenhados pelas cidades inseridas nas áreas de expansão agrícola – principalmente em função dos avanços científicos e tecnológicos promovidos

---

territoriais que se estabelecem e redefinem a divisão regional do trabalho no país; iv) verificar quando ocorrem, em cada cidade e região, tais mudanças (períodos, sincronias e diacronias), de modo a notar as relações entre temporalidades e especialidades dos fenômenos, eventos, dinâmicas e processos e, igualmente, obter elementos para comparações mais qualificadas. (SPOSITO et al, 2006, p. 06-07).

[5] A discussão detalhada desses processos está presente em: Sposito (2001), Sposito et al (2006) e no capítulo 1 deste trabalho.

pelas instituições de pesquisa, o que possibilita o uso agrícola de áreas do cerrado e do semi-árido brasileiro – causando, assim, impactos socioespaciais tanto no campo quanto nas cidades. Esses impactos geram uma reestruturação do território e uma reorganização do sistema urbano brasileiro, deixando-o cada vez mais complexo (SPOSITO et al, 2006). Nesse contexto, Elias (2006, p. 281) afirma que:

> Torna-se, assim, imprescindível à compreensão da reprodução do espaço urbano considerar a expansão dos espaços urbanos resultantes da reestruturação produtiva da agropecuária. Esta seria uma das vertentes de se pensar as cidades médias, uma vez que a reestruturação produtiva da agropecuária brasileira tem promovido profundas transformações à produção e ao espaço agrário, com significativos impactos territoriais e sociais, inviabilizando que se continue a utilizar os esquemas clássicos para pensar a urbanização e as cidades no Brasil, uma vez que se dilui, cada vez mais, a velha dicotomia cidade-campo, construindo-se uma unidade dialética entre esses dois espaços.

A autora ainda completa:

> A reestruturação produtiva da agropecuária brasileira está entre os processos que promovem o aprofundamento da divisão social e territorial do trabalho, contribuindo para uma total remodelação do território e a organização de um novo sistema urbano. As novas relações entre a cidade e o campo, impostas pela agricultura científica globalizada, representam um papel fundamental para a expansão da urbanização e para o crescimento das cidades médias e locais, fortalecendo-as em termos demográficos e econômicos. (ELIAS, 2006, p. 289).

Percebe-se, assim, a importância de se considerar as dinâmicas espaciais ligadas ao agronegócio e a agricultura científica para a compreensão dos papéis desempenhados pelas cidades médias na rede urbana, uma vez que transformações recentes no território e, conseqüentemente, na rede urbana brasileira são frutos dessas dinâmicas originadas no campo.

A desconcentração da produção industrial, segunda dinâmica considerada por Sposito et al (2006), relaciona-se com o abandono das formas de produção

fordista e implementação de formas de produção flexível pelas unidades produtivas industriais, o que gera, como resultado desse processo, uma reorientação do território, com a separação territorial entre os centros de produção e os centros de comando e gestão das atividades econômicas e produtivas. Nesse contexto, as metrópoles permanecem como centros de comando da economia nacional, sediando os escritórios centrais das grandes empresas, e as cidades médias continuam sendo espaços potenciais para a instalação de unidades de produção industrial, uma vez que os custos de produção nessas cidades são menores que nas grandes metrópoles, seja pelo preço da terra, da força de trabalho ou pela qualidade de vida. Assim, Arroyo (2006) afirma que:

> Justamente, as cidades médias vinculadas à instalação de uma agricultura científica globalizada intensificam sua vida de relações, como decorrência de uma atividade econômica que as transforma em um ponto da topologia de grandes empresas, impondo novos ritmos e novas exigências a seu cotidiano. Quanto maior número de circuitos produtivos e círculos de cooperação atravessam a cidade, mais ela precisa atender a suas redes técnicas – de transporte e de comunicação – para garantir uma circulação adequada às novas demandas. Cabe, entretanto, observar que embora essas cidades médias se diferenciem por serem mais dinâmicas e complexas, raramente elas tem o papel de comando. Na realidade, sua área de ação política é reduzida, pois são as metrópoles, como sede das grandes empresas, que exercem um maior controle territorial. (ARROYO, 2006, p. 82-83).

Entretanto, apesar das cidades médias não possuírem papéis de comando no sistema econômico do país, o processo de desconcentração espacial das unidades produtivas altera, significativamente, os papéis urbanos dessas cidades, pois, conforme citado anteriormente, essas cidades tornam-se referências regionais para o consumo de bens e serviços especializados.

A terceira dinâmica considerada por Sposito et al (2006) para o estudo das cidades médias é a difusão do comércio e dos serviços especializados. A difusão

de atividades especializadas ligadas ao setor terciário da economia está ligada à descentralização espacial do capital, que ocorre no Brasil mais intensamente após a década de 1980, quando setores da economia passaram a atuar além dos limites das metrópoles e das capitais estaduais, ampliando seus mercados consumidores. Essa expansão teve como principal foco as cidades menores, capazes de polarizar mercados consumidores regionais, alterando, assim, as formas de consumo e estruturação urbana das cidades envolvidas (SPOSITO et al, 2006).

Todavia, as cidades médias não são somente espaços onde há a presença de desenvolvimento tecnológico e econômico e de bons indicadores de qualidade de vida, mas também são espaços das desigualdades socioespaciais. Sabendo disso, Sposito et al (2006) destacam a quarta dinâmica a ser considerada nos estudos das cidades médias: aprofundamento das desigualdades socioespaciais. É necessário lembrar que essas cidades não são redutos de prosperidades, livres dos problemas urbanos, mas sim centros com os problemas intrínsecos do desenvolvimento urbano, entretanto com papéis diferenciados na rede.

Após discutir os processos e as dinâmicas a serem considerados para o estudo das cidades médias, a autoras apresentaram as cidades escolhidas[6] para a realização da pesquisa[7], argumentando que a escolha desses núcleos urbanos se deu em função da possibilidade de realização de missões de estudos por parte dos pesquisadores que compõem a Rede ReCiMe. Em função de não ter existido

---

[6] As cidades escolhidas, segundo Sposito (2006, p. 25), são: Anápolis (GO), Campina Grande (PB), Itajaí (SC), Londrina (PR), Marília (SP), Mossoró (RN), Passo Fundo (RG), Petrolina (PE), Presidente Prudente (SP), São José do Rio Preto (SP) e Uberlândia (MG).

[7] A metodologia apresentada por Sposito et al (2006) nesse artigo refere-se a metodologia do projeto de pesquisa intitulado *Cidades médias brasileiras: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional*, que foi aprovado pelo CNPq no Edital Casadinho, no ano de 2007, coordenado pelas professoras Denise Elias, da Universidade Estadual do Ceará e Maria Encarnação Beltrão Sposito, da UNESP de Presidente Prudente. Para saber mais sobre os objetivos do Edital Casadinho do CNPq, confira a seção de editais do site <www.cnpq.br>.

um critério técnico-científico para a escolha das cidades integrantes do projeto, a equipe executora priorizará às análises da pesquisa[8] por recortes temáticos, que estão vinculados as áreas de especialização dos pesquisadores envolvidos, quais sejam: i) redefinições regionais; ii) áreas ou eixos de desenvolvimento econômico; iii) reestruturação urbana e reestruturação regional; iv) modernização da agricultura; v) setor terciário, novas tecnologias e reengenharias territoriais; vi) concentração econômica e desconcentração territorial; vii) desigualdades socioespaciais e processos de planejamento urbano.

Com relação ao desenvolvimento da pesquisa, as autoras afirmam que:

> [...] lembremos que se trata de uma pesquisa que pretende ver identidades, mas também diferenças, entre cidades médias brasileiras, razão pela qual as equipes de campo e seus coordenadores poderão e deverão tratar com atenção o que é peculiar a cada uma delas, buscando apreender as particularidades e singularidades da tendência geral de redefinição dos papéis de cidades médias brasileiras, a partir de uma nova divisão territorial do trabalho, no período atual. (SPOSITO et al, 2006, p. 25-26).

Diante disso, as autoras delinearam um grupo de questões[9] que serviram de referência para a definição das variáveis a serem pesquisadas, que de acordo com Sposito et al (2006, p. 30), proporcionará:

> [...] conhecer melhor as dinâmicas de estruturação urbana das cidades escolhidas e, ao mesmo tempo, compará-las entre si; avaliar seus diferentes níveis de determinações decorrentes da atuação de novos agentes econômicos; elaborar o pensamento com base não apenas em recortes territoriais, mas também a partir das articulações entre diferentes unidades espaciais (escala geográfica), verificando os fluxos que articulam as cidades escolhidas aos espaços regionais, nacionais e supranacionais.

[8] A década de 1980 é o marco temporal para a realização da pesquisa.
[9] Questões disponíveis no Anexo 02.

Neste caso, Sposito et al (2006, p. 30-32) elegeram as seguintes variáveis para a análise das cidades médias:

> *Eixo I: Ramos de atividades econômicas representativas da atuação dos novos agentes econômicos*
> - grandes equipamentos industriais e/ou de tecnologia avançada;
> - supermercados e hipermercados;
> - serviços de saúde especializados;
> - ensino superior, com destaque para a pós-graduação;
> - empresas (comércio e serviços) associadas à agricultura científica e ao agronegócio;
> - rede bancária e financeira;
> - empresas de consultoria;
> - redes e filiais de venda de eletrodomésticos e eletrônicos;
> - empresas do setor imobiliário;
>
> *Eixo II: Dinâmica populacional e mercado de trabalho*
> - evolução da população total, urbana e rural;
> - migração (campo-cidade; de mão-de-obra especializada da cidade maior para a cidade menor);
> - distribuição do emprego formal, segundo os diferentes setores da economia;
> - evolução da PEA;
> - evolução do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).
>
> *Eixo III: Equipamentos e infra-estruturas*
> - shopping centers;
> - aeroportos;
> - terminais intermodais;
> - rodovias de acesso;
> - hotéis de alto padrão;
> - distritos industriais modernos;
> - espaços fixos e transitórios para a realização de eventos (festas, feiras, convenções).
>
> *Eixo IV: Condições da moradia*
> - favelas e áreas de risco;
> - loteamentos irregulares e clandestinos;
> - programas habitacionais de interesse social públicos e não governamentais;
> - loteamentos e condomínios fechados;
> - intervenções do mercado imobiliário de locação;
> - uso residencial e diversificado nas áreas centrais associado à verticalização;
> - déficit habitacional: co-habitação, improvisação e uso de materiais rústicos;
> - condições inadequadas de moradia: densidade excessiva, irregularidade fundiária, carência de infra-estrutura e de instalações sanitárias no domicílio;

> - interfaces entre a questão habitacional e os conflitos de uso do solo, problemas de mobilidade, precariedade das redes de infra-estrutura, acessibilidade do deficiente aos equipamentos sociais e serviços urbanos;
> - políticas públicas habitacionais nas diferentes esferas de governo;
> - processos de planejamento urbano e habitacional;
> - instrumentos de gestão do solo. (Grifos das autoras).

De acordo com a metodologia proposta por Sposito et al (2006), foi realizada a pesquisa sobre a cidade de Uberlândia, entretanto, algumas adaptações foram feitas para contemplar os objetivos dessa dissertação, principalmente em relação aos dados referentes às condições sociais da população residente nessa cidade. Seguem-se na próxima seção desse trabalho os resultados conseguidos e suas discussões.

2.2. Uberlândia: que cidade média é essa?

A cidade de Uberlândia está localizada na porção oeste do estado de Minas Gerais, na mesorregião geográfica do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba[10] (ver Mapa 02), que possui uma área total de 90.558,90 quilômetros quadrados. Essa mesorregião possuía, no ano 2000, segundo o Censo Demográfico do IBGE, 1.869.886 pessoas habitando sua extensão territorial, o que representava 10,45% da população total do estado de Minas Gerais e 1,1% da população total do país. Para esse mesmo ano, a população urbana do Brasil correspondia a 137.953.959 pessoas, a do estado de Minas Gerais a 14.671.828 (10,63% do total do país) e a da mesorregião do Triângulo Mineiro a 1.665.587 pessoas

[10] A presente pesquisa considera a organização político-administrativa proposta pelo IBGE, que divide o estado de Minas Gerais em 12 mesorregiões geográficas, dentre as quais está a do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, localizada na parte oeste do estado. Assim, sempre que se referir ao Triângulo Mineiro considere a mesorregião supracitada.

(1,2% do total do país e 11,35% do total do estado). Esses dados demonstram que a taxa de urbanização do Triângulo Mineiro, para os anos de 1991 e 2000, sempre foi superior à do estado e à do país, conforme pode ser observado na Tabela 09.

Mapa 02 – Uberlândia: localização da cidade (2007).

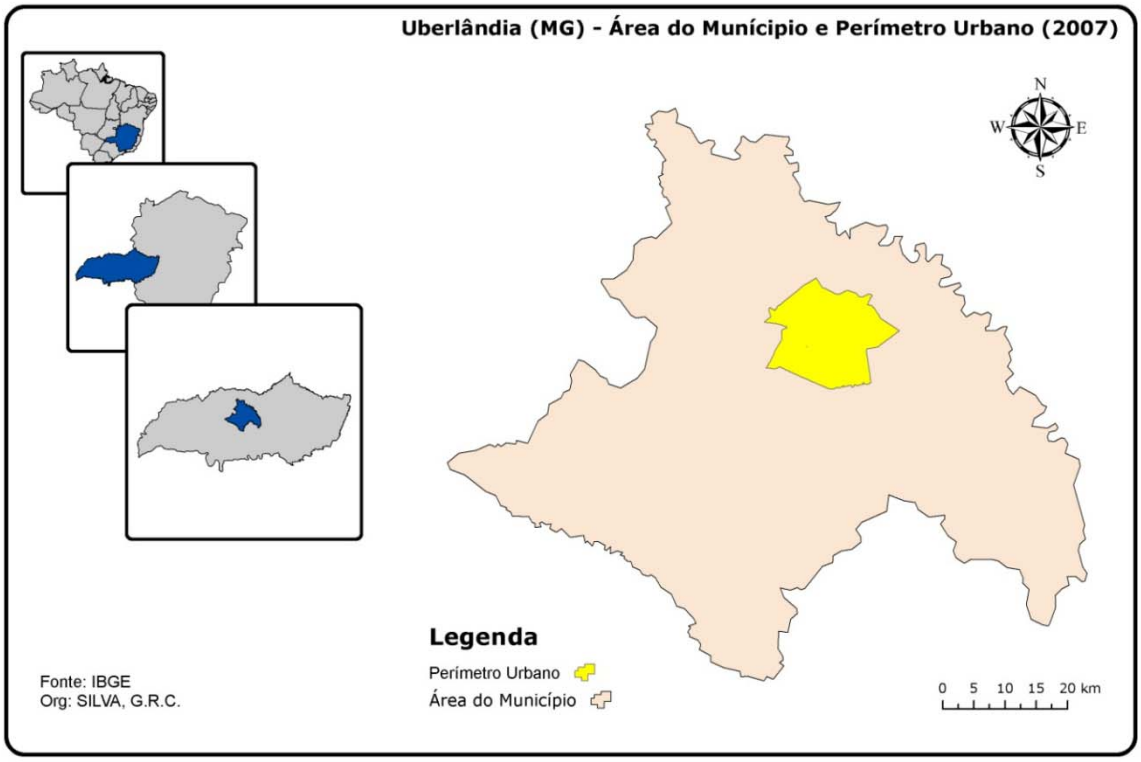


Tabela 09 – Brasil, Minas Gerais e Triângulo Mineiro: população total, população urbana e população rural (1970-2000).

		Pessoas				Percentual (%)			
		1970	1980	1991	2000	1970	1980	1991	2000
Brasil	Total	93.134.846	119.011.052	146.825.475	169.799.170	100	100	100	100
	Urbana	52.097.260	80.437.327	110.990.990	137.953.959	55,94	67,59	75,59	81,25
	Rural	41.037.586	38.573.725	35.834.485	31.845.211	44,06	32,41	24,41	18,75
Minas Gerais	Total	11.485.663	13.380.105	15.743.152	17.891.494	100	100	100	100
	Urbana	6.063.298	8.983.371	11.786.893	14.671.828	52,79	67,14	74,87	82,00
	Rural	5.422.365	4.396.734	3.956.259	3.219.666	47,21	32,86	25,13	18,00
Triângulo Mineiro	Total	-	-	1.595.648	1.869.886	-	-	100	100
	Urbana	-	-	1.338.576	1.665.587	-	-	83,89	89,07
	Rural	-	-	257.072	204.299	-	-	16,11	10,93

Fonte: Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991 e 2000.

Diante desse quadro urbano, a cidade de Uberlândia merece destaque, pois é o terceiro maior núcleo urbano do estado de Minas Gerais e o maior da mesorregião do Triângulo Mineiro, com uma população urbana total, no ano de 2000, de 488.982[11] habitantes, o que representava 29,35% da população urbana do Triângulo Mineiro e 97,56% de sua população total, com uma densidade demográfica urbana[12] de 2.232,79 pessoas por quilômetro quadrado, para uma área urbana de 219 quilômetros quadrados. As tabelas 10 e 11 ilustram o crescimento populacional da cidade de Uberlândia no período de 1970 a 2000.

Tabela 10 – Uberlândia: população total, população urbana e população rural (1970-2000).

População	Pessoas				Percentual (%)			
	1970	1980	1991	2000	1970	1980	1991	2000
Total	124.706	240.967	367.061	501.214	100	100	100	100
Urbana	111.480	231.583	358.165	488.982	89,39	96,11	97,58	97,56
Rural	13.226	9.384	8.896	12.232	10,61	3,89	2,42	2,44

Fonte: Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991 e 2000.

Tabela 11 – Uberlândia: evolução da população – total, urbana e rural (1970-2000).

População	1970-1980	1980-1991	1991-2000
Total	93,22%	52,32%	36,54%
Urbana	107,73%	54,65%	36,52%
Rural	-29,04	-5,2%	37,50%

Fonte: organizado a partir dos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

[11] O município de Uberlândia possuía, no ano 2000, 501.214 habitantes, o que representava 26,80% da população total do Triângulo Mineiro. Em 1º de abril de 2007 a estimativa populacional municipal, segundo dados do IBGE, era de 608.369 habitantes.

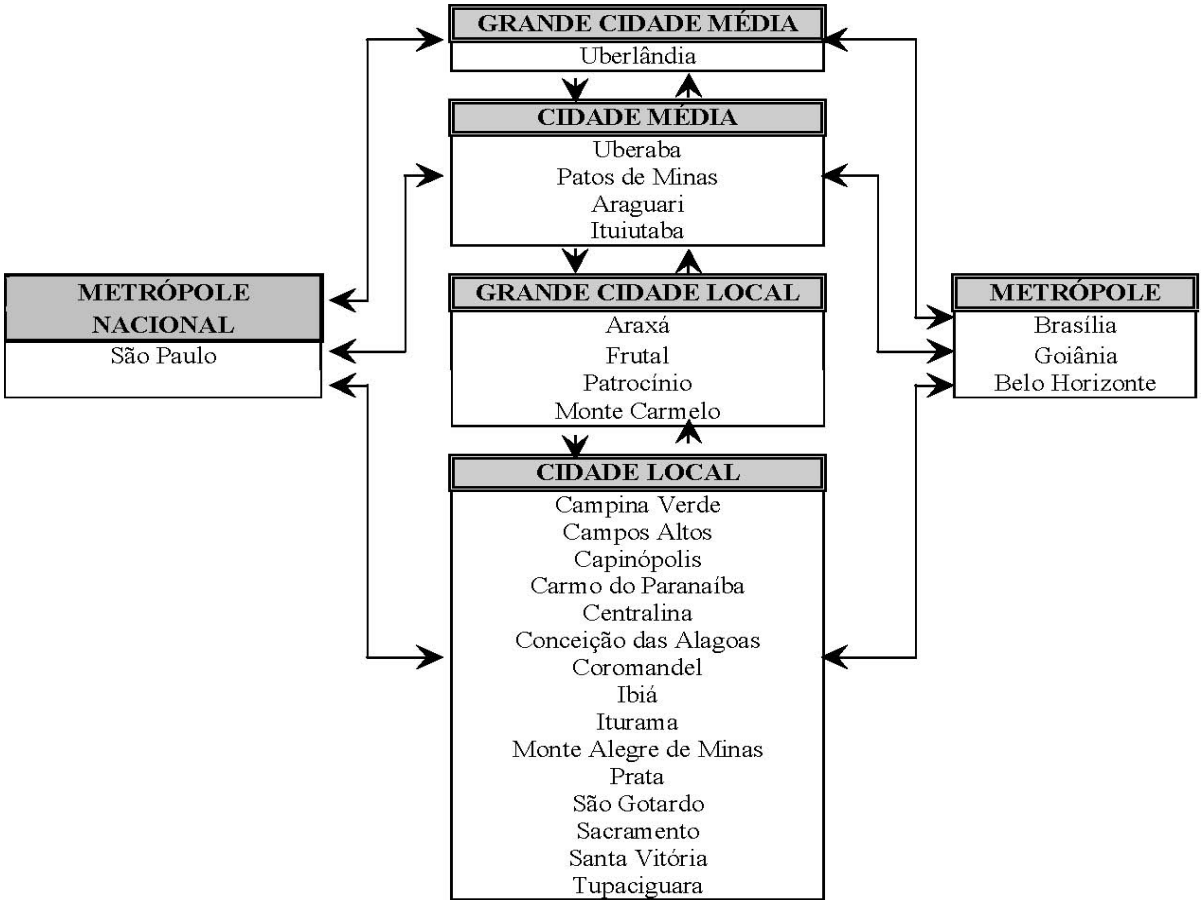
[12] A densidade demográfica municipal, em 2000, era de 121,97 habitantes por quilômetro quadrado e a da área rural era de 3,13 habitantes por quilômetro quadrado, para uma área rural de 3.896,09 quilômetros quadrados. A área total do município é de 4.115,09 quilômetros quadrados.

O crescimento urbano de 338,62%, no período entre os anos de 1970-2000, é explicado por Bessa (2004) como sendo produto de um conjunto de fatores que culminaram em um processo acelerado de urbanização. Nas palavras da autora:

> [...] Uberlândia foi, na região do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba, a cidade mais maleável à expansão de um *meio técnico-científico-informacional*, caracterizado pela presença de objetos técnicos, isto é, pelo aumento funcional e estrutural de *fixos artificiais* associados, particularmente, às infra-estruturas econômicas, dentre elas, transporte, comunicação e energia. Esses *fixos artificiais*, além de demonstrarem o conteúdo técnico da cidade, garantiram a criação de um espaço destinado à circulação e também foram capazes de possibilitar a adequação do território à modernização agropecuária; à expansão de um contexto agroindustrial; e à ampliação e diversificação das atividades vinculadas ao setor terciário, caracterizado pelo comércio atacadista, varejista, bem como pela prestação de serviços. [...] Associadas à instalação de *fixos artificiais* e ao desenvolvimento das atividades econômicas, têm-se, conseqüentemente, a ampliação e a diversificação de inúmeros *fluxos* de pessoal, matéria, capital e de informação, que, pela sua complexidade, também passaram a constituir-se em sistemas de ações. Dessa forma, como resultado da expansão de *sistemas técnicos* e de *sistemas de ações*, Uberlândia desenvolveu novas funcionalidades urbanas e tornou-se diferenciada em decorrência das especialidades criadas, que, por sua vez, foram capazes de gerar complementaridades regionais, ampliando e aprofundando, sobremaneira, o volume e a intensidade das interações espaciais, que passaram a ocorrer por meio de *horizontalidades e verticalidades*, ou melhor, por meio de arranjos espaciais definidos mediante interações contínuas e descontínuas, respectivamente. (Grifos da autora) (BESSA, 2004, p. 59-60).

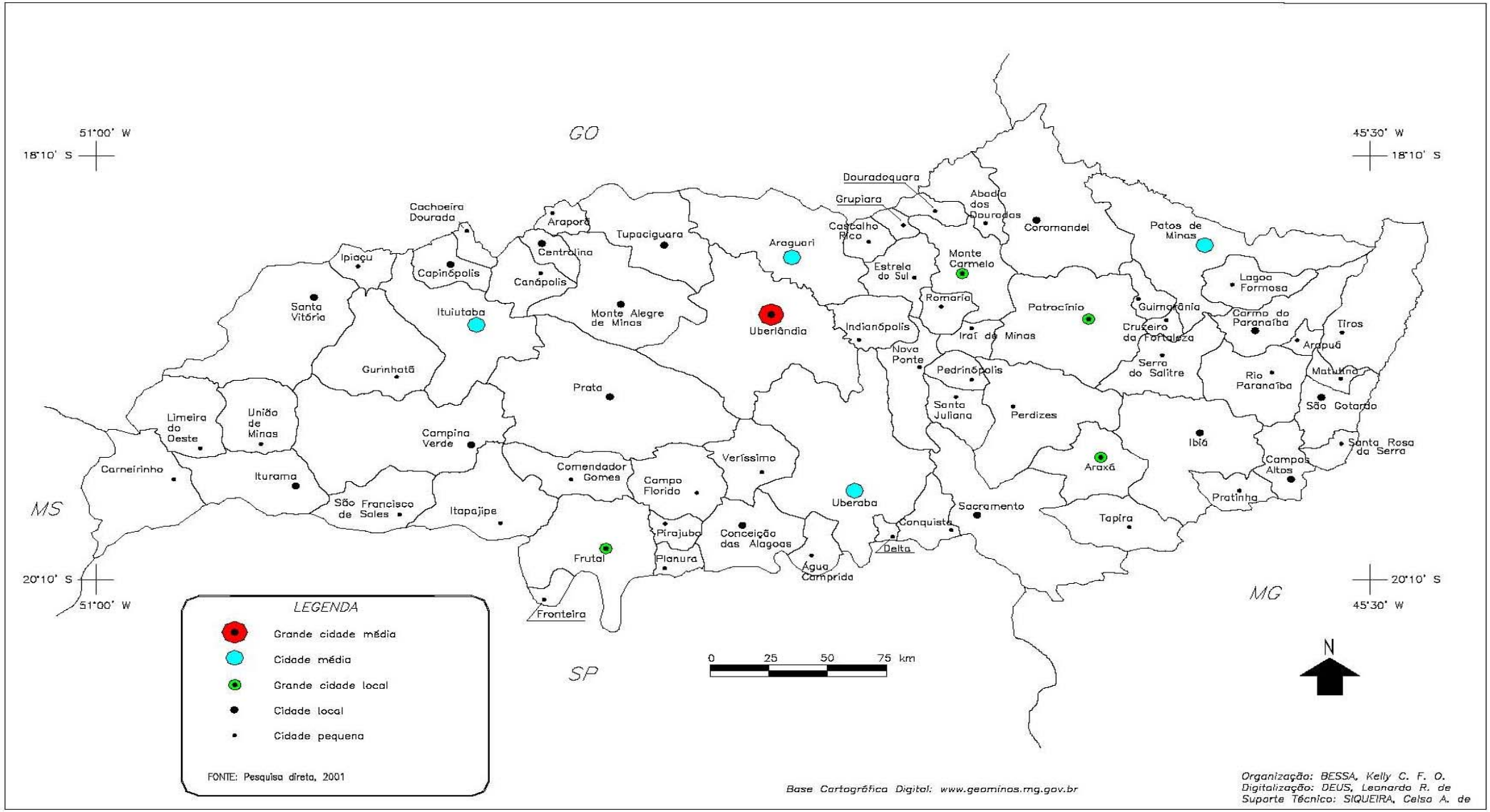
Esse quadro apresentado por Bessa (2004) conferiu à cidade de Uberlândia, conforme apontam Soares et al (2004), a classificação de *grande cidade média*, localizando-se no topo da hierarquia urbana do Triângulo Mineiro, conforme demonstra a Figura 03 e o Mapa 03.

Figura 03 – Triângulo Mineiro: relações entre cidades (2001).



Fonte: Soares et al (2004, p. 157).

Mapa 03 – Triângulo Mineiro: hierarquia urbana (2001).



Fonte: Bessa (2005, p. 191).

Apesar de ocupar o topo da hierarquia urbana do Triângulo Mineiro e ser classificada como uma *grande cidade média*, a cidade de Uberlândia, ao longo de sua história, ocupou posições diferentes na hierarquia urbana do estado de Minas Gerais, conforme aponta Amorim Filho (2006). No ano de 1982, a cidade de Uberlândia foi classificada, segundo Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982) como uma *cidade média de nível superior* (ver Figura 04), sendo, juntamente com Uberaba, as cidades de maior hierarquia no Triângulo Mineiro. Essa classificação é resultado da utilização do método proposto por esses autores para os estudos das cidades médias, que, segundo eles, para um centro urbano ser classificado com tal adjetivo, ele deveria ter os seguintes atributos:

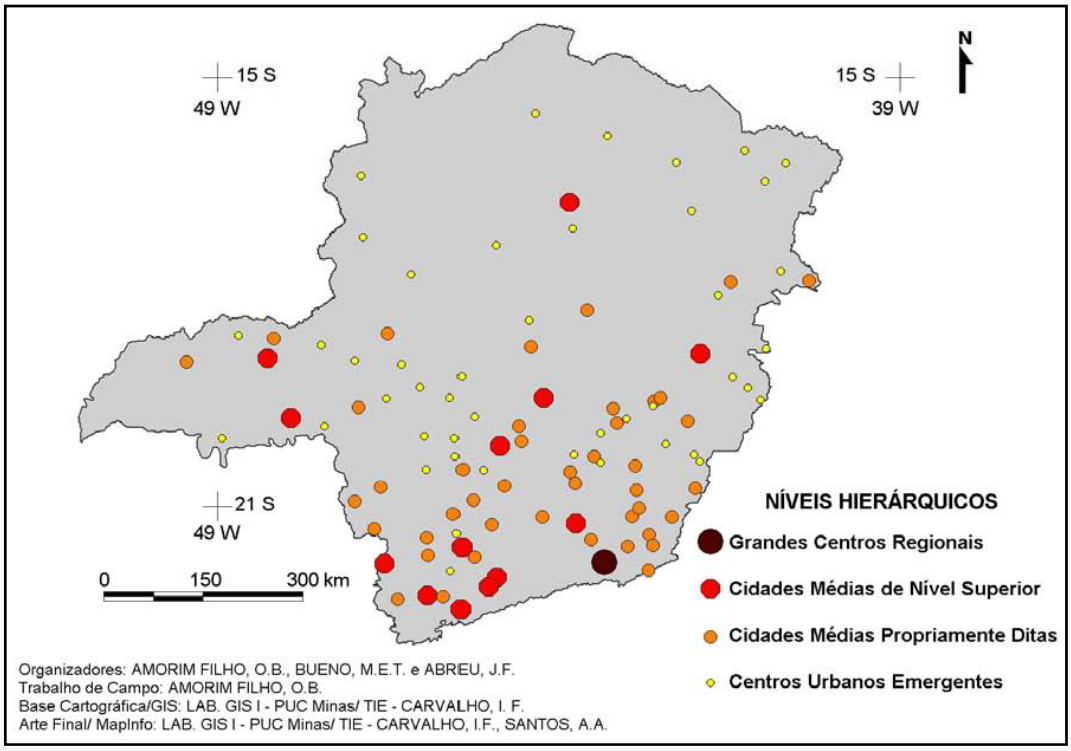
> - interações constantes e duradouras tanto com seu espaço regional, quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior;
> - tamanho demográfico e funcional suficiente para que possa oferecer um leque bastante largo de bens e serviços ao espaço microrregional a elas ligado;
> - capacidade de receber e fixar os migrantes de cidades menores ou da zona rural, através do oferecimento de oportunidades de trabalho, funcionando, assim, como pontos de interrupção do movimento migratório na direção das grandes cidades, já saturadas;
> - condições necessárias ao estabelecimento de relações de dinamização com o espaço rural microrregional que as envolve;
> - diferenciação do espaço intra-urbano, com um centro funcional já bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo bem parecido com o das grandes cidades, isto é, através da multiplicação de novos núcleos habitacionais periféricos;
> - diferenciação socioeconômica já bastante avançada da população dessas cidades. (AMORIM FILHO, 1982, p. 34).

De acordo com esses critérios, Amorim Filho e Rigotti (2002, p. 05) afirmam que nem toda *cidade de porte intermediário*[13] possui as características que poderiam fazer dela uma *cidade funcionalmente média*, ou seja,

[13] O porte intermediário de uma cidade está vinculado ao seu tamanho demográfico.

desempenhando papéis na rede urbana que estão entre a grande cidade (e metrópole) e a pequena cidade.

Figura 04 – Minas Gerais: hierarquia das cidades médias (1982).



Fonte: Amorim Filho (2006, p. 17).

Para a elaboração do estudo de 1982, Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982) estabeleceram alguns critérios para a análise das cidades médias. O primeiro deles foi delimitação populacional das cidades que seriam analisadas. A faixa populacional variava de 20.000 a mais de 200.000 habitantes, excluindo desse grupo de cidades aquelas pertencentes à região metropolitana de Belo Horizonte, para o ano de 1970. Após a delimitação populacional, os autores selecionaram 102 cidades[14] que foram analisadas a partir de 25 variáveis, conforme demonstra o Quadro 13.

[14] Para saber quais foram as 102 cidades selecionadas, confira Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982).

Quadro 13 – Variáveis utilizadas para a análise das cidades médias.

01	Porcentagem dos estabelecimentos atacadistas / total de estabelecimentos comerciais (1970).
02	Porcentagem de pessoas residentes no município de dez anos para cá / total da população do município (1970).
03	Número de eixos rodoviários asfaltados (1976).
04	Porcentagem de veículos / população total do município (1970).
05	Porcentagem da população ocupada no comércio / total da população economicamente ativa no município (1970).
06	Porcentagem da população ocupada nos serviços / população economicamente ativa no município (1970).
07	Porcentagem da população ocupada na indústria / população economicamente ativa (1970).
08	Nº de alunos do curso superior / mil habitantes do município (1970).
09	Nº de aparelhos telefônicos (1970).
10	Nº de agências bancárias (1970).
11	Nº de jornais (1975).
12	Nº de estabelecimento de serviço / população total do município (1970).
13	Nº de estabelecimento de alojamento e alimentação / população total do município (1970).
14	Nº de estabelecimentos de ensino médio (1970).
15	Nº de estabelecimentos de ensino superior (1970).
16	Nº de médicos / mil habitantes do município (1970).
17	Densidade da rede rodoviária / área do município (1976).
18	Arrecadação do ICM / nº total de estabelecimentos comerciais (1976).
19	Nº de veterinários e agrônomos / nº de empregados no setor rural (1970).
20	Nº de cidades maiores que a cidade considerada, num raio de 50 km (1976).
21	Nº de cidades menores que a cidade considerada, num raio de 50 km (1976).
22	Nº de cidades de mesmo nível da cidade considerada, num raio de 50 km (1976).
23	População urbana do município / total da população urbana de todos os municípios considerados (1970).
24	Crescimento percentual da população urbana do município entre 1950 e 1970 (1950: população presente; 1970: população residente).
25	Número de cooperativas agropecuárias (1975).

Fonte: Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982, p. 36-37).

Com a análise dessas variáveis, Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982) criaram uma hierarquia para as cidades médias em quatro níveis, definidos conforme o Quadro 14.

Quadro 14 – Níveis hierárquicos e principais características das cidades médias.

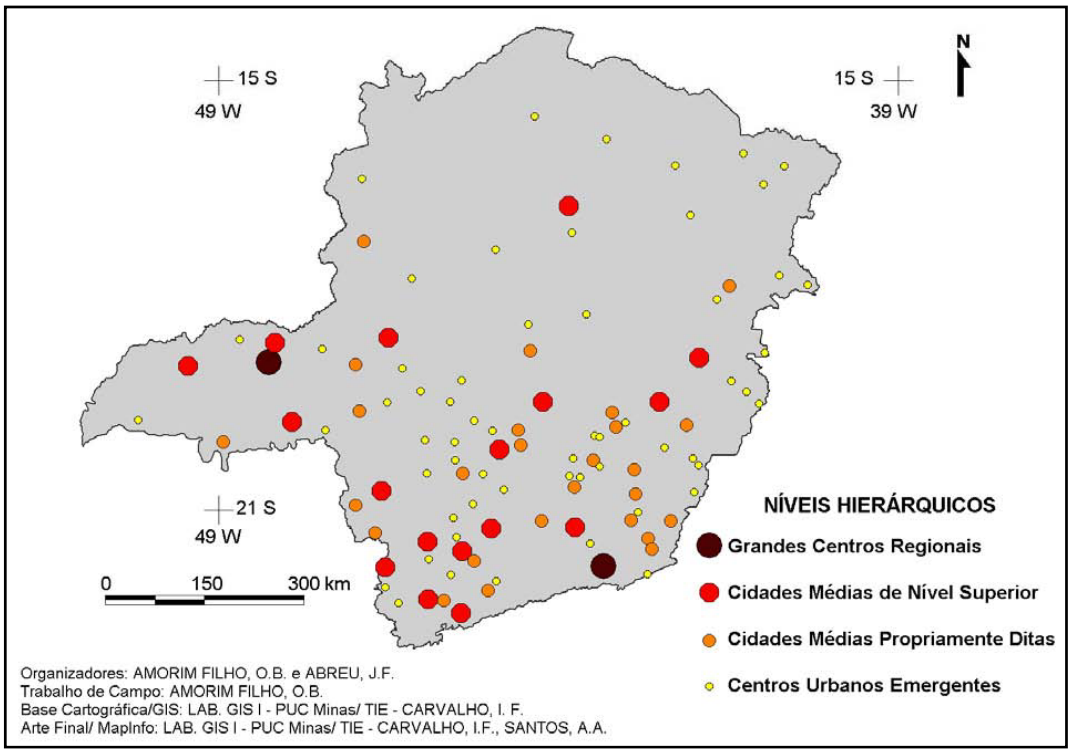
Nível 1 – Grande Centro Regional: cidade média que desempenha papel de uma capital regional, que do ponto de vista econômico, do tamanho demográfico e de suas funções na rede em que se insere, encontra-se em um nível superior àquele em que se colocam comumente as cidades médias.
Nível 2 – Cidade Média de Nível Superior: cidade média que desenvolve, paralelamente à indústria, dinâmicos setores de comércio e de serviços. Essa cidade, além de fortalecer sua posição e sua relação de domínio regional, começa a estender suas ligações a pontos situados além desse domínio. É uma cidade de estruturas bem consolidadas e cujo crescimento futuro parece, sem dúvida alguma, assegurado.
Nível 3 – Cidade Média Propriamente Dita: cidade média que apresenta crescimento demográfico regular e sustentado. Em alguns casos, esse crescimento tem-se acelerado, sobretudo, naquelas cidades que deram início a um processo ou a um novo ciclo de industrialização. Do ponto de vista da organização interna, essa cidade pode ser caracterizada pelo fato de estar em estágio de equilíbrio em sua estrutura econômica. De modo geral, trata-se de uma cidade predominantemente terciária. Em sua relação externa, a cidade é caracterizada por certos aspectos bem peculiares. De um lado, tendo em vista seu nível atual de desenvolvimento econômico, sua posição geográfica sempre nos eixos ou entroncamentos principais das vias de comunicação, essa cidade mantém relações importantes com centros urbanos maiores. De outro lado, essa cidade média continua a manter relações intensas, constantes e diretas com as cidades menores e com o espaço rural microrregional a ela ligado. É essa função de ligação entre o espaço rural e as pequenas cidades microrregionais, de uma parte, e os centros urbanos mais importantes, de outra, que constitui a própria essência dessa noção de cidade média.
Nível 4 – Centro Urbano Emergente: cidade que se localiza na base da pirâmide hierárquica, com tamanho demográfico inferior a 50.000 habitantes. Cidade que apresenta uma economia em fase de estruturação inicial, isto é, os setores comerciais, de serviços e industrial começam apenas a organizar-se no sentido de poderem atender não somente as populações da própria cidade ou do próprio município. Cidade que raramente dispõe de um setor industrial, uma vez que, na maioria dos centros emergentes, o predomínio setorial quase absoluto é do terciário. Cidade que possui ligações profundas e dependência do mundo rural que a envolve, servindo para os espaços rurais como uma válvula de abertura para o mundo exterior. Em termos de estruturação das redes urbanas regionais ou microrregionais, essa cidade desempenha papel muito importante. Quando já se dispõe de capitais regionais e/ou cidades médias, essa cidade aparece como um nível urbano indispensável na ligação com cidades ainda menores ou com o próprio espaço rural; quando não se dispõe, ainda de capitais regionais ou de cidades médias numerosas, então o papel dessa cidade é mais importante ainda, pois passa a funcionar como cidade média.

Fonte: organizado a partir de Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982, p. 41-44).

Após a execução do estudo de 1982, novas hierarquizações das cidades médias mineiras foram realizadas, sendo que a segunda é datada do ano de

1999, publicada por Amorim Filho e Abreu (2000). Nessa hierarquia a cidade de Uberlândia é classificada como um *grande centro regional*, situando-se no topo da hierarquia das cidades médias mineiras, tornando-se a principal cidade na rede urbana do Triângulo Mineiro, conforme demonstra a Figura 05. No estudo apresentado por Amorim Filho (2006), a cidade de Uberlândia continua sozinha no topo da hierarquia urbana do Triângulo Mineiro, classificada como *grande centro regional*, acompanhada de Araguari, Araxá, Patos de Minas e Uberaba como *cidades médias de nível superior*[15] (ver Figura 06).

Figura 05 – Minas Gerais: hierarquia das cidades médias (1999).



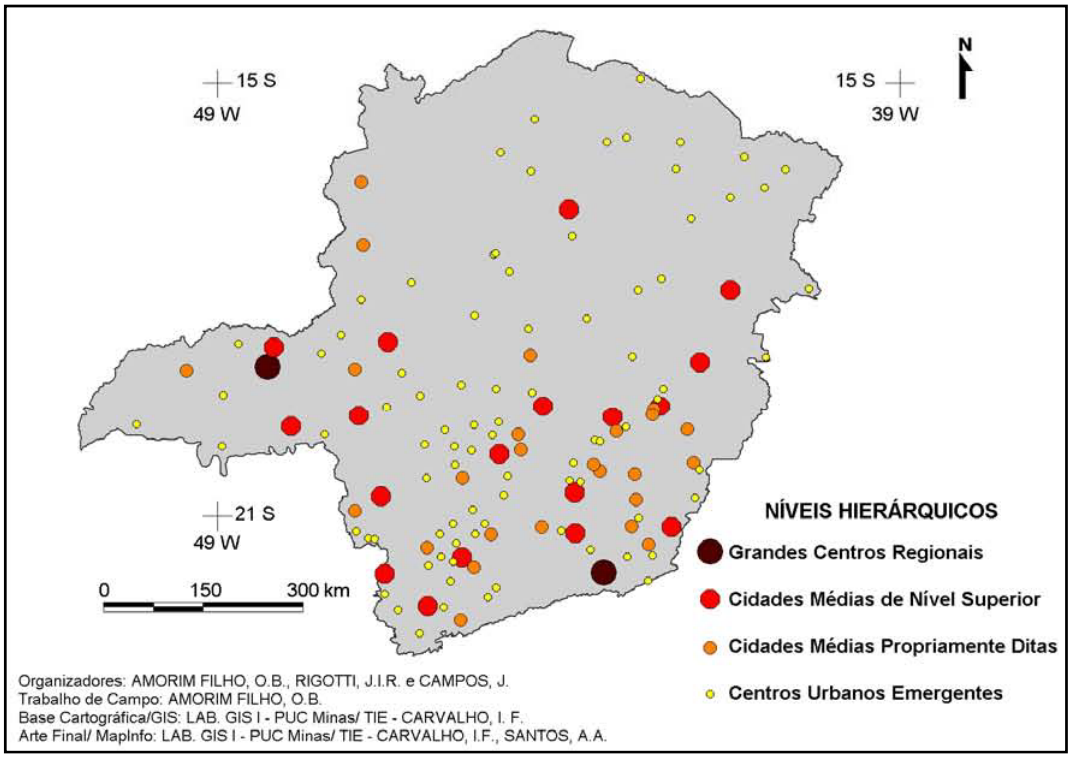
Fonte: Amorim Filho (2006, p. 18).

Ainda sobre os estudos das cidades médias de Minas Gerias, Amorim Filho e Abreu (2002) realizaram um estudo sobre o potencial tecnopolitano das cidades

[15] É necessário destacar que a cidade de Ituiutaba no ano de 1999 foi classificada como *cidade média de nível superior* e no ano de 2006 ela perdeu importância na rede urbana, sendo classificada como *cidade média propriamente dita* (Amorim Filho, 2006). Para conhecer outras hierarquizações da rede urbana de Minas Gerais, confira: BDMG (2002).

médias e concluíram que essas cidades são, cada vez mais, os espaços potenciais para a instalação de centros tecnológicos no estado de Minas Gerais.

Figura 06 – Minas Gerais: hierarquia das cidades médias (2006).



Fonte: Amorim Filho (2006, p. 19).

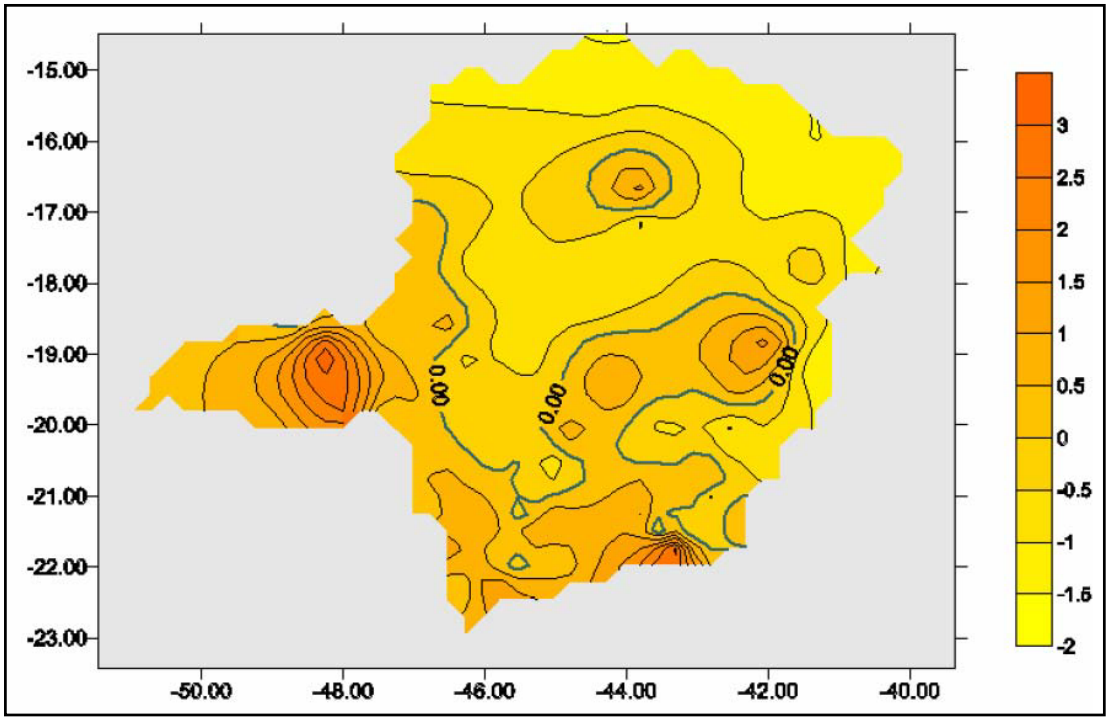
Após a análise das variáveis[16], os autores identificaram cinco regiões com maior potencial para o desenvolvimento de tecnopólos (Figura 07), sendo que Uberlândia compõe um das regiões, conforme pode ser observado nas palavras dos autores:

> - o Triângulo Mineiro, no extremo oeste do estado, seguindo-se o eixo da rodovia federal BR-050, onde se destacam as três cidades de Uberlândia, Uberaba e Araguari;

[16] As variáveis utilizadas na pesquisa foram: "população urbana dos municípios estudados (IBGE, 1991); índice de desenvolvimento humano (IDH) para avaliar a qualidade de vida das populações (FJP, 1996); renda familiar média municipal (IBGE, 1991); presença de indústrias avançadas tecnologicamente (IBGE, 1991); eixos rodoviários asfaltados, a partir de cada uma das cidades pesquisadas (DER-MG, 1998); presença de aeroportos de boa qualidade (Infraero, 1997); presença de escolas de ensino superior em especial, eletrônica, informática e campos afins (MEC, 1997)" (AMORIM FILHO e BREU, 2002, p. 09). É necessário ressaltar que além das pesquisas nos órgãos públicos, os autores realizaram pesquisa de campo nas cidades estudadas.

- A Zona da Mata Mineira, fortemente centralizada pela cidade de Juiz de Fora;
- a região sul de Minas (principalmente sua parte mais meridional), ao longo do eixo rodoviário da BR-459, com as cidades de Itajubá, Santa Rita do Sapucaí, Pouso Alegre e Poços de Caldas;
- a região central do estado, que inclui, além da região metropolitana de Belo Horizonte [não contemplada na pesquisa], cidades como Sete Lagoas, Governador Valadares e a conubarção de Ipatinga, Fabriciano e Timóteo, com forte potencial tecnopolitano;
- a cidade média de Montes Claros, única da região norte de Minas Gerais a apresentar potencial tecnopolitano, o que vem comprovar o grave desequilíbrio de desenvolvimento entre as metades sul e norte do estado. (AMORIM FILHO e ABREU, 2002, p. 09).

Figura 07 – Minas Gerais: regiões de potencial tecnopolitano (1996).



Fonte: Amorim Filho (2006, p. 11).

Comparando o estudo dos tecnopólos com os das hierarquias urbanas, anteriormente apresentados, é possível inferir que as regiões com maior potencial tecnopolitano são as que apresentam as cidades médias nas categorias superiores da classificação proposta, confirmando, assim, a importância dos papéis dessas cidades para as redes urbanas em que estão inseridas.

Em uma análise específica sobre a cidade de Uberlândia e sobre a rede urbana do Triângulo Mineiro, Beatriz et al (2004) classificaram a cidade, como dito anteriormente, como uma *grande cidade média*[17], ou seja, uma cidade que possui importância regional significativa na rede urbana em que se encontra inserida, uma cidade regional. Bessa e Soares (2003, p. 32) classificam uma cidade regional como:

> [...] cidades capazes de manter, regularmente, relações com sua região e com o seu campo, sendo responsáveis pelo beneficiamento e comércio da produção agrícola, passando inclusive a abrigar indústrias e empresas de caráter extra-regional. Conseqüentemente, tornam-se capazes de manter interações no plano nacional e, muitas vezes, internacional. Além disso, são cidades onde ocorre um acúmulo de funções, principalmente quando estão localizadas em áreas onde os núcleos urbanos são distantes uns dos outros e onde a divisão do trabalho é menos densa.

Bessa (2005) corrobora destacando o papel desempenhado por Uberlândia na rede urbana do Triângulo Mineiro:

> Uberlândia é exemplo da importância crescente das cidades médias brasileiras, pois, a partir de 1970, apresentou considerável desenvolvimento econômico, caracterizado pela ampliação e diversificação da *produção material*, agropecuária e industrial, e da *produção não-material*, comércio e prestação de serviços. Paralelamente, ocorreu o desenvolvimento das infra-estruturas econômicas, marcado pela implantação de sistemas de engenharia associados, primordialmente, aos transportes e às comunicações. Essa materialidade, em conjunto com suas formas de regulação, promoveu a expansão das funções urbanas centrais, o surgimento de novas funcionalidades e o aparecimento de especializações produtivas, resultando em maior complexidade funcional, da qual deriva o incremento das interações espaciais, que passaram a ocorrer por meio de *horizontalidades* e de *verticalidades*, que

[17] Termo utilizado primeiramente por Santos (2005) para designar as cidades que estão no limiar da cidade média propriamente dita e a grande cidade. O autor não deixa claro que seria o tamanho populacional dessas cidades, nem mesmo seus papéis específicos na rede urbana, entretanto, é possível inferir que sejam cidades que tinham na década de 1990 – década de publicação da primeira edição do livro – população em torno de 500 mil habitantes. O autor não faz uma análise específica das cidades com populações variando entre 500 mil e um milhão de habitantes, sendo assim, esse pode ser outro indicador para a definição da faixa populacional que envolve as grandes cidades médias.

> expressam, em respectivo, relações espaciais locais e regionais e relações espaciais extra-regionais. (Grifos da autora) (BESSA, 2005, p. 181).

Uberlândia, com a expansão das funções urbanas centrais e o aparecimento das especializações produtivas e das novas funcionalidades passou por uma refuncionalização urbana, resultando na alteração da natureza, da intensidade e dos padrões espaciais de interações[18], tornando-se capaz de regular e controlar a circulação de mercadorias, pessoas, capitais e informações em um raio de aproximadamente 200 quilômetros[19], indicando, assim, [...] "a presença de importantes *solidariedades horizontais* estruturadas em torno da referida cidade, isto é, a manutenção de relações contíguas no seu espaço de polarização" (Grifos da autora) (BESSA, 2005, p. 188).

Desse modo, a hierarquia urbana do Triângulo Mineiro é representada no Mapa 03, anteriormente apresentado, a qual é resultado da refuncionalização da rede urbana dessa região, como apontado por Soares (1997, p. 118):

> A refuncionalização da rede urbana do Triângulo Mineiro orientou-se principalmente pela modernização do campo, que expulsou uma parcela significativa da população rural; pelo dinamismo de algumas aglomerações; pela intensificação dos fluxos de transportes e comunicações, bem como, pela diversificação dos serviços, que possibilitaram uma maior diferenciação entre as cidades.

A partir dessa hierarquização foi possível delimitar a área de influência da cidade de Uberlândia, uma vez que o poder de polarização de cada cidade está diretamente relacionado com a posição que cada uma ocupa na hierarquia urbana do Triângulo Mineiro. Sabendo disso, Bessa (2001) e Soares et al (2004)

[18] Para saber mais sobre interações espaciais, confira Corrêa (1997).

[19] A área de polarização da cidade de Uberlândia é: toda a região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, o norte paulista e o sul goiano.

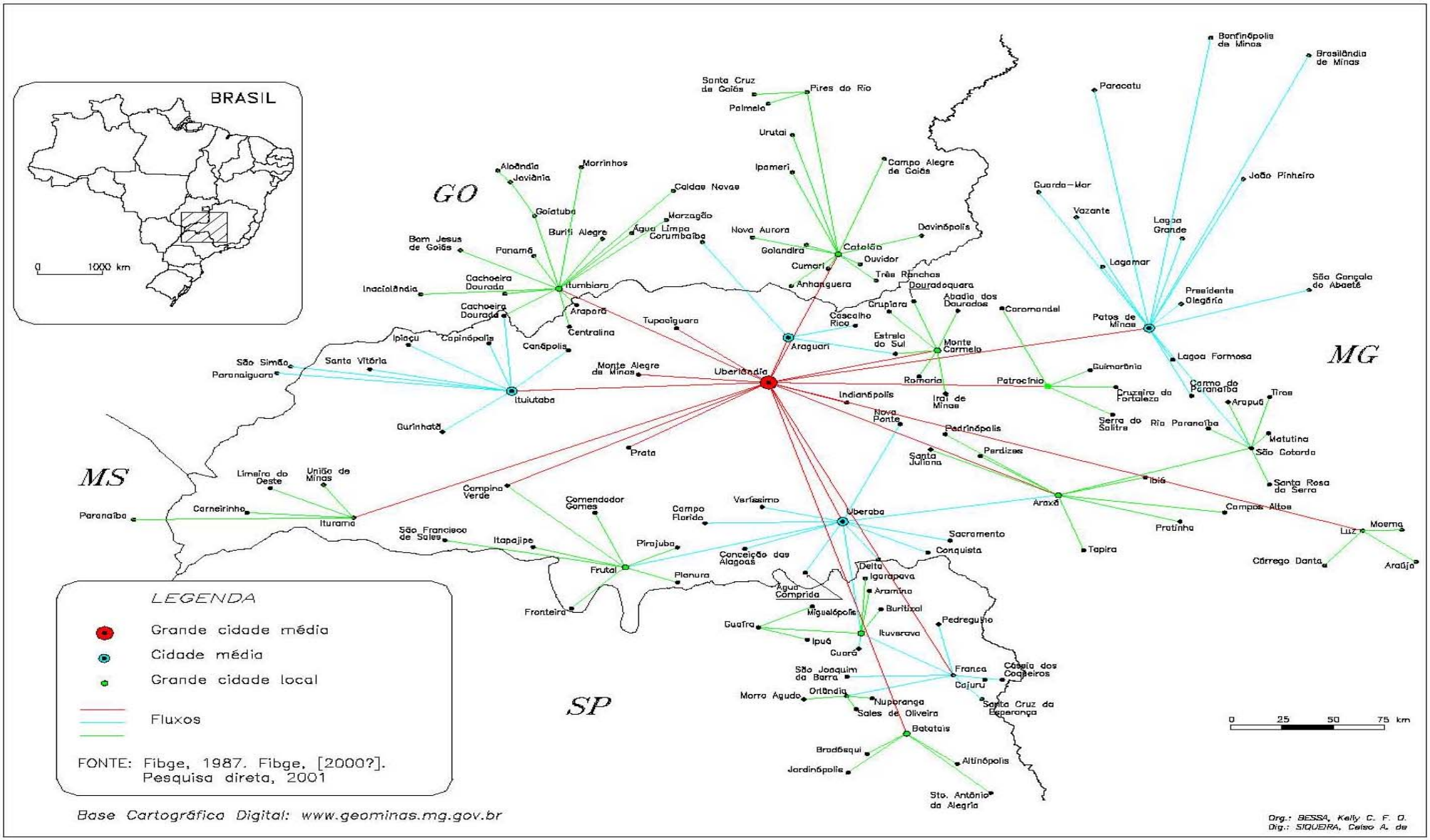
elaboraram um quadro com as principais características dos centros urbanos (Quadro 15) e suas respectivas áreas de polarização (Mapa 04).

Quadro 15 – Triângulo Mineiro: principais características das cidades.

Tipo de cidade	Características
Grande cidade média	Mantém relações constantes e duradouras com seu espaço regional, com campo modernizado do entorno e com centros urbanos de hierarquia superior, como por exemplo, as metrópoles. Exerce o maior nível de centralidade da rede do Triângulo Mineiro, localizando-se no tipo da hierarquia urbana.
Cidade média	Exerce importante papel na rede urbana regional, com uma polarização que extrapola sua microrregião geográfica. Essas cidades ampliaram seus papéis urbanos, visto que se distinguem pelos índices de crescimento populacional e econômico, particularmente no que diz respeito à diversificação e à concentração de atividades comerciais e de serviços; por oferecerem empregos; por apresentarem bons índices de qualidade de vida; pela existência de redes de transporte, comunicação e informação modernas; por influenciarem na organização econômica regional; por proporcionarem maior equilíbrio interurbano a partir da redução do fluxo migratório em direção às metrópoles, entre outros fatores.
Grande cidade local	Exerce papel de polarização em sua microrregião geográfica. Apresenta taxa elevada de crescimento populacional, índice igualmente elevado de urbanização e importante dinamismo econômico, especialmente pela presença de um setor terciário adaptado às demandas do campo modernizado, tanto no que se refere ao consumo produtivo exigido pelas próprias atividades agrícolas e pelas agroindústrias quanto ao consumo de suas populações.
Cidade Local	Apresenta importante dinamismo econômico, calcado, especialmente, na modernização do campo e em atividades de caráter humano, dinamismo esse vinculado aos processos de modernização da agropecuária, visto que essas atividades foram implantadas no sentido de atender às demandas da agropecuária – a insumos, maquinário, beneficiamento, estocagem, crédito – de um lado, e ao consumo de pessoal desses novos produtores e do restante da população, de outro. Essas cidades transformaram-se, segundo Santos (2005), em *cidades econômicas*, passando a regular a produção do campo, apresentando, até mesmo, determinadas especializações exigidas pela qualificação da produção material, especialmente aquelas associadas à produção agrícola, à circulação/distribuição e ao consumo produtivo do campo modernizado. Essas características fazem com que a cidade local deixe de ser a cidade no campo e se transforme na cidade do campo (SANTOS, 2005).
Cidade Pequena	Situada no nível inferior da escala urbana, tendo o campo como o que comanda a vida econômica e social. Apesar dos processos modernizantes do campo, permanecem como forma e estrutura de cidades pequenas, não incorporando elementos que indiquem a mudança da base técnica do seu campo.

Fonte: elaborado a partir de Bessa (2001), Soares et al (2004) e Santos (2005).

Mapa 04 – Uberlândia (MG): área de polarização (2001).



Fonte: Bessa (2005, p. 190).

De acordo com a hierarquia urbana do Triângulo Mineiro, com o papel urbano da cidade de Uberlândia e com a metodologia proposta por Sposito et al (2006) para o estudo das cidades médias, serão realizadas nas próximas páginas deste trabalho discussões acerca da cidade de Uberlândia, considerando, para isso, alguns questionamentos e variáveis de análises propostas por Sposito et al (2006). Para isso, foram utilizados dados socioeconômicos levantados juntos a órgãos de pesquisas federais, estaduais e municipal, além de relatórios de estudos elaborados pelos institutos de Geografia e Economia da Universidade Federal Uberlândia. Visando a aplicação da metodologia seguida neste trabalho, foram realizados levantamentos de campo que contribuem, sobremaneira, para o entendimento do atual quadro urbano da cidade de Uberlândia.

Para se entender as dinâmicas urbanas da cidade de Uberlândia e seu papel na rede urbana do Triângulo Mineiro enquanto cidade média é necessário, primeiramente, retomar as tabelas 10 e 11, anteriormente apresentadas, para uma análise mais específica sobre a dinâmica populacional dessa cidade. Essas tabelas permitem constatar que Uberlândia apresentou, no período de 1970 a 2000, um crescimento da sua população urbana de 338,62%, atingindo, no ano 2000, o maior grau de urbanização de sua história, com o índice de 97,56%, transformando-se no primeiro município do Triângulo Mineiro a atingir população total superior a 500.000 habitantes.

Nesse mesmo período, a população rural do município diminuiu 7,51%, seguindo a mesma tendência do Triângulo Mineiro, de Minas Gerais e do Brasil (ver tabelas 09, 10 e 11). É preciso ressaltar que apesar da população rural ter diminuído no período de 1970-2000, se considerarmos somente o período de 1991-2000, verifica-se um crescimento de 37,50%, que pode estar relacionado, segundo Oliveira, Silva e Paula (2006), com o parcelamento das propriedades

rurais ou com a mudança das populações das vilas dos distritos ou da cidade para o campo[20].

O crescimento da população de Uberlândia segue a tendência nacional, que é do crescimento das populações urbanas em detrimento das populações das áreas rurais. No período de 1991-2000, a cidade de Uberlândia cresceu 36,52%, enquanto a mesorregião do Triângulo Mineiro e o estado de Minas Gerais cresceram, no mesmo período, 24,42% e 24,47%, respectivamente. Esse crescimento pode ser explicado, em parte, pela migração rumo a Uberlândia ou às outras cidades e áreas (distritos e fazendas) do Triângulo Mineiro, conforme demonstra a Tabela 12.

Tabela 12 – Triângulo Mineiro e Uberlândia: população não residente em 01/09/1991.

Origem do movimento migratório	Triângulo Mineiro		Uberlândia	
	Pessoas	Percentual (%)	Pessoas	Percentual (%)
Total	151.447	100,00	49.900	100,00
Outra unidade da federação	66.705	44,05	25.716	51,54
Mesma unidade da federação	83.698	55,27	23.770	47,64
País estrangeiro	534	0,35	252	0,51
Ignorado	510	0,34	162	0,32

Fonte: Contagem populacional: 1996.

Comparando as tabelas 09, 10 e 12, consta-se que de todo o crescimento populacional do município de Uberlândia, no período de 1991-2000, a migração foi responsável, ponderadamente, segundo a Contagem Populacional de 1996, por 66,95% do total do crescimento. A migração para Uberlândia é responsável por 32,94% do total de migrantes para a mesorregião do Triângulo Mineiro, o

[20] Oliveira, Silva e Paula (2006) argumentam que o aumento da população rural nesse período pode estar vinculado à implantação do Sistema Integrado de Transporte (SIT), que possibilitou à população percorrer longos trechos com uma única passagem de ônibus, facilitando o acesso e diminuindo os custos.

que confirma a cidade como um espaço de atração populacional[21]. Segundo dados do CEPES (2006) para o ano de 2001, 64,6% da população que não era natural de Uberlândia migraram para essa cidade motivada pelo trabalho, 21,5% em função da existência de parentes na cidade, 7,4% pela educação, 3,2% pela saúde e 3,4% por outros motivos. Esses dados confirmam a importância que a cidade possui na rede urbana enquanto pólo de atração de mão-de-obra.

De acordo com dados do Banco de Dados Integrados (BDI, 2007) do município de Uberlândia, a cidade possuía, no ano de 2006, um total populacional de 600.368 habitantes, sendo que, desse total, 585.719 pessoas habitaram a área urbana do município e 14.649 a área rural, atingindo a taxa de urbanização de 97,55%. Para o período de 2000-2006, o crescimento populacional atingiu os seguintes percentuais: total (19,78%), urbana (19,78%) e rural (19,75%).

Apesar da maior parte da população estar empregada em atividades econômicas do meio urbano e de mais de 60% dos migrantes para a cidade de Uberlândia serem pessoas que vieram empregados em buscam emprego na cidade, os dados apresentados pelo IBGE para o ano de 1991 demonstraram que a população rural do município (8.896 pessoas) era menor que a população empregada no setor agropecuário, de extração vegetal e pesca (9.167 pessoas), conforme pode ser observado na Tabela 13. Santos (2005) explica essa diferença classificando a população ligada ao campo como sendo uma *população agrícola* e uma *população rural*. A população rural é aquela que reside e trabalha no campo, enquanto a população agrícola é a que reside na cidade e ocupa-se de atividades agropecuárias, como por exemplo, os bóias-frias.

[21] Para saber mais sobre migração na cidade de Uberlândia, confira: Juliano e Leme (2002), Souza e Brumes (2006), CEPES (2006) e Brumes (2007).

Tabela 13 – Uberlândia (MG): população ocupada por setores (1991-2000).

Setores	Número de pessoas	
	1991	2000
Agropecuária, extração vegetal e pesca	9.167	10.192
Industrial*	39.256	48.944
Comércio de mercadorias	33.072	52.280
Serviços**	81.657	111.161
Total	163.152	222.577

Notas da tabela: * Inclui indústria de transformação, construção e outras atividades industriais. ** Inclui prestação de serviços, social, administração pública, serviços auxiliares de atividades econômicas e outras atividades.
Fonte: Censos Demográficos: 1991 e 2000.

Apesar da diferença entre população residente na área rural do município e pessoas empregadas no setor agropecuário, de extração vegetal e de pesca, se a comparação for feita entre a população ocupada por setor da economia e a população economicamente ativa ou a população ocupada por área de residência, percebe-se que a diferença é ainda maior (ver Tabela 14). Para o ano 2000, a população rural de Uberlândia era de 12.232 pessoas, com 10.192 pessoas ocupadas no setor agropecuário, de extração vegetal e de pesca, entretanto, quando se observa a PEA e a população ocupada, tem-se uma diferença significativa no quantitativo de pessoas, atingindo, para a PEA rural, 52,06% e para a população ocupada, 47,21% do total dos ocupados no setor agropecuário, de extração vegetal e de pesca, confirmando, assim, a tese defendida por Santos (2005) de que existe uma *população agrícola* e uma *população rural*. No caso específico do município de Uberlândia, em média, 50% das pessoas economicamente ativas do campo ou ocupadas com atividades agropecuárias residem na área urbana do município[22].

[22] É necessário destacar que as populações das vilas dos distritos são computadas pelo IBGE como população urbana. Sabendo disso, não é possível afirmar que a população vive na cidade de Uberlândia, mas sim nas áreas classificadas pelo IBGE como urbanas.

Tabela 14 – Uberlândia (MG): população economicamente ativa e população ocupada por área de residência (1970-2000).

População	População economicamente ativa				População ocupada*			
	1970	1980	1991	2000	1970	1980	1991	2000
Total	40.527	100.716	168.542	260.317	39.122	98.553	163.152	222.577
Urbana	36.337	97.143	165.134	255.011	34.943	95.008	159.774	217.766
Rural	4.190	3.573	3.408	5.306	4.179	3.545	3.379	4.812

Nota da tabela: * Foi considerada como ocupada a pessoa que trabalhou nos últimos 12 meses anteriores à data de referência do Censo, ou parte deles. A pessoa que não trabalhou nos últimos 12 meses anteriores à data de referência do Censo, mas que, nos últimos dois meses tomou alguma providência para encontrar trabalho, foi considerada como desocupada.
Fonte: IPEADATA - Censos Demográficos: 1970, 1980, 1991 e 2000.

Analisando as tabelas 13 e 14, nota-se que as atividades que ocupam mais pessoas são as urbanas, principalmente as ligadas ao setor terciário da economia, sendo responsáveis por cerca de 40% do Produto Interno Bruto (PIB) do município de Uberlândia, conforme demonstra a Tabela 15 e as figuras 08 e 09.

Tabela 15 – Uberlândia (MG): produto interno bruto (PIB) a preço de mercado corrente total, em reais (1999-2005).

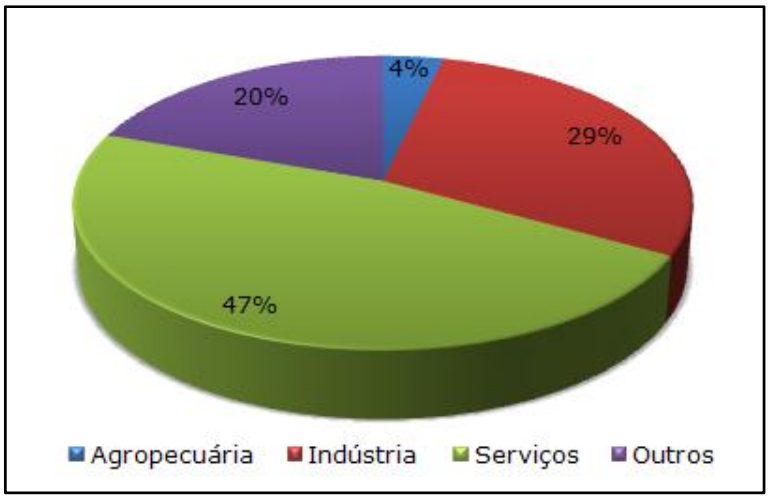
Ano	Agropecuária	Indústria	Serviços	Outros*	Total
1999	174.247	1.422.416	2.284.293	945.385	4.826.341
2000	159.450	1.988.604	2.528.696	1.009.397	5.686.147
2001	215.842	1.909.794	2.767.840	1.123.184	6.016.660
2002	233.319	2.265.527	3.074.799	1.132.082	6.705.727
2003	263.840	2.896.573	3.479.413	1.449.583	8.089.409
2004	365.223	2.891.595	3.800.764	847.027	7.904.609
2005	250.858	2.016.857	5.372.402	1.550.556	9.190.673

Nota da tabela: * Administração pública e imposto – Dummy Financ.
Fonte: CEPES (2007).

A partir das figuras 08 e 09 e da Tabela 15 é possível perceber a importância do setor de serviços para a cidade de Uberlândia, não sendo diferente para as cidades médias brasileiras, pois conforme afirmaram Bellet

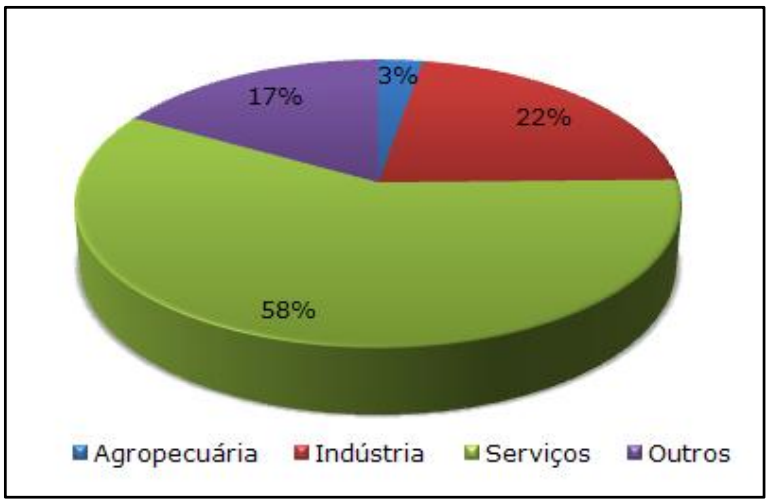
Sanfeliu e Llop Torné (2003), Soares (1995, 1999, 2005), Sposito (2001) e Sposito et al (2006), a especialização do comércio e serviço dessas cidades é uma das características que as inserem como centros polarizadores da rede urbana.

Figura 08 – Uberlândia: distribuição do PIB por setor da economia (1999).



Fonte: adaptado de CEPES (2007).

Figura 09 – Uberlândia: distribuição do PIB por setor da economia (2005).



Fonte: adaptado de CEPES (2007).

Ao realizar uma comparação entre o PIB total per capita da cidade com o do estado de Minas Gerais, o da região Sudeste e o do Brasil, contata-se que

Uberlândia possui uma média bastante superior do que a média estadual e nacional (ver Tabela 16), demonstrando, assim, o potencial econômico que essa cidade possui, uma vez que para o ano de 2004, a cidade era o quarto maior PIB do estado de Minas Gerais, ficando atrás somente de Belo Horizonte (1º com R$ 24.513.367[23]), Betim (2º com R$ 14.838.747) e Contagem (3º com R$ 8.004.725), conforme dados da FJP (2006).

Tabela 16 – Brasil, região Sudeste, Minas Gerais e Uberlândia: produto interno bruto (PIB) per capita a preços correntes, em reais (1999-2004).

Ano	Brasil	Sudeste	Minas Gerais	Uberlândia
1999	5.770,80	7.881,12	5.269,00	8.898,76
2000	6.429,56	8.713,46	5.888,00	10.326,29
2001	6.896,34	9.239,88	6.215,00	10.597,16
2002	7.630,93	10.086,43	6.775,00	11.500,21
2003	8.694,48	11.257,00	7.709,00	13.496,00
2004	9.729,00	12.540,00	8.771,00	13.867,00

Fonte: CEPES (2007).

Comparando o PIB pelos setores da economia, para o ano de 2004, Uberlândia localiza-se em primeiro lugar no *ranking* do estado no setor agropecuário, em quinto no setor industrial e o segundo no setor de serviços (ver Tabela 17), demonstrando a importância agropecuária e dos serviços para a economia da cidade (FJP, 2006).

Outra variável que indica o nível de atividade econômica de Uberlândia é a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), que demonstra a importância do setor secundário e terciário para a economia do município, conforme é possível ser observado na Tabela 18.

[23] O valor médio do dólar em 2004 era de R$ 2,925, segundo o Banco Central.

Tabela 17 – Minas Gerais: dez maiores municípios por PIB do setor de atividade econômica (2004).

Ranking	Agropecuária		Industrial		Serviços	
	Município	Valor	Município	Valor	Município	Valor
1	Uberlândia	365.223	Betim	8.118.016	Belo Horizonte	14.547.631
2	Unaí	290.057	Belo Horizonte	7.860.574	Uberlândia	3.800.764
3	Uberaba	279.892	Contagem	3.763.338	Betim	3.695.063
4	Rio Paranaíba	207.401	Ipatinga	3.274.439	Contagem	3.534.126
5	Patos de Minas	151.760	Uberlândia	2.891.595	Juiz de Fora	2.188.238
6	Perdizes	150.060	Uberaba	1.996.402	Uberaba	1.486.823
7	Patrocínio	139.747	Juiz de Fora	1.788.895	Ipatinga	1.223.319
8	Paracatu	138.972	Sete Lagoas	1.720.572	Montes Claros	1.056.448
9	Frutal	125.571	Timóteo	1.447.357	Gov. Valadares	999.711
10	Ibiá	120.891	Poços de Caldas	1.327.498	Sete Lagoas	868.867

Fonte: FJP (2006, p. 16).

Tabela 18 – Uberlândia (MG): ICMS por setores da economia (2000-2006).

Ano	Setor primário		Setor secundário		Setor terciário		Total
	Valor em Reais	% no total	Valor em Reais	% no total	Valor em Reais	% no total	
2000	5.623.762	1,32	314.295.953	73,98	104.942.248	24,70	424.861.963
2001	6.407.543	1,28	352.719.673	70,53	140.962.431	28,19	500.089.647
2002	4.248.208	1,01	374.130.631	89,24	40.850.069	9,74	419.228.908
2003	5.109.729	0,74	452.426.131	65,48	233.431.114	33,78	690.966.974
2004	11.038.773	1,53	443.326.777	61,37	267.973.799	37,10	722.339.349
2005	5.172.611	0,56	513.868.993	55,39	408.745.512	44,06	927.787.116
2006	18.101.068	1,84	571.318.083	57,97	396.151.751	40,20	985.570.902

Fonte: adaptado de BDI (2007b).

Percebe-se, a partir da Tabela 18, uma tendência de queda na participação total do ICMS do setor secundário e ascensão do setor terciário, reafirmando mais uma vez a importância do setor terciário para as cidades médias, que tem-se tornado centros do consumo especializado de mercadorias e serviços. É válido destacar que do total do ICMS arrecadado no ano de 2006 no setor terciário, 54,52% (R$ 216.010.083) refere-se ao segmento econômico do comércio e 45,47% (R$ 180.141.668) ao segmento econômico dos serviços.

O consumo de energia elétrica é outra variável importante a ser considerada na mensuração do desenvolvimento econômico de uma cidade, pois conforme verificou Soares et al (2004), existe uma relação direta entre o consumo de energia e o crescimento econômico da localidade. Desse modo, analisando os dados referentes ao ano de 2006, observa-se o importante papel desempenhado por Uberlândia na mesorregião do Triângulo Mineiro, uma vez que do total de energia consumida nessa mesorregião (4.207.538 MWh), Uberlândia consumiu 24,94%, o que equivale a 1.175.795 MWh (BDI, 2007b). Com relação ao número de consumidores, a cidade está na segunda posição do *ranking* estadual, com 209.126 consumidores, ficando atrás somente de Belo Horizonte, que possui 899.555 consumidores (ver Tabela 19).

Tabela 19 – Minas Gerais: *ranking* dos municípios com os dez maiores números de consumidores de energia elétrica (2006).

Ranking	Municípios	Consumidores
1º	Belo Horizonte	899.555
2º	Uberlândia	209.126
3º	Juiz de Fora	204.220
4º	Contagem	197.215
5º	Montes Claros	112.414
6º	Betim	109.070
7º	Uberaba	108.014
8º	Governador Valadares	92.348
9º	Ipatinga	83.902
10º	Divinópolis	82.335

Fonte: BDI (2007b, p. 299).

Já no *ranking* estadual do consumo de energia, a cidade situa-se na sexta posição, conforme é possível verificar na Tabela 20.

Tabela 20 – Minas Gerais: *ranking* dos dez maiores municípios consumidores de energia elétrica (2006).

Ranking	Municípios	Consumo (MWh)
1º	Belo Horizonte	3.490
2º	Ipatinga	2.377
3º	Juiz de Fora	1.550
4º	Pirapora	1.500
5º	Contagem	1.236
6º	Uberlândia	1.175
7º	Betim	1.170
8º	Várzea da Palma	1.166
9º	Barbacena	876
10º	Ouro Preto	678

Fonte: BDI (2007b, p. 299).

Com relação ao consumo de energia na cidade de Uberlândia, destaca-se como maior consumidor o setor industrial, acompanhado das residências, enquanto o consumo rural apresenta os menores índices (ver Tabela 21), indicando que, apesar da modernização do campo do município, as atividades desenvolvidas não são grande consumidoras de energia.

Tabela 21 – Uberlândia (MG): consumo acumulado por classe (2005-2006).

Classe	Consumo (MWh)	
	2005	**2006**
Industrial	502.091	513.949
Residencial	288.788	293.779
Comercial	220.806	227.240
Rural	44.050	39.953
Outros	98.170	100.874
Total	1.155.910	1.117.801

Fonte: BDI (2007b, p. 302).

Apesar das atividades agropecuárias do município de Uberlândia serem o setor que menos contribui para a arrecadação anual de ICMS do município, são responsáveis pelo o maior PIB agropecuário do estado de Minas Gerais,

colocando Uberlândia na primeira posição do ranking, conforme foi demonstrado na Tabela 18. Essa importância é dada pela participação das atividades agropecuárias do município no total do estado e da mesorregião do Triângulo Mineiro. Um exemplo é a pecuária municipal que possui expressiva participação no total de rebanho do Triângulo Mineiro, principalmente nos rebanhos de suínos e aves (ver Tabela 22). A importância desses tipos de rebanhos pode ser explicada pela presença de unidades produtivas da empresa Sadia S/A[24], que tem como base para sua cadeira produtiva, principalmente, os alimentos produzidos a partir dos suínos e aves.

Tabela 22 – Triângulo Mineiro e Uberlândia (MG): efetivo do rebanho (2005).

Tipo de Rebanho	Uberlândia (A)*	Triângulo Mineiro (B)*	% de A em B
Bovino	213.485	5.450.093	3,91
Eqüino	4.991	115.624	4,31
Suíno	522.527	1.254.100	41,66
Frangos	3.003.437	12.408.655	24,20
Galinhas	1.913.693	4.066.888	47,05
Outros**	4.749	91.011	5,21

Nota da tabela: * quantidade em cabeças; ** bubalino, asinino, muar, caprino, ovino, codornas e coelhos.
Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal (2005).

Com relação à produção da agricultura, o município possui uma diversificação de produtos de lavoura temporária e de lavoura perene, com produção significativa no total do Triângulo Mineiro, por exemplo, para lavouras temporárias, milho e soja, e, para lavouras perenes, manga, limão, coco-da-baía, caqui e banana, conforme demonstra a Tabela 23.

[24] A Sadia S/A passou a atuar em Uberlândia após a compra da empresa Rezende Alimentos S/A. Para saber mais sobre a importância e o papel das agroindústrias no Triângulo Mineiro, confira: Cleps Jr (1998).

Tabela 23 – Triângulo Mineiro e Uberlândia (MG): produção agrícola (2006).

Tipo de lavoura	Uberlândia (A)	Triângulo Mineiro (B)	% de A em B
Abacaxi (frutos)*	340	227.258	0,14
Algodão (tonelada)*	2.295	40.355	5,68
Amendoim (tonelada)*	20	2.705	0,73
Arroz (tonelada)*	315	19.432	1,62
Cana-de-açúcar (tonelada)*	4.500	20.521.710	0,02
Feijão (tonelada)*	4.963	92.964	5,33
Mandioca (tonelada)*	2.700	136.574	1,97
Milho (tonelada)*	86.640	2.071.602	4,18
Soja (tonelada)*	121.032	1.594.421	7,59
Tomate (tonelada)*	7.200	187.483	3,84
Banana (tonelada)**	5.000	24.638	20,29
Borracha (tonelada)**	270	3.769	7,16
Café (tonelada)**	1.250	235.325	0,53
Caqui (tonelada)**	120	120	100
Coco-da-Baía (frutos)**	1.530	3.897	39,26
Laranja (tonelada)**	69.160	451.906	15,10
Limão (tonelada)**	800	1.678	47,67
Manga (tonelada)**	6.628	10.429	63,55
Maracujá (tonelada)**	132	25.034	0,52
Palmito (tonelada)**	400	3.069	13,03

Nota da tabela: * lavoura temporária; ** lavoura perene.
Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal (2006).

Com relação ao campo uberlandense, Bessa (2005, p. 183) destaque que:

> Uberlândia atendeu às necessidades infra-estruturais exigidas pela agroindústria e, dessa forma, tornou-se um pólo agroindustrial importante, que influencia, além da sua própria região, outras quatro microrregiões, localizadas no Sudeste, Sul e Sudoeste de Goiás, e que privilegia o mercado consumidor do Centro-Sul. Tal setor é responsável pela criação de diversos *fluxos*, uma vez que tem à sua disposição uma complexa *configuração territorial*, responsável pela crescente fluidez. Esses *fluxos*, por conseguinte, foram capazes de intensificar as relações entre a cidade e o campo, entre as cidades da própria região, e também possibilitaram maior integração com o território nacional, por meio de importantes *sistemas de cooperação e de complementaridade*, em escalas cada vez mais abrangentes. (Grifos da autora).

A importância da cidade de Uberlândia no setor agroindustrial também é explicada pela presença de empresas voltadas para esse ramo da atividade

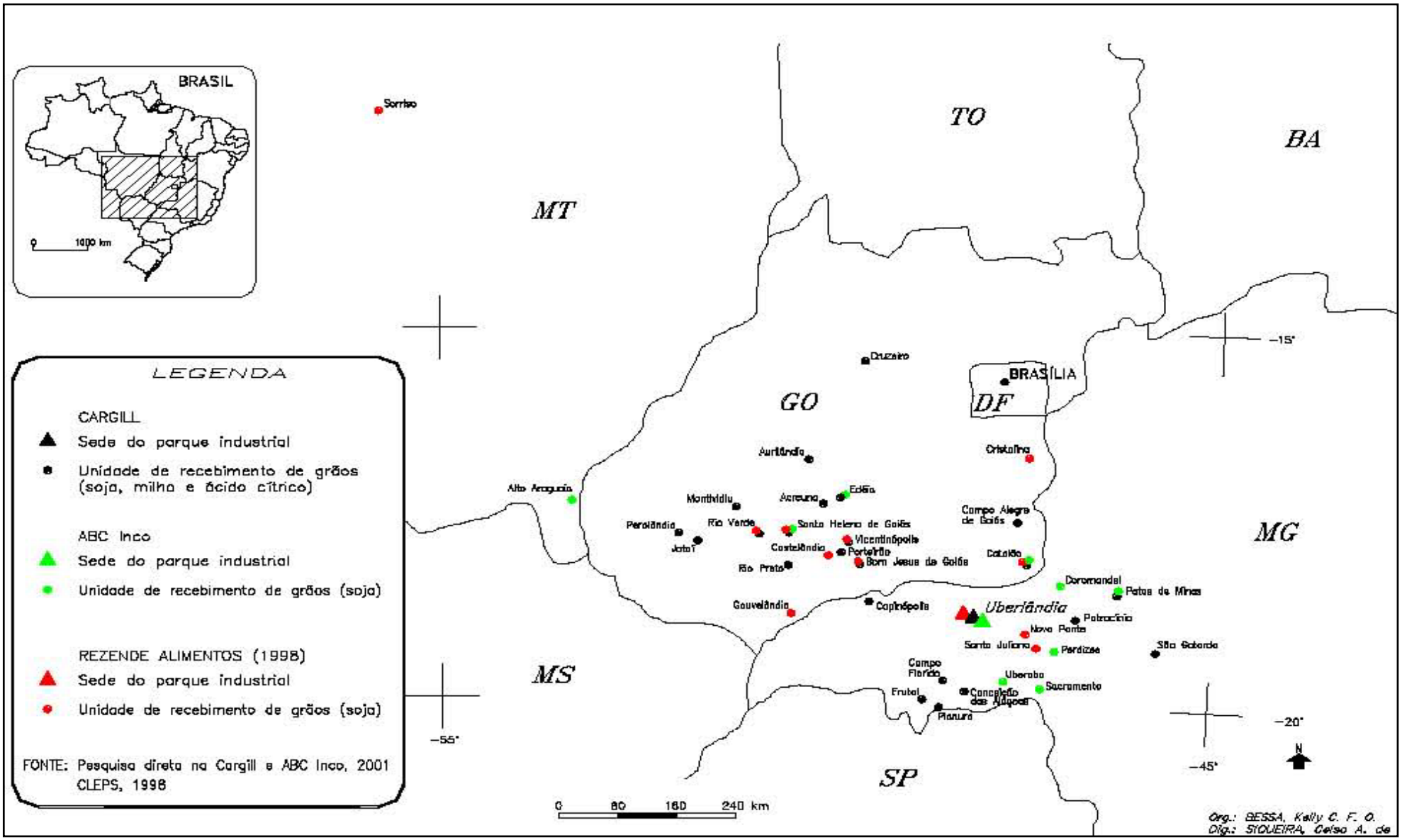
econômica, seja de capital local, capital nacional ou capital estrangeiro (ver Quadro 16), tornando-se responsáveis pela produção e/ou distribuição de produtos produzidos em unidades produtivas na cidade. Nesse sentido, Bessa (2005), baseada no trabalho de Cleps Júnior (1998), constrói um mapa com importantes agroindústrias presentes em Uberlândia (Mapa 05).

Quadro 16 – Uberlândia (MG): principais agroindústrias (2006).

Agroindústria	Setor de atividade	Origem
ABC A&P	Processamento de grãos e carnes	Brasil/Uberlândia
ABC Inco	Processamento de grãos	Brasil/Uberlândia
ADM Exportação e Importação	Processamento de grãos	Estados Unidos
Bebidas Antártica do Sudeste	Bebidas	Brasil
Braspelco	Beneficiamento de couro e pele	Brasil
Calu	Beneficiamento de leite e derivados	Brasil/Uberlândia
Cargill	Processamento de grãos e ácido cítrico	Estados Unidos
Chocolates Imperial	Chocolates, balas e bombons	Brasil/Uberlândia
Daiwa Têxtil do Brasil	Processamento de algodão	Japão
Erlan	Chocolates, balas e bombons	Brasil/Uberlândia
Granja Planalto	Granjas e ovos	Brasil/Uberlândia
Hartz Moutain	Ração	Estados Unidos
Icatril	Beneficiamento de Café	Brasil/Uberlândia
Itambé	Beneficiamento de leite e derivados	Brasil
Moinho 7 Irmãos	Beneficiamento de trigo	Brasil/Uberlândia
Monsanto	Processamento de milho e sorgo	Estados Unidos
Refrigerantes do Triângulo	Bebidas	Brasil/Uberlândia
Reimassas	Massas alimentícias	Brasil/Uberlândia
Sadia	Processamento de carnes e avicultura	Brasil
Souza Cruz	Processamento de fumo	Inglaterra
Swift-Amour	Processamento de vegetais	Brasil
Tarumã	Sorvetes, chocolates, balas e bombons	Brasil/Uberlândia
Uberlândia Refrescos	Bebidas	Estados Unidos/Brasil

Fonte: adaptado de Bessa (2007, p. 238).

Mapa 05 – Uberlândia (MG): estrutura logística de agroindústrias (2001).



Fonte: Bessa (2005, p. 187).

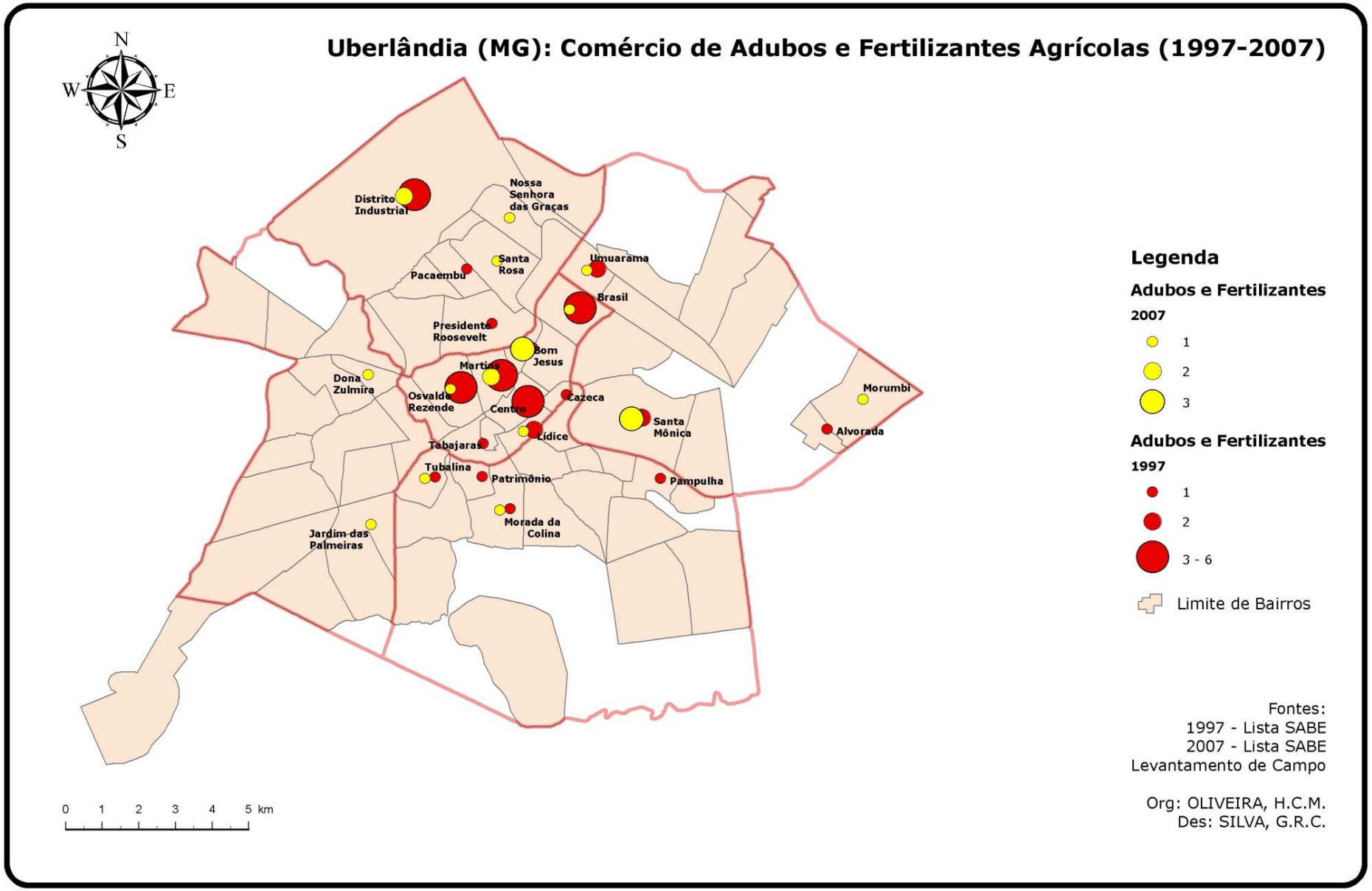
Nesse sentido, Cleps Júnior (1998) aponta que as agroindústrias foram responsáveis pela reorganização territorial do Triângulo Mineiro, através do investimento de capitais e da integração dos produtores rurais, das infra-estruturas de transportes, de armazenamento e comunicação ao seu ciclo produtivo. Isso levou a transformações na logística de captação de matéria-prima e de distribuição de mercadorias, alterando, assim, as relações espaciais entre o campo e a cidade nessa região (Cleps Júnior, 1998).

O reflexo do crescimento do setor agropecuário em Uberlândia é verificado no aumento das empresas ligadas a esse ramo de atividade presentes no espaço urbano da cidade. Isso é comprovado nos levantamentos realizados para os anos de 1997 e 2007, nos quais foi considerado o comércio de adubos, de fertilizantes agrícolas, de sementes e tratores, peças e serviços, conforme demonstrado nos mapas 06, 07 e 08.

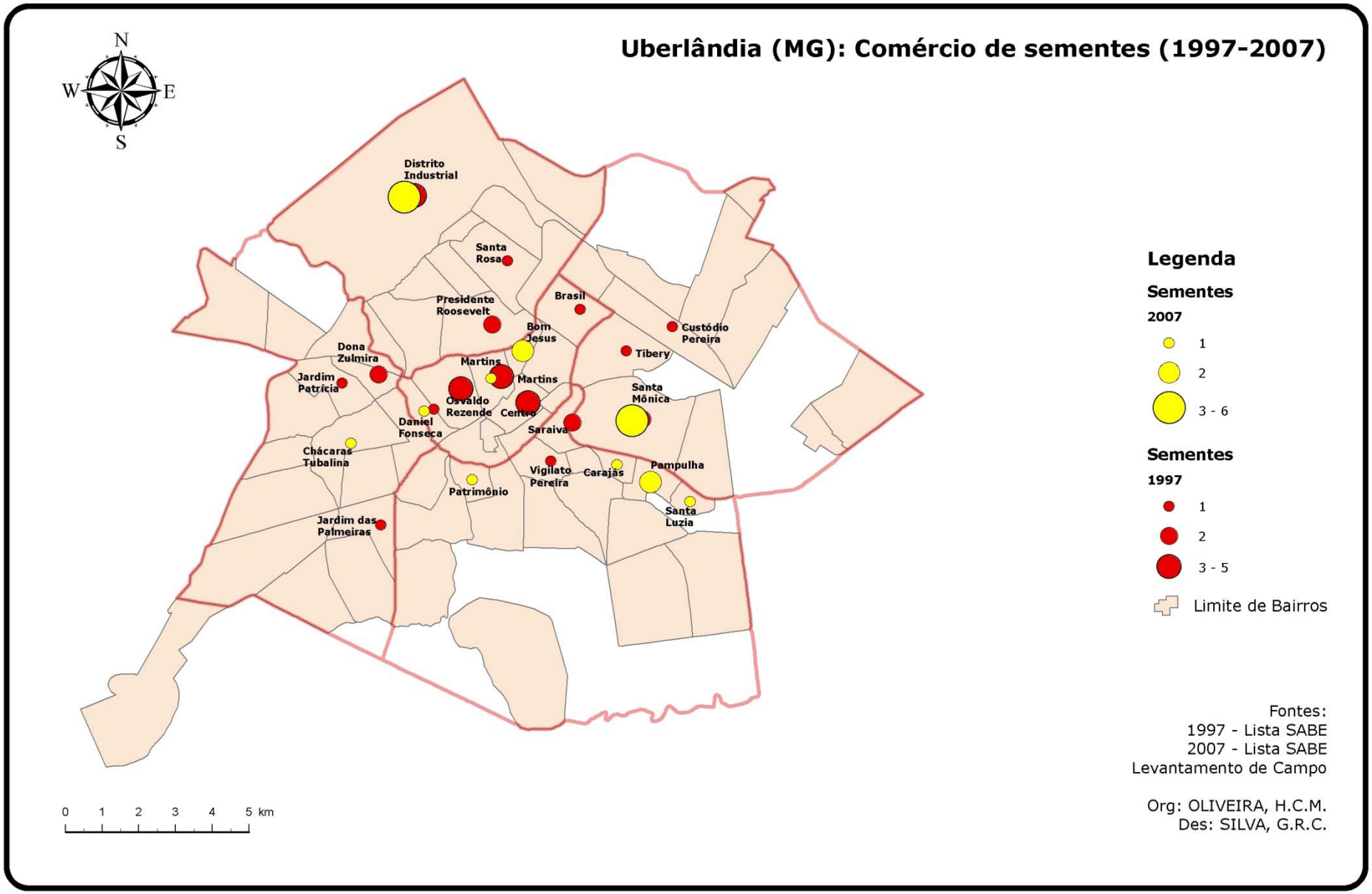
A análise dos mapas[1] 06, 07 e 08 permite concluir que apesar desse tipo de comércio estar voltado para o campo, a maior parte das lojas localiza-se no setor central da cidade e não nos bairros periféricos, mais próximos das áreas rurais do município. Nos outros setores da cidade, têm-se o bairro Santa Mônica e o Distrito Industrial como as duas áreas da cidade que apresentam maiores concentrações desse tipo de comércio. Entre esses três mapas, a comercialização de tratores, peças e serviços voltados para esses veículos é a que apresenta maior dispersão no espaço urbano da cidade, mas também com concentração de atividades no setor central. A Tabela 24 ilustra a distribuição das atividades referentes aos mapas 06, 07 e 08 por setores da cidade.

[1] O Mapa 05 representa que a quantidade de empresas que comercializam adubos e fertilizantes agrícolas era maior no ano de 1997 do que no ano de 2007. Essa diferença não representa a realidade, pois como os dados referentes ao ano de 1997 foram levantados somente a partir da lista telefônica, não foi possível diferenciar dessas empresas as agropecuárias de bairros, por exemplo. A mesma consideração é válida para o Mapa 06.

Mapa 06 – Uberlândia (MG): comércio de adubos e fertilizantes agrícolas (1997-2007).



Mapa 07 – Uberlândia (MG): comércio de sementes (1997-2007).



Mapa 08 – Uberlândia (MG): venda de tratores, peças e serviços (1997-2007).

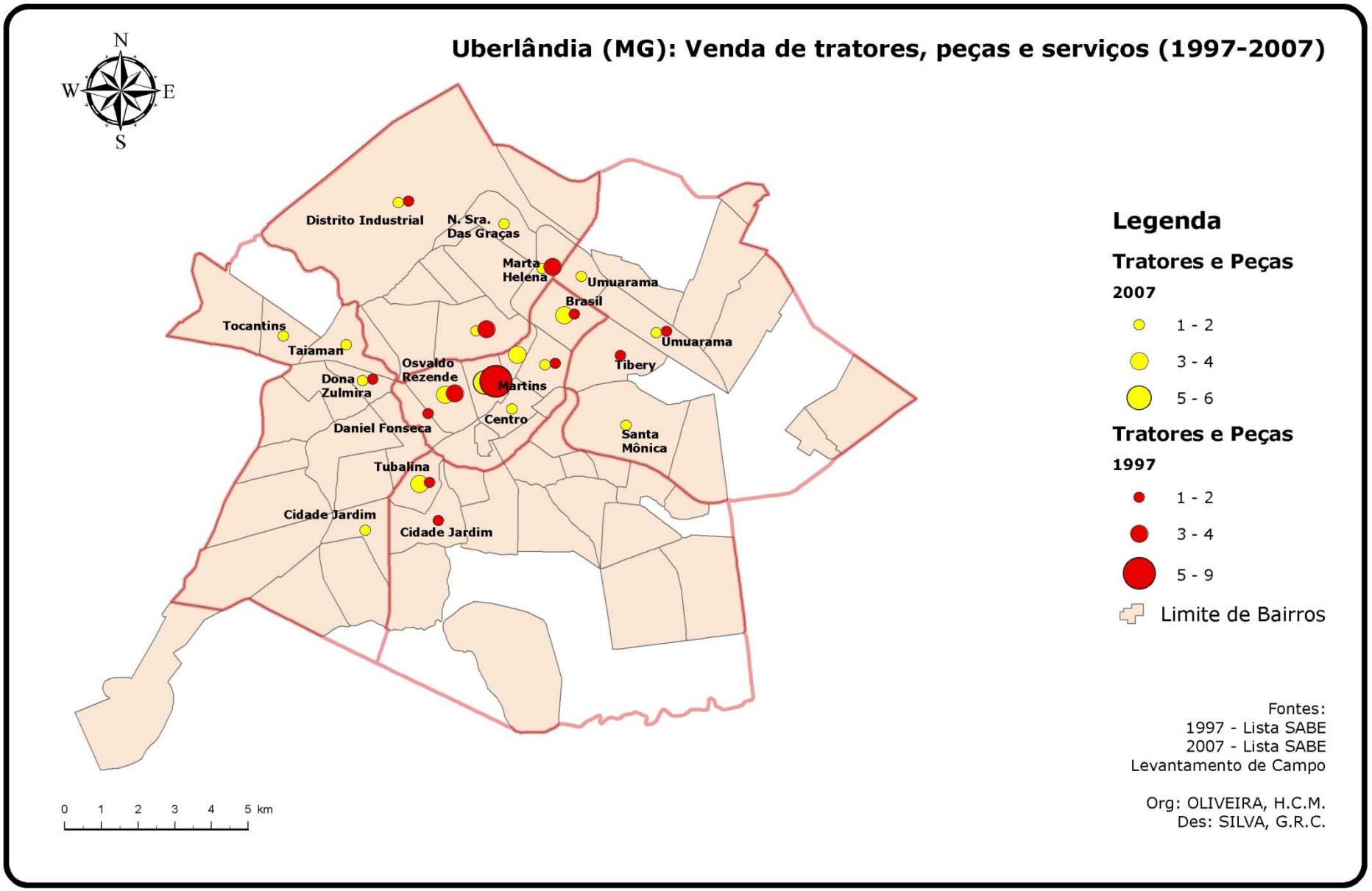


Tabela 24 – Uberlândia (MG): espacialização das unidades de atividades comerciais por setores da cidade (1997-2007).

Setor da cidade	Adubos e fertilizantes		Sementes		Tratores	
	1997	2007	1997	2007	1997	2007
Central	23	08	16	04	18	18
Leste	05	06	03	05	02	04
Oeste	00	02	04	01	03	04
Norte	07	04	08	06	08	07
Sul	04	02	02	04	01	03
Total	39	22	33	20	22	36

Fonte: Lista SABE (1997), Lista SABE (2007) e Levantamento de Campo (2007).

A diminuição no número de empresas referentes ao setor agropecuário pode estar ligada a uma tendência global de mercado, qual seja, do acirramento da competitividade entre as empresas, obrigando-as a se modernizarem. Aquelas que não conseguem se inserir nesse novo mercado são obrigadas a se fundirem com outras ou, com o passar do tempo, serão extintas.

A análise da distribuição espacial dessas empresas no espaço urbano de Uberlândia pode indicar que o custo da terra e a necessidade de amplos estacionamentos inviabilizam sua permanência no setor central da cidade, explicando o aumento de unidades nos bairros externos ao setor central no ano de 2007, deslocando-se para importantes vias de circulação da cidade.

Relacionado diretamente ao setor agroindustrial está o setor secundário de Uberlândia, pois as indústrias da cidade encontram-se ligadas à produção agropecuária do município e do seu entorno regional. De acordo com Cleps (1998), as atividades agropecuárias do entorno regional de Uberlândia integram, cada vez mais, o setor primário e a indústria, inserindo, assim, as agroindústrias nas atividades urbanas. Fica clara, então, a importância das agroindústrias ao observar o total de estabelecimentos industriais existentes em Uberlândia, sendo que, mesmo somando somente 15% do total de unidades industriais no ano de

2005 (ver Tabela 25) elas são responsáveis pela intensificação da rede de fluxos oriundos a partir da cidade, uma vez que as unidades produtivas existentes em Uberlândia distribuem produtos para todo o Brasil, como exemplos, a Cargill, a Sadia e a Souza Cruz.

Tabela 25 – Uberlândia (MG): número de unidades industriais (1980-2005).

Tipo de atividade	1980	2000	2005
Extrativa mineral	20	27	26
Metalúrgica, minerais não-metálicos e plásticos	151	142	181
Mecânica, material elétrico e comunicação	114	53	65
Material de transporte	28	30	24
Madeira e mobiliário	108	67	91
Papel, papelão, editorial e gráfica	37	101	93
Borracha, couro, peles e similares	-	63	54
Fumo	01	01	01
Química, farmacêutica, veterinária e perfumaria	32	64	76
Têxtil, vestuário, calçados e artefatos de tecido	85	170	177
Produtos alimentares e bebidas	156	245	282
Construção civil, serviços industriais e indústrias diversas	52	820	731
Total	326	1.783	1.801

Fonte: adaptado de BDI (2007b, p. 337) e Bessa (2007, p. 237).

Em levantamento realizado junto à União da Empresas do Distrito Industrial de Uberlândia[2] (UNEDI), das 73 empresas associadas, 14 empresas estão ligadas ao setor agropecuário, demonstrando que mesmo não sendo representativas no número total, são empresas importantes para a economia local e regional.

[2] A UNEDI é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que atua em âmbito regional agregando atualmente 70 das 120 empresas do Distrito Industrial de Uberlândia. A UNEDI possui os seguintes objetivos: i) defesa dos interesses comuns de seus associados e respectivos empregados; ii) colaborar com as entidades públicas e de classes; iii) colaborar no desenvolvimento e funcionamento do Distrito Industrial; iv) promover o espírito comunitário e o bem estar dos associados e empregados; v) colaborar com as entidades governamentais pela política de desenvolvimento econômico do Estado; vi) promover a preservação do meio ambiente; vii) aliar-se na defesa de interesses comuns as associações de classes congêneres e outras entidades afins; viii) organizar seus próprios cursos contando com convênios e departamentos especializados em ensino técnico-profissionalizante; ix) estabelecer programas integrados de modernização tecnológica das empresas associadas, através de estudos e medidas visando incrementar o parque industrial. Fonte: <www.unedi.com.br>. A lista completa com o nome das empresas associadas à UNEDI encontra-se no Anexo 03 desse trabalho. Para saber mais sobre o Distrito Industrial de Uberlândia, confira: Soares (1995).

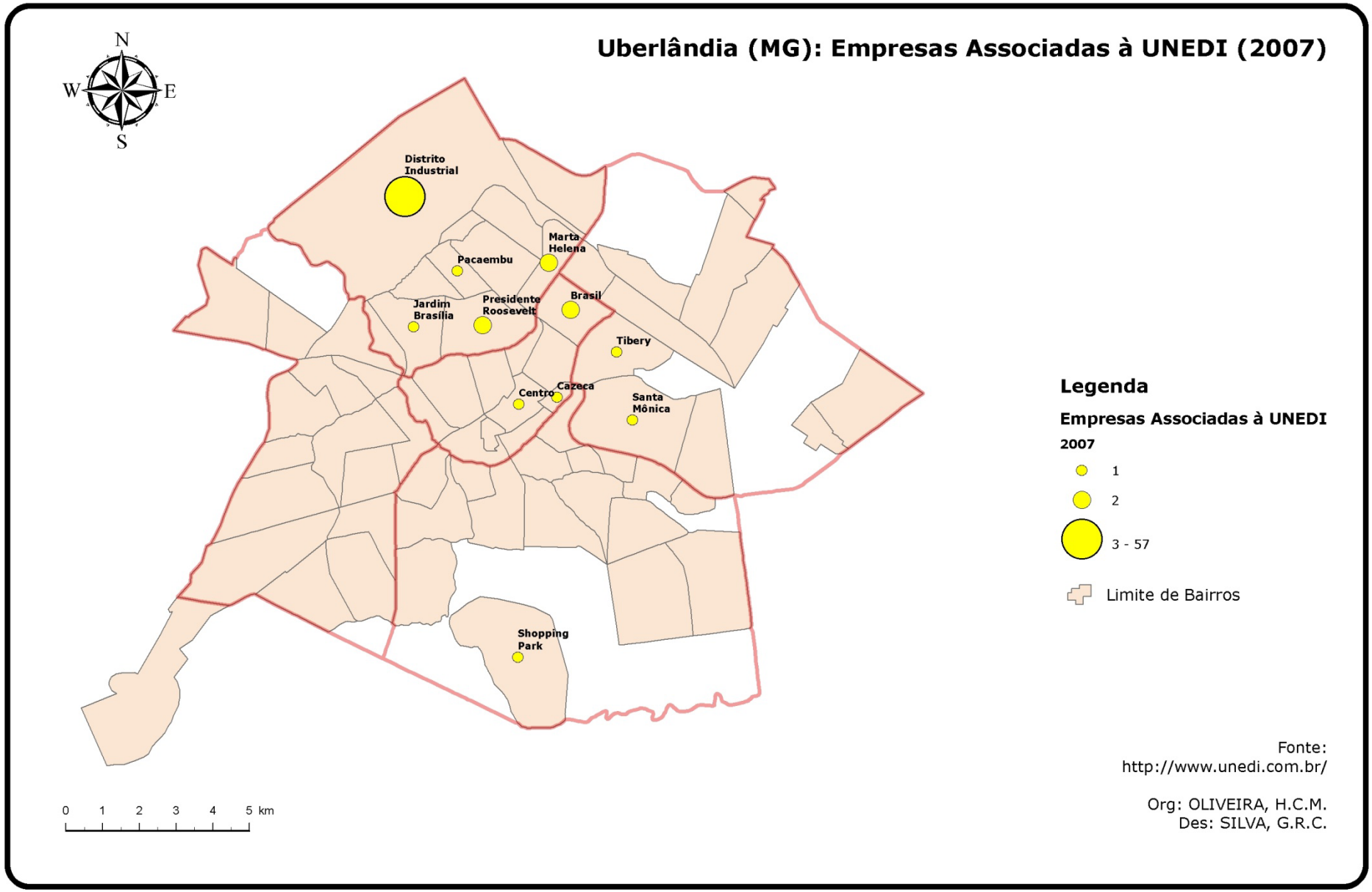
Dessas 14 empresas, somente duas estão fora do Distrito Industrial, a Produtos Erlan[3], no limite do perímetro urbano e a Sadia S/A, no bairro Jardim Brasília, no setor norte da cidade (ver Mapa 09).

Além das empresas ligadas ao setor agropecuário, o Distrito Industrial de Uberlândia abarca outras empresas, como os atacadistas, a fábrica de cigarros, a de processamento de couros, a fábrica de tecidos e as empresas de logísticas.

O setor industrial deu à cidade de Uberlândia, no ano de 2004, a quinta posição no *ranking* dos maiores PIB do estado de Minas Gerais[4], conforme demonstrado na Tabela 17. Já com relação ao ICMS, o setor secundário foi responsável, no ano de 2006, por mais de 55% do total municipal, demonstrando a força econômica desse setor na economia do município (Tabela 18).

[3] Não representada no Mapa 08.
[4] No ano de 2005, Uberlândia sobe para a quarta posição, ficando atrás somente de Belo Horizonte, Contagem e Ipatinga.

Mapa 09 – Uberlândia (MG): empresas associadas à UNEDI (2007).



O setor terciário de Uberlândia foi responsável, no ano de 2005, pelo segundo maior PIB do estado de Minas Gerais e pela maior parte do total do PIB municipal, demonstrando que as atividades ligadas a esse setor da economia contribuem significativamente para a circulação de capital na cidade. Além disso, esse setor foi responsável, no ano de 2006, por mais de 40% do ICMS recolhido em Uberlândia. Dentre as atividades econômicas presentes no setor terciário, as que possuem maior representatividade são o comércio varejista, o ligado ao setor imobiliário e o de alimentos, conforme demonstra a Tabela 26.

Tabela 26 – Uberlândia (MG): número de empresas do setor terciário (2000-2005).

Tipo de atividade	2000	2005
Comércio Varejista	3.703	4.672
Comércio Atacadista	550	643
Instituição de crédito, seguro e capitalização	160	188
Comércio e administração de imóveis	1.218	1.586
Transporte e comunicação	434	652
Serviço de alojamento e alimentação	1.034	1.310
Serviços médico, odontológico e veterinário	736	839
Ensino	185	210
Administração pública direta e autarquia	36	27
Total	8.056	10.127

Fonte: BDI (2007b, p. 341).

Dentre as diferentes atividades que compõem o setor terciário de Uberlândia, a mais representativa nacionalmente e que merece destaque é o comércio atacadista e de distribuição de mercadorias, pois as maiores empresas atacadistas brasileiras possuem sede em Uberlândia, ao quais são: Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A, Arcom Comércio Importações e Exportações Ltda., Peixoto Comércio, Indústria e Serviço de Distribuição Ltda., União Comércio e Exportação Ltda., Aliança Atacadista e Real Moto Peças, além

da presença de unidades filiais de outras empresas, como Makro Atacadista S/A, Tecidos Tita Ltda. Segundo dados da Associação Brasileira de Atacadista e Distribuidores (ABAD, 2007), o *ranking* das maiores empresas atacadista-distribuidoras que atuam no Brasil é liderado pela Makro Atacadista S/A, acompanhada da Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A, Megafort Distribuição, Importação e Exportação Ltda., Zamboni Comercial S/A, JC Distribuição Logística, Importação e Exportação de Produtos Industriais S/A e União Comércio e Exportação Ltda. Já no *ranking* da empresas nacionais de 2005, as empresas sediadas em Uberlândia aparecem, em primeiro lugar, a Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A com maior faturamento, atingindo o valor de R$ 2.702.793.870[1], em segundo, com faturamento de R$ 1.078.983.000, a Arcom Comércio Importações e Exportações Ltda., e em sexto no ranking, com faturamento anual de R$ 340.495.453, a União Comércio e Exportação Ltda (BDI, 2007).

Cleps (1997) afirma que as atividades referentes à distribuição de mercadorias na região do Triângulo Mineiro e na cidade de Uberlândia fizeram com que a região e a cidade se consolidassem como um importante centro de comercialização, explicando, assim, o desenvolvimento das atividades atacadistas em Uberlândia. Nesse sentido a autora afirma que:

> A criação e o desenvolvimento da infra-estrutura de transporte e de comunicação deram suporte ao desenvolvimento do comércio, principalmente do atacadista que hoje faz com que a cidade de Uberlândia seja reconhecida em todo o território nacional como a "capital do atacado", ou ainda como o maior "pólo atacadista da América Latina". Esse desenvolvimento, regional e local, só foi possível graças a intervenção do poder público que possibilitou a instalação de infra-estrutura necessária para a sua prosperidade. (CLEPS, 2005, p. 191).

[1] O valor médio do dólar no ano de 2005 foi de R$ 2,434, segundo o Bando Central.

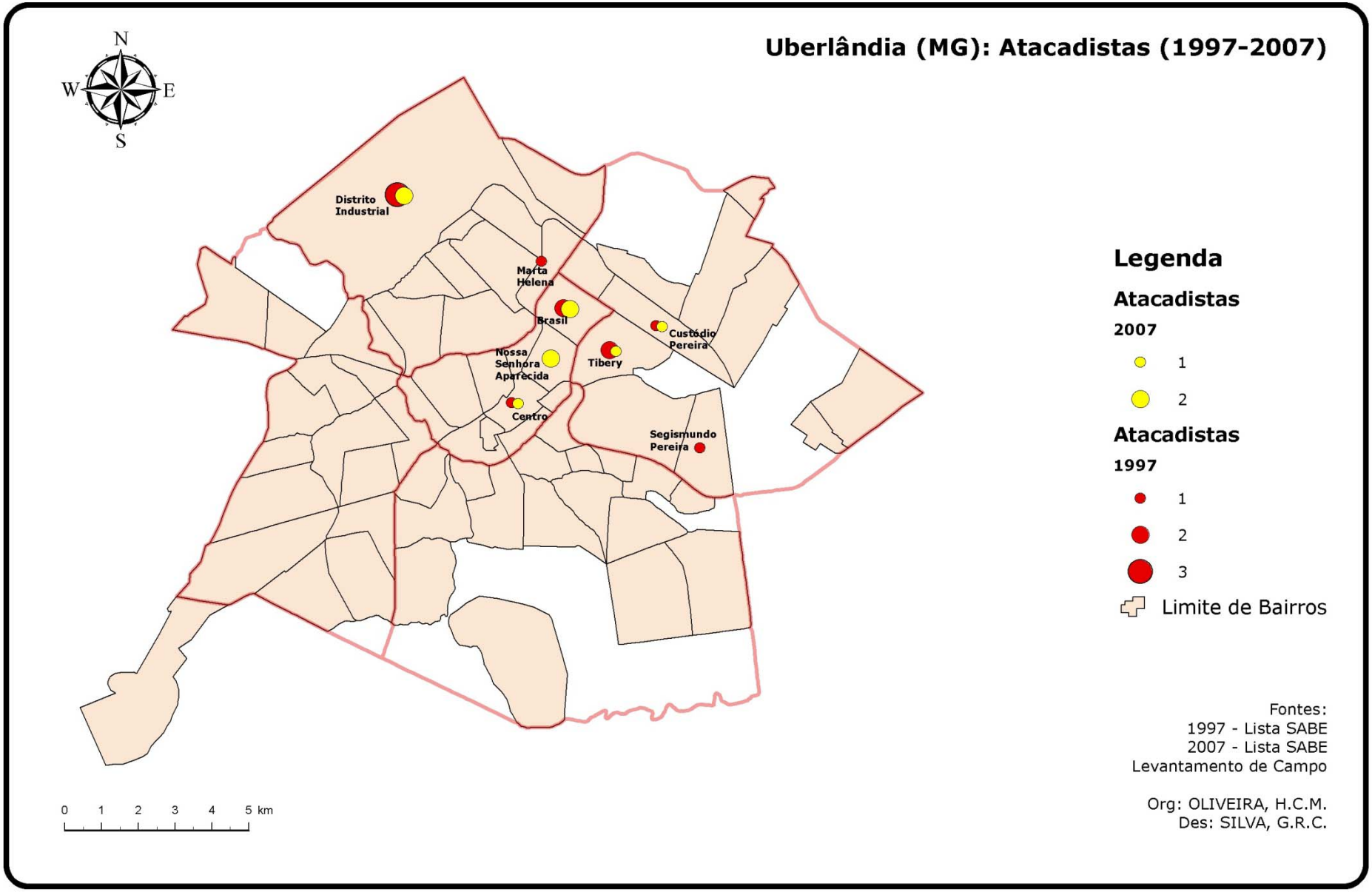
A partir do Mapa 10, que demonstra a distribuição espacial das empresas atacadistas no espaço urbano de Uberlândia[2], percebe-se que o número de empresas diminuiu de 1997 para 2007. O fator que explica essa diminuição é a fusão de empresas atacadista-distribuidoras ou o seu fechamento, como foi o caso da empresa Dom Bosco Comércio Importação e Exportação Ltda, vendida em 1995 para a Arcom Comércio Importação e Exportação LTDA. Essas empresas por necessitarem de grandes estruturas físicas e de uma malha de circulação eficiente, normalmente se instalam no Distrito Industrial ou em bairros próximos às rodovias de acesso à cidade, facilitando, assim, a circulação dos seus veículos de transporte.

Com exceção da empresa instalada no núcleo central da cidade de Uberlândia (Tecidos Tita Ltda), todas as outras empresas estão instaladas em áreas da cidade com boa circulação de veículos, facilitando, assim, o acesso dos caminhões e carretas responsáveis pela a circulação da mercadoria. Percebe-se também que essas empresas estão instaladas nos bairros próximos a duas importantes rodovias de acesso, a BR-365, que liga o pontal do Triângulo Mineiro ao Norte de Minas e a BR-050, que liga São Paulo a Brasília, passando por Uberlândia.

A análise do Mapa 10 permite concluir que a lógica de instalação dessas empresas está relacionada à existência de grandes áreas, pois necessitam de ampla área coberta para armazenamento das mercadorias e espaço para estacionamento de seus veículos. Isso explica a instalação da empresa União Comércio e Exportação Ltda fora do perímetro urbano da cidade, às margens da Rodovia Municipal Neuza Resende, que interliga a cidade aos distritos de Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia, não sendo representada no Mapa 10.

[2] Para saber mais sobre as empresas atacadista-distribuidoras de Uberlândia e suas áreas de atuação, confira Cleps (1997).

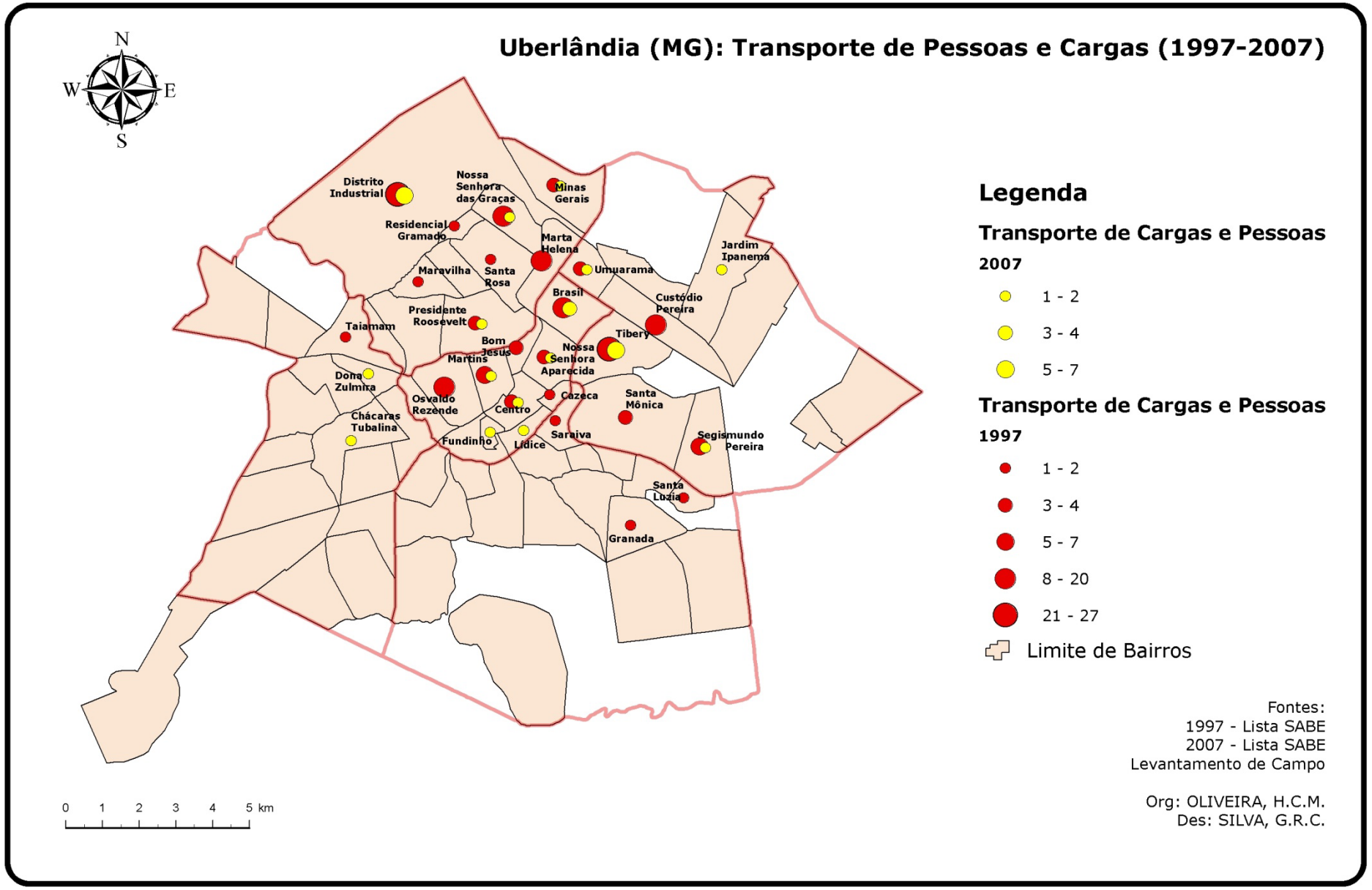
Mapa 10 – Uberlândia (MG): atacadistas (1997-2007).



Uma atividade econômica que está estritamente ligada às empresas atacadista-distribuidoras é a de transporte de cargas e pessoas, uma vez que, quando as empresas não possuem veículos disponíveis para o transporte de suas mercadorias elas terceirizam o serviço, alugando frotas de outras empresas. Segundo dados da ABAD (2007) a empresa que possui a maior frota do Brasil é a Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A, com 1.163 veículos, enquanto a segunda empresa do *ranking* em tamanho de frota possui 545 veículos próprios. A segunda maior empresa atacadista-distribuidora de Uberlândia é a União Comércio e Exportação Ltda, que está na sexta posição do *ranking* geral da ABAD (2007) e possui a quinta maior frota particular, com 166 veículos e a segunda maior frota terceirizada, com 290 veículos. Já a Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A está na quinta posição das frotas terceirizadas, com 145 veículos (ABAD, 2007), explicando, assim, o tamanho do setor de transporte em Uberlândia.

O Mapa 11 demonstra a distribuição espacial das empresas de transporte existentes na cidade de Uberlândia, nos anos de 1997 e 2007, destacando que o número no ano de 1997 era superior (176 unidades) à do ano de 2007 (36 unidades). Elementos que explicam a diminuição no número de empresas no período pesquisado são: i) acirramento da concorrência e aumento da competitividade entre as empresas, dificultando a existência de pequenas empresas pouco competitivas; ii) fusão de empresas; iii) diminuição da oferta de serviço causada pelo fechamento/fusão de algumas empresas atacadista-distribuidoras, conforme demonstrado no Mapa 10.

Mapa 11 – Uberlândia (MG): transporte de pessoas e cargas (1997-2007).



Outra atividade diretamente vinculada às empresas atacadista-distribuidoras é o comércio varejista, principalmente as lojas de departamento, hipermercados e supermercados.

Apesar das lojas de departamentos possuírem frota própria de veículos para transporte de mercadorias, sempre mantêm ligações com as empresas atacadista-distribuidoras, pois algumas marcas e produtos têm contrato de distribuição exclusivo com essas empresas, como é o caso da linha de produtos eletroeletrônicos da Electrolux com a empresa Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A.

Com relação à dispersão espacial dessas lojas, no ano de 2007, a maior parte das lojas concentra-se no setor central da cidade, com exceção daquelas existentes no s*hopping center*[1] da cidade de Uberlândia, localizado no bairro Tibery e do armazém de depósito no bairro Morumbi. No ano de 1997 essas lojas localizavam-se somente no setor central da cidade, em dois bairros específicos, Centro e Nossa Senhora da Aparecida, conforme demonstra o Mapa 12. No período analisado de dez anos (1997-2007) houve um crescimento dessa atividade econômica na cidade, passando de quinze lojas de nove empresas diferentes, no ano de 1997, para 23 lojas de treze empresas. No mês de julho de 2007 a rede de lojas MIG foi vendida para rede de lojas Ricardo Eletro, transformando-se na empresa com o maior número de unidades na cidade de Uberlândia (ver Tabela 27).

[1] Pertencente ao grupo Arcom, da empresa atacadista-distribuidora Arcom Comércio Importações e Exportações Ltda.

Mapa 12 – Uberlândia (MG): lojas de departamentos (1997-2007).

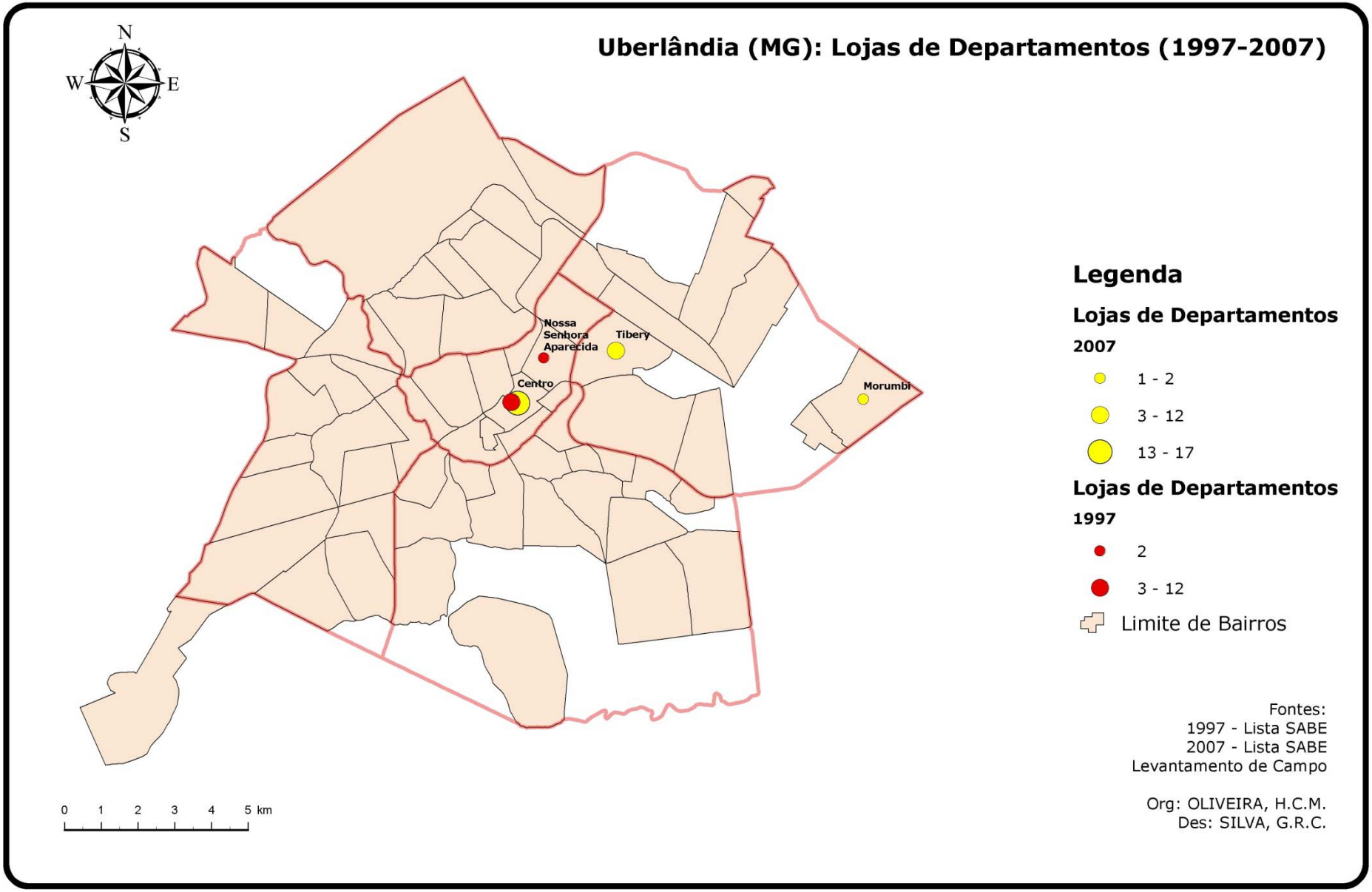


Tabela 27 – Uberlândia (MG): número de lojas varejista de departamentos (1997-2007).

Rede	1997	2007
C & A	00	01
Casas Bahia	02	02
Casas Pernambucanas	01	01
Eletrosom	00	02
Eletrozema	00	01
Lojas Americanas	01	01
Lojas Arapuá	01	00
Lojas MIG	03	05
Lojas Renner	00	01
Magazine Luiza	02	03
Ponto Frio	01	02
Riachuelo	01	01
Ricardo Eletro	00	02
Spirandelli	03	00
Têxtil Abril	00	01
Total	15	23

Fonte: Lista SABE (1997), Lista SABE (2007) e Levantamento de Campo (2007).

A localização central dessas atividades está relacionada ao acesso dos consumidores às lojas, pois, por estarem próximas ao terminal central de ônibus urbano, atendem todas as classes sociais. Além disso, o serviço de entrega em domicílio sem taxa extra permite que a população de baixa renda possa consumir nessas lojas, sem se preocupar com o transporte da mercadoria. Essas lojas podem ser classificadas, de acordo com Duarte (1974), no tipo de comércio de consumo pouco freqüente, o qual tem o poder de atração sobre a população de áreas distantes da loja, devido à necessidade de aquisição de produtos que são encontrados somente nessas lojas.

Ligados ao comércio varejista de uma cidade estão os hipermercados e supermercados, definidos como comércio de auto-serviço[2]. Foram consideradas para essa pesquisa os hipermercados existentes em Uberlândia (Carrefour e

[2] Sobre o comércio de auto-serviço em Uberlândia, confira Cleps (2005).

Extra), os supermercados em rede[3] (Bretas Supermercados, Sinhá Supermercados, Leal Supermercados, Rede Super Maxi de Supermercados, Rede Smart de Supermercados, Rede Biz de Supermercados e Rede Valor de Supermercados) e dois importantes supermercados que possuem somente uma loja, Supermercado Cristo Rei e Supermercados D'Ville.

Com relação à localização das lojas, os dois hipermercados encontram-se em vias de trânsito rápido, de fácil acesso e com amplos estacionamentos. O hipermercado Carrefour ocupa uma área vizinha ao *shopping center* da cidade, no entroncamento de duas principais avenidas da cidade, a avenida João Naves de Ávila e a avenida Rondon Pacheco, no setor leste da cidade, enquanto hipermercado Extra localiza-se na avenida Rondon Pacheco, no limite do setor central com setor sul. As lojas de supermercados em rede encontram-se distribuídas por todo o espaço urbano de Uberlândia, conforme demonstra o Mapa 13. Entre as redes existentes em Uberlândia, a Rede Smart de Supermercados e a Rede Valor de Supermercados merecem ser destacadas, pois são empresas que pertencem, respectivamente, as empresas atacadista-distribuidoras Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A e Peixoto Comércio, Indústria e Serviço de Distribuição Ltda. Essas duas redes possuem lojas em toda a região do Triângulo Mineiro e controlam parte significativa dos supermercados em rede da cidade, conforme demonstra a Tabela 28.

De acordo com o Mapa 13, os supermercados e hipermercados de Uberlândia não se concentram em um setor específico da cidade, estando espalhados pela cidade divididos, por setores, da seguinte maneira: setor central com quatorze lojas, setor norte com nove lojas, setor sul com onze lojas, setor leste com cinco lojas e o setor oeste com treze lojas.

[3] Supermercado em rede é entendido aqui como aquele que possui mais de uma loja na cidade de Uberlândia.

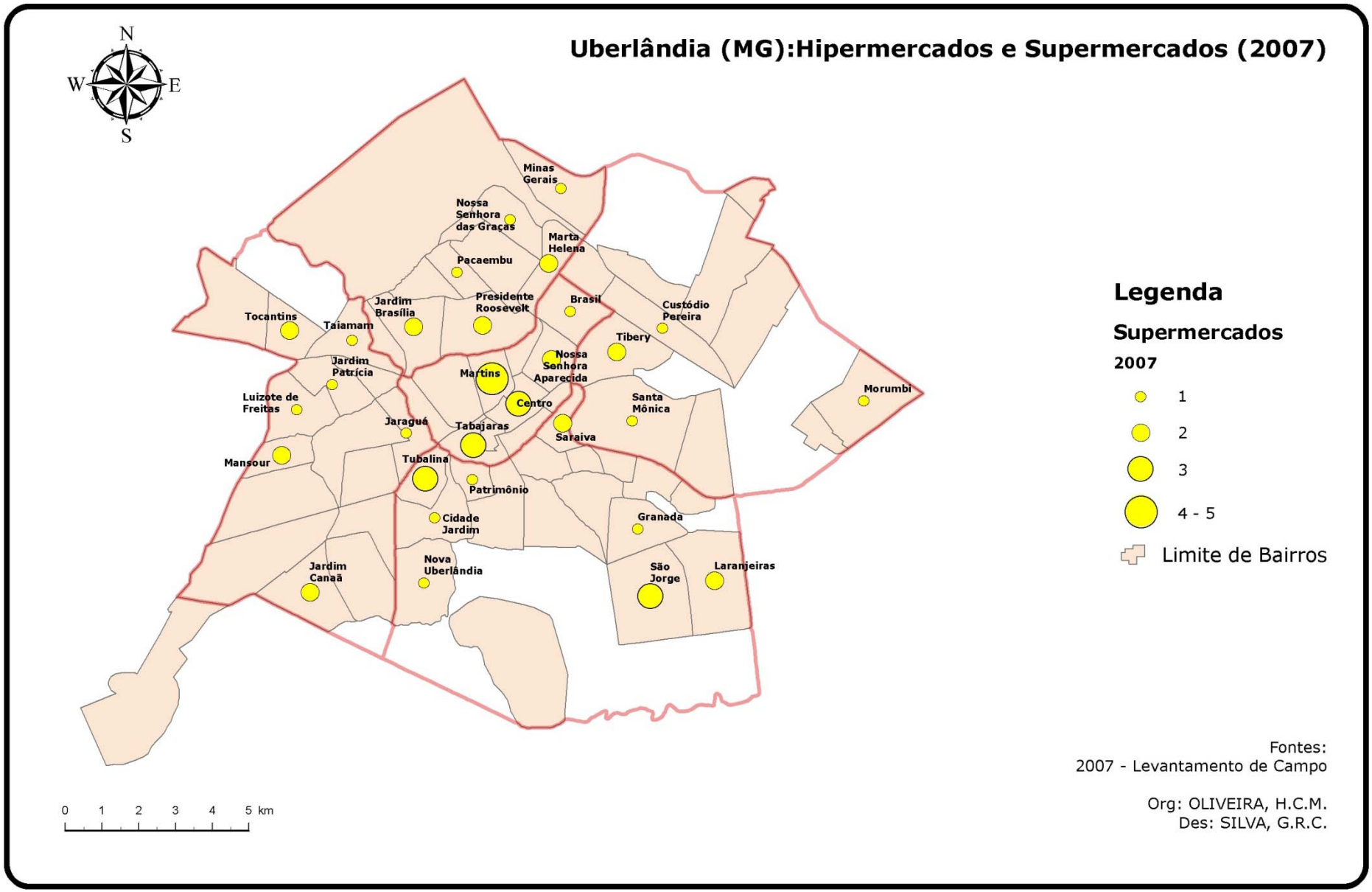
A explicação da difusão das lojas no espaço urbano da cidade está relacionada à não expressiva atratividade que essa atividade econômica tem sobre a população, inserindo-se no grupo do comércio de consumo freqüente, conforme proposta de Duarte (1974) entretanto, por apresentarem maior diversidade de produtos comercializados e por estarem interligados em rede, os supermercados pesquisados criam uma área de polarização superior aos mercados de bairro, abarcando os bairros de seu entorno. Para os hipermercados essa constatação não é válida, pois em função de suas dimensões, oferta de produtos e preços, sua escala de atuação pode ultrapassar os limites municipais.

Tabela 28 – Uberlândia (MG): nº de lojas de supermercados em rede (2007).

Rede	Número de lojas
Bretas Supermercados	06
Leal Supermercados	02
Rede Biz de Supermercados	16
Rede Smart de Supermercados	10
Rede Valor de Supermercados	09
Sinhá Supermercados	03
Super Maxi Supermercados	04
Total	50

Fonte: Levantamento de Campo (2007).

Mapa 13 – Uberlândia (MG): hipermercados e supermercados (2007).



As atividades de comércio varejista conferem à cidade de Uberlândia uma importância regional, pois atraem populações de outras cidades para o consumo de mercadorias. Assim, o comércio varejista, como a educação e a saúde, são atividades econômicas responsáveis por atrair pessoas e capitais para a cidade, fortalecendo, dessa maneira, as relações que Uberlândia possui com as cidades do seu entorno regional. Nesse sentido, Soares (1995), ao estudar a cidade de Uberlândia, chega à conclusão de que essa cidade possuía um significado regional muito expressivo, constituindo-se em um centro polarizador de alto contingente populacional, consumidor de seus serviços e bens produzidos. Na opinião da autora, os fatores que colocam Uberlândia como centro de expressão regional são: comércio (atacadista[4] e varejista); educação superior; atendimento à saúde; serviços financeiros, de informática e de apoio à produção.

Com relação ao atendimento à saúde, percebe-se que nos últimos dez anos (1997-2007), o número de clínicas, hospitais e lojas especializadas no comércio de artigos e equipamentos hospitalares cresceram significativamente. O número de clínicas médicas, que era de 73 unidades no ano de 1997, passou para 137 no ano de 2007, com maior crescimento no setor central da cidade, conforme demonstra a Tabela 29 e o Mapa 14. As clínicas existentes em Uberlândia permeiam as diferentes especialidades médicas, desde as clínicas estéticas até as especializadas em tratamento oncológico (ver Apêndice 01). As clínicas médicas concentram suas atividades nas áreas próximas aos hospitais, seguindo uma tendência espacial para todo o setor de saúde privada de Uberlândia, que é a localização nos bairros pertencentes ao setor central, criando áreas especializadas no espaço da cidade.

[4] Soares (1995) afirma que no setor atacadista a influência de Uberlândia pode ser considerada nacional, pois a partir das empresas existentes, a cidade estabelece relações com diferentes cidades de outras regiões do país.

Tabela 29 – Uberlândia (MG): espacialização das unidades de atividades ligadas ao setor de saúde (1997-2007).

Setores	Clínicas médicas		Equipamentos hospitalares		Hospitais	
	1997	2007	1997	2007	1997	2007
Central	66	119	15	19	09	09
Leste	02	08	02	00	02	03
Oeste	01	03	00	00	00	00
Norte	00	00	00	02	00	00
Sul	04	07	01	01	00	02
Total	73	137	18	22	11	14

Fonte: Lista SABE (1997), Lista SABE (2007) e Levantamento de Campo (2007).

Nesse mesmo sentido, o Mapa 15 e a Tabela 29 apresentam o crescimento das lojas especializadas no comércio de artigos e equipamentos hospitalares, com maior crescimento, também, no setor central da cidade, sendo que no ano de 1997 a cidade possuía, no total, 18 lojas especializadas, passando para 22 no ano de 2007. Essas empresas estão instaladas nos mesmos bairros ou em bairros vizinhos em que estão presentes os hospitais, segundo uma lógica de coesão de atividades ligadas à saúde.

Os hospitais também apresentaram crescimento nos últimos dez anos, passando de 11 unidades no ano de 1997 para 14 no ano de 2007, conforme demonstra a Tabela 29 e o Mapa 16[5]. É necessário destacar que dois hospitais fecharam no período pesquisado. No ano de 1997, o Hospital Santa Terezinha e o Hospital São Camilo existiam na cidade, já no ano de 2007 eles não estão presentes, concluindo, assim, que no período de 1997 a 2007, cinco novos hospitais foram abertos, conforme demonstra o Quadro 17.

[5] No Mapa 18 não estão presentes as Unidades de Atendimento Integrado (UAI) e as Unidades Básicas de Saúde (UBS – Postos de Saúde), ambas controladas pelo poder público municipal.

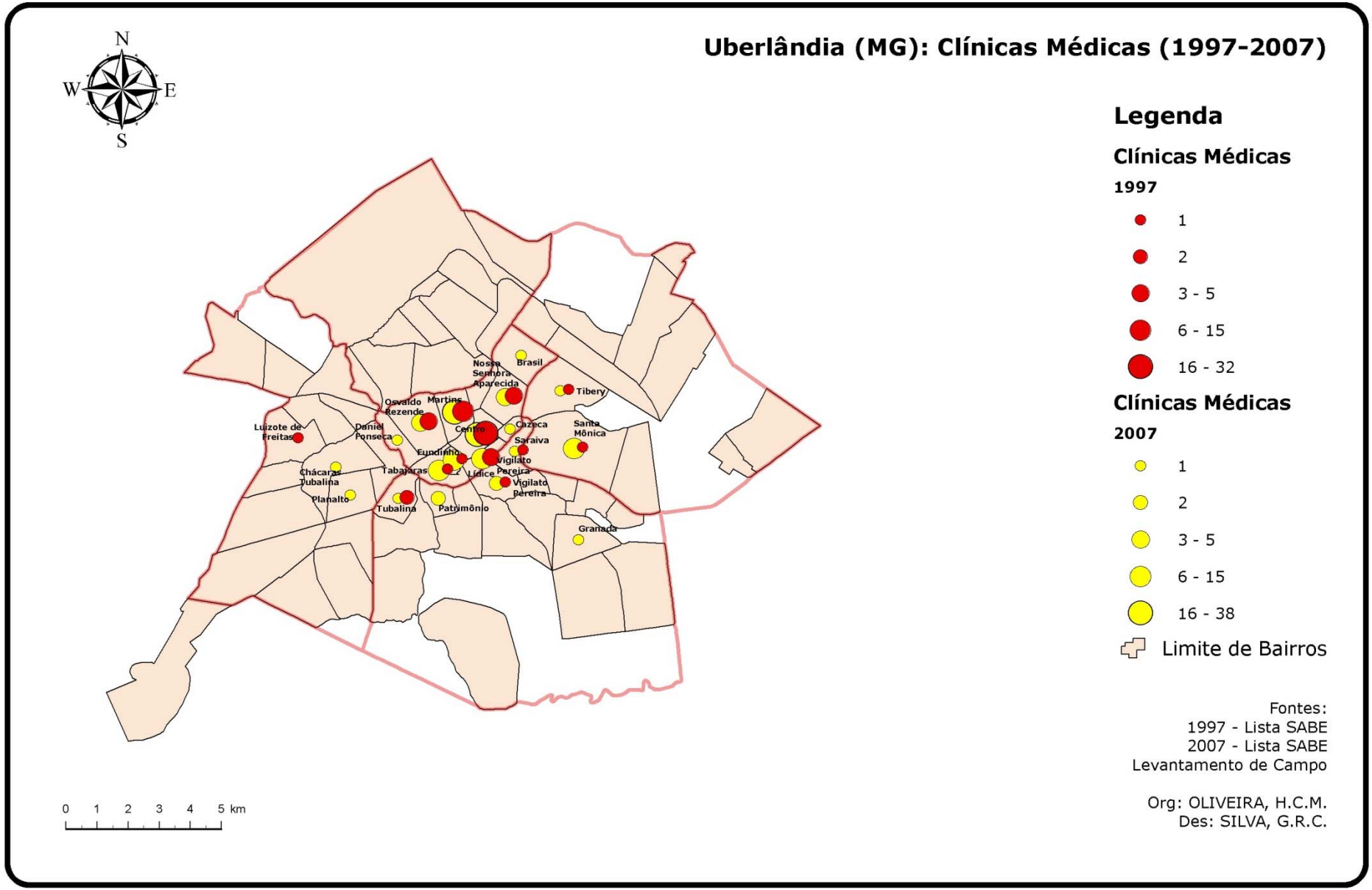
Quadro 17 – Uberlândia (MG): hospitais (1997-2007).

1997	2007
Hospital do Triângulo	Hospital de Clínicas e Cirurgia Ocular
Hospital do Câncer	Hospital de Olhos Brasil Central
Hospital da Universidade Federal de Uberlândia	Hospital do Câncer
Hospital Santa Catarina	Hospital do Triângulo
Hospital Santa Clara	Hospital e Maternidade Madrecor
Hospital Santa Genoveva	Hospital e Maternidade Santa Clara
Hospital Santa Marta	Hospital da Universidade Federal de Uberlândia
Hospital Santa Terezinha	Hospital Infantil Dom Bosco
Hospital São Camilo	Hospital Ortomed Center
Hospital São Francisco de Paula	Hospital Santa Catarina
Instituto São Lucas	Hospital Santa Genoveva
	Hospital Santa Marta
	Hospital São Francisco de Paula
	Instituto São Lucas

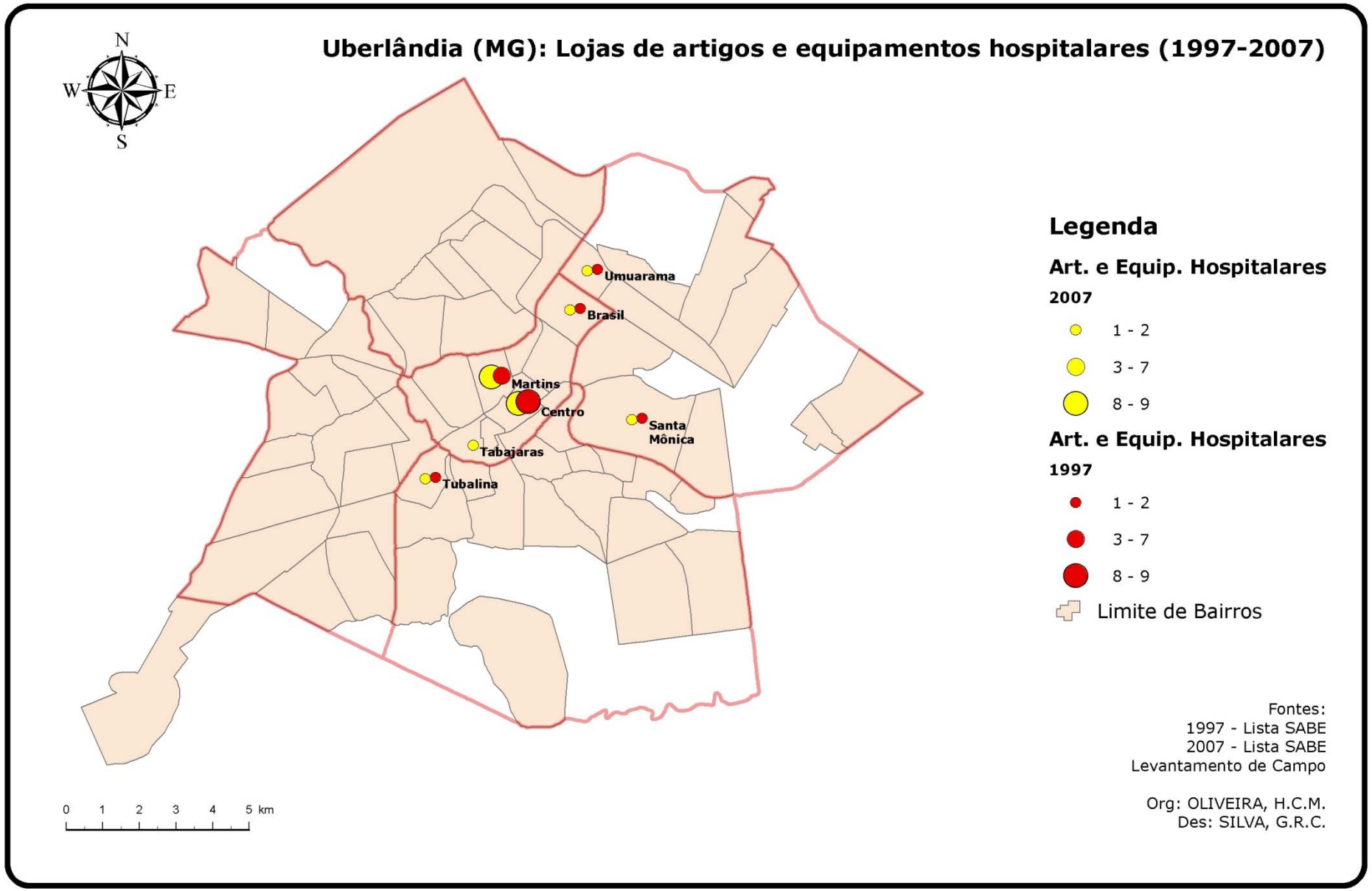
Fonte: Lista SABE (1997), Lista SABE (2007) e Levantamento de Campo (2007).

Os hospitais seriam, no setor de saúde, a atividade âncora que atrai para perto de si outras atividades, como as clínicas médicas, os laboratórios e as lojas de artigos e equipamentos hospitalares, reestruturando algumas áreas da cidade, criando áreas especializadas.

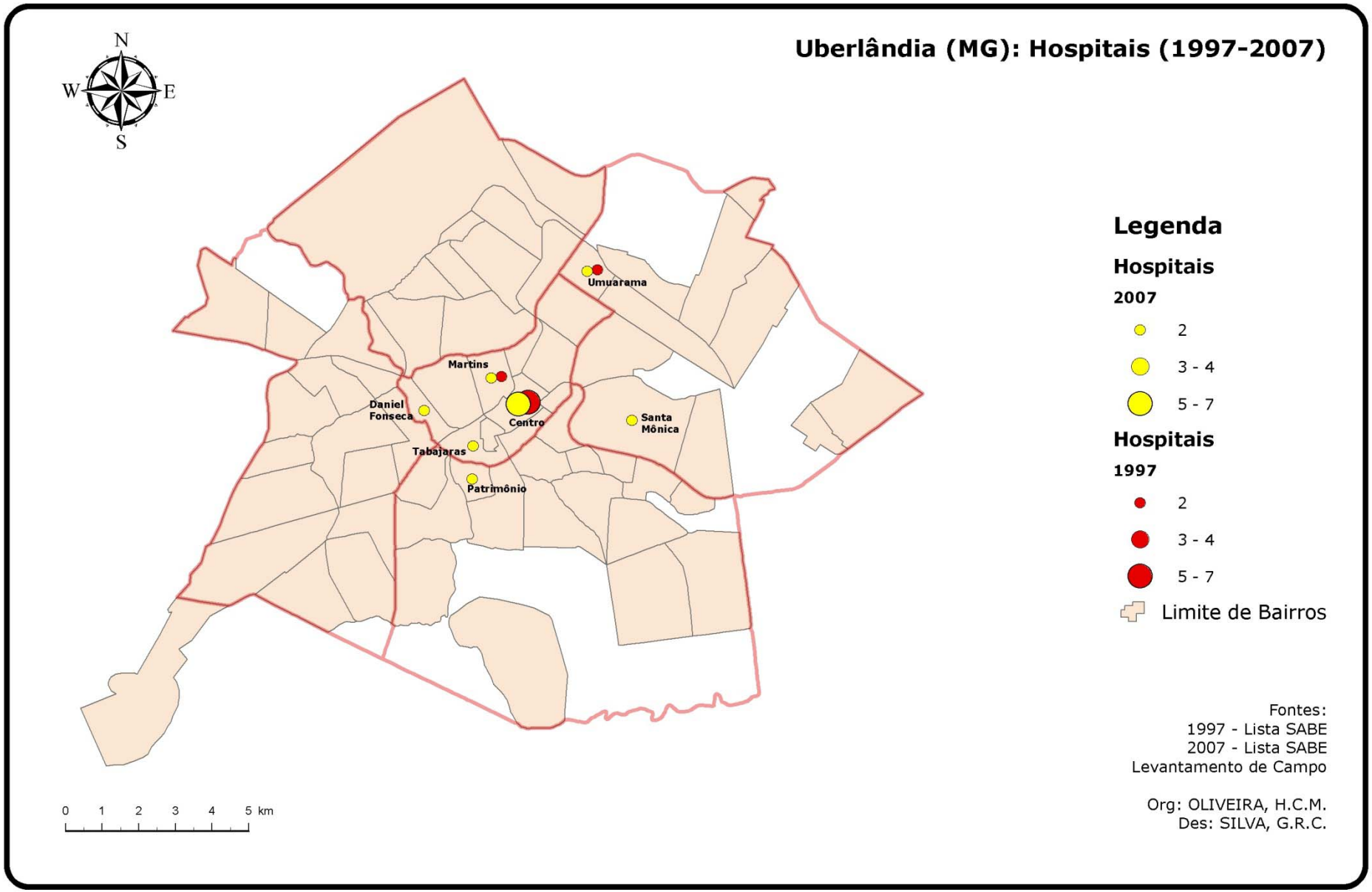
Mapa 14 – Uberlândia (MG): clínicas médicas (1997-2007).



Mapa 15 – Uberlândia (MG): lojas de artigos e equipamentos hospitalares (1997-2007).



Mapa 16 – Uberlândia (MG): hospitais (1997-2007).



Ainda relacionado aos serviços de saúde, deve-se destacar a importância dos laboratórios como atividades especializadas e que contribuem para a criação de uma centralidade urbana, pois pessoas deslocam-se até a cidade de Uberlândia na busca de exames mais sofisticados que não são encontrados nas pequenas cidades.

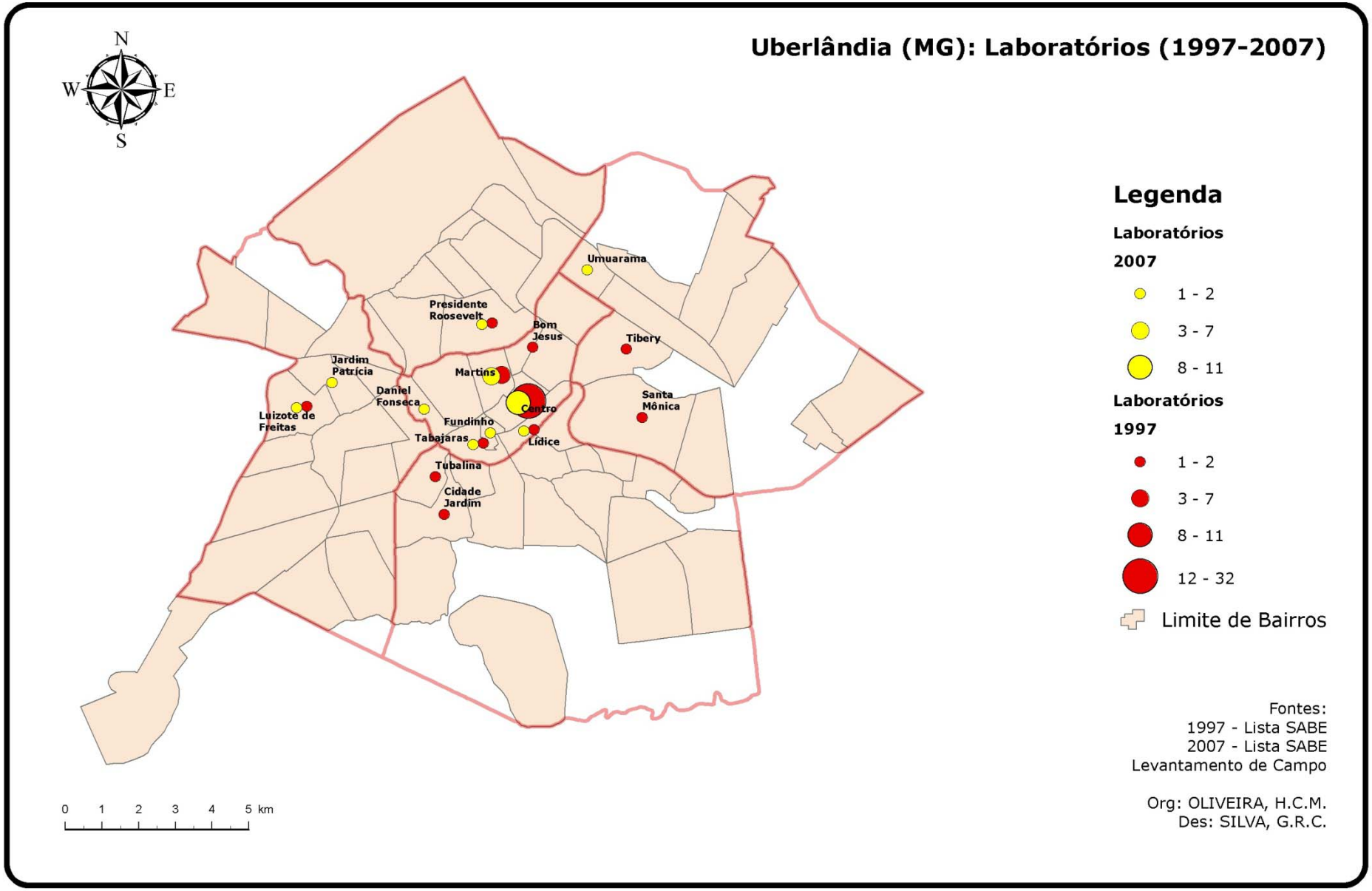
O Mapa 17 demonstra a distribuição espacial desse tipo de serviço no espaço urbano da cidade. É necessário destacar que, segundo o levantamento realizado, o número de laboratórios diminuiu de 1997 para 2007, passando de 50 unidades para 26 unidades, respectivamente. A queda no número está diretamente relacionada com o aumento do nível de concorrência entre os laboratórios, forçando o fechamento de algumas unidades e com a centralização dos procedimentos em unidades maiores, fazendo com que as empresas criem escritórios espalhados pela cidade somente para recolhimento de material para análise e não mais laboratórios de análise.

Analisando o Mapa 17 é possível perceber que as unidades laboratoriais estão concentradas no setor central da cidade, com ocorrência em alguns bairros, principalmente próximo a hospitais ou Unidades de Atendimento Integrado. É necessário deixar claro que, além dos laboratórios espalhados pelo espaço urbano da cidade, no interior dos próprios hospitais existem unidades laboratoriais, em sua maioria, terceirizadas, fazendo com que esses se tornem mais especializados e diversificados, atendendo demandas específicas dos hospitais.

A pesquisa de campo permitiu concluir que estão sendo consolidadas no espaço urbano grandes áreas especializadas, principalmente no entorno dos grandes hospitais e na região central, próximo ao Hospital Santa Catarina, onde existe o maior número de clínicas e serviços especializados concentrados numa

mesma área. Assim, conclui-se que a cidade apresenta uma região concentrada de serviços de saúde, ao longo da Avenida Getúlio Vargas e seu entorno (aproximadamente 4 quadras para cada lado da avenida), no bairro Martins.

Mapa 17 – Uberlândia (MG): Laboratórios (1997-2007).



Outra atividade do setor terciário que soma importância ao significado regional da cidade de Uberlândia é a financeira, analisada aqui através dos bancos, financeiras, consórcios e seguradoras. Os bancos apresentaram crescimento significativo no período analisado, passando de 64 agências bancárias em 1997 para 89 agências em 2007 (ver Tabela 30). No ano de 1997, 52 agências localizavam-se no setor central da cidade, seis no setor norte, três no oeste, duas no leste e uma no setor sul. No ano de 2007 o setor central também é o que apresenta maior concentração de agências, totalizando 60 unidades, enquanto o setor leste possui 15 agências, o norte sete, o sul quatro e o oeste somente três (ver Mapa 18).

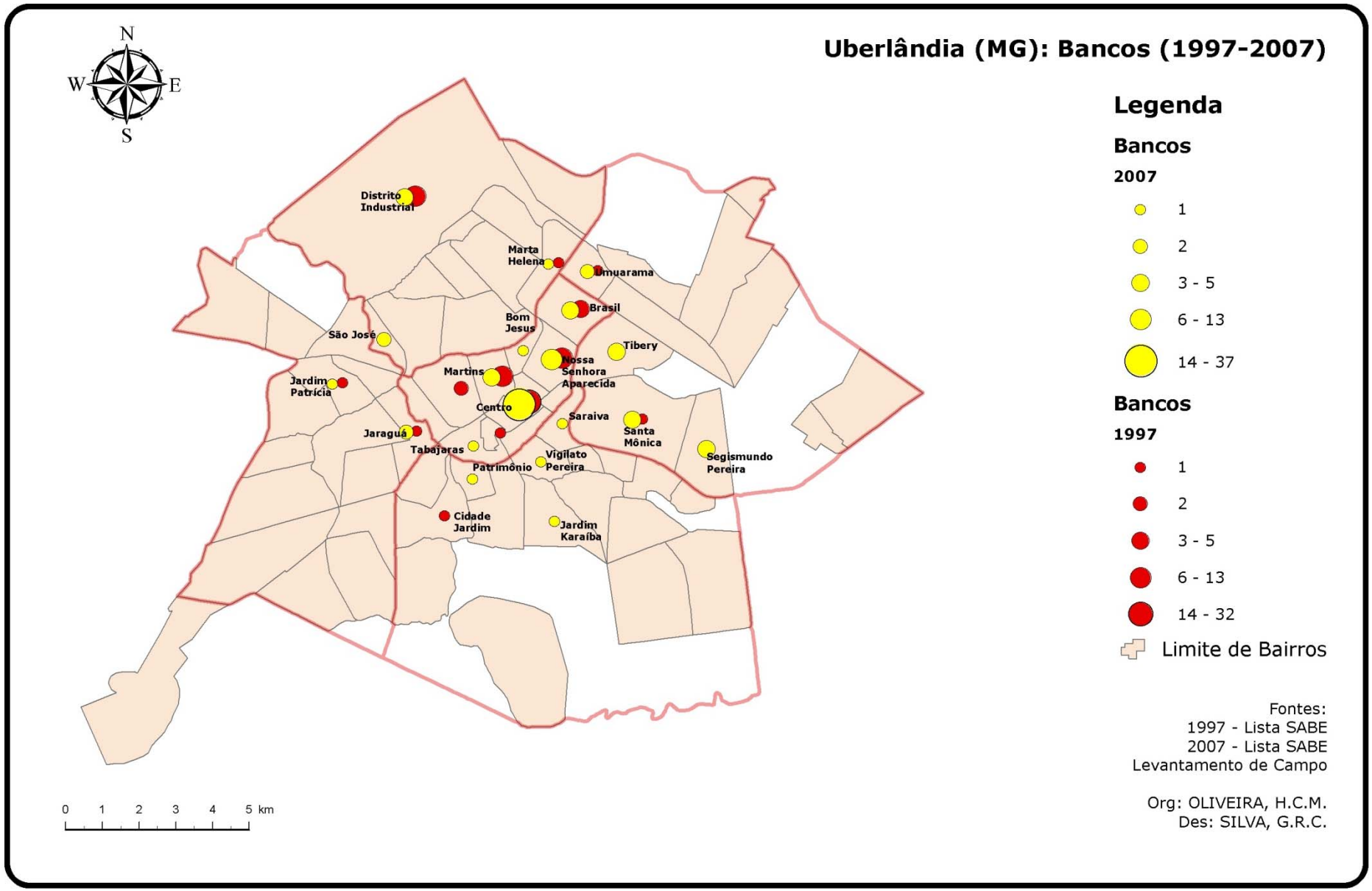
Com relação às bandeiras das redes bancárias, percebe-se que houve uma redução no total de instituições bancárias que atuam na cidade, passando de 26 bandeiras em 1997 para 24 em 2007. No período pesquisado, das 24 bandeiras existentes no ano de 1997, treze não se mantiveram para o ano de 2007 e dez novas bandeiras se instalaram. A queda no número de bandeiras no período pesquisado pode ser explicada pelo período de privatizações dos bancos públicos, pelas fusões das empresas bancárias ou pelo decreto de falência de algumas empresas. Por outro lado, tem-se o aumento de agências de algumas bandeiras, que compraram ou fundiram com outras empresas, como é o caso da compra do extinto BEMGE (Banco do Estado de Minas Gerais) pelo Banco Itaú, no período de privatização dos bancos brasileiros.

Tabela 30 – Uberlândia (MG): número de bancos (1997-2007).

Bandeira	1997	2007
Banco ABN Amro Bank	01	11
Banco América do Sul	02	00
Banco Bamerindus Brasil	02	00
Banco Bancred	00	01
Banco Bandeirantes	03	01
Banco Banorte	03	00
Banco BMG	01	04
Banco Boa Vista	01	00
Banco Bonsucesso	00	01
Banco Bradesco	06	11
Banco Brasileiro	01	00
Banco Cacique	00	02
Banco de Boston	01	00
Banco do Brasil	05	11
Banco do Povo	00	01
Banco do Progresso	01	00
Banco Fininvest	00	02
Banco Geral do Comércio	02	00
Banco HSBC Bank Brasil	00	02
Banco Industrial Comercial	O2	00
Banco Itaú	04	06
Banco Mercantil de São Paulo	01	00
Banco Mercantil do Brasil	01	01
Banco Meridional do Brasil	01	00
Banco Nacional	02	00
Banco Noroeste	01	00
Banco Nossa Caixa	00	01
Banco Panamericano	00	01
Banco Real	09	11
Banco Rural	01	01
Banco Safra	00	01
Banco Santader Brasil	00	02
Banco Sudameris Brasil	01	01
Banco Triângulo	01	01
Banco Unibanco	02	04
Banespa	00	02
Caixa Econômica Federal	09	08

Fonte: Lista SABE (1997), Lista SABE (2007) e Levantamento de Campo (2007).

Mapa 18 – Uberlândia (MG): bancos (1997-2007).



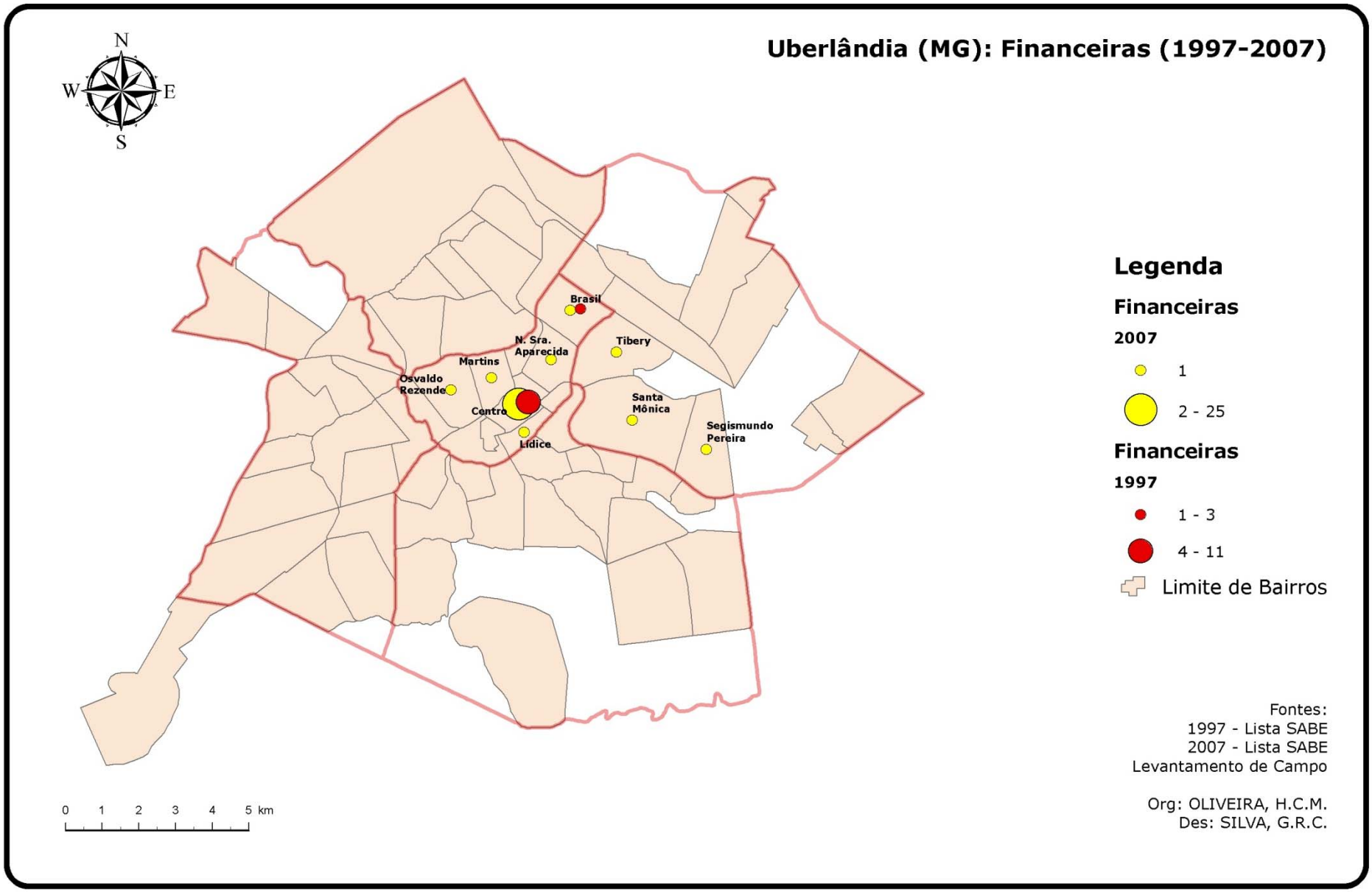
Ainda com relação ao sistema financeiro, constata-se que Uberlândia segue uma tendência nacional de aumento no número de empresas de empréstimo pessoal (financeiras). Conforme é possível observar no Mapa 19, no período de 1997-2007 essas empresas cresceram de 14 unidades para 33 unidades, espalhando-se mais pelo espaço urbano da cidade. No ano de 1997 as 14 unidades localizavam-se todas em somente dois bairros (Centro e Brasil) do setor central da cidade. No ano de 2007 as unidades ainda concentram-se no setor central, entretanto, estão mais espalhadas pela cidade, fazendo-se presentes no setor central e leste, em nove bairros diferentes.

Com relação às empresas de consórcios de bens móveis e imóveis, contata-se que não houve alteração no número de empresas. A única diferença percebida no período da pesquisa é que, no ano de 2007, todas as unidades dessa atividade financeiras encontram-se localizadas no setor central da cidade, o que não é válido para o ano de 1997, quando existia uma unidade no Distrito Industrial, no setor norte da cidade (ver Mapa 20).

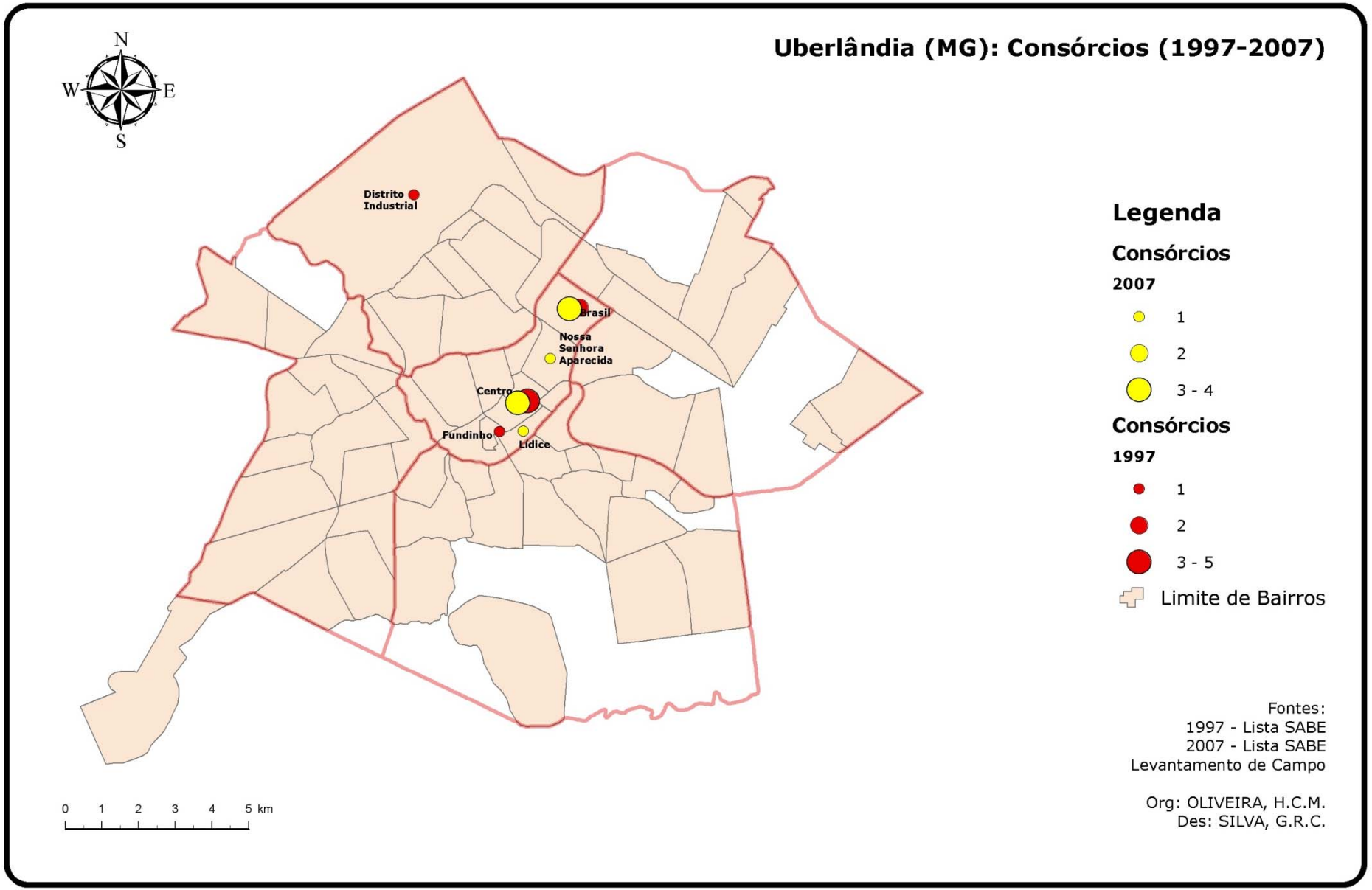
As companhias de seguros e suas corretoras estão espacializadas no Mapa 21, que demonstra maior concentração dessas atividades nos bairros pertencentes ao setor central da cidade. Com relação ao número de unidade, não é possível fazer uma comparação entre os anos de 1997 e 2007, pois no levantamento de dados referentes a 1997 não foi possível diferenciar corretores de seguros de empresas corretoras, fazendo com que o número de empresas no ano de 1997 fosse muito superior ao de 2007.

De acordo com os mapas referentes ao setor financeiro da cidade de Uberlândia é possível concluir que a cidade encontra-se bem estruturada, podendo atender as demandas da própria cidade e de cidades de seu entorno, reforçando, assim, o papel regional de Uberlândia.

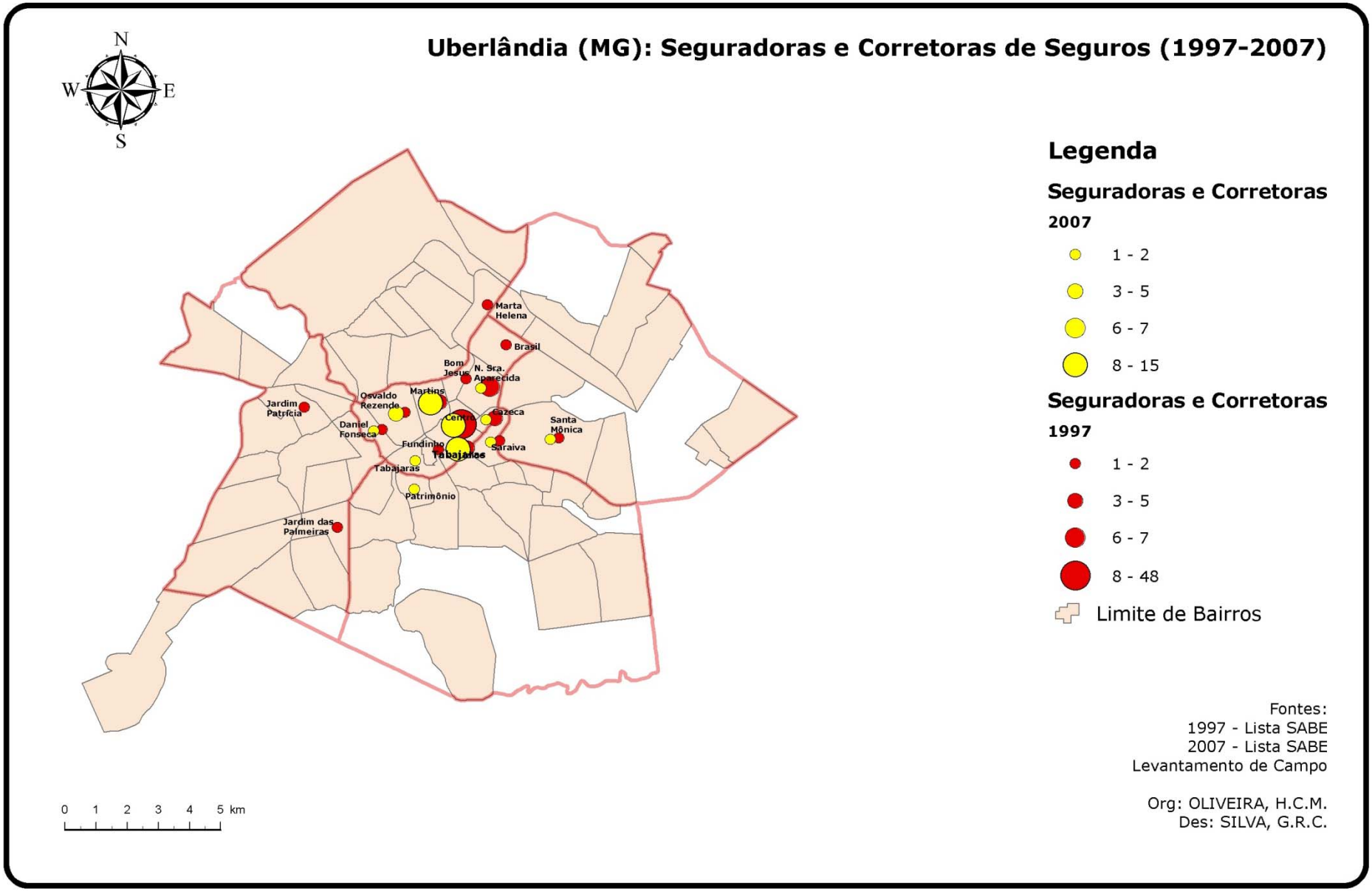
Mapa 19 – Uberlândia (MG): financeiras (1997-2007).



Mapa 20 – Uberlândia (MG): consórcios (1997-2007).



Mapa 21 – Uberlândia (MG): seguradoras e corretoras de seguros (1997-2007).



A educação é outra atividade que contribui para a manutenção do papel regional da cidade de Uberlândia, principalmente as instituições de nível superior. Essas instituições atraem pessoas do Triângulo Mineiro e de outras regiões do país para Uberlândia em busca de uma formação superior. No ano de 1997 a cidade contava com apenas duas instituições de nível superior, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e o Centro Universitário do Triângulo[1] (UNITRI), com quatro campi, três pertencentes à UFU (setor leste e central) e um à UNITRI (setor sul). No ano de 2007 a cidade passa a contar com doze instituições de nível superior, com vinte campi, conforme demonstra a Tabela 31 e o Mapa 22. Um tema polêmico.

Tabela 31 – Uberlândia (MG): instituições de nível superior (2007).

Universidade, Centro Universitário e Faculdade	Campi
Universidade Federal de Uberlândia – UFU	03
Centro Universitário do Triângulo - UNITRI	01
Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação - ESAMC	01
Faculdade Católica de Uberlândia - FCU	01
Faculdade Politécnica de Uberlândia - FPU	02
Algar Universidade de Negócios – UniAlgar*	01
Universidade Martins do Varejo – UniMartins*	01
Faculdade de Marketing e Negócios – Uniessa	01
União Educacional de Minas Gerais – Uniminas	01
Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC	05
Universidade de Uberaba - UNIUBE	02
Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR	01
Instituto de Pós-Graduação – IPG	01

Nota da tabela: * Essas instituições oferecem cursos complementares de formação de recursos humanos e especializações *lato sensu*, entretanto não são universidade no sentido estrito da palavra.
Fonte: Lista SABE (1997), Lista SABE (2007) e Levantamento de Campo (2007).

A localização das instituições de ensino superior no ano de 2007 segue a tendência de todas as outras atividades analisadas, que é de maior concentração

[1] No ano de 1997 o Centro Universitário do Triângulo era conhecido pela seguinte sigla: UNIT.

de unidades no setor central da cidade, entretanto, as que possuem maior estrutura física (campi) estão em outros setores, como é o caso da UFU, UNITRI, Uniminas e FPU. Com relação aos cursos existentes nessas instituições, são oferecidos cursos tecnólogos, graduação (bacharelado e licenciatura), pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* nas modalidades presenciais e à distância (ver Apêndice 02).

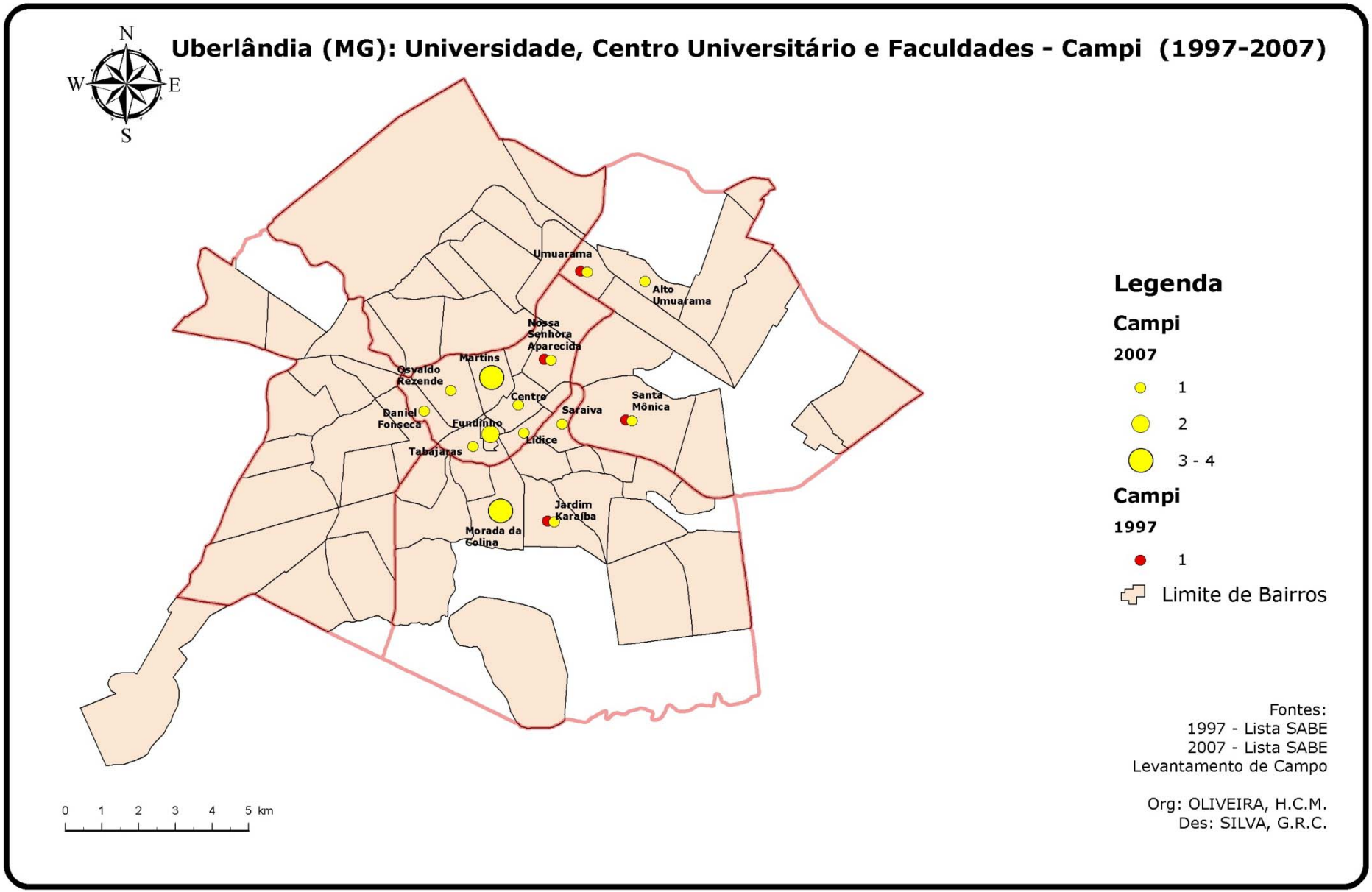
As instituições que possuem menor estrutura física estão localizadas no setor central da cidade, aproveitando a infra-estrutura do local, como prédio para a instalação da instituição, sistema de transporte e estacionamentos privados. As instituições particulares têm a maior parte dos seus cursos concentrados no período da noite. Essa é mais uma estratégia para a absorção de clientes.

A presença de hotéis no espaço urbano de uma cidade demonstra o poder de atração que essa cidade tem em relação aos seus espaços regionais, pois somente existe necessidade de oferecimento desse serviço nas cidades em que eles são procurados. Em Uberlândia houve um crescimento no período analisado, passando de 25 hotéis em 1997 para 39 hotéis em 2007. A maior parte dos hotéis se localiza na área central da cidade, próximo ao *shopping center*, à rodoviária e à Universidade Federal de Uberlândia. O crescimento e a distribuição espacial dos hotéis podem ser observados no Mapa 23. A cidade possui desde hotéis simples, localizados próximo à rodoviária da cidade, até um hotel de quatro estrelas, localizado junto ao complexo comercial do *Center Shopping*, que abrange o hotel, o *shopping* (com lojas, cinemas, restaurantes e espaços de lazer), um restaurante e um centro de convenções.

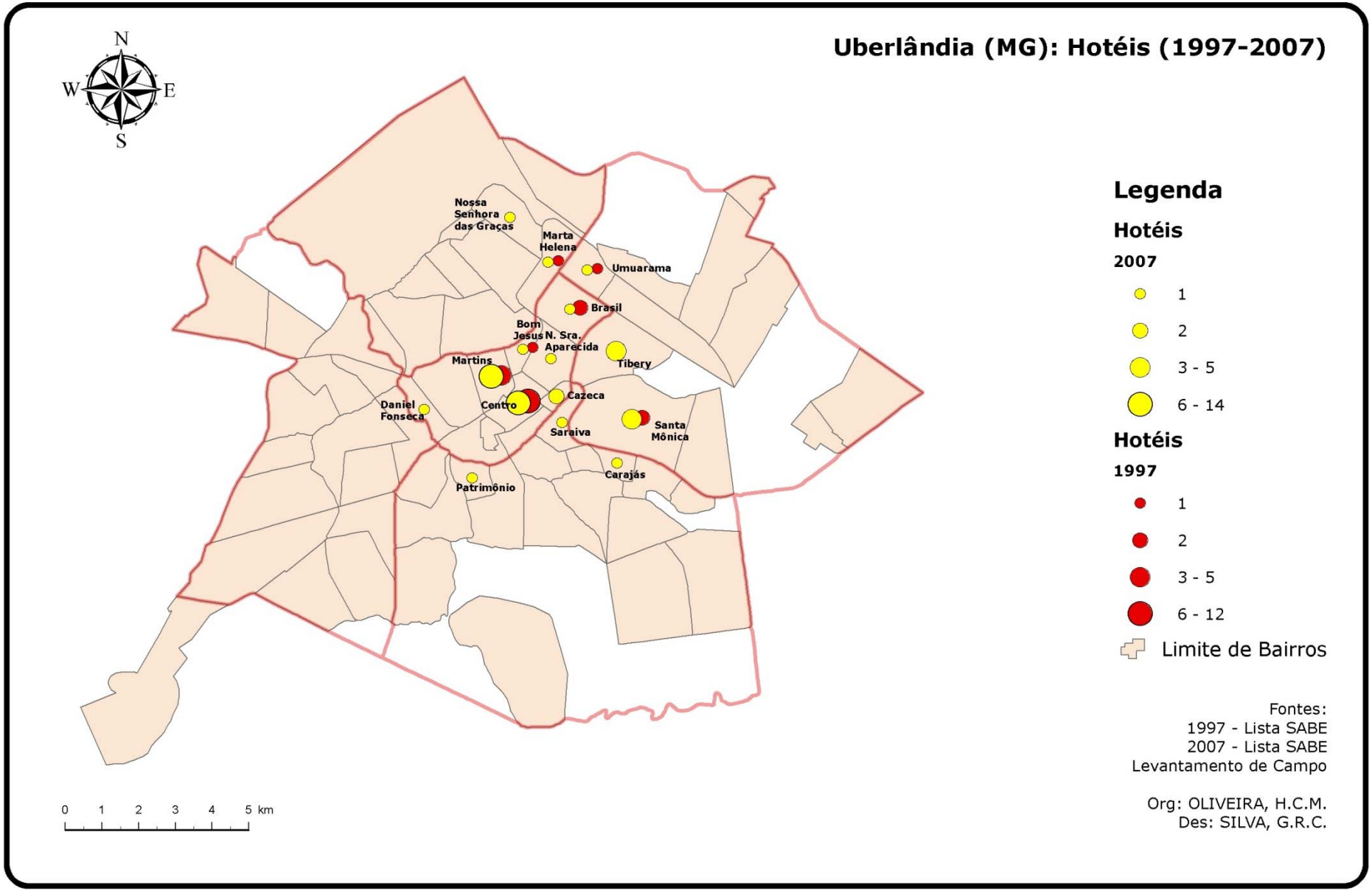
Relacionadas ao setor hoteleiro da cidade, existem as agências de turismo que são responsáveis por organizarem tanto as viagens para cidades turísticas do Brasil como os espaços de Uberlândia para receber as pessoas que vêm para

cá, principalmente via turismo de negócios. Dessa maneira, como a cidade tem se especializado, nos últimos anos, nesse tipo de turismo, as agências de turismo, juntamente com as empresas que organização de eventos e os hotéis, ganham destaque, pois são responsáveis pela infra-estrutura desse tipo de serviço.

Mapa 22 – Uberlândia (MG): Universidade, centro universitário e faculdades (1997-2007).



Mapa 23 – Uberlândia (MG): hotéis (1997-2007).

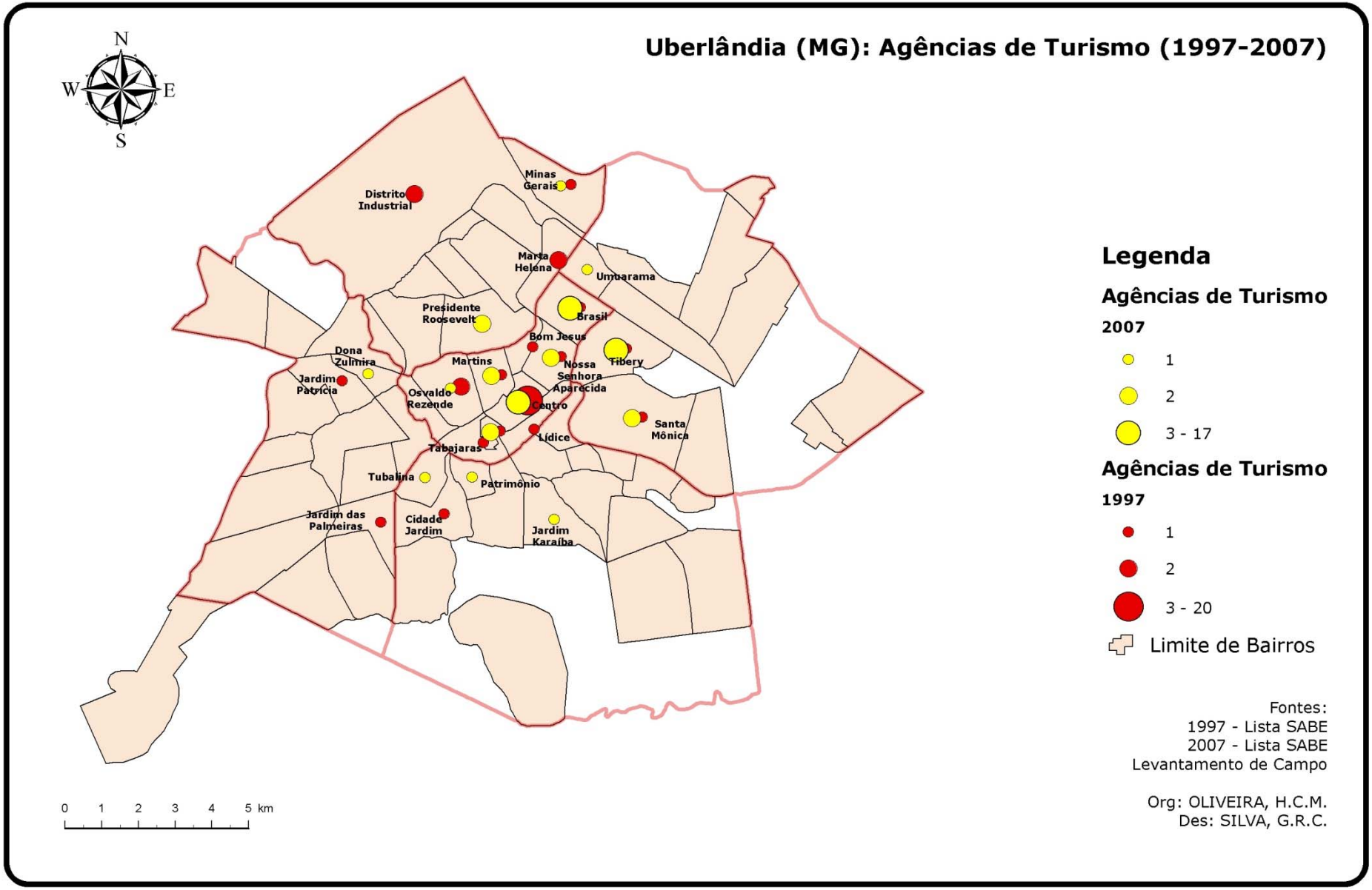


Os mapas 24 e 25 demonstram a espacialização das agências de turismo e das empresas responsáveis por organizar eventos (festas ou reuniões empresariais), respectivamente. Com relação ao Mapa 24, percebe-se que há uma concentração de agências de turismo no setor central e no setor leste da cidade, para o ano de 2007. Comparando os dados de 1997 com os de 2007, percebe-se que o número de agências continuou praticamente o mesmo, passando de 41 para 42 agências. Entretanto, é necessário destacar que no período de 1997 para 2007 o número de agências que trabalham com o transporte aéreo aumentou significativamente, o que pode ser explicado pela popularização dos preços das passagens aéreas nos últimos anos. Com relação às agências localizadas no bairro Tibery, no setor leste da cidade, deve-se destacar que são aquelas presentes no *Center Shopping*, o *shopping* da cidade, que possui em seu complexo um hotel e um centro de convenções, com várias salas, aproximando-se de outras atividades diretamente vinculadas ao turismo.

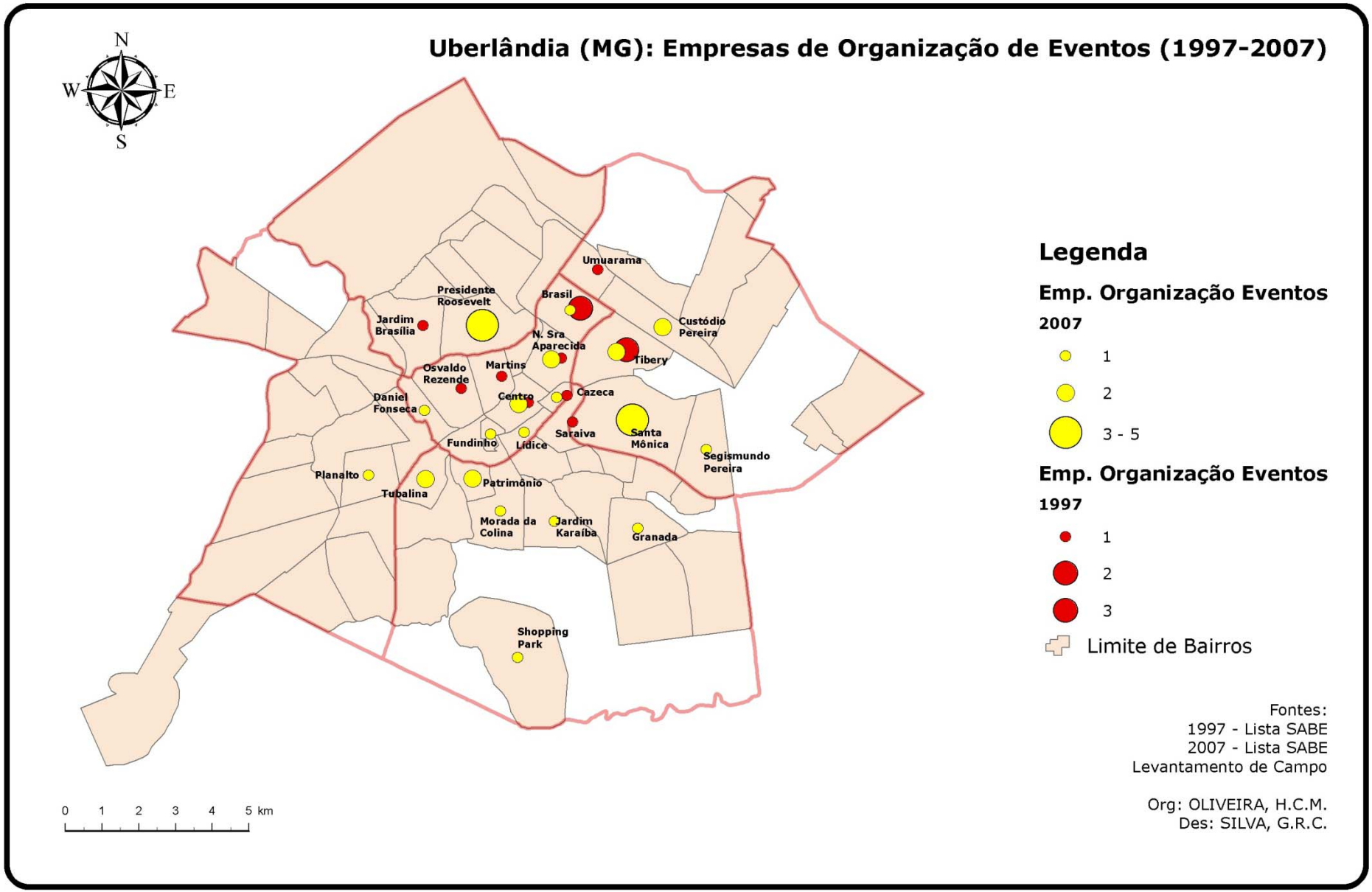
Destaca-se também no período pesquisado o espalhamento de agências para além do setor central da cidade, com serviços direcionados para grupos de rendas específicos, por exemplo: uma empresa mais popular disponibilizará pacotes mais baratos, com transporte via terrestre e hotéis mais simples.

Já as empresas de organização de eventos não possuem concentração em setor específico da cidade, espalhando-se por todo espaço urbano, conforme demonstra o Mapa 25. Esse mapa também demonstra que no período de 1997 a 2007 o número de empresas aumentou, principalmente em bairros fora do setor central da cidade, atendendo a níveis sociais diferenciados.

Mapa 24 – Uberlândia (MG): agências de turismo (1997-2007).



Mapa 25 – Uberlândia (MG): empresas de organização de eventos (1997-2007).



Outro serviço especializado presente no espaço urbano de Uberlândia são as concessionárias de veículos zero quilômetro. No ano de 1997 a cidade contava somente com lojas das grandes marcas conhecidas no Brasil, como a Chevrolet, a Volkswagen, a Fiat e a Ford. No ano de 2007, encontra-se maior diversidade de marcas, contando com aquelas já existentes e mais a Peugeot, a Renault, a Toyota, a Citröen, a Hyundai e a Honda. Com relação às concessionárias é necessário destacar que existe uma tendência de centralização dessa atividade ao longo de duas importantes avenidas da cidade, quais sejam: a Avenida João Naves de Ávila e a Avenida Rondon Pacheco, sendo encontrada, principalmente, no setor central e leste da cidade[2], conforme demonstra o Mapa 26.

Esse tipo de comércio atende não só a população da cidade de Uberlândia, mas também a população das pequenas cidades do entorno que não possuem concessionárias. Acredita-se que com o passar do tempo a Avenida João Naves de Ávila estruturará um importante sub-centro da cidade, tendo como principal atividade especializada o comércio de veículos, peças e prestação de serviços para atividade econômica.

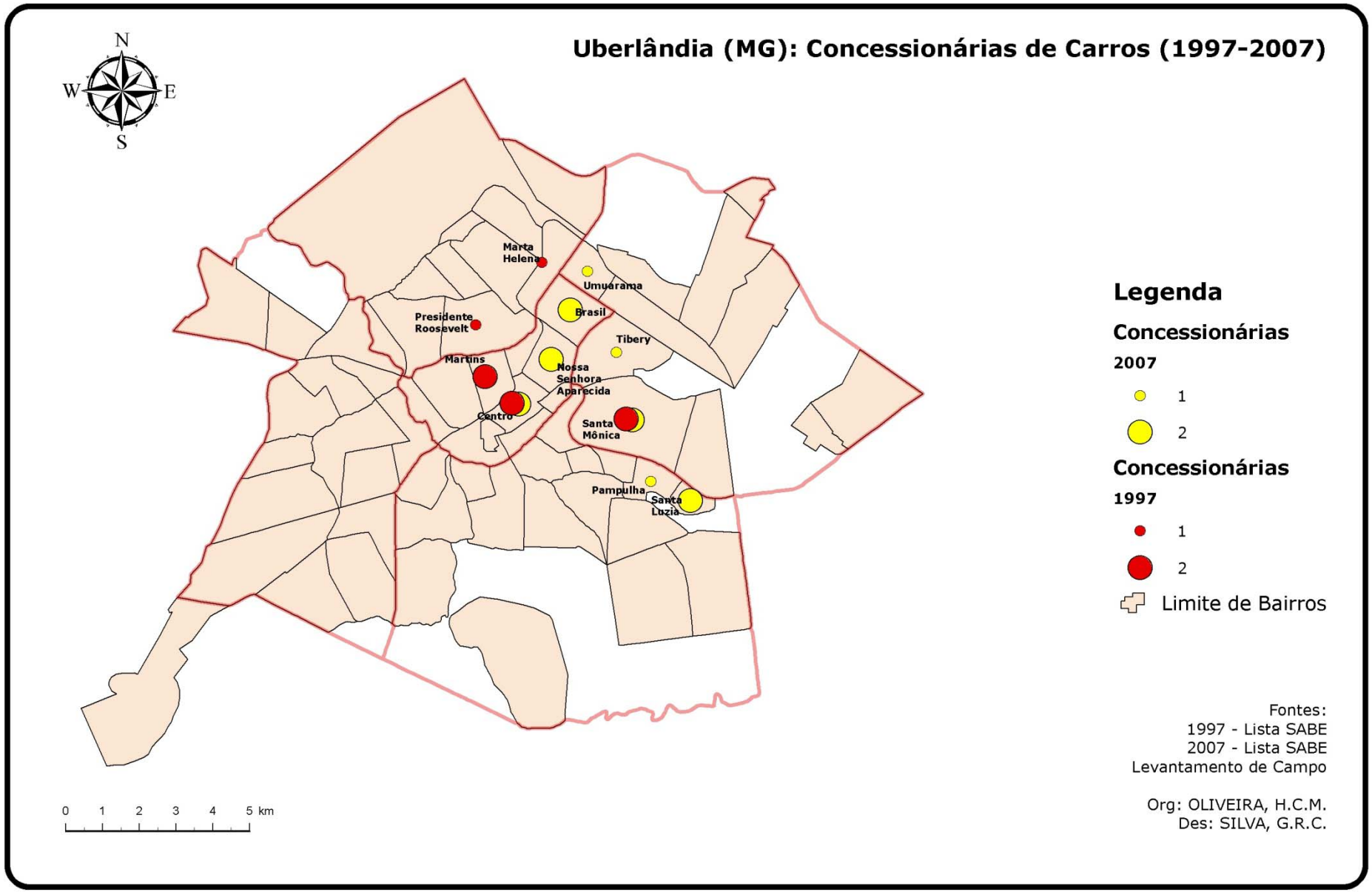
Um aspecto importante de uma cidade média é o seu crescimento populacional. Aliado a isso está o crescimento urbano, fazendo com que a cidade aumente de tamanho, espacialmente. Acompanhando essa tendência surgem as empresas imobiliárias, responsáveis pela comercialização de unidades residenciais, comerciais ou industriais. No caso de Uberlândia isso fica bastante claro, principalmente porque vários representantes do poder público municipal são também empresários imobiliários. O Mapa 27, que demonstra a espacialização das empresas imobiliárias no espaço urbano da cidade, permite demonstrar que essa atividade encontra-se espalhada por toda a cidade,

[2] Isso também foi verificado por França (2007) e Pereira (2007) ao analisar a cidade média de Montes Claros, no norte de Minas Gerais.

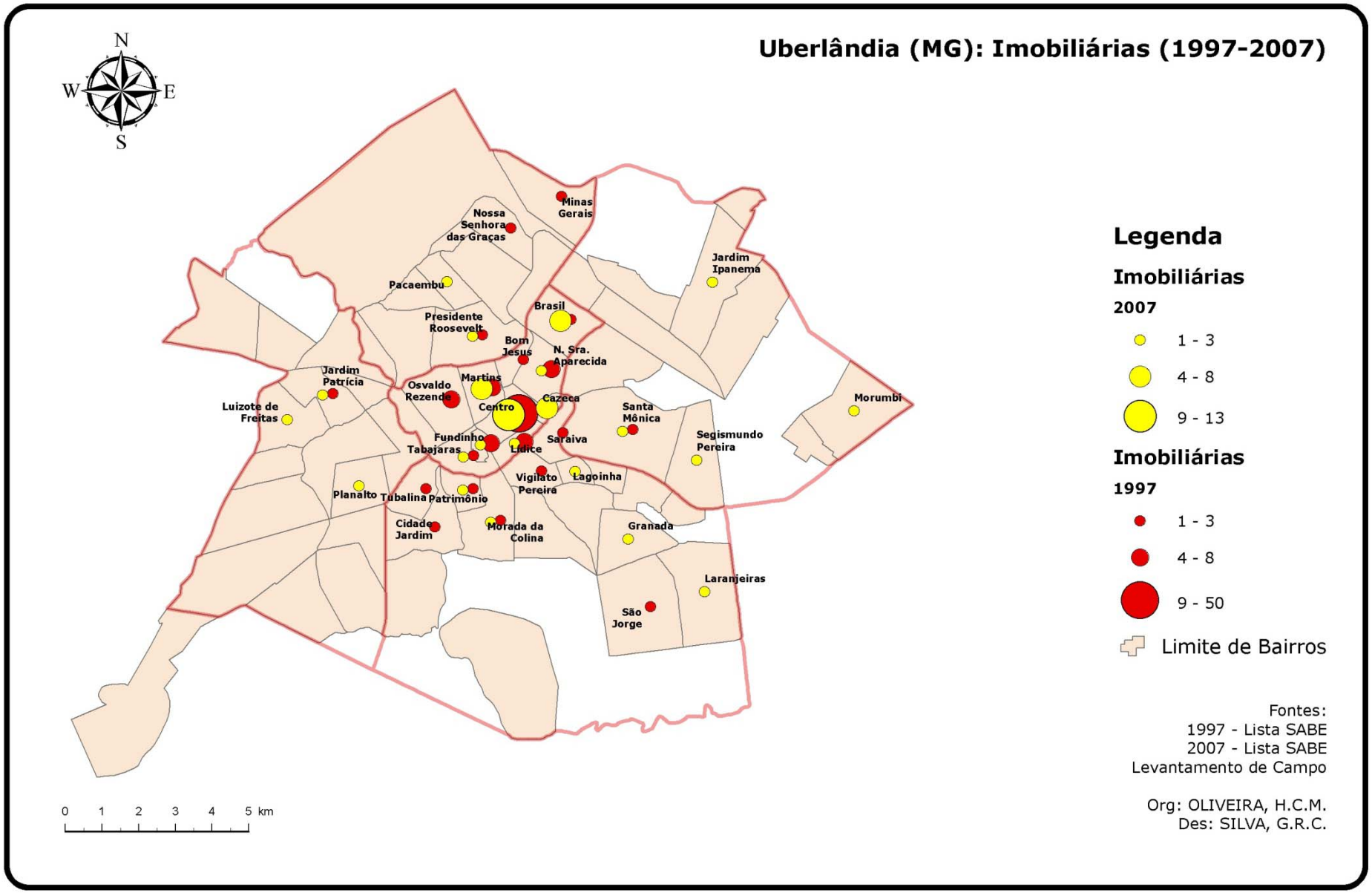
entretanto, apresentando maior número de empresas no setor central. Com relação à quantidade de empresas, é possível perceber que houve uma queda no período analisado, o que pode ser explicado pela especialização da concorrência, impedindo que empresas pouco profissionalizadas participem, competitivamente, do mercado.

A proximidade entre o poder público municipal e as incorporadoras imobiliárias explica esse quadro de pulverização de empresas imobiliárias no ano de 1997, entretanto, como o acirramento da competitividade e a atuação de grandes incorporadoras de capital externo na cidade, o número de imobiliárias diminuiu significativamente, restando somente aquelas que possuem maior poder de competitividade.

Mapa 26 – Uberlândia (MG): concessionárias (1997-2007).



Mapa 27 – Uberlândia (MG): imobiliárias (1997-2007).



O último serviço do setor terciário a ser analisado é o de telefonia e provedores de internet. A empresa de telefonia fixa que serve a cidade de Uberlândia teve suas atividades iniciadas em 1954, quando a Companhia de Telecomunicações do Brasil Central (CTBC Telecom), principal empresa da *holding* Algar, iniciou seus trabalhos em Uberlândia. É uma empresa de capital local, que atua na telefonia fixa, celular e transferência de dados. Segundo Bessa (2005), essa empresa atende parte do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, sul de Goiás e norte de São Paulo, conforme demonstra o Mapa 28.

Com relação às empresas provedoras de acesso à internet, constata-se que sua presença na cidade de Uberlândia está estritamente ligada à existência da CTBC Telecom, uma vez que o serviço de transferência de dados oferecido pela CTBC possibilita o funcionamento dessas empresas. Observando o Mapa 29 é possível perceber que no período anterior a 1997 a cidade não contava com nenhuma sede de provedor de internet, ficando dependente de outras empresas que atuavam em âmbito nacional. Entretanto, no ano de 2007, além das empresas que oferecem serviço em todo o território brasileiro, a cidade possui cinco empresas, todas oferecendo serviços de acesso à internet e hospedagem de *home page*.

Diante do exposto, Cleps (2005, p. 201) afirma que:

> [...] os fixos artificiais associados aos serviços de comunicação, especialmente os de telecomunicações, originaram um importante sistema de objetos e de redes que possibilitaram a existência de fluxos distantes e descontínuos. Essa dinâmica apresentada pela cidade de Uberlândia criou uma grande complexidade a sua configuração territorial, gerando fluxos materiais e imateriais que resultam no seu desenvolvimento econômico, primordialmente das atividades eminentemente urbanas como a indústria, o comércio e os serviços, passando a atender também às demandas da agropecuária modernizada, ampliando-se ainda mais o processo de urbanização.

A compreensão do papel do setor de telecomunicação[1] para a definição de fluxos em uma cidade é essencial para o entendimento das funções urbanas de uma cidade no sistema urbano regional, nacional e até mesmo internacional.

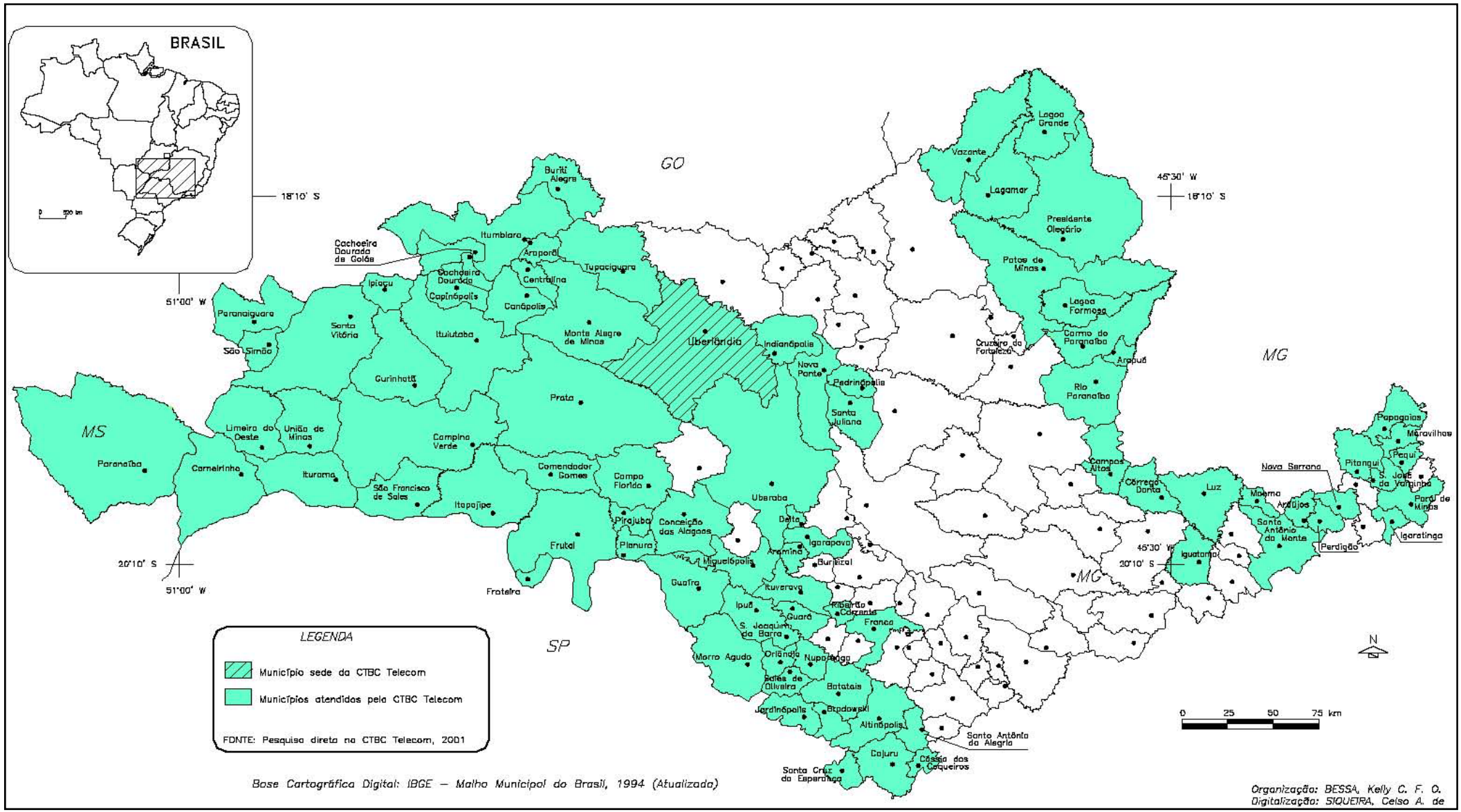
Sobre a importância do setor de telecomunicações para a consolidação da cidade de Uberlândia, Godoi (2007, p. 18) aponta que:

> [...] Uberlândia não se consolidou apenas em função de um só tipo de agente, exemplificado na imagem dos famosos atacadistas. [...] a centralidade de Uberlândia deriva também do suporte comunicacional oferecido pelo desenvolvimento dos serviços ligados às tecnologias de informação e comunicação. Essa conjectura não exclui o papel dos atacadistas, mas acrescenta os serviços de tecnologia de informação que, enraizados na cidade, possibilitam a comunicação com outros locais, a transmissão de dados, e as negociações de empresas – inclusive estrangeiras – a partir dos centros de atendimento e de contato.

Assim, possuir no conjunto de atividades econômicas um centro de comando nas decisões sobre telecomunicações insere solidamente a cidade de Uberlândia na rede urbana regional e nacional, desempenhado papéis de intermediação ligados diretamente às decisões dos grandes centros urbanos.

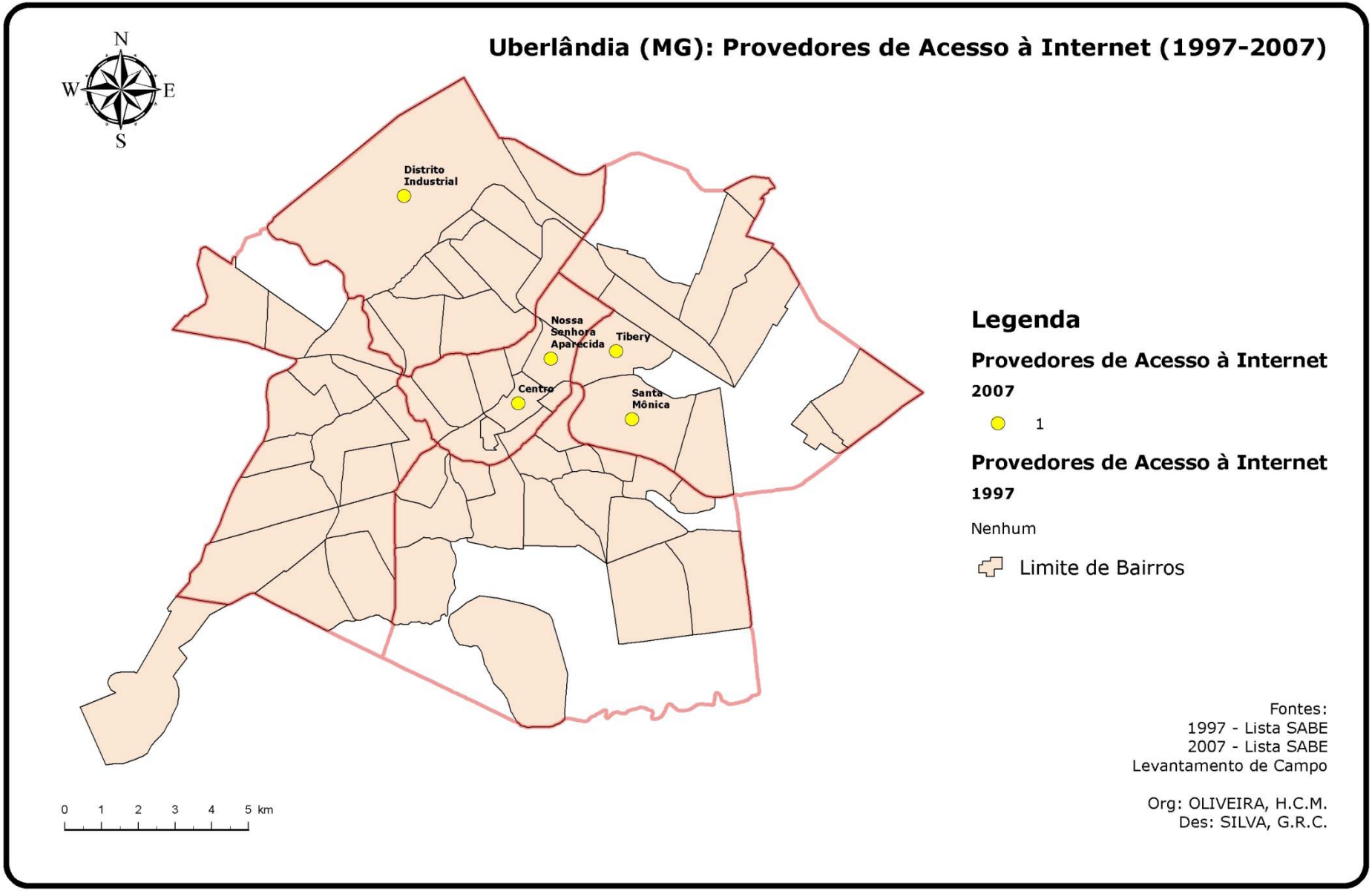
[1] Para entender os reflexos do setor de telecomunicação na especialização territorial e urbana da cidade de Uberlândia, confira: Godoi (2007).

Mapa 28 – CTBC Telecom: área de atuação (2001).



Fonte: Bessa (2005, p. 185).

Mapa 29 – Uberlândia (MG): provedores de acesso à internet (1997-2007).



Após a análise de todos esses mapas, conclui-se que Uberlândia apresenta uma estrutura que permite inserir a cidade na rede urbana nacional e com fortes relações na rede urbana regional, transformando-a em uma cidade média com forte importância regional e extra-regional, capaz de atrair para si fluxos de pessoas, capitais e mercadorias.

A inserção regional da cidade se dá em função das inovações existentes no setor terciário de sua economia, atraindo pessoas do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, sul goiano e norte de São Paulo, uma vez que Uberlândia possui serviços complexos de alta qualidade, destacando-se como pólo científico da região, em função das grandes empresas ligadas ao agronegócio, das empresas atacadistas e das universidades e faculdades. Em alguns casos, como das empresas agroindustriais e as atacadistas, as relações estabelecidas alcançam níveis nacionais, colocando a cidade de Uberlândia entre os principais pólos de produção e distribuição de mercadorias.

Nesse contexto, ao analisar esses indicadores, é possível afirmar que esse grupo de fixos artificiais é responsável por dar fluidez ao território, levando Uberlândia ao comando da rede urbana do Triângulo Mineiro. Assim, Bessa (2005, p. 182) em seu estudo sobre reestruturação da rede urbana regional do Triângulo Mineiro afirma que:

> O aumento do número dos *fixos artificiais*, associados primordialmente às infra-estruturas econômicas, é expressão do *meio técnico-científico-informacional* em Uberlândia, demonstrando a densidade de seu conteúdo técnico e tornando mais fluido o território. Esses *fixos*, entretanto, em decorrência de suas complexidades, atuam como *sistemas técnicos*, sendo de fato a *base material* necessária ao incremento e à diversificação de inúmeros *fluxos* [...]. (Grifos da autora).

No mesmo sentido, o REGIC (IBGE, 1993) revela que Uberlândia possui centralidade *muito forte* no Triângulo Mineiro, sendo a cidade com o mais alto nível de centralidade dessa região, conforme é possível observar no Quadro 18.

Considerando o papel contemporâneo de Uberlândia na rede urbana triangulina, pode-se reafirmar a importância das ações das elites locais, pois elas também contribuíram para que Uberlândia passasse a ocupar o topo da hierarquia urbana regional. Assim, Soares et al (2004) afirmam que:

> A cidade de Uberlândia mudou de conteúdo e de qualidade, passando a manter relações constantes e duradouras com seu espaço regional, o que inclui [...] toda região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, assim como as regiões do nordeste paulista e do sudeste, sul e sudoeste goiano. Além de manter articulações com centros urbanos de hierarquia superior, entre eles: São Paulo, Brasília, Goiânia e Belo Horizonte. (SOARES et al, 2004, p. 156).

Quadro 18 – Triângulo Mineiro: níveis de centralidade de algumas cidades segundo REGIC (1993).

Cidades	Centralidade
Uberlândia	Muito forte
Uberaba	Forte
Patos de Minas	Forte para médio
Araxá	Médio
Ituiutaba	Médio
Araguari	Médio para fraco
Patrocínio	Médio para fraco
Monte Carmelo	Médio para fraco
Frutal	Fraco
São Gotardo	Fraco
Monte Alegre de Minas	Muito fraco
Prata	Muito fraco
Tupaciguara	Muito fraco

Fonte: IBGE (1993).

Diante disso, pode-se concluir que as cidades médias brasileiras possuem papéis importantes no quadro urbano brasileiro e, para a cidade de Uberlândia, isso não é diferente, pois as cidades médias, segundo Soares et al (2004):

> [...] se distinguem pelos índices de crescimento populacional e econômico, particularmente no que diz respeito à diversificação e à concentração de atividades comerciais e de serviços; por oferecerem empregos; por apresentarem bons índices de qualidade de vida; pela existência de redes de transporte, comunicação e informação modernas; por influenciarem na organização econômica regional, por proporcionarem maior equilíbrio interurbano a partir da redução do fluxo migratório em direção às metrópoles, entre outros fatores. (SOARES et al, 2004, p. 158).

Assim, conclui-se que a cidade de Uberlândia é uma cidade média que possui importantes relações nacionais, principalmente em função das empresas atacadista-distribuidoras e de telecomunicações, e relações regionais – devido o setor educacional, de saúde e de comércio e serviços –, abrangendo, principalmente, o sul de Goiás, o norte de São Paulo e toda a região do Triângulo Mineiro. É uma cidade média que está em transição para a grande cidade, uma vez que estabelece relações que vão além de sua abrangência regional, entretanto, não conseguem atingir os níveis metropolitanos.

Capítulo 3

Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias

Neste capítulo pretende-se elaborar uma *nova* proposição metodológica para os estudos das cidades qualificadas como médias, que terá como base os estudos analisados no capítulo um, a proposta metodológica utilizada no capítulo dois dessa dissertação, além dos trabalhos de Corrêa (2007), Sobarzo (2007) e Soares (2007).

O que se pretende com este capítulo não é superar as outras propostas metodológicas existentes, mas sim contribuir, expondo as idéias à leitura e à crítica, avançando e colaborando para os estudos dos espaços não metropolitanos no Brasil, em especial as cidades médias.

3.1. A construção de uma proposta metodológica

A primeira questão que vem à cabeça quando se fala de cidades médias é a da definição do que seriam essas cidades, como elas são classificadas e quais os critérios utilizados para sua definição e classificação. Porém, não existe na

Geografia Brasileira um conceito, ou mesmo uma definição, do que seria uma cidade média. Nesse sentido, Corrêa (2007, p. 23) ao discorrer sobre a necessidade de se construir um conceito para as cidades médias, afirma que:

> [...] trata-se de discutir uma expressão vaga, aberta a múltiplos significados e impregnada do idealismo que a concebe como um ideal a ser alcançado, apresentando as vantagens de uma pequena cidade sem ter, contudo, as desvantagens das grandes.

Essa indefinição não é problema somente para os estudiosos brasileiros, pois conforme destaca Brunet (2000), ao analisar as cidades médias na Europa, ele afirma que a cidade média é um "objeto geográfico não identificado",

> La ville intermédiaire ou moyenne est un UGO (unidentified geographic object). Car, d'une part, l'idée de mouenne se situe entre um plancher imprécis te un plafond indécis. D'autre part, l'idée de médiation (contenue dans l'adjectif intermediate) ne comprorte pas de définition des termes de la médiation: s'exercet-elle entre la capitale et les petites villes? ou entre les métropoles régionales et la campagne? [...] (BRUNET, 2000, p. 110).

É diante desse quadro de indefinição do que seja uma cidade média e das propostas analisadas nos dois capítulos anteriores que será desenhado uma sugestão de caminho a ser percorrido para o estudo das cidades médias. Esse caminho será divido em dimensões de análises que não devem ser observadas isoladamente, mas como dimensões particulares de um todo complexo, que não permite análises fragmentadas.

3.1.1. A dimensão demográfica

Os problemas da indefinição do que sejam essas cidades estão, entre outros motivos, ligados aos critérios utilizados pelos pesquisadores para defini-las, sendo que o mais utilizado e também o mais problemático deles é o critério

demográfico. Esse critério torna-se um entrave na definição do que seja uma cidade média, pois ele varia tanto no espaço quanto no tempo. Sposito (2001, p. 613) destaca que o uso do critério demográfico pouco contribuiu para a elaboração de um conceito do que seja uma cidade média, uma vez que sua sustentação é empírica e não teórica, permitindo somente a construção de uma noção.

Observando estudos de diferentes países do mundo, percebe-se a diferença no critério demográfico para a delimitação do que seja uma cidade média. Baker (2000) em estudo sobre a África subsaariana, destacou que apesar de uma diferenciação demográfica entre as pequenas e médias cidades, suas diferenças funcionais na rede urbana não são claras, chegando o autor a considerá-las como uma categoria única. Baker (2000) afirma que os critérios demográficos dos países da África subsaariana variam entre os países, por exemplo: na Tanzânia uma cidade média possui população variando de 10.000 a 34.999 habitantes; no Quênia a faixa varia de 20.000 a 99.999 habitantes, enquanto na Etiópia é de 20.001 a 100.000 habitantes.

Não diferente, Kewalramani (2000), em estudo sobre o sistema urbano indiano também discute a dificuldade de se qualificar uma cidade de acordo com o critério demográfico. Segundo o autor, “Most Indian authors have preferred the traditional census definition – a town with population ranging between 20,000 and 100,000” (KEWALRAMANI, 2000, p. 66). Entretanto, apesar dos autores indianos utilizarem a faixa de 20.000 a 100.000 habitantes, Kewalramani (2000) afirma que a definição de um critério demográfico deve estar de acordo com as condições geográficas e temporais do espaço analisado e que a aplicação de um único critério de definição para uma escala nacional é problemática. É, então,

diante da necessidade de um critério generalista para a análise do espaço urbano indiano, que o autor faz a seguinte proposta:

> [...] the population range for intermediate cities cannot be uniform and are area and time specific in real terms. However, an examination of the rank size distribution pattern in other states, revealed that the size group 50,000 to 200,000 could be used to delineate intermediate cities. (KEWALRAMANI, 2000, p. 70).

Souza et al (2007), ao analisar os diferentes critérios demográficos utilizados para definição de cidade média, constrói um quadro síntese, baseado nos trabalhos de Marques da Costa (2002) e Bellet Sanfeliu e Llop Torné (2003), demonstrando a diversidade do critério demográfico para a definição dessas cidades (ver Quadro 19)[1].

Quadro 19 – Classificação demográfica das cidades médias.

País / Instituição	**Faixa de tamanho demográfico (habitantes)**
Alemanha	150.000 – 600.000
Argentina	50.000 – 1.000.000
Banco Mundial	Até 1.000.000
Brasil (IBGE)	100.000 – 500.000
Dinamarca	Menor que 100.000
Espanha	30.000 – 130.000
Estados Unidos	200.000 – 500.000
França	20.000 – 100.000
Grécia	10.000 – 100.000
Itália	50.000 – 300.000
ONU	100.000 – 3.000.000
Paquistão	20.000 – 100.000
Portugal	20.000 – 100.000
Irlanda	50.000 – 100.000
Reino Unido	150.000 – 600.000
Suécia	50.000 – 200.000
União Européia	20.000 – 500.000

Fonte: Souza et al (2007, p. 07).

[1] Para saber mais sobre os critérios e os limiares demográficos das cidades médias, confira: Amorim Filho e Rigotti (2002).

O critério demográfico não só é variável para espaços diferentes, como também para tempos e autores, sendo resultado dos referenciais adotados e do período da história que o abrange. No caso brasileiro, Andrade e Lodder (1979) consideravam, na década de 1970, como cidades médias as aglomerações urbanas que variavam entre 50 mil e 250 mil habitantes. Já Santos (2005) considerava como cidade média, até as décadas de 1940/1950, as aglomerações urbanas com mais de 20 mil habitantes. Para a década de 1970/1980 em diante, o autor considera cidades médias aquelas com população variando de 100 mil a um milhão de habitantes[2].

Na introdução do livro *Cidades Médias Brasileiras*, de 2001, organizado por Thompson Almeida Andrade e Rodrigo Valente Serra, os autores utilizam o seguinte critério demográfico para qualificar uma cidade: [...] "cidades médias, neste capítulo, serão definidas como sendo os conjuntos de centros urbanos não-metropolitanos e não capitais com população entre 100 mil e 500 mil habitantes, segundo o Censo de 1991" (ANDRADE e SERRA, 2001, p. vi). O que chama atenção nessa classificação é o limite máximo proposto, de 500 mil habitantes e a exclusão das cidades que compõem os conjuntos metropolitanos e as capitais dos estados. Apesar dos autores avançarem[3] em relação às cidades que possuem uma função diferenciada na rede urbana (conjuntos metropolitanos e capitais), eles criam um hiato entre as cidades de 500 mil e um milhão de habitantes, pois não recebem nenhum tipo que qualificação.

[2] Acima de um milhão de habitantes, o autor qualifica essas cidades como cidades milionárias. Para saber mais sobre essas cidades, confira, entre outros: Santos e Silveira (2001) e Santos (2005).

[3] Tal critério é considerado um avanço no sentido de que as cidades que compõem áreas metropolitanas ou são capitais de estados desempenham uma função diferente na rede urbana, principalmente quando se considera a escala regional.

Nesse mesmo livro, Andrade e Serra (2001a) escrevem um capítulo intitulado *O desempenho das cidades médias no crescimento populacional brasileiro no período de 1970/2000* e utilizam o seguinte critério:

> [...] adota-se uma definição mais ampla para as cidades médias, que corresponde aos centros com população entre 50 mil e 500 mil habitantes. Certamente, esse estrato, por sua amplitude, reúne municípios com distintos níveis de complexidade em suas estruturas produtivas, requerendo, assim, que sub-estratos fossem construídos em respeito a essa diversidade. (ANDRADE e SERRA, 2001a, p. 129).

Os sub-estratos propostos pelos autores são: i) cidades médias com população variando entre 50 mil e 100 mil; ii) variando entre 100 mil e 250 mil habitantes; e iii) variando entre 250 mil e 500 mil habitantes. É necessário destacar que nesse capítulo, os referidos autores também consideram como cidades médias aqueles centros que compõem as áreas metropolitanas e as capitais de estados.

Apesar das críticas referentes à utilização de limiares demográficos para a definição de uma cidade média, Corrêa (2007) admite que o tamanho demográfico de uma cidade significa maior ou menor economia de escala, possibilitando o desenvolvimento, em diferentes graus, das funções urbanas, influenciando as relações externas e internas da cidade. O outro caminho também é válido: o desenvolvimento de novas funções urbanas leva ao crescimento demográfico e à multiplicação de atividades não-básicas, impulsionando novas funções urbanas e alterando as relações internas e externas da cidade (CORRÊA, 2007, p. 24).

Tendo como base os problemas criados pela utilização do tamanho demográfico para qualificação de uma cidade e a relação entre desenvolvimento urbano e tamanho demográfico surge a primeira constatação para a proposição metodológica para os estudos das cidades médias: o tamanho demográfico não

deve ser fim para classificação das cidades, mais sim meio para a explicação desses espaços, dessa forma, não se deve classificar os espaços urbanos considerando somente o critério demográfico, mas utilizá-lo para explicar o estágio do desenvolvimento urbano de uma cidade. Desse modo, Pontes (2001, 578) explica que [...] “o comportamento demográfico está estritamente vinculado à situação socioeconômica e portanto, representa um indicador dessa situação”.

Assim, de acordo com as propostas metodológicas apontadas por Amorim Filho (1978), Bolay et al (2003), Sposito et al (2006) e UIA (1998), apresentadas anteriormente, propõe-se a utilização do critério demográfico enquanto uma dimensão de análise para as pesquisas sobre as cidades médias brasileiras, considerando as variáveis e indicadores apresentadas no Quadro 20.

Quadro 20 – Dimensão demográfica: proposição metodológica.

Dimensão	Variáveis	Indicadores
Demográfica	Crescimento Demográfico	- Evolução da população total, população urbana e população rural.
		- Motivos da evolução populacional.
		- Relação entre evolução demográfica e desenvolvimento urbano.
		- Evolução populacional da cidade em relação à região em que está inserida.
		- Motivos que explicam a evolução populacional diferenciada na região.
	Fluxos migratórios	- Origem e destino das migrações.
		- Migração campo-cidade.
		- Motivos das migrações.
		- Fluxo pendular de pessoas.

Fonte: elaborado a partir de Amorim Filho (1978), Bolay et al (2003), Sposito et al (2006), UIA (1998) e pesquisa direta.

Os indicadores quantitativos permitem, ao pesquisador, observar como a cidade tem-se alterado, em dados numéricos, enquanto os indicadores qualitativos permitem uma análise mais precisa do espaço, possibilitando entender as transformações que ocorreram e que estão expressas nos dados

numéricos levantados. O entendimento da relação existente entre a evolução demográfica[4] e o desenvolvimento urbano permite ao pesquisador iniciar a compreensão do papel desenvolvido pela cidade na rede urbana em que se insere. Para a análise dos fluxos migratórios[5] isso não é diferente, pois esse indicador possibilita entender o papel desempenhado pela cidade na rede a partir dos princípios motivadores que levaram as populações a migrarem, seja pendularmente ou não.

A relação entre tamanho demográfico e desenvolvimento urbano contribui para outra análise da cidade, agora através do espaço intra-urbano, conforme destaca Corrêa (2007, p. 24)

> Quanto maior o tamanho demográfico, maior será a dimensão do espaço intra-urbano, expressa pela distância entre o centro e a periferia da cidade, assim como mais complexa será a organização desse espaço intra-urbano. Em razão das distâncias viabiliza-se, em grande parte, uma maior divisão econômica do espaço, submetido a um mais significativo processo de descentralização, origem dispersa e formação de núcleos de atividades derivados de economias de aglomeração, distantes do centro. Maior o tamanho demográfico e mais complexas as atividades econômicas, suscitando maior fragmentação do tecido social, mais complexa será a projeção espacial das classes sociais e suas frações, gerando uma mais complexa divisão social do espaço, com áreas sociais mais diferenciadas.

O autor ainda completa afirmando que:

> [...] maior o tamanho demográfico e mais complexas as atividades econômicas, particularmente as funções urbanas, mais fragmentada e, por conseguinte, mais articulada será a cidade. É neste continuum que vai de minúsculos núcleos de povoamento às cidades globais, que se inserem as cidades médias, um tipo de cidade caracterizado por uma particular combinação de tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intra-urbano. (CORRÊA, 2007, p. 24-25).

[4] Sobre o crescimento demográfico das cidades médias, confira: Andrade e Serra (2001a)
[5] Sobre os fluxos migratórios em cidades médias, confira: Andrade, Santos e Serra (2001).

Apesar de Corrêa (2007) apresentar a relação entre tamanho demográfico, funções urbanas e desenvolvimento do espaço intra-urbano, o autor destaca que existem três dificuldades na utilização do critério demográfico, quais sejam: o tamanho demográfico absoluto, a escala espacial e a dimensão temporal, estando todas elas interligadas entre si. Com relação ao tamanho demográfico absoluto, o autor afirma que para realidades urbanas diferentes, um limite demográfico pode ser uma cidade média em um país e uma metrópole em outro. Um exemplo disso é o critério adotado pela ONU, pois para essa instituição, uma cidade média é aquela que tem população variando de 100.000 a 3.000.000 de habitantes. A escala espacial também é outro problema, pois uma mesma cidade pode ser macrocefálica em escala estadual e uma cidade média em escala nacional. Já os limiares demográficos variam ao longo da história, sendo que para períodos históricos diferentes, existem limiares demográficos diferentes para classificar uma cidade média[6] (CORRÊA, 2007).

É sabendo das dificuldades que envolvem a dimensão demográfica que é proposta a sua utilização, não como critério definidor, mas sim como uma dimensão de análise que deve ser interpretada em conjunto com as outras dimensões propostas e que auxiliará na compreensão das transformações do espaço urbano de uma cidade média.

3.1.2. A dimensão econômica como definidora dos fluxos

A dimensão econômica de uma cidade é outro fator que deve ser considerado para uma proposição metodológica de estudo do espaço urbano. Essa dimensão é a que permite analisar a rede de relações estabelecida entre

[6] Conforme citado anteriormente, essa constatação também foi feita por Santos (2005).

uma cidade e as outras de hierarquia inferior e superior na rede urbana, ou seja, é a dimensão que permite analisar as funções urbanas de uma cidade média. Isso fica claro no estudo de Sposito (2001), no qual a autora indica quatros fatores[7] que permitem compreender as relações estabelecidas por essas cidades na rede urbana brasileira, em função dos seus fluxos de consumo e das novas configurações espaciais. Segundo a autora, esses fatores são: consumo de bens e serviços ligados à modernização do setor agropecuário, barateamento dos custos, melhoria e diversificação dos sistemas de transporte e telecomunicação, formas contemporâneas de organização econômica das atividades ligadas ao comércio e bens de serviços e a tendência de concentração econômica de empresas industriais associadas aos meios técnicos-informacionais nas cidades médias (SPOSITO, 2001).

Diante disso, o Quadro 21 apresenta as variáveis e os indicadores propostos para a análise da dimensão econômica das cidades médias.

[7] Confira Sposito (2001, p. 625-635). Esses fatores foram detalhados no capítulo um dessa dissertação.

Quadro 21 – Dimensão econômica: proposição metodológica.

Dimensão	Variáveis	Indicadores
Econômica	Setores da economia	- Principais atividades segundo os setores da economia.
		- População economicamente ativa segundo os setores da economia.
		- Produto interno bruto segundo os setores da economia.
		- Arrecadação de ICMS segundo os setores da economia.
		- Atividades econômicas segundo valor de produção e quantidade de empregados.
		- Número de pessoas e valor de capital movimentado no mercado informal.
		- Evolução das inovações tecnológicas nos setores da economia.
		- Escala de atuação das empresas ligadas ao setor secundário e terciário.
		- Evolução dos setores da economia desde 1970.
		- Valores dos investimentos nos setores da economia.
	Importação e exportação de produtos	- Origem e destinos dos bens e serviços importados e exportados.
		- Valores das importações e exportações.
	Grupos econômicos	- Grandes equipamentos industriais e/ou de alta tecnologia: primária, de transformação e agroindústrias.
		- Redes de supermercados e hipermercados.
		- Ensino superior: graduação e pós-graduação.
		- Empresas ligadas à agricultura científica e ao agronegócio: tratores, implementos agrícolas, sementes, irrigação, aviação agrícola.
		- Rede bancária e financeira: bancos, caixas eletrônicos, caixas 24 horas, financeiras.
		- Empresas de consultoria: ambiental, agrícola, planejamento urbano, tecnologia, gestão de negócios, recursos humanos.
		- Empresas do setor imobiliário: imobiliárias, construtoras.
		- Redes e filiais de lojas de eletrodomésticos, eletrônicos e roupas: varejistas.
		- Rede de franquias: varejistas.
		- Rede de concessionárias.
		- Empresas atacadistas.
		- Empresas ligadas às telecomunicações
		- Agências de turismo
		- Empresa de organização de eventos
	Emprego e renda	- Quantidade de empregados segundo setores da economia.
		- Quantidade de desempregados.
		- Renda per capita.
		- Renda segundo setores da economia.
		- Relação escolaridade e renda.
		- Quantidade de profissionais liberais.
	Estratégia de desenvolvimento econômico	- Planejamento de políticas econômicas.
		- Estrutura de promoção econômica.
		- Atores envolvidos no processo.
		- Participação das elites locais nos investimentos econômicos.

Fonte: elaborado a partir de Bolay et al (2003), Sposito et al (2006), UIA (1998) e pesquisa direta.

Os indicadores ligados à variável *setores da economia* da dimensão econômica[8] permitem uma análise estatística do quadro econômico da cidade, uma vez que possibilita ao pesquisador compreender o papel da cidade estudada perante a sua realidade regional. Por exemplo, no caso de uma cidade média especializada nas atividades ligadas ao turismo, o ramo da atividade mais desenvolvido e com maior número de empregados será aquele ligado ao setor hoteleiro e de prestação de serviços.

Os grupos econômicos presentes em uma cidade média indica sua importância no cenário regional, pois as estratégias de instalações desses grandes grupos capitalistas estão diretamente ligadas à presença de um mercado consumidor significativo. Assim, tão importante quanto possuir um grande mercado consumidor é ter condições de atrair e comportar as populações do seu entorno para o consumo nas empresas instaladas na cidade.

Por serem espaços transitórios (CORRÊA, 2007), as cidades médias, na personificação dos grandes empresários, da elite local e dos representantes do poder público, devem traçar estratégias para o desenvolvimento econômico, uma vez que somente com a manutenção das relações existentes entre as cidades de diferentes hierarquias é que essas cidades se manterão com funções intermediárias na rede urbana. Somado ao desenvolvimento econômico, deve-se pensar também na qualidade de vida das populações, que é um aspecto marcante das cidades médias brasileiras[9] (AMORIM FILHO, 1984; AMORIM FILHO e SERRA, 2001; SOARES, 1999; SOARES, 2005).

Por fim, é possível afirmar que a dimensão econômica da cidade média é a principal responsável pela definição de seus fluxos, o que caracteriza o papel desempenhado por esse centro na rede urbana. Apesar de sua importância, essa

[8] Sobre o crescimento econômico das cidades médias, confira: Andrade e Serra (2001b).
[9] Esse aspecto será discutido posteriormente.

dimensão depende diretamente dos fixos nos território, ou seja, dos equipamentos e das infra-estruturas que possibilitam os fluxos de pessoas, mercadorias, informações e capitais.

3.1.3. Os equipamentos e as infra-estruturas: os fixos

A terceira variável considerada para a proposição metodológica é a de equipamentos e infra-estruturas, os meios (fixos) que permitem os fluxos de mercadorias, capitais e de informações e indicam o nível de desenvolvimento econômico/tecnológico das atividades desenvolvidas na cidade em questão. Além de possibilitar a interpretação das relações estabelecida entre a cidade e seu entorno regional, os equipamentos e as infra-estruturas também permitem compreender a situação das estruturas públicas que atendem a população da cidade. O Quadro 22 apresenta os indicadores e as variáveis a serem consideradas para a análise da dimensão que envolve os equipamentos e as infra-estruturas.

O levantamento de informações referentes a essa dimensão permite ao pesquisador elaborar mapas de fluxos de pessoas, mercadorias e capitais, auxiliando no entendimento do papel desempenhado pela cidade na rede urbana. A presença de equipamentos ligados aos grandes empreendimentos capitalistas é o que melhor define a especialização da cidade na rede[10], uma vez que ao se especializar em determinado tipo de serviço, a cidade torna-se um centro regional. Um exemplo da importância desses equipamentos e infra-estruturas é apontado por Sposito (2007b) ao propor uma análise das cidades médias a partir dos eixos de desenvolvimentos que a rodeiam. Nesse texto o autor analisa

[10] Como exemplo, confira o texto de Ramires (2007).

algumas cidades médias do estado de São Paulo a partir da logística e dos eixos rodoviários de transporte, o que permite, segundo o autor, entender os papéis desempenhados por essas cidades na rede urbana (SPOSITO, 2007b).

Quadro 22 – Dimensão dos equipamentos e das infra-estruturas: proposição metodológica.

Dimensão	Variáveis	Indicadores
Equipamentos e infra-estruturas	Equipamentos e infra-estrutura urbana	- Rede de água potável.
		- Sistema de esgotamento sanitário.
		- Rede de energia elétrica e iluminação pública.
		- Serviço de limpeza urbana: coleta de lixo e varrição de ruas.
		- Aterro sanitário.
		- Pavimentação de ruas.
		- Rede de telefonia: públicos e privados.
		- Aeroporto, estação rodoviária, estação ferroviária e estação hidroviária.
		- Terminais intermodais.
		- Rodovias, ferrovias e hidrovias de acesso.
		- Distrito industrial e de negócios.
		- Hospitais, postos de saúde, clínicas especializadas, laboratórios.
		- Mercado público.
		- Agências dos Correios
		- Provedores de internet.
		- Emissoras de rádio e televisão.
		- Jornais impressos.
		- Bibliotecas públicas.
		- Escolas de ensino fundamental, médio e centros tecnológicos.
		- Centros de esportes.
		- Rede de hotéis.
		- Espaços para realização de eventos.
		- Órgãos públicos.
		- Praças, bosques e parques.
	Espaços públicos	- Feiras livres.
		- Calçadões.
		- Espaços públicos de uso coletivo.
		- Origem e destino dos usuários dos espaços públicos.
		- Caracterização socioeconômica dos usuários desses espaços.
		- Clubes.
		- Monumentos e edificações públicas.

Fonte: elaborado a partir de Bolay et al (2003), Sposito et al (2006), Sobarzo (2007), Sposito (2007b), UIA (1998) e pesquisa direta.

Sobarzo (2007) constrói uma proposta teório-metodológica para a interpretação dos espaços públicos das cidades médias. Segundo o autor, para a análise desses espaços três níveis analíticos devem ser observados, quais sejam: da dominação política, da reprodução econômica e da realização da vida. Para o nível da dominação política, Sobarzo (2007) afirma que nas cidades médias os grupos de poder local (elites[11]) estão intimamente ligados às administrações municipais, conseqüentemente, marcas nos espaços urbanos são deixadas por esses grupos de poder. O autor destaca que além das marcas, os grupos de poder também são convidados ilustres das inaugurações de obras públicas e dominadores da imprensa local, demonstrando nos jornais locais suas ideologias e disputas (SOBARZO, 2007, p. 166-167).

Sobre a reprodução econômica do espaço urbano, Sobarzo (2007, p. 168) destaca que:

> [...] as cidades médias possibilitam a análise da obsolescência de bairros e *habitats* – incluindo modos de consumo – que se produz pelo surgimento de novos produtos imobiliários que geralmente questionam a relação entre o público e o privado. (Grifo do autor).

A relação entre o público e o privado altera-se, uma vez que os grupos mais privilegiados passam a residir nos condomínios ou loteamentos fechados e a consumir nos *shopping centers*, diferenciando-se, assim, a forma de consumo da cidade, pois o espaço da sociabilidade, antes o espaço público, é agora aquele vinculado ao espaço privado, as áreas de lazer dos condomínios fechados, as praças de alimentação dos *shopping centers*. Assim, para Sobarzo (2007), os

[11] Corrêa (2007, p. 29) considera como elemento essencial para a construção de um quadro teórico sobre as cidades médias as elites empreendedoras. Para o autor, elas têm o papel de transformar suas cidades em cidades que têm poder de decisão perante o quadro econômico nacional. Para o autor: “admite-se que é essa elite empreendedora que marca a diferença com outras cidades com a mesma dimensão demográfica, porque é ela que estabelece uma relativa autonomia econômica e política numa cidade, criando interesses locais e regionais, competindo em alguns setores de atividades com as grandes cidades e centros metropolitanos.” (CORRÊA, 2007, p. 29).

espaços públicos das cidades médias são espelhados nos das metrópoles, onde a sociabilidade se dá nos espaços fechados e não mais nos ambientes públicos. Por fim, relacionada à produção econômica está a realização da vida. A vida passa a se reproduzir não mais nos espaços da coletividade, mas sim naqueles espaços que representam a cidade moderna, uma vez que o que importa não é consumir, mas sim viver a modernidade, segmentando cada vez mais a sociedade urbana.

Os equipamentos e as infra-estruturas são peças fundamentais na organização dos fluxos mantidos entre a cidade média e o restante da rede urbana, pois eles são a materialização no território dos meios para a circulação de mercadorias, capitais, pessoas e informações, definindo, assim, a área de polarização da cidade média.

3.1.4. A dimensão política e de gestão do território

A quarta dimensão considerada nesse trabalho para o estudo das cidades médias é aquela vinculada à dimensão política e de gestão do território. As variáveis dessa dimensão permitem entender as perspectivas que envolvem as cidades médias, uma vez que são as informações levantadas a partir dos seus indicadores que permitem entender as regras e as relações entre os poderes e os grupos organizados da sociedade. Nesse sentido, o Quadro 23 apresenta as variáveis e os indicadores que devem ser considerados para a análise dessa dimensão.

Quadro 23 – Dimensão política e de gestão do território: proposição metodológica.

Dimensão	Variáveis	Indicadores
Política	Instituições	- Identificação das instituições públicas e administrativas.
		- Evolução das ações das instituições.
		- Papel das instituições nos fluxos de mercadorias, pessoas e capitais.
		- Papel das instituições frente aos diferentes níveis de administração pública.
		- Identificação dos organismos representativos da vida pública.
		- Identificação dos consensos e conflitos entre os atores sociais da vida pública.
		- Forma de resolução dos problemas urbanos.
	Formação histórica e socioespacial	- História de formação da cidade.
		- Formação territorial da cidade.
		- Estrutura das classes sociais.
		- Constituição dos grupos políticos.
		- Transformações sociais significativas ao longo da história.
		- Grupos envolvidos e formas de participação.
		- Organização socioespacial da cidade.
		- Uso e ocupação do solo.
	Papel das elites	- Grupos empresariais da cidade.
		- Papel das elites nos meios de comunicações.
		- Grupos políticos.
		- Representações da elite no setor público ou privado.
		- Poder de atuação das elites nas diferentes escalas espaciais.
Gestão do território	Legislação urbana	- Descrição dos papéis legais das cidades frente aos diferentes níveis de escala espacial.
		- Organização das relações entre a cidade e os níveis superiores da estrutura política.
	Planejamento e ações	- Formas de planejamento das ações políticas e territoriais.
		- Formas de utilização das informações.
		- Formas de aplicação e de tomada de decisões referentes ao planejamento.
		- Amplitude dos resultados obtidos no planejamento.
		- Instrumentos utilizados: recursos humanos, financeiros, equipamentos, organizações públicas e privadas.
		- Determinação dos espaços de referências cobertos pelo planejamento das ações urbanas: escala local, regional e nacional.
		- Estratégias e instrumentos para o planejamento e gestão.

Fonte: elaborado a partir de Bolay et al (2003), Sposito et al (2006), UIA (1998) e pesquisa direta.

As instituições de uma cidade média, principalmente aquelas ligadas ao poder administrativo, exercem importante papel na organização do espaço regional, já que são elas que traçam, juntamente com os grupos econômicos das

cidades, as políticas de desenvolvimento urbano[12], opinando nas decisões que envolvem a cidade, principalmente naquelas referentes à instalação de novos grupos empresariais.

Apesar de sua importância na definição das relações estabelecidas na rede urbana, as instituições públicas não devem possuir o maior peso no total de fluxos de uma cidade média, pois conforme destaca Corrêa (2007), a cidade média também deve ser um centro de decisões econômicas, comandando regionalmente a rede urbana. Assim, deve haver um equilíbrio entre as decisões políticas do poder público, e as decisões sociais e as referentes ao comando das atividades de produção e consumo, ou seja, as decisões do setor privado da economia. Entende-se, assim, que o poder público deve dar condições para a oferta de um comércio e serviços especializados e diversificados, para que a cidade se torne referência para as pequenas cidades e seu entorno rural.

3.1.5. Dimensões ambiental, social e cultural

As dimensões ambiental, social e cultural têm sido pouco utilizadas nos estudos das cidades médias, pois não contribuem como a dimensão econômica, para o estabelecimento de fluxos e definição de regiões de influência. Entretanto, essas dimensões caracterizam as cidades de outra maneira, pela qualidade de vida, que é, segundo Amorim Filho (1984), Amorim Filho e Serra (2001), Pesci (2000) e Soares (1999 e 2005), um importante fator de atração de população para os centros urbanos. Assim, considerar essas dimensões na análise de uma cidade é somar elementos na compreensão dos papéis das outras dimensões na definição das relações estabelecidas *de* e *para* as cidades médias.

[12] Para saber mais sobre o assunto, confira: Jordan e Simioni (1998).

As variáveis e os indicadores utilizados para a avaliação da dimensão ambiental nesse trabalho serão os mesmos que os utilizados por Bolay et al (2003) em seu estudo sobre as cidades médias da América Latina, complementados por algumas variáveis e indicadores elaborados a partir da pesquisa empírica. O Quadro 24 sintetiza as variáveis e os indicadores.

Quadro 24 – Dimensão ambiental: proposição metodológica.

Dimensão	Variáveis	Indicadores
Ambiental	Infra-estrutura urbana	- Identificação das infra-estruturas e dos serviços existentes e previstos ligados ao meio ambiente (água, resíduos, ar, solo).
	Origem e importância do uso urbano dos diferentes recursos naturais	- Localização das regiões de abastecimento.
		- Quantificação do uso.
	Degradação do meio ambiente	- Causa e forma de contaminação do meio ambiente.
	Impacto urbano e regional da contaminação dos recursos naturais	- Impactos da contaminação urbana em diferentes níveis: individual, da produção econômica, do patrimônio construído, a atratividade da cidade.
		- Impacto direto ou indireto nas regiões de abastecimento e nas áreas externas afetadas pela contaminação.
	Patrimônio ambiental	- Identificação de áreas de preservação.
		- Aproveitamento turístico.
		- Políticas de preservação.
		- Potencialidade turística.
	Qualidade de vida*	- Poder aquisitivo.
		- Oferta de emprego e de habitação.
		- Saneamento de infra-estrutura.
		- Tipos de poluição.
		- Acesso aos serviços de saúde, educação e lazer.
		- Analfabetismo.
		- Áreas verdes.
		- Segurança pública.

Nota: * Qualificar a qualidade de vida em uma cidade é uma tarefa difícil, pois envolve diferentes indicadores. Por esse motivo, foram indicados somente os indicadores eleitos como mais importantes, todavia, para conhecer outros indicadores para avaliar a qualidade de vida em cidades médias, confira Farias et al (1998).
Fonte: elaborado a partir de Bolay (2003) e pesquisa direta.

Com relação à dimensão ambiental das cidades médias, UIA (1998) afirma que essas cidades não apresentam os mesmos problemas ambientais que as

grandes cidades, contribuindo, assim, para a qualidade de vida das populações, apresentando, as seguintes vantagens:

> - El coste de acceso a una red de suministro de agua potable, de saneamiento y de pluviales, a un sistema de recogida de residuos, a telecomunicaciones avanzadas y a la mayor parte de los servicios, de urgencias y de educación, calculado por persona o por vivienda, es muy inferior.
> - Las posibilidades de valoración, de reciclaje, y de reutilización de materiales son muy numerosas, incluso de las empresas capaces de asegurar estos servicios en condiciones de seguridad.
> - La densidad demográfica es muy superior lo que supone una menor necesidad de tierra por habitante.
> - Las posibilidades de reducción del consumo de energías fósiles en las ciudades, o en las viviendas y los lugares de trabajo. Es importante: la utilización de calor recuperado de los humos de procesos industriales o de las centrales térmicas, por ejemplo.
> - Las posibilidades de reducción de la circulación automovilística son muy grandes: la marcha a pie, el uso de la bicicleta, la utilización de transportes comunitarios.
> - Una reflexión y debate focalizados sobre los problemas del medio, a menudo va a permitir soluciones más innovadoras. (UIA, 1998, p. 10-11).

Diante disso, deve-se verificar a validade dessas informações para constatar se as cidades médias continuam sendo centros que atraem populações em função dos bons índices de qualidade de vida ou se isso tem-se alterado ao longo do tempo. Soma-se à dimensão ambiental na avaliação da qualidade de vida a dimensão social, responsável por mensurar indicadores referentes à vida das populações. O Quadro 25 destaca as variáveis e os indicadores que devem ser considerados para a avaliação da dimensão das cidades médias.

Essas variáveis e indicadores permitem analisar o outro lado da cidade, que não é o do desenvolvimento econômico e seu destaque regional, mas de suas desigualdades e problemas sociais, que são produtos do poder de atração e de influência que essas cidades possuem sobre uma dada região. Assim, analisar os problemas que essas cidades enfrentam é uma maneira de entender como esses

espaços são transitórios, pois começam a apresentar problemas que antes pertenciam somente aos grandes centros urbanos.

Quadro 25 – Dimensão social: proposição metodológica.

Dimensão	Variáveis	Indicadores
Social	Condições de moradia	- Existência de políticas públicas habitacionais.
		- Número de moradias sem água, luz e esgoto.
		- Número de sem-tetos.
		- Identificação de favelas e áreas de riscos.
		- Identificação de loteamentos irregulares e clandestinos.
		- Identificação de loteamentos e condomínios fechados.
		- Identificação de verticalização.
		- Identificação de conjuntos habitacionais.
		- Identificação de bairros nobres.
	Trabalho e renda	- Subemprego.
		- Renda per capita.
		- Média salarial segundo atividade exercida.
		- Índice de Gini.
		- Número de desempregados.
		- Número de famílias com renda inferior a um salário mínimo.
		- Número de famílias com renda superior a quinze salários mínimos.
		- Nível de concentração econômica.
		- Acesso a serviços.
	Outros	- Indicadores de pobreza.
		- Indicadores de desenvolvimento humano.
		- Índice de escolaridade.
		- Número de analfabetos.

Fonte: elaborado a partir de Sposito et al (2006), UIA (1998) e pesquisa direta.

Por fim, a última dimensão a ser considerada é a dimensão cultural. Para sua análise é necessário identificar nas cidades as diferentes formas de expressões culturais que a diferencia de outras cidades. Alguns elementos como os festivais musicais, as festas populares, as cultos religiosos (igrejas), devem ser considerados para a análise da dimensão cultural, pois em alguns casos, são responsáveis pela atração de pessoas[13], conforme o Quadro 26.

[13] Um festival regional de música pode ter como sede uma cidade média, pois essa cidade apresenta melhor estrutura para sua ocorrência. Em função de ser a sede, ela atrairá pessoas de outras cidades interessadas em participar de tal evento.

Quadro 26 – Dimensão cultural: proposição metodológica.

Dimensão	Variáveis	Indicadores
Cultural	Patrimônio histórico	- Identificação do patrimônio histórico: edificado ou natural.
		- Política de preservação e restauração do patrimônio histórico.
		- Identificação das áreas mais visitadas.
		- Potencialidade turística.
	Calendário de festas	- Tipos de festas.
		- Identificação dos grupos sociais freqüentadores.
		- Origem histórica das festas.
		- Finalidade das festas.
		- Política de incentivo e manutenção para a realização de festas.
		- Potencialidade turística.
	Religiosidade	- Identificação e quantificação das igrejas/locais de cultos.
		- Identificação dos locais mais visitados.
		- Potencialidade turística.

Fonte: elaborado a partir de pesquisa direta.

As dimensões ambiental, social e cultural devem ser consideradas na análise dos papéis desempenhados por uma cidade média na rede urbana, pois auxiliam na compreensão da complexidade urbana dessas cidades.

O entendimento dos papéis desempenhados pelas cidades médias no sistema urbano suscita a necessidade da construção de uma tipologia classificatória das cidades médias.

3.1.6. Uma tipologia para as cidades médias

As dimensões propostas para o estudo das cidades médias apresentadas levam a proposição de uma dimensão referente a uma tipologia de cidades médias. Essa tipologia foi construída segundo os trabalhos de Bolay et al (2003), Corrêa (2007) e UIA (1998), nos quais os autores indicam diferentes tipos de cidades médias possíveis segundo suas atividades econômicas.

Uma ressalva deve ser feita quanto à proposição tipológica. Não serão consideradas como cidades que possuem funções intermediárias na rede urbana,

ou seja, cidades médias, aquelas que estão localizadas em áreas metropolitanas, pois em função de estarem muito próximas da metrópole, em alguns casos até conurbadas, essas cidades se especializam visando atender às demandas da metrópole[14].

O Quadro 27 apresenta as diferentes tipologias para as cidades médias, segundo suas funções na rede urbana.

Quadro 27 – Tipologia para as cidades médias: proposição metodológica.

Tipos	Critérios
Centro de serviços	- Cidade especializada em oferecer serviços públicos e privados para a população regional.
Centro administrativo	- Cidade que abarca as diferentes instituições políticas e administrativas dos níveis estadual e federal.
Pólo econômico	- Cidade que desenvolve estratégias nos diferentes níveis (estadual, nacional e internacional) de produção industrial e comercialização em grande escala.
Centro turístico	- Cidade que aproveita as potencialidades naturais, o patrimônio histórico e o cultural para promover atividades ligadas ao turismo.
Canal de comunicação	- Cidade que utiliza sua localização relativa para servir de espaço de intercâmbio de pessoas, bens e informações.
Centro de fronteira	- Cidade que aproveita sua posição geográfica e sua estratégia de desenvolvimento para dominar as relações em áreas de fronteira.
Centro regional	- Cidade que concentra o comércio varejista e serviços especializados com alcance regional.
Centro de drenagem e consumo de renda fundiária	- Cidade localizada em área pastoril que apresenta um complexo agro-industrial.
Centro especializado	- Cidade que apresenta atividades especializadas que permitem estabelecer relações de longa distância, chegando ao nível internacional.

Fonte: elaborado a partir de Bolay et al (2003), Corrêa (2007) e UIA (1998).

Para uma mesma cidade, dependendo do foco de análise, é possível classificá-la como pertencente a mais de um tipo, pois as cidades não são peças únicas no "quebra-cabeça" urbano, com funções específicas, mas sim um conjunto complexo de funções, no qual um tipo se sobressai sobre os outros.

Associadas à tipologia estão as três escalas de relações que podem ser estabelecidas pelas cidades médias, quais sejam: regional, nacional e

[14] Na escala regional, as capitais dos estados não devem ser consideradas como médias.

internacional. Bolay et al (2003) e Corrêa (2007) apontam que o papel da cidade na rede urbana vai variar de acordo com o nível escalar utilizado para a análise, sendo que uma cidade que pode ser classificada como média para o nível nacional, quando analisada internacionalmente, pode não possuir a mesma importância. Delimitar a escala de análise de uma cidade é a primeira obrigação do pesquisador para dizer se a cidade em questão é uma cidade média ou não.

Entende-se como escala regional a relação estabelecida pela cidade e sua hinterlândia direta. As relações estabelecidas para a escala regional são aquelas de produção e comercialização de produtos agropecuários, de roupas, de alimentos e a de prestação de serviços de saúde e educação[15]. A escala nacional se estabelece a partir das relações entre a cidade e o território nacional[16]. A cidade média que atua em escala nacional é um marco de referência em algum tipo de atividade, normalmente do setor produtivo ou de alta tecnologia. A escala internacional é resultado das lógicas mundiais da economia estabelecidas entre a cidade média e o restante do mundo (BOLAY et al, 2003, p. 19).

Corrêa (2007, p. 30) aponta que existem dois níveis escalares para a análise das cidades médias, quais sejam: escala regional e a escala extra-regional[17]. Para o autor:

> As interações espaciais *de* e *para* a cidade média se realizam em duas escalas espaciais gerais, a escala regional e a escala extra-regional, seja ela nacional ou internacional. Estas interações extra-regionais são decisivas para identificação de uma cidade média, distinguindo-a de uma usual capital regional. Nesse sentido, admite-se ser necessário estabelecer as diferenças entre as interações regionais e extra-regionais, assim como as conexões entre ambas, diferenças associadas à natureza dos bens e serviços, agentes sociais e mercados envolvidos. (Grifo do autor) (CORRÊA, 2007, p. 30).

[15] O estudo de Pereira (2007) é um exemplo de análise de uma cidade média em escala regional.
[16] O estudo de Cleps (1997) é um exemplo de relações estabelecidas em escala nacional a partir de uma cidade média.
[17] A escala extra-regional apontada por Corrêa (2007) é o que Bolay et al (2003) chamou de escala nacional e internacional.

Percebe-se, então, o importante papel que os centros urbanos médios possuem na rede urbana, pois além de serem centros de decisões político-econômicas regionais, concentram em seus espaços estruturas ligadas ao comércio e serviços que alteram a divisão regional do trabalho. Assim, as cidades são pontos de inserção e superposição no território, que variam entre as horizontalidades e verticalidades, funcionando como depositária e produtora de bens e serviços exigidos por elas e por seu entorno, estabelecendo, assim, uma estrutura complexa de relações espaciais (SANTOS e SILVEIRA, 2001).

Diante desse quadro, Pontes (2001) qualifica as aglomerações urbanas que possuem uma estrutura complexa de relações espaciais como cidades médias complexas, que são, nas palavras da autora,

> [...] algumas cidades médias que associam uma atividade industrial ponderável a um papel de centro urbano prestador de serviços a uma zona agrícola, a qual constitui sua respectiva área de influência e é, na maior parte das vezes, bastante extensa. [...] A complexidade de suas funções atuais foi gerada, na maioria das vezes, por um crescimento parcialmente autônomo de sua base econômica atual ou passada. Freqüentemente, essas cidades eram, no passado, centros terciários de uma industrialização de pequenas e médias empresas. (PONTES, 2001, p. 574).

A importância das cidades médias confere a elas um papel estratégico na rede urbana, servindo de referência para as pequenas aglomerações urbanas e o meio rural do seu entorno e estabelecendo, concomitantemente, relações com aglomerações urbanas maiores e mais importantes hierarquicamente.

Steinberger e Bruna (2001), analisando o papel das cidades médias no elo urbano-regional, afirmam que:

> O elo urbano regional lhe confere o papel de núcleos estratégicos da rede urbana brasileira, na medida em que congregam as vantagens do estar aglomerado no espaço urbano e a possibilidade de estarem articuladas a um espaço regional, mais amplo, que

> conforma sua área de influência. (Steinberger e Bruna, 2001, p. 71).

Assim, torna-se importante estudar as cidades médias identificando as possibilidades de circulação de pessoas, mercadorias, informações e valores, uma vez que esses elementos, constituintes da sociedade, intensificam e marcam as relações entre as cidades e suas regiões de influência e, ao mesmo tempo, as diferenciam. Nesse sentido, Soares (2005, p. 274) afirma que:

> Mesmo identificadas como médias cada cidade é única, original e singular. São diferentes as formas de relação dessas cidades com seu entorno regional, especialmente as pequenas cidades e o campo. Nesse sentido, cada cidade é um todo complexo e contraditório, pois as variáveis necessárias à sua reprodução abarcam o sistema produtivo e a rede de consumo em uma relação estreita com a região.

Na análise do papel regional de uma cidade média, é necessário considerar não só as dimensões demográfica, econômica, de equipamentos e infra-estrutura, política e de gestão do território da cidade pesquisada, mas de toda a região que ela se insere, para conhecer em quais dessas dimensões a cidade se destaca perante as outras de sua região de influência. Nessa perspectiva, Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982) indicaram como variáveis a serem utilizadas nos estudos das cidades médias brasileiras a análise de seu entorno regional, propondo, para o período histórico, a verificação da existência de cidades maiores, menores e de mesmo nível num raio de 50 quilômetros. Propõe-se como distância a ser considerada para essa análise um raio de 150 quilômetros, pois o avanço tecnológico, o aumento da eficiência dos meios de transportes e a criação e/ou melhoria das vias rodoviárias facilitaram o deslocamento entre as cidades.

Para classificar tipologicamente uma cidade média é necessário entender não só o seu papel na rede urbana, mas também dos principais centros que estão na sua área de influência, identificando quais das atividades existentes que se sobressaem perante os outros centros urbanos.

Diante dessa proposição metodológica e dos resultados obtidos a partir da aplicação da metodologia de Sposito et al (2006) na cidade de Uberlândia, serão elaboradas, à frente, algumas reflexões a partir da realidade estudada.

3.2. Reflexões a partir das metodologias

A pesquisa da cidade de Uberlândia, apoiada na metodologia de Sposito et al (2006), permite a elaboração de alguns comentários críticos sobre a proposta das autoras e algumas reflexões complementares à construção da proposta metodológica apresentada nesse trabalho.

Inicialmente, para classificar uma cidade como média ou não, deve-se primeiro estudar o centro urbano em questão para posteriormente classificá-lo. Entretanto, apesar de isso parecer óbvio, número significativo de trabalhos sobre as ditas cidades médias estruturam-se ao contrário, ou seja, os pesquisadores definem as cidades como médias, normalmente em função do critério demográfico, para posteriormente tecer as análises referente as escalas inter e intra-urbana. Esse caminho não deve ser seguido para a análise dos centros urbanos, pois apoiar em um único critério é bastante problemático, podendo levar o pesquisador a interpretações diferentes da realidade. Para a classificação de uma cidade como média ou não, deve-se primeiro analisar a cidade, descobrindo se ela desempenha papéis intermediários e/ou regionais no conjunto da rede urbana, para depois classificá-la.

Um exemplo disso é a cidade de Uberlândia, que pelo critério demográfico não estaria mais no grupo das cidades médias, pois de acordo com a expectativa populacional do IBGE para 2007 a cidade já possuía mais de 600 mil habitantes, ultrapassando o limite demográfico superior para uma cidade média, que é de 500 mil habitantes, segundo o próprio IBGE. Entretanto, de acordo com a realidade estudada e com autores como Soares (1995 e 1997) e Soares et al (2004), Uberlândia se caracteriza como uma cidade média, que na definição de Amorim Filho (2006), seria um grande centro regional, ou seja, uma cidade média que desempenha papel de uma capital regional, que do ponto de vista econômico, do tamanho demográfico e de suas funções na rede urbana, encontra-se em um nível superior àquele em que se colocam comumente as cidades médias (AMORIM FILHO, BUENO e ABREU, 1982). Assim, conclui-se que se o critério definidor fosse escolhido antes do estudo da cidade, Uberlândia não seria mais qualificada como cidade média, pois estaria fora do limiar demográfico que define esses centros urbanos.

A utilização de combinações estatísticas para a definição do que seja uma cidade média é o que leva a maioria dos pesquisadores a qualificarem as cidades sem fazerem estudos aprofundados das realidades, não permitindo a compreensão dos verdadeiros papéis regionais, nacional ou internacional de uma cidade na rede urbana.

Um exemplo da utilização de indicadores estatísticos para a definição de cidades médias brasileiras é o trabalho elaborado por Castello Branco (2006), no qual a autora define as cidades utilizando indicadores como o tamanho populacional, o tamanho econômico, o grau de urbanização, a centralidade urbana, a qualidade de vida e os fluxos aéreos regulares[18]. Nesse estudo a

[18] Para saber sobre o detalhamento da metodologia utilizada, confira Castello Branco (2006).

autora define como limiares demográficos a faixa variando de 100 mil a 350 mil habitantes, exclui as cidades pertencentes às regiões metropolitanas, as pertencentes à Região Integrada de Desenvolvimento (RIDE) e as áreas de concentração de população definidas pelo IBGE. Dessa forma, Castello Branco (2006) exclui do grupo das cidades médias brasileiras a cidade de Uberlândia, que é qualificada por ela como uma área de concentração de população. Em seu estudo de 2007[19], a autora classifica Uberlândia como uma cidade média que se apresenta na hierarquia urbana como um centro sub-metropolitano, localizando-se no topo da hierarquia das cidades médias (CASTELLO BRANCO, 2007).

Percebe-se, então, que em estudos com a utilização de metodologias diferentes, a mesma autora classifica a cidade de Uberlândia de duas formas, demonstrando a dificuldade de classificação de cidades a partir de indicadores estatísticos. Para análises que envolvem um grande número de cidades, como é o caso dos estudos de Castello Branco (2006 e 2007), é aceitável a utilização de critérios mais generalistas devido à dificuldade de analisar especificamente cada cidade, entretanto, para análises de pequenos grupos de cidades ou de uma cidade específica não é recomendável esse tipo de metodologia, pois pode levar o pesquisador a afirmações que não estão de acordo com a realidade das cidades.

A dificuldade de classificação de um centro urbano justifica, assim, a necessidade de primeiro elaborar análises sobre a cidade pesquisada, considerando as variáveis propostas neste trabalho e outras relevantes de outros autores e instituições de pesquisa, para posteriormente classificá-la como uma cidade média ou não. Assim, é importante para o pesquisador entender as

[19] Para saber sobre o detalhamento da metodologia utilizada, confira Castello Branco (2007).

relações interurbanas da cidade pesquisada, para poder afirmar que ela desempenha papéis intermediários na rede urbana ou não.

De acordo com Amorim Filho (1984), Pereira (2005) e Soares (1999), as cidades médias possuem papéis intermediários na rede urbana por apresentarem uma estrutura comercial e de serviços que atende à população da cidade e de seu entorno regional, apresentando os maiores índices de crescimento econômico e de emprego no setor terciário da economia. Diante disso, é necessário considerar a oferta, os tipos e a complexidade do comércio e dos serviços, para entender o papel da cidade na rede, sua área de polarização e poder de atração, permitindo entender as relações estabelecidas entre a cidade pesquisada e as outras cidades de maior ou menor hierarquia urbana.

É nessa perspectiva que foi analisada a cidade de Uberlândia, demonstrando a importância do setor terciário para a consolidação dessa cidade como importante centro regional na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, sul goiano e norte de São Paulo, uma vez que essa cidade estabelece relações tanto com as cidades pequenas, quanto com as metrópoles brasileiras (SOARES et al, 2004). Entre as atividades do setor terciário, merecem destaque em Uberlândia aquelas ligadas à saúde, devido à presença de hospitais de alta e média complexidade[20], de clínicas e laboratórios especializados e empresas que comercializam artigos e equipamentos hospitalares; à educação, em virtude da existência da Universidade Federal de Uberlândia e das outras instituições de nível superior particulares; à agricultura, com a presença das empresas revendedoras de implementos agrícolas, sementes e tratores, além das agroindústrias; ao transporte e ao comércio varejista, devido à existência dos atacadistas e de lojas de grandes redes varejistas, além das empresas de

[20] Estão entre eles o Hospital do Coração e o Hospital do Câncer.

logística e transporte; às telecomunicações, com a existência dos canais de televisão e emissoras de rádios locais (com amplitudes regionais), da empresa de telefonia, de comunicação de dados (com data center) e um contact center. Outros tipos de comércio e serviços também são importantes para uma cidade média como Uberlândia, entretanto não possuem o mesmo poder de atração que os destacados acima.

É diante dessa realidade observada na cidade de Uberlândia que algumas considerações devem ser feitas sobre a proposta metodológica de Sposito et al (2006). A primeira é referente à não existência de indicadores referentes às telecomunicações, importante atividade do setor terciário na definição dos fluxos de informações existentes em uma cidade média. Além disso, quando há a existência de emissoras de televisão e rádio locais na cidade, com amplitude regional, a cidade ganha mais destaque na região, tornando-se a referência simbólica das cidades do entorno, em função dos programas e propagandas comerciais. A existência de empresas ligadas à transferência de dados também consolida o papel regional da cidade, pois passa a controlar um serviço básico para o funcionamento de outras atividades econômicas, por exemplo, dos bancos. Assim, é necessário somar aos indicadores propostos por Sposito et al (2006) o setor de telecomunicações para uma análise mais completa da cidade média.

A segunda ressalva que deve ser feita é referente à não existência de variáveis para a análise das elites empreendedoras das cidades. Corrêa (2007) aponta que uma cidade média deve possuir grupos empresariais ativos e empreendedores, capazes de estabelecerem uma autonomia econômica e política perante outras cidades, podendo chegar a competirem, em alguns setores de atividades, com centros urbanos maiores, defendendo, assim, seus interesses

locais e regionais. Isso só será possível, segundo Corrêa (2007), porque as elites serão responsável pela concepção, tomada de decisões e acumulação de capitais localmente.

A terceira ressalva referente à metodologia proposta por Sposito et al (2006) é a de não definição da escala de análise (regional ou nacional) das cidades médias estudadas. Bolay et al (2003) e Corrêa (2007) destacam que essa definição é essencial para entender o papel desempenhado pela cidade na rede urbana, uma vez que ela pode variar de acordo com a escala escolhida. Da mesma forma, Pereira (2005, p. 04) destaca que:

> A noção de cidade média não permite compreender a essência do conjunto de cidades assim denominadas, já que elas não constituem um bloco homogêneo em sua funcionalidade, em qualquer periodização e recorte espacial em que sejam consideradas. Ao contrário, cada cidade apresenta uma singularidade que depende, sobretudo, da realidade regional na qual se encontra inserida. Ela deve ser pensada na sua relação com o seu território e a sua região, sem desconsiderar as escalas nacional e global.

A dimensão social proposta por Sposito et al (2006) privilegia somente as populações excluídas, deixando de lado aquelas que estão nos estratos médios e superiores das camadas sociais urbanas, tornando-se assim, a quarta ressalva a ser considerada, pois esses estratos sociais são importantes para a circulação de mercadorias, capitais e pessoas *de* e *para* as cidades médias, além de serem significativos para a estruturação do espaço urbano e para a economia da cidade.

A quinta ressalva está ligada à não utilização de variáveis referentes à dimensão político-administrativa para o estudo das cidades. Considerar essa dimensão na análise dos papéis desempenhados pelas cidades médias na rede urbana auxilia compreender até mesmo a lógica de instalação de grandes empreendimentos no espaço da cidade, pois as decisões de implantação podem

estar diretamente ligadas aos benefícios que a suposta empresa receberá. É sabido que a proposta de Sposito et al (2006) privilegia a dimensão econômica, seguida da social, entretanto, é necessário considerar a dimensão político-administrativa como complementar à econômica, uma vez que essas dimensões são indissociáveis para o entendimento de uma cidade.

Sabe-se também da difícil tarefa de analisar várias dimensões para uma mesma cidade, devido à necessidade de recursos financeiros e de capital humano para a realização da pesquisa, mas a construção de uma proposta metodológica deve-se aproximar do modelo ideal, atingindo o maior nível de complexidade possível[21].

Esse é outro desafio a ser vencido pelos pesquisadores que se enveredarão pelos estudos das cidades médias, qual seja, conhecer a dificuldade que envolve pesquisar esses centros urbanos, entretanto buscar tecer análises sobre a cidade considerando todas as dimensões propostas (demográfica, econômica, política e de gestão do território, equipamentos e infra-estruturas, social, ambiental e cultural) para que assim possam definir os papéis urbanos das cidades na rede.

Considerar uma única dimensão na análise dos centros urbanos pode levar o pesquisador a incorrer no mesmo erro da utilização do critério demográfico para a definição de uma cidade média. Somados à utilização de mais de uma variável deve estar a definição da escala adotada para o estudo (regional, nacional ou internacional) e o reconhecimento dos aspectos da formação socioespacial da região onde a cidade encontra-se inserida, pois são dois

[21] Na elaboração deste trabalho de dissertação também se privilegiou a somente dimensão econômica proposta por Sposito et al (2006) para a análise da cidade de Uberlândia, em detrimento à dimensão social. Essa escolha foi feita por dois motivos, quais sejam: i) para o objetivo proposto desta dissertação, que é o de construção de uma proposta metodológica para o estudo das cidades médias, pois se fossem considerados os aspectos sociais, este trabalho tomaria dimensões muito grandes, indo além daquilo exigido para uma dissertação de mestrado; ii) a dificuldade de levantamentos de dados referentes aos aspectos sociais da cidade de Uberlândia.

aspectos importantes para entender as dinâmicas e as especializações espaciais que acontecem nas cidades.

Mesmo sabendo que a proposição metodológica construída foi baseada na realidade de Uberlândia, no contexto do Centro-Sul brasileiro e que não é possível criar um único conceito e classificação das cidades, devido principalmente à diversidade das realidades socioespaciais das diferentes regiões, o que se propõe é a utilização da metodologia propostas neste trabalho, a partir da utilização das dimensões, variáveis e indicadores para o estudo das cidades médias brasileiras.

Considerações finais

Compreender a função que as cidades médias exercem em seu entorno regional frente ao período técnico-científico-informacional é fundamental para o entendimento de suas relações com as cidades de maior ou menor hierarquia urbana. Essas interações geram especializações regionais, estabelecendo as redes de comércio, serviços, comunicação e transportes entre as cidades, consolidando o papel de intermediação das cidades médias na rede urbana brasileira. A compreensão das dinâmicas locais e regionais, a distribuição espacial das atividades produtivas, sua concentração e desconcentração no espaço geográfico levam a uma reflexão de que nem sempre esses fatores obedecem a uma tendência única e específica, mas sim, a um conjunto de fatores histórico-geográficos ligados à lógica econômica de reprodução do capital no espaço, condicionando e sendo condicionado pelos seus agentes.

É diante desse quadro que se faz necessário entender o papel das cidades médias no sistema urbano brasileiro, considerando, para isso, as dimensões de análises possíveis que a envolvem.

Buscando entender quais os papéis desempenhados por essas cidades na rede urbana, vários pesquisadores têm se debruçado sobre essas cidades,

tentando construir um conceito que as definam e metodologias que possam abarcar o maior número de centros urbanos com perspectivas semelhantes de análises. Foi sabendo desse desafio que este trabalho foi proposto, não como o caminho correto a ser seguido, mas como mais uma proposta que se soma às outras, que deve ser lida, aplicada e criticada, para que assim o grupo de pesquisadores possa avançar nos estudos dessas cidades classificadas como médias.

Apesar do termo *médio* apresentar dificuldades para sua definição, por não ser preciso em que dimensão a cidade é média e em relação ao quê, o termo já está consolidado na academia e no senso comum, dificultando a adoção de um novo termo para a classificação das cidades que possuem papéis intermediários na rede. Mesmo com essas imprecisões o pesquisador deve estar ciente de que a cidade passa por estágios ao longo de sua história, sendo que em outros períodos ela pode não mais figurar na rede urbana como uma cidade média. Assim, saber que essas cidades são espaços transitórios[1] é fundamental para a compreensão das suas dinâmicas inter e intra-regional.

A transitoriedade que envolve essas cidades também está ligada aos papéis desempenhados por elas ao longo do tempo. No caso brasileiro, conforme discutido no capítulo um, essas cidades eram encaradas pelas políticas públicas nacionais como espaços responsáveis por conterem o crescimento desordenado das metrópoles, oferecendo melhor qualidade de vida às populações e transformando-se em ambientes propícios para a desconcentração industrial e recebimento de investimentos nas estruturas de distribuição de mercadorias. Isso resultaria, segundo a proposta do PNCCPM, na criação de novos pólos de desenvolvimento e na desconcentração populacional e econômica do sistema

[1] Sobre isso, confira: Corrêa (2007) e Sposito (2007).

urbano brasileiro, possibilitando, assim, um desenvolvimento menos desigual do território brasileiro. Os objetivos do PNCCPM foram alcançados parcialmente, mas parte dos problemas que antes eram somente pertencentes às metrópoles surge nas cidades definidas como médias.

Retomar essa política do governo federal suscita um questionamento: se na década de 1970 as cidades médias tinham funções claras no sistema urbano brasileiro, quais são suas funções no início do século XXI? Essa pergunta não possui uma resposta clara. Do ponto de vista oficial não se tem conhecimento de projetos governamentais que definam quais devam ser as funções desempenhadas por essas cidades no complexo sistema urbano brasileiro. Do posto de vista do funcionamento da rede urbana, essas cidades estão em escalas intermediárias, ou seja, possuem papéis regionais, atuando na rede como centros regionais de referência para as populações dos entorno rurais e de outras cidades menores, podendo, em alguns momentos e em atividades específicas, competir com cidades de maior hierarquia urbana. Assim, retomando a idéia de espaço transitório, analisar os papéis das cidades médias na rede urbana ao longo do tempo é mais um desafio que deve ser enfrentado pelos pesquisadores desses centros urbanos.

A necessidade de entender os papéis das cidades médias no sistema urbano levou os pesquisadores a delinear metodologias para o seu estudo, com dimensões, variáveis e indicadores diferenciados entre os grupos de pesquisas. Isso fica bastante claro nas apresentações e discussões das metodologias presentes no capítulo um desse trabalho. Essa diversidade de possibilidades de métodos a serem seguidos motivou a realização desse trabalho, porém, também levou um novo questionamento: é possível elaborar uma proposta metodológica que dê conta de toda a diversidade urbana das cidades brasileiras? A proposta

metodológica pode ser única, entretanto, não é possível criar uma classificação tipológica única, pois as diversidades regionais brasileiras não permitem qualificar em um mesmo modelo, cidades das diferentes regiões brasileiras.

A proposta metodológica apresentada neste trabalho é resultado de reflexões sobre as propostas existentes, com algumas considerações baseadas na realidade estudada da cidade de Uberlândia, dentro do contexto do Centro-Sul brasileiro. Entretanto, tenta-se construir uma proposta que auxilie na composição de um novo caminho a ser trilhado para aquelas cidades que não podem ser explicadas somente com a utilização das dimensões, variáveis e indicadores propostos neste trabalho.

De acordo com o que foi analisado sobre a cidade de Uberlândia, a partir da metodologia proposta por Sposito et al (2006), percebe-se que dimensão econômica de uma cidade tem grande peso sobre a definição do papel desempenhado por ela na rede urbana, porém, não pode incorrer no erro da supervalorização de uma dimensão em detrimento de outras, como aconteceu com a dimensão demográfica. Existe a dificuldade de utilizar todas as dimensões de análise para o estudo de uma cidade média, então, como solucionar isso? A solução é utilizar mais de uma dimensão de análise, principalmente para aqueles centros que possuem poucos trabalhos produzidos sobre eles.

Conforme justificativa apresentada no capítulo três dessa dissertação, a pesquisa de campo desse trabalho baseou-se somente na dimensão econômica da proposta de Sposito et al (2006). Sabe-se que a análise sobre a cidade de Uberlândia não está completa, uma vez que informações referentes às dimensões social e política não foram levantadas, todavia, vários trabalhos já apontam Uberlândia como uma cidade média, como Camacho (2004) e Soares (1995, 1997 e 2007), não sendo necessário analisar todas as dimensões

propostas para qualificá-la como uma cidade média. O objetivo da pesquisa é demonstrar a importância do setor econômico para avaliar o papel desempenhado por uma cidade na rede urbana, mas sem esquecer que as outras dimensões também são necessárias. E mais, além de aplicar uma metodologia de um grupo de pesquisa brasileiro (ReCiMe) no qual esse trabalho encontra-se inserido, também tinha como objetivo descobrir que cidade média é a cidade de Uberlândia, apontada por Amorim Filho (2006) como uma importante capital regional, estabelecendo relações com o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, norte de São Paulo e sul de Goiás.

Retomando os resultados obtidos a partir da pesquisa empírica, é possível dizer que o setor terciário da cidade de Uberlândia possui expressão significativa sobre a economia local[2], estabelecendo fluxos principalmente em função das atividades ligadas à saúde, educação, transporte logístico, telecomunicações e as empresas ligadas ao agronegócio. A análise dos mapas elaborados leva a uma conclusão: a maior parte das atividades pesquisadas apresenta queda no número de unidades empresariais no período estudado (1997-2007), todavia as empresas que se mantiveram estão mais complexas, competitivas e especializadas, o que pode ter levado ao desaparecimento ou fusão de algumas unidades empresariais devido à falta de competitividade no mercado. Assim, como não são todas as cidades que apresentam comércio e serviço especializados, a cidade de Uberlândia torna-se referência regional, demonstrando a importância desse setor da economia para uma cidade média. Essa constatação leva a uma pergunta para trabalhos futuros: qual o papel do setor primário e secundário para uma cidade média frente à importância do setor terciário?

[2] Conforme detalhado no capitulo dois desta dissertação.

De acordo com o que foi apresentado até aqui, outras perguntas surgem para ser respondidas em trabalhos futuros sobre as cidades médias:

- Quais os papéis das cidades médias no sistema urbano ao longo do tempo?

- É possível propor um conceito único para as cidades médias?

- Se a cidade média foi por um período um espaço estratégico para a contenção do crescimento desordenado das metrópoles, ela não é hoje responsável pela exploração e o esvaziamento da região em que se insere, concentrando em seu espaço investimentos regionais e população?

- Em que medida a região ou a área de influência beneficia a cidade?

- A cidade média apresenta concretamente bons indicadores de qualidade de vida ou isso é apenas um discurso da elite local para se destacar perante outros centros urbanos?

A definição da escala de estudo que envolve a cidade média é fundamental para entender o papel por ela desempenhado na rede, pois as análises válidas para a escala regional podem não ser válidas para a escala nacional. Tão importante como definir preteritamente a escala de abordagem é a não definição do centro urbano como médio antes das análises das dimensões propostas, ou seja, a cidade deve ser primeiramente analisada para depois ser definida como cidade média, considerando, para isso, a importância que ela possui no sistema urbano.

Por fim, é necessário ressaltar que a metodologia proposta aqui não está acabada, precisa ser ajustada conforme as especificidades regionais, reformulada se necessário e submetida à crítica, para que assim os estudos das cidades médias possam avançar, consolidando-se como uma importante linha de pesquisa no interior da geografia urbana brasileira.

Referências

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Patos de Minas: uma cidade média de Minas Gerais. **Geografia**, Rio Claro, v. 3, nº 5, p. 58-69. 1978.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Cidades médias e organização do espaço no Brasil. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, v. 2, nº 5, p. 5-34. 1984.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Os estudos das cidades médias: retrospecto e tendências recentes na PUC-Minas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS URBANOS, 5., 2006, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: PUC-Minas, 2006. p. 01-25. CD-ROM.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; ABREU, João Francisco. Cidades médias e descentralização tecnológica: o caso de Minas Gerais. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte: PUC-Minas, v. 12, nº 18, p. 5-14, 2002.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; ABREU, João Francisco. Ciudades intermedias y tecnópoles potenciales en Minas Gerais – Brasil. **Tiempo y Espacio**, Chillán, v. 8, n° 9-10, p. 23-32, 2000.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; BUENO, Maria Elizabeth Taitson; ABREU, João Francisco. Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativas para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro: AGT, v. 12, n. 23-24, p. 33-46. 1982.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; RIGOTTI, José Irineu Rangel. Os limiares demográficos na caracterização das cidades médias. In: ENCONTRO DA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002. p. 220-242. CD-ROM.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SENNA FILHO, Nelson de (Org.). **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Vieira, 2005. 116p.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SERRA, Rodrigo Valente. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento Urbano e Regional. In: ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 01-34.

ANDRADE, Thompson Almeida; SANTOS, Angela Moulin Simões Penalva; SERRA, Rodrigo Valente. Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período 1980-1996. In: ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 171-211.

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. 393p.

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. O desempenho das cidades médias no crescimento populacional brasileiro no período 1970-2000. In: _____ (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001a. p. 129-170.

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. Crescimento econômico nas cidades médias brasileiras. In: _____. (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001b. p. 213-249.

ANDRADE, Thompson; LODDER, Celsius. **Sistema urbano e cidades médias no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1979. 147 p.

ARROYO, Maria Mônica. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (Org.). **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 71-85.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS ATACADISTAS-DISTRIBUIDORES (ABAD). **Ranking ABAD 2007**. 2007. Disponível em: <http://www.abad.com.br>. Acessado em: 02 agosto 2007.

BACELAR, Winston Kleiber de Almeida. **Os mitos do "sertão" e do Triângulo Mineiro**: as cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas teias da modernidade. Uberlândia: Gráfica Composer, 2003. 188p.

BAKER, Jonathan. What role do small and intermediate urban settlements play in the development of Sub-Saharan Africa?. In: BELLET SANFELIU, Carme; LLOP TORNÉ, Josep Maria (Org.). **Ciudades intermedias**: urbanización y sostenibilidad. Lleida: Milenio, 2000. p. 47-60.

BANCO DE DADOS INTEGRADOS DE UBERLÂNDIA (BDI). **BDI 2007**: volume 1. Uberlândia. 2007. [s.n.t.].

BANCO DE DADOS INTEGRADOS DE UBERLÂNDIA (BDI). **BDI 2007**: volume 2. Uberlândia. 2007a. [s.n.t.].

BANCO DE DADOS INTEGRADOS DE UBERLÂNDIA (BDI). **BDI 2007**: volume 3. Uberlândia. 2007b. [s.n.t.].

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE MINAS GERAIS (BDMG). **Minas Gerais no século XXI**: reinterpretando o espaço mineiro. Belo Horizonte: Rona, 2002. 336p.

BELLET SANFELIU, Carme. **Ciudades intermedias y urbanización mundial**: una visión general a finales del siglo XX. Resistência: [s.n.], 2000. 6p. (Documento 8 do projeto Ciudades intermedias y urbanizacion muncial, disponível em: <http://www.paeria.es/cimes/>).

BELLET SANFELIU, Carme; LLOP TORNÉ, Josep Maria (Org.). **Ciudades intermedias**: urbanización y sostenibilidad. Lleida: Milenio, 2000a. 557p.

BELLET SANFELIU, Carme; LLOP TORNÉ, Josep Maria. **Ciudades intermedias**: perfiles y pautas. Lleida: Ajuntament de Lleida, 2003. 295p.

BENAVIDES, Edgar; MANZANO, Nelson; MENDOZA, Nelson. **Gestión urbana para el desarrollo sostenible de ciudades intermedias en el Departamento de La Paz, Bolivia**. Santiago de Chile: ONU, 2003. 70p.

BESSA, Kelly. **Constituição e expansão do meio técnico-científico-informacional em Uberlândia**: o lugar na era das redes. 2001. 333f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2001.

BESSA, Kelly. Constituição e expansão do meio técnico-científico-informacional em Uberlândia: o local na era das redes. In: SANTOS, Rosselvelt José; RAMIRES, Julio César de Lima (Org.). **Campo e Cidade no Triângulo Mineiro**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 59-91.

BESSA, Kelly. Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: o exemplo de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, ano 6, v. 16, p. 268-288. Out. 2005. Disponível em: <http://www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br>. Acesso em: 02 ago. 2005.

BESSA, Kelly. **A dinâmica da rede urbana no Triângulo Mineiro**: convergências e divergências entre Uberaba e Uberlândia. Uberlândia: Composer, 2007. 347p.

BESSA, Kelly; SOARES, Beatriz Ribeiro. Novas espacialidades urbano-regionais perante a expansão do meio técnico-científico-informacional: o exemplo de Uberlândia (MG). **Revista Mercator**, Fortaleza, ano 2, nº 4, p. 19-34. Jan./Dez. 2003.

BOLAY, Jean-Claude et al. **Intermediación urbana**: ciudades de América Latina en su entorno. Quito: PGU/UN-HABITAT, 2003. 115 p.

BRAVO, Maria Tereza D. Ciudades medias, planificación urbana y calidad de vida. Revista Geográfica. **Revista Geográfica Venezolana**, Caracas, v. 38, p.153-164. 1997.

BRUMES, Karla. O papel das migrações e das cidades intermediárias na desconcentração urbana brasileira e portuguesa: a cidade de Uberlândia (BR) e o entorno da cidade do Porto (PT). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 8, nº 20, p. 130-141. 2007. Disponível em: <http://www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br>. Acesso em: 02 dezembro 2007.

BRUNET, Roger. Des villes comme Lleida. Place et perspectives des villes moyennes en Europe. In: BELLET SANFELIU, Carme; LLOP TORNÉ, Josep Maria (Org.). **Ciudades intermedias**: urbanización y sostenibilidad. Lleida: Milenio, 2000. p. 109-124.

CAMACHO, José Fernando. **Do povoado ao aglomerado**: uma análise socioeconômica da rede urbana de Uberlândia. 2004. 188f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

CASTELLO BRANCO, Maria Luisa Gomes. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (Org.). **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 245-277.

CASTELLO BRANCO, Maria Luisa Gomes. Algumas considerações sobre a identificação de cidades médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 89-111.

CENTRO DE ESTUDOS, PESQUISA E PROJETOS ECONÔMICOS-SOCIAIS (CEPES). **Painel de informações municipais 2006**. 2006. Disponível em<http://www.ie.ufu.br/cepes/default.asp>. Acessado em: 02 agosto 2007.

CENTRO DE ESTUDOS, PESQUISA E PROJETOS ECONÔMICOS-SOCIAIS (CEPES). **Indicadores econômicos**. 2007. Disponível em<http://www.ie.ufu.br/cepes/default.asp>. Acessado em: 02 agosto 2007.

CLEPS JR, João. **Dinâmica e estratégias do setor agroindustrial no cerrado**: o caso do Triângulo Mineiro. 1998. 256f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. **O comércio atacadista de Uberlândia (MG)**: mudanças tecnológicas e estratégias territoriais. 181f. 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. **Estratégias de reprodução do capital e as novas espacialidades urbanas**: o comércio de auto-serviços em Uberlândia (MG). 317f. 2005. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.

CORRÊA, Roberto Lobato. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318

DAVIDOVICH, Fany. Brasil metropolitano e Brasil urbano não-metropolitano: algumas questões. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 53(2), p. 127-133. 1991.

DUARTE, Haidine da Silva Barros. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias – os centros funcionais. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 36(1), p. 53-98. 1974.

ELIAS, Denise. Novas dinâmicas territoriais no Brasil agrícola. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (Org.). **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 279-303.

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato (Org.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Fortaleza: BNB, 2006. 483p.

FARIAS, Didima Olave et al. Metodologia básica para medir la calidad de vida em ciudades intermédias em Chile. In: SEMINÁRIO LATINOAMERICANO DE CALIDAD DE VIDA URBANA, 4., 1998, Tandil. **Anais...** Tandil: PUC-Chile, 1998.

FRANÇA, Iara Soares. **A cidade média e suas centralidades**: o exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 240f. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). **PIB 1999 a 2004**. [s.n.t.].

GODOI, Cintia Neves. **Desenvolvimento dos serviços de telecomunicações e especialização territorial e urbana em Uberlândia (MG)**. 147f. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GROTH, Niels Boje (Org.). **Profiles of Medium Sized Cities in the Baltic Sea Region**. Dinamarca: Mecibs, 2005. 14p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censos demográficos**: 1970, 1980, 1991 e 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: < http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acessado em: 02 ago. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativa populacional**: 1996. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Disponível em: < http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acessado em: 02 ago. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). REGIC – **Região de Influência das cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. [s.n.t.].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Pecuária Municipal - 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br>. Acessado em: 02 ago. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Agrícola Municipal - 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br>. Acessado em: 02 ago. 2006.

IPEADATA. **Dados estatísticos**. Disponível em <http://www.ipeadata.gov.br>. Acessado em: 02 agosto 2006.

JORDAN, Ricardo; SIMIONI, Daniela (Org.). **Cidades intermedias de América Latina y el Caribe**: propuestas para la gestión urbana. Itália: CEPAL, 1998. 450p.

JULIANO, Adir Aparecida; LEME, Heládio José de Campos. Transformações econômicas e dinâmica migratória recente na área de Uberlândia: um perfil sócio-econômico da população migrante. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: ABEP, 2002.

KEWALRAMANI, Gita. India's urban system and the intermediate city. In: BELLET SANFELIU, Carme; LLOP TORNÉ, Josep Maria (Org.). **Ciudades intermedias**: urbanización y sostenibilidad. Lleida: Milenio, 2000. p. 61-89.

LAJUGIE, Joseph. **Les villes moyennes**. Paris: Cujas, 1973. 216p.

LISTA TELEFÎNICA SABE 1997. 1997. [s.n.t.].

LISTA TELEFÎNICA SABE 2007. 2007. [s.n.t.].

LLOP TORNÉ, Josep Maria; BELLET SANFELIU, Carme. **Ciudades intermedias y urbanización mundial**. Lleida: UNESCO/UIA, 1999. 168p.

LLOP TORNÉ, Josep Maria; BELLET SANFELIU, Carme. **Les ciutats intermedies i el procés d'urbanització mundial**: el programa UIA-CIMES, 1999a. 5p. (Documento 2 do projeto Ciudades intermedias y urbanizacion muncial, disponível em: <http://www.paeria.es/cimes/>).

LLOP TORNÉ, Josep Maria; BELLET SANFELIU, Carme. Ciudades intermedias y urbanización mundial: presentación del programa de trabajo de la Unión Internacional de Arquitectos (UIA). In: BELLET SANFELIU, Carme; LLOP TORNÉ, Josep Maria (Org.). **Ciudades intermedias**: urbanización y sostenibilidad. Lleida: Milenio, 2000. p. 325-347.

LLOP TORNÉ, Josep Maria; BELLET SANFELIU, Carme. **Comentarios sobre algunos resultados de las encuestas recebidas en el programa UIA-CIMES**, 2000a. 5p. (Documento 6 do projeto Ciudades intermedias y urbanizacion muncial, disponível em: <http://www.paeria.es/cimes/>).

MARQUES DA COSTA, Eduarda. **Serviços e competitividade nas cidades médias em Portugal**. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GEÓGRAFOS. A interdisciplinaridade na Geografia portuguesa: novos e velhos desafios. Lisboa: Colibr, 1999. p. 281-294.

MARQUES DA COSTA, Eduarda. **Cidades médias e ordenamento do território**: o caso da Beira Interior. 498f. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000.

MARQUES DA COSTA, Eduarda. Cidades médias: contributos para a sua definição. **Revista Finisterra**, Lisboa, vol. XXXVII, n. 74, p. 101-128, 2002.

MARQUES DA COSTA, Eduarda. Integração económica das cidades médias em Portugal. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL. **Emprego e desenvolvimento regional**. Coimbra: APDR, [s.d]. p.374-364.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SILVA, Renata Rastrelo; PAULA, Dilma Andrade. Entre o rural e o urbano: modos de vida no Distrito de Cruzeiro dos Peixotos no município de Uberlândia (MG). In: SOARES, Beatriz Ribeiro; OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; MARRA, Thiago Batista (Org.). **Ensaios Geográficos**. Uberlândia: PET-Geografia, 2006. p. 73-92.

PEREIRA, Anete Marília. A propósito das cidades médias: algumas considerações sobre Montes Claros. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CIDADES MÉDIAS, 1., 2005, Presidente Prudente. **Anais...** Presidente Prudente: GASPERR/UNESP, 2005. p. 1-13.

PEREIRA, Anete Marília. **Cidade média e região**: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerias. 347f. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

PESCI, Rubén. Desarrollo sostenible en ciudades intermedias: testimonios en América Latina. In: BELLET SANFELIU, Carme; LLOP TORNÉ, Josep Maria (Org.). **Ciudades intermedias**: urbanización y sostenibilidad. Lleida: Milenio, 2000. p. 288-313.

PONTES, Maria Beatriz Soares. As cidades médias brasileiras: os desafios e a complexidade do seu papel na organização regional (década de 1970). In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. São Paulo: UNESP/FCT, 2001. p. 569-607.

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA (PROCAD). **Cidades médias brasileiras**: agentes econômicos, reestruturação urbana e regional. Projeto de pesquisa, mimeo, 2005. 80p.

RAMIRES, Julio César de Lima. Cidades médias e serviços de saúde: algumas reflexões sobre os fixos e os fluxos. . In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 173-186.

ROCHEFORT, Michael. **Redes e sistemas**: ensaiando sobre o urbano e a região. São Paulo: HUCITEC, 1998. 174p.

SANTOS. Milton. Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente. **Geosul**, Florianópolis: UFSC, ano 3, nº 5, p. 85-100. 1988.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988a. 124p.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996. 190p.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5º ed. São Paulo: EDUSP, 2005. 174p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001. 473p.

SERRA, Geraldo. O Programa Nacional de Capitais e Cidades de Porte Médio – PNCCPM. In: _____. **Urbanização e centralismo autoritário**. São Paulo: Nobel, 1991. p. 88-104.

SILVEIRA, Maria Laura. Globalização, trabalho, cidades médias. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, nº 11, p. 11-17. 2002.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CIDADES MÉDIAS, 1., 2005, Presidente Prudente. **Anais ...** Presidente Prudente: Gasperr, 2005.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CIDADES MÉDIAS, 2., 2006, Uberlândia. **Anais ...** Uberlândia: UFU/Lapur, 2006.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Uberlândia**: da cidade jardim ao portal do cerrado – imagens e representações no Triângulo Mineiro. 366f. 1995. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Urbanização no cerrado mineiro: o caso do Triângulo Mineiro. In: Silva, J. B. da; COSTA, M. C. L.; DANTAS, E, W. C (Org.). **A cidade e o urbano**. Fortaleza: EUFC, 1997, p. 105-130.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Uberlândia: da Boca do Sertão à Cidade Jardim. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia: EDUFU, ano 9, nº18, Jul/Dez 1997a, p. 95-124.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Repensando as cidades médias no contexto da globalização. **Revista Formação**, Presidente Prudente, n. 6, p. 55-63. jan./dez 1999.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Cidades médias: uma revisão bibliográfica. In: ALVES, Adilson Francelino; FLÁVIO, Luiz Carlos; SANTOS, Roseli Alves dos (Org.). **Espaço e território**: interpretações e perspectivas do desenvolvimento. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005. p. 273-285.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Pequenas e médias cidades: um estudo sobre as relações socioespaciais nas áreas do cerrado de Minas Gerais. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 461-494.

SOARES, Beatriz Ribeiro; BESSA, K.; OLIVEIRA, Bianca; ENGEL, Amália Souza. Dinâmica urbana na bacia do rio Araguari (MG) – 1970-2000. In: LIMA, Samuel do Carmo; SANTOS, Rosselvelt José (Org.). **Gestão ambiental na bacia do rio Araguari**: rumo ao desenvolvimento sustentável, Uberlândia: UFU/IG, Brasília: CNPq, 2004, p. 125-161.

SOBARZO, Oscar. Apontamentos para uma proposta teórico-metodológica para a análise dos espaços públicos em cidades médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 157-171.

SOUZA, Marcus Vinícius Mariano de; BRUMES, Karla. Migrações urbanas, causas e implicações: uma breve análise da migração educacional em Uberlândia (MG). In: SOARES, Beatriz Ribeiro; OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; MARRA, Thiago Batista (Org.). **Ensaios Geográficos**. Uberlândia: PET-Geografia, 2006. p. 137-148.

SOUZA, Marcus Vinicius Mariano et al. Reflexões sobre o conceito de cidade média e a configuração das estruturas comerciais varejistas e de serviços: o caso do bairro Planalto em Uberlândia (MG). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 10., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007. p. 01-21.

SPOSITO, Eliseu Savério. Cidades médias e eixos de desenvolvimento no Estado de São Paulo: metodologia de abordagem. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007b. p. 215-232.

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (Org.). **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 375p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: _____ (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. São Paulo: UNESP/FCT, 2001. p. 569-607.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: Gasperr, 2001a. 311p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 630p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. O estudo das cidades médias brasileiras. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007a. p. 35-67.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: _____ (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007c. p. 233-253.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. O estudo das cidades médias brasileiras. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS URBANOS, 5., 2006, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte: PUC-Minas, 2006. p. 01-37. CD-ROM.

STEINBERG, Marília; BRUNA, Gilda Collet. Cidades médias: elos do urbano-regional e do público-privado. In: ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (Org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 35-77.

TOLOSA, Hamilton C. Dimensões e causas da pobreza urbana, **Estudos Econômicos**, São Paulo: USP, vol. 7, nº 1, janeiro/abril de 1977.

UNIÓN INTERNACIONAL DE ARQUITECTOS (UIA). **Programa internacional de trabajo de la UIA**. 1998. (Documento 1 do projeto Ciudades intermedias y urbanizacion muncial, disponível em: <http://www.paeria.es/cimes/>).

Apêndices

Apêndice 01

Título: Uberlândia (MG): Clínicas médicas (1997-2007)

- clínicas: 1997 – 2007

1997: Clinicas Médicas			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Clinica de Cirurgia Plástica e Estética e Reconstrutiva	Av. Cesário Alvim, 818	Martins	Central
Centro de Terapias Integradas	Av. Belo Horizonte, 926	Centro	Central
Centro Dermatológico	R. Carmo Giconi, 55	Martins	Central
Naraguma Dermatologia Clinica e Cirúrgica	Av. João Pinheiro, 1461	Centro	Central
Centro de Dermatologia e Cirurgia	R. Alexandre Márquez, 986	Martins	Central
Centro Dermatológico Cirúrgico (CDC)	Av. João Pinheiro, 1461	Nossa Senhora Ap	Central
Clinica de Doença da Pele	R. Dos Perciras, 457	Martins	Central
Clinica de Doença da Pele	R. Arthur Bernardes, 426	Martins	Central
Clinica Santa Bernadete	Av. Getulio Vargas, 270	Centro	Central
Clinica Santa Bernadete	Av. Getulio Vargas, 1005	Tabajaras	Central
Centro de Tratamento de Pele MTJ	Av. Belo Horizonte, 927	Martins	Central
Instituto Neurológico do Triângulo	Av. Arthur Bernardes, 433	Martins	Central
Clinica Gastroenterologia e Endoscopia Digestiva	R. Alexandre Marquez	Osvaldo Rezende	Central
Diagnose Clinica de Exames Complementares	R. Duque de Caxias, 63	Centro	Central
Instituto Mastologia de Uberlândia	Av. Cesário Alvim, 596	Centro	Central
Centro de tratamento Urológico	Av. Vasconcelos Costa, 962	Martins	Central
Clinica Urológica	Av. Getulio Vargas, 295	Centro	Central
CENTRU – Centro de Tratamento Urológico	R. Arthur Bernardes, 58	Martins	Central
Clinica de Doenças Renais	Av. Getulio Vargas, 161	Centro	Central
Clinica de Neurofisiologia	Av. Marcos de Freitas Costa, 105	Osvaldo Rezende	Central
Centro Oftalmológico de Uberlândia	Av. Getulio Vargas, 1666	Tubalina	Sul
Clinica e Cirurgia de Olhos	R. Francisco Sales, 186	Martins	Central
Clinica de Otorrinolaringologia e Otoneurologia	R. Santos Dumont, 238	Centro	Central
Clinica de Andrologia e Planejamento Familiar	R. Tenente Virmondes, 34	Centro	Central

Clínica Santa Catarina	R. Machado de Assis, 46	Centro	Central
Fecunda Instituto de Reprodução Humana	R. Francisco Sales, 245	Martins	Central
Free Car Saúde e Serviços	R. Abdala Haddad, 236	Centro	Central
Instituto Rocha e Silva, S/C LTDA	Av. Nicomedes Alves Dos Santos, 353	Lídice	Central
Instituto São Lucas	R. Francisco Sales, 165	Martins	Central
Medcenter Serviços Médicos	Av. José Fonseca e Silva, 158	Luizote	Oeste
Pro- Saúde	R. Olegário Maciel, 456	Centro	Central
Unidade Neurologia Integrada	R. Marquez Póvoa, 70	Osvaldo Rezende	Central
Provancin Kios Vacinação	R. Santos Dumont, 1396	Lídice	Central
Clínica de Psicologia	R. Machado de Assis, 33	Centro	Central
Clínica de Psicologia	R. Duque de Caxias, 450	Centro	Central
Clínica de Psicologia	R. coronel Severiano, 203	Fundinho	Central
Clínica de Psicologia	R. Francisco Sales, 444	Martins	Central
Clínica de Psicologia	R. Bernardo Cupertino, 717	Martins	Central
Clínica de Psicologia e Fonoaudiologia	R. Eduardo Oliveira, 323	Lídice	Central
Clínica Psicoterapia	R. dos Pereiras, 141	Nossa Senhora Aparecida	Central
Piscologia Clínica	R. Rio Paeto, 599	Vigilato Pereira	Sul
Fecunda Instituto de Reprodução Humana	Pç. Do Líbano, 245	Martins	Central
Clínica de Radiologia Moyses Freitas	Av. João Pinheiro, 847	Centro	Central
Clínica Ultra Sonografia	Av. Cipriano del Fávero, 162	Centro	Central
Clínica de doenças Cardio vasculares	Av. Getúlio Vargas, 230	Centro	Central
Clinica de Cirurgia Plástica Luiz Nascimento	Av. Getúlio Vargas, 1821	Tubalina	Sul
Corporc- Clinica de Cirurgia Plástica	Av. Vasconcelos Costa, 963	Centro	Central
Cardio Center	Av. Getúlio Vargas, 35	Centro	Central
Clínicas de Cardiologia não Invasiva	R. Marquezs Povoa, 88	Osvaldo Rezende	Central
Medcor Clínica de Cardiologia	Av. Floriano Peixoto, 01	Centro	Central
Ritmocar de Cardiologia	R. Princesa Isabel, 238	Centro	Central
Centro de Medicina Interna (CMI)	Av. Nicomedes Alves dos Santos, 280	Lídice	Central
Bella Derme	R. Tenenete Virmondes, 454	Centro	Central
Clínica Estética Facial Corporal	Av. Afonso Pena, 547	Centro	Central
Clínica Maria Cecília Candelori	R. Marquezs Povoa, 144	Osvaldo Rezende	Central
Clínica dos Pés	R. Bernardes Guimarães, 726	Fundinho	Central
Equilíbrio Clínica de Reprodução Alimentar	Av. Rio Acima, s/n		Central
Face & Corpo Medicina Estética	R. Goiás, 701	Centro	Central

Feminil Estética	R. Prata, 517	Nossa Senhora Aparecida	Central
Maison Sandra Clínica de Estética Integral	R. Duque de Caxias, 818	Centro	Central
Solonage Estética	R. Timbiras, 719	Saraiva	Sul
UIP- Clinique – centro de Estética Computadorizada	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Clínica Atrium Reabilitação Cardiovascular Pulmonar	Av. Rondon Pacheco, 2265	Lídice	Central
AME Assistência Médica Especializada	R. Ivaldo Alves nascimento, 923	Nossa Senhora Aparecida	Central
Centro Médico	Av. Cipriano Del Fávero, 574	Centro	Central
Clínica Carajás	R. Carajás, 701	Lídice	Central
Clínica Marengo	Av. Getúlio Vargas, 550	Centro	Central
Clínica Médica Diagnóstico Santa Clara	Av. Cipriano Del Fávero, 574	Centro	Central
Clínica Pulmão	R. Quintino Bocaiúva, 172	Centro	Central
Clínica Santa Clara	Av. Cipriano Del Fávero, 162	Centro	Central
Clínica Santa Mônica	Av. Belarmino Cotta Pacheco	Santa Mônica	Leste
Clínica Santa Terezinha	R. Quintino Bocaiúva, 281	Centro	Central
Clínica Sant'anna	R. Machado de Assis, 215	Centro	Central

Clinicas Médicas 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
COT – Centro Oconlogico do Triângulo Ltda	Av Anselmo Alves Santos, 900	Santa Monica	Leste
Cardio Dignose	Av Getulio Vargas, 1835	Tabajaras	Central
Cardiocenter	Av Getulio Vargas, 250	Centro	Central
Clinica amigos do Coração	R. Barão de Camargos, 463	Fundinho	Central
CNI	R. Marques Póvoa, 88	Lidice	Central
Cornelio Lemos Debs	Av. Getulio Vargas, 909	Fundinho	Central
Jaide Murilo F da Silva	Av. Getulio Vargas, 1835	Tabajaras	Central
João Lucas O' Connell	Av. Francisco Ribeiro, 1111	Santa Monica	Leste
Medcor Diagnósticos – Instituto de Medicina do Coração	R. Santa Helena, 609	Tabajaras	Central
Med Clinica	Av. Cipriano Del Favero, 397	Martins	Central
Ritmocor Ltda	R. Princesa Isabel, 238	Martins	Central
Telêmaco Luis da Silva Jr	Av. Getulio Vargas, 1835	Tabajaras	Central

Democlinica	R. Bernardo Cupertino, 571	Martins	Central
Irene Cardoso Ribeiro Pedrosa	R. Santos Dumont, 260	Centro	Central
Maria Cristina de Paula Mesquita	R. Arthur Bernardes, 426	Centro	Central
Adriana de Almeida – Centro de Estética	Av. Doutor Laerte Vieira GONÇALVES, 1339	Santa Monica	Leste
Alta Produção - Seu Projeto Beleza	R Tiradentes, 216	Tabajaras	Central
Amor Perfeito – Clinica de Estetica	R. Quintino Bocaiúva, 752	Centro	Central
Angélica Estética Facial e Corporal	R Coroaci Nunes, 115	Granada	Sul
Bem Estar & Cia	R. Zaira Augusta Pereira, 428	Santa Monica	Leste
CEU – Centro Estético Unificado	Av. Getulio Vargas, 2054	Tubalina	Sul
Clinica Demartologica Dr. Jefferson M.C Souza	R. Arthur Bernardes	Martins	Central
Clinica de Estética Facial e Corporal Cidinha Rangel	R. Lambari, 470	Osvaldo Rezende	Central
Clinica de Estética Maria Cecília Candelore	R. Marques Povo, 144	Osvaldo Rezende	Central
Clinica Maria Fhilomena Cirurgias Plásticas	R. Tenente Rafael Freitas, 329	Patrimônio	Central
Clinica Dos Pés	R. Bernardo Guimarães, 726	Fundinho	Central
Clinica Renova	R. Bernardo Guimarães, 417	Fundinho	Central
Complexo de Saúde e Estética Corporal Total	R. Pedro Quirino Silva, 694	Umuarama	Leste
Divas Estética	Av. Cesário Alvim, 1144	Aparecida	Central
Drenagem Linfática Interfisio	R. Monte Alegre, 620	Aparecida	Central
Espaço Rama	Av. Eduardo Felice, 220	Vigilato Pereira	Sul
Estética e Beleza Cabelo e Pele	R. Padre Pio, 103	Martins	Central
Estética Mara	Av. Marcos de Freitas Costa, 1321	Daniel Fonseca	Central
Glenda Daibert	R. Tiradentes, 216	Tabajaras	Central
Healme Cirurgia Plástica e Medicina Reparadora	R. Arthur Bernardes, 555	Martins	Central
La Belle Cabeleireiros	R. Princesa Isabel, 830	Centro	Central
La Belle Cabeleireiros	R. Goiás, 207	Centro	Central
La Belle Cabeleireiros	Praia	Copacabana	Sul
Leninha Estética do Corpo	R. Jamil Tannus, 394	Lidice	Central
Maison Sandra Estética Integral	R. Duque de Caxias, 818	Centro	Central
Maquilagem Definirtiva	Av. Cipriano Del Fávero, 136	Centro	Central
Nova Derme Estética Personalizada	R. Santos Dumont, 30	Centro	Central
Spazio Centro de Estética e Cabelereiros	R. Icaraí, 111	Tabajaras	Central
Vitalite – Centro Avançado de Dermatologia e Estetica	Av. RANDON Pacheco, 1177	Tabajaras	Central
Vitta Corpus Estética e Fisioterapia	R. Quintino Bocaiúva, 2040	Saraiva	Sul
Clinica de Fisioterapia e Acupuntura Santa Rita	R. Benjamim Constant, 844	Martins	Central
Cristiane Machado Pereira	Av. Europa. 1037	Tibery	Leste

Habilitar Inst. De Habilitação Física	R. Monte Alegre, 620	Martins	Central
Interfisico	R. Bernardo Cupertino, 365	Aparecida	Central
Cais Centro de Atendimento Integral a Saúde	R. Padre Pio, 153	Martins	Central
Ciclos Clinica Medica e Estética	R. Olegário Maciel, 290	Martins	Central
Pró-Saude Assistência em Segurança e Medicina do Trabalho	Av. Vasconcelos Costa, 962	Centro	Central
CEVI – Centro de Excelência Visual	R. Duque de Caxias, 146	Centro	Central
Instituto de Olhos do Triangulo	R. Olegário Maciel 290	Centro	Central
IOSG - Instituto de Olhos Santa Genoveva	Av. Vasconcelos Costa, 962	Martins	Central
Isso Olhos Instituto de Saúde Ocular	R. Eduardo Márquez, 50	Martins	Central
Nilo Celso Andrade (Clinica de Olhos)	R. Francisco Sales, 186	Martins	Central
Alcinete Sammy Matos Machado	R. Alexandre Marquez, 250	Martins	Central
Clinica Kitamura	r. Machado de Assis, 215	Centro	Central
Clinica Psicológica Sueli e Leonardo Pagotti	R. Tiradentes, 449	Centro	Central
Clinica de Psiossomática Cleide N. F. Maia	R. Marques Pávoa, 274	Osvaldo Rezende	Central
Psicologia e Parapsicologia Petronia	R. Pedro Formoso, 588	Vigilato Pereira	Sul
Shnaider Alves Santos	R. Padre Anchieta, 627	Fundinho	Central
Terra Mater Espaço de Arteterapia	R. Johen Carneiro, 367	Lidice	Central
Clima- clínica de Imagem	Av. Marcos Freitas Costa, 180	Osvaldo Rezende	Central
Diagnostic	Av. Nicomedes laves dos Santos, 116	Centro	Central
Flávio costa pereira	R. Santos Dumont, 260	Centro	Central
Heloísa Ribeiro Heloide-Gastuclínica	Av. Getúlio Vargas, 838	Fundinho	Central
Imedi-Inst. De Medicina Diagnóstico	Av. Cipriano Del Fávero, 173	Centro	Central
Radioclínica Diag. Por Imagem	Av. Cipriano Del Fávero, 5140	Centro	Central
Udimagem Unidade de Diagnóstico por Imagem	Av. Getúlio Vargas, 161	Centro	Central
Ultrasau de	Av. Cesário Alvim, 232	Centro	Central
Orthosports Medicina Center	Av. Rio Branco, 600	Centro	Central
Clínica Santa Mônica – Imahom	Av. Belarmino Cotta Pacheco, 1788	Santa Mônica	Leste
Acácia Medicina do Trabalho e Engenharia de	Av. Cesário Alvim, 1194	Aparecida	Central
Asseme -Medicina do Trabalho	Av. Engenheiro Diniz, 238	Martins	Central
Audifono- Fonoudiologia Clínica Ocupacional	Av. Cipriano Del Fávero, 131	Centro	Central
Cemtras_centro Especializado em Medicina e Segurança do Trabalho	R. Santos Dumont, 62	Centro	Central
GTM – medicina Ocupacional de Udia	Av. João Pinheiro, 123	Centro	Central
Higilabor Ser e Medc. Do Trabalho	R. Artur Bernardes, 1515	Martins	Central

Imetre Instituto De Medc. Do Trabalho. Treinamento e Ergonomia	R. Tenente Virmondes, 268	Centro	Central
Meta- medicina e Seg. do Trabalho	R. Pedro Crosara Cherulli, 224	Cazeca	Central
Pro-Seg. Medicina do trabalho	R. Alexandre Marquez, 38	Martins	Central
e Engenharia de Segurança	Av. João Pinheiro, 2691	Centro	Central
Work Poetege Saúde Ocupacional	R. Rodrigues da Cunha, 515	Martins	Central
Cirurgia Plástica Abdala Abed López	Av. dos Municípios, 45	Tabajaras	
Clime Clín. Medicina Especializada	R. Felisberto Carrijo, 1100	Fundinho	Central
Clínica de Cirurgia Plástica Estética e Reparadora Dr. Públio P. de Freitas	R. Santos Dumont, 221	Centro	Central
Cirurgia Plástica e Medic. Estática	R. Artur Bernardes, 58	Centro	Central
Clínica de Cirurgia Plástica Luiz Nascimento	Av. Getúlio vargas, 1821	Tabajaras	Central
Coprore Clínica de Cirurgia Plástica	R. Alexandre Marquez , 851	Martins	Central
FASES – Cirurgia Plástica	R. Botafogo, 295	Maracanã	
Ferreira e Segantini Clínica de Cirurgia Plástica e Ginecologia	Pç. Lodóriu Texeira, 26	Fundinho	Central
Igep	AV. Getúlio Vargas, 127	Centro	Central
Centro de Endosocpia Ginecológica	R. Artur Bernardes, 93	Martins	Central
Cais Centro de Atendimento Integral à Saúde	R. Bernardo Cupertino, 365	Martins	Central
Clínica de Reprodução Humana	Av. Getúlio Vargas, 275	Centro	Central
Fecunda Int. de Reprodução Humana	Pç. Do Líbano, 245	Martins	Central
Shen Tao Núcleo de Medicina Chinesa	R. Rafael Rinaldi, 234	Martins	Central
Cardio Esporte – clínica de Cardiologia do Esp.	R. Barão de Camargo, 463	Lídice	Central
Clínica Vida Medicina e Psicologia	R. Mário pinto Sobrinho, 333	Santa Mônica	Leste
CDC - centro Dermatológico Cirúrgico	Av. Getúlio Vargas, 2054	Chacaras Tubalina e Quartel	Oeste
Clínica Doença da pele	Av. Getúlio Vargas, 270	Centro	Central
Demarc	R. Artur Bernardes, 426	Martins	Central
Clínica Santa Clara	R. Santos Dumont, 260	Centro	Central
Clínica Santa Catarina	Av. Getúlio Vargas, 230	Centro	Central
Centro de Geriatria e clínica Médica	Av. Pará , 901	Brasil	Central
Insituto de Cardiogeriatria	R. Barão de Camargo, 463	Lidice	Central
Cinespe – Neurologia	Av. Raulino Cotta Pacheco, 52	Fundinho	Central
Clínica de Neurologia e Nefrofisiologia	Av. Nicomedes Alves dos santos, 116	Centro	Central
ICCU – Instituto de Crânio e Coluna de Udia	Av. Fernando Vilela, 105	Martins	Central

Neuro Clínica	Av. Cipriano del Fávero, 276	Centro	Central
Única – Unidade Neurológica Integrada	R. Barão de Camargos, 233	Lidice	Central
AACD	R. Da Doméstica, 250	Planalto	Oeste
Abelardo Penna Clínica Ortopédica	Av. Rio Branco, 600	Cazeca	Central
Otorrino Center	Av. Cipriano del Fávero, 32	Centro	Central
Otoclínica	Av. Getúlio Vargas, 2054	Tubalina	Sul
IMO – Instituto Mineiro de Otorrinolarigologia	Av. Getúlio Vargas, 230	Centro	Central
CAU – Centro Avançado de Urologia	Av. Getúlio Vargas, 881	Martins	Central
Centro de Medicina do Sono	R. Arthur Bernardes, 433	Martins	Central
Centrobeso	R. Santos Dumont, 174	Centro	Central
Clinica de Reeducação Alimentar e Emagrecimento	R. Bueno Brandão, 53	Martins	Central
Centro Oftalmologia De Udia –HCO	Av. Getúlio Vargas,1666	Tabajaras	Central
Visionacre - Centro Oftalmológico	Av. Getúlio Vargas, 1907	Tabajaras	Central
Neocentro Clínica Pediátrica e Vacinas	R. Artur Bernardes, 37	Martins	Central
Peneumocenter	Av. Getúlio Vargas, 1835	Tabajaras	Central
Instit. de Pesquisa em Pocanálise	R. Johen carneiro, 1381	Lidice	Central
Psiquiatria	R. Alexandre Marquez, 463	Martins	Central
Vita – Reprod. Humano e Ginecologia Cirúrgica	R. Artur Bernardes, 406	Martins	Central
Instituto de Urologia	Av. Vasconcelos Costa, 962	Martins	Central
Medool	Av. Getúlio Vargas, 1920	Tabajaras	Central
Urologia Morais & Zerati	R.Bernardo Cupertino, 365	Martins	Central
Admed Sáude Ocupacional	R. Divalino Pereira, 275	Martins	Central
Centro Auditivo Aredibel	R. Coronel Antônio Alves pereira, 400	Centro	Central
Centro Auditivo Graham Bell	Av. Floriano Peixoto, 395	Centro	Central
Centro Auditivo Telex S/A	Av. João Pinheiro, 389	Centro	Central
Centro Auditivo do Triângulo	R. Artur Bernardes , 576	Martins	Central
Diu-Saúde Diagnóstico Futgial de Uberlândia	Av. Getúlio Vargas, 275	Martins	Central
Diu-Saúde Diagnóstico Futgial de Uberlândia	R. da Doméstica	Planalto	Oeste

Título: Uberlândia (MG): Laboratórios (1997-2007)

- Laboratórios: 1997 – 2007

SERVIÇO: Laboratórios - 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	Central
Análise Patologia clínica	R. Chiapônia, 270	Centro	Central
Análise Patologia clínica	Av. Cipriano del Fávero, 337	Centro	Central
Bio Genetics Tecnologia Molecular	Av. Getúlio Vargas, 1633	Tuablina	Central
Biolão-Lab. De Análises Clínicas	R. Duque de Caxias, 63	Centro	Central
Check Up	Av. Getúlio Vargas, 560	Centro	Central
Diagnose	R. Duque de Caxias, 63	Centro	Central
Exame Laboratório Patologia Clínica	R. Olegário Maciel, 489	Centro	Central
Exame Laboratório Patologia Clínica	Av. Vasconcelos Costa, 811	Martins	Central
Exame Laboratório Patologia Clínica	R. Tenente Virmondes, 24	Centro	Central
Exame Laboratório Patologia Clínica	R. Quintino Bocaiúva, 284	Centro	Central
Exame Laboratório Patologia Clínica	Av. José Fonseca e Silva, 490	Luizote	Oeste
Exame Laboratório Patologia Clínica	Av. Bélgica, 280	Tibery	Leste
Exame Laboratório Patologia Clínica	Pç. Lincoln, 60	Roosevelt	Norte
Exame Laboratório Patologia Clínica	Alameda Uberaba, 100	Santa Mônica	Leste
Gastro Clínica	Av. Getúlio Vargas, 888	Centro	Central
IDESP-LAB de Patologia Clínica	Pç. Clarimundo Carneiro, 45	Centro	Central
IDESP-LAB de Patologia Clínica	Av. Cesário Alvim. 708	Centro	Central
Instituto Patologia clínica Uberlândia (IPAC)	Av. Cipriano del Fávero, 515	Centro	Central
IPAC Laboratório	Av. João Pinheiro, 289	Centro	Central
IPAC Laboratório	R. Artur Bernardes, 426	Martins	Central
Laboratório Patologia Clínica Dr. Eduardo	Av. Afonso Pena, 297	Centro	Central
Labormed Laboratório	Av. João Pinheiro, 533	Centro	Central
Labormed Laboratório	Med Center	Luizote	Oeste
Laboratório de Analises Clínicas Santa Lúcia	Av. João Pinheiro, 505	Centro	Central
Laboratório de Analises Clínicas Saúde	Av. Getúlio Vargas, 46	Centro	Central
Laboratório Central	R. Santos Dumont, 246	Centro	Central

Laboratório Central	R. Barão de Camargos, 177	Lídice	Central
Laboratório Central	Av. João Pinheiro, 533	Centro	Central
Laboratório Central	R. Belém, 50	Bom Jesus	Central
Laboratório Central	R. Das Acácias, 222	Cidade Jardim	Sul
Laboratório Municipal	R. Machado de Assis, 866	Lídice	Central
Lab. Triângulo	Av. João Pinheiro, 60	Centro	Central
Newlab Laboratório	R. Duque de Caxias, 155	Centro	Central
Saúde Laboratório	R. Vieira Gonçalves, 49	Martins	Central
Anátomo Laboratório	R. Goiás, 105	Centro	Central
Centro de Diagnóstico por Imagem (CDI)	Av. Belo Horizonte, 937	Martins	Central
Imagem	R. Artur Bernardes, 74	Martins	Central
CDE de Imagem Santa Clara (CISC)	Av. João Pinheiro, 289	Centro	Central
Clínica de Diagnóstico Santa Clara	Av. Cipriano del Fávero, 162	Centro	Central
Instituto de Radiologia de Uberlândia	Av. João Pinheiro, 512	Centro	Central
Radiology Imagemnocologia	Av. Floriano Peixoto, 182	Centro	Central
Udimagem -Unidade Diagnostica por Imagem	Av. Getúlio Vargas,161	Centro	Central
Udimagem -Unidade Diagnostica por Imagem	Av. Cipriano del Fávero, 510	Centro	Central
Asseme- Acessoria em Medicina do Trabalho	AV. Engenheiro Diniz, 238	Martins	Central
Ergon – Medicina do Trabalho	R. Tenente Virmondes, 337	Centro	Central
Imetre – Medicina do Trabalho	R. Tenente Virmondes, 268	Centro	Central
Work Center- Saúde Ocupacional	Av. Cipriano del Fávero, 783	Centro	Central
Clinica de Vacinas José Carneiro	Av. Nicomedes Alves dos Santos, 430	Tabajaras	Central
Laboratório	Av. João Pinheiro, 815	Centro	Central

Laboratórios 2007

NOME	ENDEREÇO	BAIRRO	SETOR
Bio teste Lab. De Analises Clínicas (DNA) e Clinica	R. Carmo Gifon, 65	Martins	Central
Bio Genetics Lab. De Analise de DNA	Av. Nicomedes Alves Santos, 297	Martins	Central
Bio Lab. Análises Clinicas e DNA	R Duque de Caxias. 63	Centro	Central
Lab. De Patologia Clínica E. Mauricio Mineiro	R Olegário Maciel	Centro	Central
Centro Diagnostico de Patologia Ltda	R. Tenente Virmondes, 55	Centro	Central
CDE Centro de Diagnostico Especializados	AV. Getulio Vargas, 909	Fundinho	Central
Exame Medicina Laboratorial	R Olegário Maciel, 489	Centro	Central
Exame Medicina Laboratorial	R. Tenente Virmondes, 24	Centro	Central
Exame Medicina Laboratorial	Av Vasconcelos Costa, 881	Martins	Central

Exame Medicina Laboratorial	Av. Jose Fonseca Silva, 490	Jardim Patrícia	Oeste
Exame Medicina Laboratorial	Av. João Pinheiro, 1180	Centro	Central
Exame Medicina Laboratorial	R. Jauari, 468	Lidice	Central
Hemocentro Regional de Uberlândia	Av. Levino de Souza, 1845	Umuarama	Central
IPAC Medicina Diagnostica	Av. Cipriano Del Fávero, 515	Martins	Central
Laboratório de Analises Clínicas Santa Lúcia	Av. João Pinheiro, 509	Centro	Central
Laboratório do Triangulo	R. Duque de Caxias, 160	Centro	Central
Labormed	R. Machado de Assis, 125	Centro	Central
Saúde Medicina Laboratorial	Av. Getulio Vargas, 184	Centro	Central
Labormed	Av. Jose Fonseca Silva, 158	Luizote	Oeste
Labormed	PÇA Lincoln, 60	Roosevelt	Norte
Labormed	Av. Randon Pacheco, 709		
Bionda Patologia Clinica	Av. Belo Horizonte, 927	Martins	Central
Centro de Diagnostico Ecográficos	Av. Getulio Vargas, 786	Daniel Fonseca	Central
Centro de Diagnostico por Imagem	Av. Belo Horizonte, 937	Martins	Central
Check Up Saúde	Av. João Pinheiro, 646	Centro	Central
NKB São Paulo Lab. De Analises Clinicas	Av. Getulio Vargas, 1425	Tabajaras	Central

Título: Uberlândia (MG): Lojas de artigos e equipamentos hospitalares (1997-2007)

- Lojas de artigos e equipamentos hospitalares: 1997 – 2007

1997: Artigos e Equipamentos Hospitalares			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Cirúrgica Saúde Ltda	Av. Getulio Vargas, 515	Centro	Central
Cirúrgica Saúde Ltda	Av. Cipriano Del Fávero, 342	Centro	Central
Dental Contijo Ltda	Av. João Pinheiro, 168	Centro	Central
Diulab Comercio e Representações Ltda	Av. Engenheiro Diniz, 905	Martins	Central
Medic Sistem Ltda	Av. Silvio Rugani, 701	Tubalina	Sul
Medtet Suprimentos Médicos Hospitalares Ltda	Av. Brasil, 4477	Umuarama	Leste
Medtet Suprimentos Médicos Hospitalares Ltda	Av. Floriano Peixoto, 386	Centro	Central
Stallini Brasil	Av. Doutor Misael Rodrigues Castro, 510	Santa Mônica	Leste
Ubermed Comercio Ltda	Av. Araguari, 367	Martins	Central
Comercial ISA	Av. Raulino Cotta Pacheco, 05	Centro	Central
Dental Gaúcho	R. Martinesia, 75	Centro	Central
Dental Contijo	Av. João Pinheiro, 168	Centro	Central
Dental Vecci	Av. Cipriano Del Fávero, 634	Centro	Central
Dental Tcc Ltda	R. Rodrigues da cunha, 340	Martins	Central
Pádua Faria & Cia Ltda	Av. Cipriano Del Fávero, 774	Martins	Central
A Dental	Av. João Pinheiro, 168	Centro	Central
Odonto Ferraz Cia Ltda	Av. João Pinheiro, 2622	Brasil	Central
Odontologia Cecci	Av. Cipriano Del Fávero, 364	Martins	Central

Artigos e Equipamentos Hospitalares 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Babbalui Shopping Hospitalar	R. Tenente Virmondes, 55 A	Centro	Central
Cirúrgica Lider	Av. Pará, 1679	Umuarama	Leste
Cirúrgica Triângulo	R. Goiás, 202	Centro	Central
Dental Gontijo	Av. João Pinheiro, 168	Centro	Centra
Distribuidora Cirúrgica Uberlândia	R. Souza Costa, 221	Tabajaras	Central
Equipar Saúde	Av. Alagoas, 1028	Brasil	Central
Medic System	Av. Silvio Rugani, 701	Tubalina	Sul

Medtec	Av. Brasil, 4479	Umuarama	Leste
Ortholandia (Ortopédicos)	R. Goias, 128	Centro	Central
Paramed Produtos Meio Hospitalares	Av. Joao Pinheiro , 463	Centro	Central
Prospitalar	Av. Engenheira diniz, 901	Martins	Central
Saúde & Cia	R, Arthur Bernardes, 554	Martins	Central
Uber Medica	Av. Cipriano Del Favero, 342	Martins	Central
Cardiovase Comercial	Av. Getulio Vargas, 275	Centro	Central
Cirúrgica Lider	Av. Cipriano Del Favero, 342	Martins	Central
Cirúrgica Pinheiro	Av. Belo Horizonte, 553	Martins	Central
Dental Dantas	Av. Araguari, 800	Martins	Central
Dental Datha	R. Arthur Bernardes, 202	Martins	Central
Dental Lider	Av. Cipriano Del Favero, 770	Martins	Central
Dental Souza	R. Coronel A. Alves Pereira, 927	Centro	Central
RHD Produtos Médicos e Hospitalares	Av. Engenheiro Diniz, 901	Martins	Central
TPD – Triângulo Produtos Dentáveis	Av. João Naves da Avila, 528	Centro	Central

Título: Uberlândia (MG): Hospitais (1997-2007)

- Hospitais: 1997 – 2007

1997: Hospitais			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Hospital Santa Clara	Av. João Pinheiro, 289	Centro	Central
Hospital Santa Marta	Av. João Pinheiro, 557	Centro	Central
Hospital de Clinicas Triangulo	Av. João Pinheiro, 1180	Centro	Central
Hospital Santa Catarina	Av. Getulio Vargas, 161	Centro	Central
Hospital Santa Genoveva	Av. Vasconcelos Costa, 962	Martins	Central
Hospital Santa Terezinha	R. Quintino Bocaiúva, 264	Centro	Central
Hospital São Camilo	R. Abdalla Hadda, 197	Centro	Central
Hospital São Francisco de Paula	Av. João Pinheiro, 60	Centro	Central
Hospital São Lucas	R. Francisco Sales, 16	Martins	Central
UFU		Umuarama	Leste
Hospital do Câncer	R. Pedro Quirino Silva, 1165	Umuarama	Leste

Hospital 2007			
Hospital do Câncer	Av. Amazonas s/n	Umuarama	Leste
Hospital de Clinica e Cirurgia Ocular	Av. Getulio Vargas, 1666	Tabajaras	Central
UFU		Umuarama	Leste
Hospital Infantil Dom Bosco	Av. João Pinheiro, 877	Centro	Central
Hospital e Maternidade Santa Clara	Av. João Pinheiro, 289	Centro	Central
Hospital de Olhos Brasil Central	Av. Marcos Freitas Costa, 855	Daniel Fonseca	Central
Hospital Ortomed Center	Av. Rondon Pacheco, 555	Patrimônio	Sul
Hospital Santa Catarina	Av. Getulio Vargas, 161	Centro	Central
Hospital Santa Genoveva	Av. Vasconcelos Costa, 962	Martins	Central
Hospital Santa Marta	Av. Rondon Pacheco, 704	Copacabana	Sul
Hospital do Triângulo	Av. João Pinheiro, 1180	Centro	Central
Instituto São Lucas	Rua Francisco Sales, 16	Martins	Central
Hospital e Maternidade Madrecor	Av. Francisco Ribeiro, 1111	Santa Monica	Leste
Hospital São Francisco de Paula Ltda	Avenida João Pinheiro, 60	Fundinho	Central

Título: Uberlândia (MG): Hotéis (1997-2007)

- hotéis: 1997 – 2007

HOTÉIS 1997			
NOME DO ESTABELECIMENTO	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
América Palace Hotel	Av. Cesário Alvim, 514	Centro	Centro
Attic Park Hotel	Av. João Naves de Ávila, 7305	Santa Mônica	Leste
Grande Hotel Colombo	R. Duque de Caxias, 314	Centro	Centro
Hotéis Triângulo	Av. Vanscocelos Costa, 1318	Martins	Centro
Hotel Alpha	R. Coronel Antônio Alves Pereira, 605	Centro	Centro
Hotel Apollo	Av. João Neves de Ávila, 412	Centro	Centro
Hotel Arca de Noe	Av. Brasil, 1102	Brasil	Centro
Hotel Bela Vista	R. Ceará, 1100	Umuarama	Leste
Hotel Dallas	R. Carmo Gifoni, 1195	Martins	Centro
Hotel Hawai	R. Rodrigues da Cunha, 1405	Martins	Centro
Hotel Hollywold	Av. Monsehor Eduardo, 199	Bom Jesus	Central
Hotel Indústrias	R. Doutor Luis Antonio Waack, 400	Marta Helena	Norte
Hotel Ipê	R. Marciano Santos, 551	Santa Mônica	Leste
Hotel Itamaraty	Av. Cesário Alvim, 479	Centro	Centro
Hotel Itamaraty	R. Tenente Virmondes, 681	Centro	Centro
Hotel Itamaraty	Av. Cesário Alvim, 479	Centro	Centro
Hotel Lord	R. Joaquim Cordeiro, 13	Cazeca	Centro
Hotel Louders	R. Santa Catarina, 787	Brasil	Centro
Hotel Marajá	R. Cruzeiro dos Peixotos, 233	Centro	Centro
Hotel Marajó	Av. João Naves de Ávila, 256	Centro	Centro
Hotel Morais	Av. Araguari, 302	Martins	Centro
Hotel Nacional	R. Higino Guerra, 273	Martins	Centro
Hotel Nobre	Av. João naves de Ávila, 617	Centro	Centro
Hotel Omega	R.Quintino Bocaiúva, 477	Centro	Centro
Hotel Park Central	Pça. Tubal Vilela	Centro	Centro

Hotéis 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Abbas Hotel	Av. João Naves de Ávila, 167	Centro	Central

América Palace Hotel	Av. Cesário Alvim , 514	Centro	Central
Atrium Hotel	Av. Fernando Vilela, 1625	Martins	Central
Attiê Park Hotel	Av. João Naves de Ávila	Santa Mônica	Leste
Carlton Plaza Hotéis	Av. Antônio Thomaz F. Rezende, 160	Marta Helena	Norte
Comfort Hotel Uberlândia	Av. Rondon Pacheco, 5455	Nossa Sra Aparecida	Central
Executive Inn Hotel	Av. Rondon Pacheco, 5000	Tibery	Leste
Grande Hotel Universo Palace	R. Duque de Caxias, 314	Centro	Central
Hotel Alfha	R. Coronel Antônio Alves Pereira, 605	Centro	Central
Hotel Apollo	Av. João Naves de Ávila, 412	Centro	Central
Hotel Bandeirantes	Av. Vasconcelos Costa, 1322	Martins	Central
Hotel Dias Park (Rodoviária)	Pç. Da Bíblia, 155	Martins	Central
Hotel Itamaraty	Av. Cesário Alvim, 479	Centro	Central
Hotel Monte Blanc	Av. Cesário Alvim, 655	Centro	Central
San Diego Suítes	Av. Rondon Pacheco, 3500	Santa Maria	Leste
Sanare Hotel	Av. João Naves de Ávila, 4921	Santa Mônica	Leste
Hotel Marajá	R. Cruzeiro dos Peixotos, 233	Centro	Central
Hotel Nacional (Rodviária)	R Higino, 273	Martins	Central
Hotel Ômega	R. Quitino Bocaiúva, 477	Centro	Central
Hotel Porto Bello Palace	Av. João Naves de Ávila, 3685	Carajás	Sul
Hotel Pousada do Triângulo Mineiro	R. Triângulo Mineiro, 1027	Patrimônio	Sul
Hotel da Praça	Pç. Tubal Vilela, 30	Centro	Central
Hotel Presidente	Pç. Tubal Vilela, 30	Centro	Central
Hotel e Restaurante Recanto	R. Rodrigues da Cunha, 1497	Martins	Central
Hotel Sanias	Av. Marcos Freitas Costa, 1225	Daniel Fonseca	Central
Hotel Uberpalace Hotel	Av. João Naves de Ávila, 1200	Cazeca	Central
Hotel Umuarama	R. Rio Grande do Norte, 2750	Umuarama	Leste
Hotel Vielalba	Av. Rondon Pacheco, 4651	Tibery	Leste
Parati Palace Hotel	Av. Brasil, 2960	Brasil	Central
Phênix Flat Service – Apartam.	R. Olegário Maciel, 867	Centro	Central
Plaza Shopping Hotel	R. Das Bandeiras, 400	Tibery	Leste
Restaurante e Pousada Célia	R Paraíba, 505	Nossa Sra das Graças	Norte
Sara Palace Hotel	Av. João Naves de Ávila, 1921	Santa Mônica	Leste
Hotel Felipe	R. Rodrigues da Cunha, 1359	Martins	Central
Hotel Hawai	R. Rodrigues da Cunha, 1405	Martins	Central
Hotel Lord	R. Joaquim Cordeiro, 13	Cazeca	Central

Hotel Marajó	Av. João Naves Ce àvila, 256	Centro	Central
Hotel Martiz Ilha Bela	R. Goiás, 50	Centro	Central
Hotel Raposo	Av. João Pinheiro, 1849	Aparecida	Central

Título: Uberlândia (MG): Bancos (1997-2007)

- Bancos: 1997 – 2007

Bancos 1997			
BMG Lesing S/A	Av. Antônio Silva 1128 (Airton Borges Silva)	Industrial	Norte
Banco ABN AMRO S/A	Av. Afonso Pena, 1969	Nossa Senhora Aparecida	Central
Banco América do Sul S/A	Av. Afonso Pena, 888	Centro	Central
Banco América do Sul S/A	Av. Engenheiro Diniz, 578	Martins	Central
Banco Bamerindus Brasil S/A	Pç. Tubal Vilela, 245	Centro	Central
Banco Bandeirantes do Brasil S/A	Pç. Tubal Vilela, 245	Centro	Central
Banco Bandeirantes S/A	Av. Afonso Pena, 491	Centro	Central
Banco Bandeirantes S/A	Av. Vasconcelos Costa, 1005	Martins	Central
Banco Bemerindus S/A	Av. Afonso Pena, 2169	Nossa Senhora Aparecida	Central
Banco Banorte S/A	Av. Afonso Pena, 491	Centro	Central
Banco Banorte S/A	Av. Afonso Pena, 540	Centro	Central
Banco Banorte S/A	Av. Vasconcelos Costa. 1005	Martins	Central
Banco Boa Vista S/A	Av. Afonso Pena, 822	Centro	Central
Banco de Boston S/A	Av. João Pinheiro, 409	Aparecida	Central
Banco Bradesco	Av. Afonso Pena,, 273	Centro	Central
Banco Bradesco	Av. Floriano Peixoto, 2169	Aparecida	Central
Banco Bradesco	Av. Vasconcelos costa, 453	Martins	Central
Banco Bradesco	Av. Industrial, 1320	Marta Helena	Oeste
Banco Bradesco	Av. Bálsamo, 298	Jaraguá	Oeste
Banco Bradesco	Av. José Andraus Gassani, 6000	Industrial	Norte
Banco do Brasil S/A	Av. Afonso Pena, 745	Centro	Central
Banco do Brasil S/A	Av. Floriano Peixoto, 117	Centro	Central
Banco do Brasil S/A	Av. Floriano Peixoto, 3785	Brasil	Central
Banco do Brasil S/A	Av. Vasconcelos costa, 750	Martins	Central
Banco do Brasil S/A	Av. José Andraus Gassani, 673	Industrial	Norte
Banco Brasileiro S/A	R. Palmas, 139	Cidade Jardim	Sul
Banco Geral do Comércio	Av. Afonso Pena, 525	Centro	Central
Banco Geral do Comércio	Av. Afonso Pena, 519	Centro	Central
Banco Industrial Comercial S/A	R. Francisco Marciano Oliveira, 159	Jardim Patricia	Oeste

Banco Industrial Comercial S/A	Av. Afonso Pena, 904	Centro	Central
Banco Itaú S/A	Pç. Tubal Vilela, 222	Centro	Central
Banco Itaú S/A	Av. Afonso Pena, 2803	Nossa Senhora Aparecida	Central
Banco Itaú S/A	R. Angelo testa, 425	Osvaldo Rezende	Central
Banco Itaú S/A	Av. José Andraus Gassani, 5464	Industial	Norte
Banco Mercantil do Brasil S/A	Av. Afonso Pena, 501	Centro	Central
Banco Mercantil São Paulo S/A	Av. Afonso Pena, 807	Centro	Central
Banco Meridional do Brasil S/A	Av. Afonso Pena, 710	Centro	Central
Banco Nacional S/A	Av. Afonso Pena, 120	Centro	Central
Banco Nacional S/A	Av. Afonso Pena, 492	Centro	Central
Banco Noroeste S/A	Pç. Tubal Vilela, 27	Centro	Central
Banco do Progresso S/A	R. Quitino Bocaiúva, 472	Centro	Central
Banco Real S/A	Av. Afonso Pena, 153	Centro	Central
Banco Real S/A	Av. Floriano Peixoto, 858	Centro	Central
Banco Real S/A	Av. Floriano Peixoto, 2300	Nossa Senhora Aparecida	Central
Banco Real S/A	Av. Floriano Peixoto, 850	Centro	Central
Banco Real S/A	Av. Getúlio Vargas, 161	Centro	Central
Banco Real S/A	Av. José Andraus Gassani, 1504	Industrial	Norte
Banco Real S/A	Av. José Andraus Gassani, 5400	Indsutrial	Norte
Banco Real S/A	R. Rio de Janeiro, 185	Brasil	Central
Banco Real S/A	Av. Vasconcelos Costa 962	Martins	Central
Banco Rural S/A	Av. Afonso Pena, 690	Centro	Central
Banco Sudameris Brasil	Av. Afonso Pena, 698	Centro	Central
Banco Triângulo S/A	R. Jataí, 1213	Nossa Senhora Aparecida	Central
Banco Unibanco	Av. Afonso Pena, 120	Centro	Central
Banco Unibanco	Av. Afonso Pena, 492	Centro	Central
Caixa Econômica Federal	Pç. Oswaldo Cruz, 390	Centro	Central
Caixa Econômica Federal	Pç. Tubal Vilela, 41	Centro	Central
Caixa Econômica Federal	Av. Vasconcelos Costa, 1220	Osvaldo Rezende	Central
Caixa Econômica Federal	Av. Afonso Pena, 1499	Brasil	Central
Caixa Econômica Federal	Av. Anselmo Alves dos Santos, 600	Santa Mônica	Leste
Caixa Econômica Federal	Av. Floriano Peixoto, 2323	Nossa Senhora	Central

		Aparecida	
Caixa Econômica Federal	Av. Afonso Pena, 2232	Umuarama	Leste
Caixa Econômica Federal	R. Bernardo Guimarães, 315	Fundinho	Central
Caixa Econômica Federal	Av. Floriano Peixoto, 1125	Centro	Central

TABELA: BANCOS ANO 2007

NOME DO ESTABELECIMENTO	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Banco ABN Amro Bank	Av. Monsenhor Eduardo, 55	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco ABN Amro Bank	Av. Afonso Pena, 888	Centro	Central
Banco ABN Amro Bank	Av. Afonso Pena, 153	Centro	Central
Banco ABN Amro Bank	Av. Afonso Pena, 1969	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco ABN Amro Bank	Av. Coronel José Teófilo Carneiro, 100	São José	Norte
Banco ABN Amro Bank	Praça da Bíblia	Martins	Central
Banco ABN Amro Bank	Av. Bálsamo, 296	Jaraguá	Oeste
Banco ABN Amro Bank	Av. Eduardo Felice, 30	Vigilato Pereira	Sul
Banco ABN Amro Bank	Av. Floriano Peixoto, 850	Centro	Central
Banco ABN Amro Bank	Av. João Pinheiro, 1154	Centro	Central
Banco ABN Amro Bank	Av. João Pinheiro, 289	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco ABN Amro Bank	Av. José Andrauss Gassani, 4555	Distrito Industrial	Norte
Banco ABN Amro Bank	Av. Vasconcelos Costa, 270	Martins	Central
Bancos Bandeirantes S/A	Av. Afonso Pena, 492	Centro	Central
Banco BMC S/A	Av. dos Municípios sem nº	Patrimônio	Sul
Banco BMG	R. Duque de Caxias, 504	Centro	Central
Banco BMG	R. Duque de Caxias, 325	Centro	Central
Banco BMG Representante Macedo	R. Duque de Caxias, 504	Centro	Central
Banco Bonsucesso S/A	R. Quintino Bacaíuva, 446	Centro	Central
Banco Bradesco S/A	Av. Afonso Pena, 273	Centro	Central
Banco Bradesco S/A	R. Antônio Fortunato Silva, 820	Santa Mônica	Leste
Banco Bradesco S/A	Av. Comendador Alexandrino Garcia, 1610	Marta Helena	Norte
Banco Bradesco S/A	Av. Floriano Peixoto, 2186	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco Bradesco S/A	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Banco Bradesco S/A	Av. José Fonseca Silva, 586	Jardim Patrícia	Oeste
Banco Bradesco S/A	Av. Vasconcelos Costa, 453	Martins	Central

Banco Bradesco S/A	Av. Afonso Pena, 945	Centro	Central
Banco Bradesco S/A	Av. Floriano Peixoto, 6500	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco Bradesco S/A	Av. João Naves de Ávila, 2450	Santa Mônica	Leste
Banco Bradesco S/A	Av. José Andrauss Gassani, 6000	Industrial	Norte
Banco do Brasil S/A	Av. Afonso Pena, 745	Centro	Central
Banco do Brasil S/A	Av. Afonso Pena, 2169	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco do Brasil S/A	Av. Floriano Peixoto, 3360	Brasil	Central
Banco do Brasil S/A	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Banco do Brasil S/A	Av. Anselmo Alves Santos, 600	Santa Mônica	Leste
Banco do Brasil S/A	R. Belém, 2	Bom Jesus	Central
Banco do Brasil S/A	Campus Umuarama	Umuarama	Leste
Banco do Brasil S/A	Av.José Teófilo Carneiro, 1035	São José	Norte
Banco do Brasil S/A	Av. João Naves de Ávila, 1330	Tibery	Leste
Banco do Brasil S/A	Av. Pará, 1720	Umuarama	Leste
Banco do Brasil S/A	Av. Rondon Pacheco, 3520	Saraiva	Sul
Banco Cacique S/A	Av. Afonso Pena, 700	Centro	Central
Banco Cacique S/A	Av. João Pinheiro, 433	Centro	Central
Banespa	Praça Tubal Vilela, 55	Centro	Central
Banespa	Km 176 Br - 050	Segismundo Pereira	Leste
Banco Fininvest S/A	Km 74 Br - 050	Segismundo Pereira	Leste
Banco Fininvest S/A	Km 173 Br – 050, 7085	Segismundo Pereira	Leste
Banco Hsbc Bank Brasil S/A	Av. Floriano Peixoto, 2431	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco Itaú S/A	Praça Tubal Vilela, 222	Centro	Central
Banco Itaú S/A	Av. Afonso Pena, 2825	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco Itaú S/A	Av. Afonso Pena, 657	Centro	Central
Banco Itaú S/A	Av. Belo Horizonte, 644	Martins	Central
Banco Itaú S/A	Av. Floriano Peixoto, 1909	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco Itaucred Financiam S/A	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Banco Mercantil do Brasil S/A	Av. Afonso Pena, 501	Centro	Central
Banco Nossa Caixa S/A	Av. Afonso Pena, 689	Centro	Central
Banco Panamericano	Av. Afonso Pena, 579	Centro	Central
Banco do Povo	Av. João Pinheiro, 1154	Centro	Central
Banco Real S/A	Av. Afonso Pena, 2497	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco Real S/A	Av. Afonso Pena, 153	Centro	Central
Banco Real S/A	Av. Floriano Peixoto, 850	Centro	Central

Banco Real S/A	Av. Floriano Peixoto, 2300	Nossa Sº Aparecida	Central
Banco Real S/A	Av. Afonso Pena, 3774	Brasil	Central
Banco Real S/A	Av. Aspirante Mega, 731	Jaraguá	Oeste
Banco Real S/A	Km 75 Br - 050	Segismundo Pereira	Leste
Banco Real S/A	Av. Getúlio Vargas, 161	Centro	Central
Banco Real S/A	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Banco Real S/A	Av. José Andraus Gassani, 1504	Distrito Industrial	Norte
Banco Real S/A	Av. José Andraus Gassani, 5400	Distrito Industrial	Norte
Banco Rural S/A	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central
Banco Santader Brasil S/A	Av. Afonso Pena, 519	Centro	Central
Banco Santader Brasil S/A	Av. Afonso Pena, 525	Centro	Central
Banco Sudameris Brasil S/A	Av. Afonso Pena, 888	Centro	Central
Banco Triângulo S/A	Av. Cesário Alvim, 2209	Nossa Sº Aparecida	Central
Bancred Empréstimo Pessoal	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
Unibanco União de Bancos Brasil	Av. Afonso Pana, 120	Centro	Central
Unibanco União de Bancos Brasil	Av. Afonso Pena, 492	Centro	Central
Unibanco União de Bancos Brasil	R. Machado de Assis, 114	Centro	Central
Unibanco União de Bancos Brasil	R. Rafael Mariano Neto, 600	Jardim Karaíba	Sul
Caixa Econômica Federal	Pç. Osvaldo Cruz, 390	Centro	Central
Caixa Econômica Federal	R. Coronel Antonio Alves Pereira, 390	Centro	Central
Caixa Econômica Federal	Av. Fernando Vilela, 1510	Martins	Central
Caixa Econômica Federal	Av. Floriano Peixoto, 1890	Nossa Sº Aparecida	Central
Caixa Econômica Federal	Pç. Tubal Vilela, 207	Centro	Central
Caixa Econômica Federal	Av. Anselmo Alves santos, 600	Santa Mônica	Leste
Caixa Econômica Federal	Av. Cesário Alvim, 3390	Brasil	Central
Caixa Econômica Federal	Av. Cesário Alvim, 3200	Brasil	Central
HSBC Bank Brasil S/A	Pç. Tubal Vilela, 245	Centro	Central
Safra		Centro	Central

Título: Uberlândia (MG): Consócios (1997-2007)

- consórcios: 1997 – 2007

Consórcios 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	
Aluimar e Consórcios Ltda	R. Olegário Maciel, 454	Centro	Central
Consórcio Motomaq	Av. Floriano Peixoto, 395	Centro	Central
Consórcio Nacional ABC S/C LTDA	Av. Cesário Alvim, 478	Centro	Central
Consórcio Nacional Garibalde S/c LTDA	R. Setembrino Rodrigues Silveira, 100	Industrial	Norte
Consórcio Nacional Honda Duas Rodas	Av. Floriano Peixoto, 3339	Brasil	Central
Consórcio Nacional Honda Cardoso Moto	Av. João Pessoa, 322	Centro	Central
Consórcio Rodobens	Av. Floriano Peixoto, 137	Centro	Central
Consórcio Zema S/C LTDA	R. Rio Grande Do Norte, 3200	Brasil	Central
Consórcio Zema S/c LTDA	R. Felisberto Carrijo, 813	Fundinho	Central

Consórcios 2007			
NOME DO ESTABELECIMENTO	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Affinity Seguros	R. Jamil Tannus, 382	Lídice	Central
Alpha Títulos de Capitalização e Financiamentos	Av. Cesário Alvim. 818	Centro	Centro
ABC Primo Rossi Consorcio Nacional	Av. Cesário Alvim, 478	Centro	Centro
Consórcio Moto Honda	Av. João Pessoa, 321	Centro	Centro
Consorcio Nacional Honda Duas Rodas	Av. Floriano Peixoto, 3399	Brasil	Centro
Trivel Honda	Av. Afonso Pena, 2699	Brasil	Centro
Consorcio Nacional Suzuki	Av. Floriano Peixoto, 2626	Brasil	Centro
Consorcio União	Av. João Pinheiro, 462	Centro	Centro
Rodobens Consorcio	Av. Afonso Pena, 1970	Nossa Sº Aparecida	Centro

Título: Uberlândia (MG): Financeiras (1997-2007)

- financeiras: 1997 – 2007

Financeira 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	
Facilita Crédito Investimentos S/A	Pça. Tubal Vilela, 252	Centro	Central
Finivest S/A	Av. João Pinheiro, 455	Centro	Central
GM Lesing S/A	Av. Afonso Pena, 3945	Brasil	Central
Losango Promotoria de Vendas S/A	R. Olegário Maciel, 533	Centro	Central
Mercante Factoring Fomento Comercial LTDA	R. Machado de Assis, 501	Centro	Central
Udi Tel Investimentos LTDA	R. Olegário Maciel, 542	Centro	Central
Empresarial Factoring LTDA	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central
Intercred Factoring Mercantil LTDA	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
Masp Fcatoring	Av. João Pinheiro, 426	Centro	Central
Milagre Factoring Fomendo Mercatil	Av. Afonso Pena, 1196	Brasil	Central
Trifactoring Foemendo Mercantil Ltda	R. Machado de Assis, 904	Centro	Central
Uberfone	R. Duque de Caxias, 325	Centro	Central
Udifactor Crédito Mercatil Fomento LTDA	Av. Cesário Alvim, 1659	Brasil	Central
Valt Cred Factoring Fomento Comercial LTDA	R. Duque de Caxias, 315	Centro	Central

Financeira 2007			
NOME DO ESTABELECIMENTO	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Alpha Títulos de Capitalização e Financiamentos	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Centro
ASB Financeira	Pça. Tubal Vilela, 193	Centro	Centro
Banco BMG Mota Serviços	R. Duque de Caxias, 309	Centro	Centro
Bancred Empréstimo Pessoal	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Centro
Fomento Comercial	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Centro
JET Money Empréstimos e Financiamentos	Av. João Pinheiro, 807	Centro	Centro
Omni Financeira	Av. João Pinheiro, 115	Centro	Centro
Precisa Créditos e Financiamentos	Av. João pinheiro, 1901	Nossa Sº Aparecida	Centro
Trialpar Crédito Pessoal	R. Duque de Caxias, 450	Centro	Centro
AF Carvalho Nogueira Serviços de Credito	R. Machado de Assis, 501	Centro	Centro
AF Créd Serviços	Av. Ubiratan Osório Costa, 248	Santa Mônica	Leste
BV Financeiras	Av. Getúlio Vargas, 275	Centro	Centro

Créd UFU	Av. João Pinheiro, 913	Centro	Centro
Créd Card	R. Machado de Assis, 114	Centro	Centro
Créd Mercantil	R. Olegário Maciel, 542	Centro	Centro
Credital Factoring Fomento Comercial,	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Centro
Creditril	Av. Marciano de Ávila, 1066	Centro	Centro
Creditril	Av. João Naves de Ávila, 3700	Segismundo Pereira	Leste
Facilita Credito e Financiamento	Pç. Tubal Vilela, 252	Centro	Centro
Finasa	Av. João Pinheiro, 767	Centro	Centro
Finasa	Av. Afonso Pena, 906	Centro	Centro
Fininvest S/A	Av. Afonso Pena, 491	Centro	Centro
Losango	Av. Afonso Pena, 471	Centro	Centro
Losango	Av. Floriano Peixoto, 800	Centro	Centro
Losango	Av. Floriano Peixoto, 3183	Brasil	Centro
Policard	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Ribercred BMG	Av. João Pinheiro, 522	Centro	Centro
Investimentos	Av. Nicomedes Alves dos Santos, 385	Lídice	Central
Ubercred	Av. Marcos Freitas Costa, 730	Osvaldo Rezende	Central
Unicred Triângulo Mineiro	R. Artur Bernardes, 548	Martins	Centro
Unicred Triângulo Mineiro	Av. João Pinheiro, 690	Centro	Centro
Valicard	R. Machado de Assis, 904	Centro	Centro
Zogbi Promovel	Av. Afonso Pena, 906	Centro	Centro

Título: Uberlândia (MG): Seguradoras e Corretoras de seguros (1997-2007)

- seguradores e corretoras de seguros: 1997 – 2007 – VARIÁVEL ÚNICA

Seguros 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	
A Capital Corretora de Seguros	Av. Rio branco, 687	Cazeca	Central
AGF Brasil Seguros	Av. Rio Branco, 489	Cazeca	Central
Água Cor de Seg.	R. Olegário Maciel, 542	Centro	Central
Alfatcc Adm, Cor. De Seg.	R. São Lourenço, 354	Osvaldo Rezende	Central
Apisul ADM. Sev. Tec Seguros	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central
Astec ADM Serv. Tec. Seguros	Av. Afonso Pena, 547	Centro	Central
Bemge Seguradora S/A	Av. Cesário Alvim, 247	Centro	Central
Bradesco Previdência Seguros	Av. Afonso Pena, 273	Centro	Central
Bradesco Seguros S/A	Av. Getúlio Vargas, 260	Centro	Central
Brasil Cia de Seguros	Av. Rio branco, 489	Nossa Senhora Aparecida	Central
Brasil Cia de Seguros Gerais	Av. Getúlio Vargas, 46	Jardim das Palmeiras	Oeste
Capemi Caixa Pecólios Tensões Benefícios	Av. Cesário Alvim, 1331	Nossa Senhora Aparecida	Central
Clube dos Executivos	Av. Afonso Pena, 190	Centro	Central
Coelho Cor. De Seg.	Av. Floriano Peixoto, 4077	Umuarama	Leste
Compahia Paulista Seguros	Av. João Pinheiro, 982	Centro	Central
Compahia Seguros Aliança Bahia	Av. Afonso Pena, 766	Centro	Central
Compahia Seguros Bamerindus S/A	Pç. Tubal Vilela, 245	Centro	Central
Cia Seguro Minas Brasil	R. Marques Póvoa, 52	Osvaldo Rezende	Central
Cordial Corretoria de Seguros e Repres. Ltda	Av. Afonso Pena, 2566	Nossa S. Aparecida	Central
Delhos Seko Tec. S/A	R. Duque de Caxias, 450	Centro	Central
Fiança Locatícia Prim Caro Aluguel	Av. João Pinheiro, 1631	Brasil	Central
E A Seguradora	R. Olegário Maciel, 1077	Lídice	Central
Garantida Cor. De Seg. LTDA	Av. Industrial, 788	Marta Helena	Norte
Girassol Cor. De Seg LTDa	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central
Golden Cross Seguradora S/A	R. Duque de Caxias, 450	Centro	Central

Hg Corretora de Seguros LTDA	R. Tobias Inácio, 59	Lídice	Central
Intermareicana Compnhia de Seg. Germis	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
Invicta Col. De Seg.	R. Coronel Antônio laves Pereira, 400	Centro	Central
Itaú Serviços S/A	R. Cruzeiro dos Peixotos, 682	Centro	Central
Junqueira Cor. De Seg. LTDA	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
M C Corretora de Seg. LTDA	Av. Mato Grosso, 424	Nossa S. Aparecida	Central
Mar´tima Seguros S/A	Av. Floriano Peixoto, 605	Centro	Central
Minas Goiás Cor. De Seg.	Av. Raulino Cotta, 1080	Martins	Central
Nacional Cia de Seguros	Av. Afonso Pena, 120	Centro	Central
Neves Cor. De Seguros	R. Felisberto Carrijo, 1880	Fundinho	Central
Nimasa Cor. De Seg	Av. João Pinheiro, 700	Centro	Central
Nobre Cluibe Brasil	Av. Afonso Pena, 547	Centro	Central
Novo Hamburgo Cia Seguros Gerais	Av. João Naves de Ávila, 730	Centro	Central
NSP AOM. Corretora de Seg.	R. Professor P. Bernardo, 267	Centro	Central
Paranaíba Cor Seg. Gerais	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central
Penha Representações Seguros	R. Olegário Maciel, 1077	Lídice	Central
Porto Seguro Cor. De Seg.	Av. João Pinheiro, 700	Centro	Central
Pró-Seguros Cor. De Seg	R. Coronel Antônio Alves Teixeira, 41	Martins	Central
Produtos Itáu Seguros Repr Previdência Seguros S/A	Av. Rio Branco	Cazeca	Central
Repr Previdência Seguros S/A	Av. Floriano Peixoto, 850	Centro	Central
STS Cor. De Seguros	R. Santos Dumont, 35	Centro	Central
Sasse Cia nacional Seguros LTDA	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
Seguradora Oceânica S/A	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
Sérgio Seguros	Av. João Pinheiro, 1635	Nossa S. Aparecida	Central
Sipoli ADM Cor. De Seg.	E. coronel Antônio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Solução ADM. E CR. De Seg	Av. Teresina, 1755	Umuarama	Leste
SOMA Seguradora S/A	R Quintino Bocaiúva , 393	Saraiva	Sul
Sul América Terrestre Marítimos Acio Cia. Seg.	R. Duque de Caxias, 746	Centro	Central
Telesat Cor. De Seguros LTDA	Pça. Sérgio Pacheco, 77	Bom Jesus	Central
Tita Cor. De Seg. LTDA	Av. João Pinheiro, 1653	Nossa Senhora Aparecida	Central
Total Seguros	Av. João Naves de Ávila 245	Centro	Central

Tranqüiliza Cor. De Seguros LTDA	R. Duque de Caxias, 450	Centro	Central
Trianon Minas Cor. De Seg. LTDA	R. Tenente Virmondes, 275	Centro	Central
Uberlândia Cor. De Seg. LTDA	R. XXXX Paes, 291	Centro	Central
Uberprest Representação LTDA	R. Olegário Maciel, 1244	Centro	Central
Vera Cruz Seguradora S/A	Av. Raulino Cotta Pacheco, 55	Martins	Central
Vitória Única Adm. Cor. De Seg. LTDA	Av. Marcos Freitas Costa, 730	Daniel Fonseca	Central
Wardon Cor. De Seg.	R. Olegário Maciel, 542	Centro	Central
Financial Cia. Seguros	Pç. Tubal Vilela, 245	Centro	Central
ACI Adm e Cor. De Seg	R. Santos Dumont	Centro	Central
Autovisa Cor. De Seguros	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
Brazão Cor. De Deg. LTDA	R. Machado de Assis, 1469	Saraiva	Sul
Cailo Cor. De Seg.	R. Delmira Cândida Rodrigues Cunha, 540	Santa Mônica	Leste
Competente Cor. De Seg. LTDA	R. Coronel Antônio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Fenae Corretora Seg. e ADM Bens LTDA	R. Coronel Antônio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Lamonier Cor. De Seg. e Repres. LTDA	R. Laurindo Fonseca Silva, 55	Jardim Patrícia	Oeste
Pancary Corretagens Seguros LTDA	R. Duque de Caxias, 450	Centro	Central
Pena e Rabel Cor. De Seg. LTDA	Av. Cesário Alvim, 529	Centro	Central
Romap Cor. De Seg	Av. Rondom Pacheco, 4105	Cazeca	Central
Se Cor. De Seg. Ltda	R. Roosevelt de Oliveira, 288	Nossa Aparecida	Central
Transeguro Cor. De Seg. ÇTDA	R. Machado de Assis, 501	Centro	Central
Triângulo Cor. De Seg. Ltda	Av. Nicomedes Alves dos Santos, 395	Lídice	Central
Trifort Cor. De Seguros	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central
Uai Brasil de Seg. Ltda	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
Walseg Adm Cor. De Seg. LTDA	R. Coronel Antônio Laves Pereira, 400	Centro	Central
Juca B. Cor de Seg.	R. Felisberto Carrijo, 1888	Lídice	Central

Seguros 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Affinity Seguros	R. Jamil Tannus, 382	Lídice	Central
Águia Corretora de Seguros	R. Olegário Maciel, 542	Centro	Central
Alfatec ADM Corretora de Seguros	R. São Lourenço, 354	Daniel Fonseca	Central
Bernardes Corretora de Seguros	Av. Fernando Vilela, 899	Martins	Central
Camilo Corretora de Seguros	R. Delmira Cândida R. Cunha, 540	Santa Mônica	Leste
Campus Junior Corretora de Seguros	R. Francisco Sales, 95	Martins	Central
CDL Câmara Dirigentes de Seguros	Av. Belo Horizonte, 1290	Martins	Central

Cordial Corretora de Seguros	Av. Raulino Cota Pacheco, 169	Martins	Central
Corretora de Seguros Unimed Uberlândia	Av. João Pinheiro, 655	Centro	Central
Delaseg	Av. Rio Branco, 167	Centro	Central
Fedeliza corretora de Seguros	R. Joaquim Cordeiro, 174	Cazeca	Central
Flemes	R. Alfredo Júlio, 228	Osvaldo Rezende	Central
ITA Corretora de Seguros	R. Alexandre Marques, 711	Martins	Central
JET Monel Corretora de Seguros	Av. João Pinheiro, 807	Centro	Central
Joluc Corretora de Seguros e Acessória	Av. Anselmo Alves dos Santos, 118	Santa Mônica	Leste
La Mounier corretora de Seguros	Av. Sacramento, 898	Martins	Central
Minas Goiás Corretora de Seguros	Av. Raulino Cotta Pacheco, 1080	Martins	Central
Neves Corretora de Seguros	R. Felisberto Carrejo, 1280	Patrimônio	Sul
Nimasa Corretora de Seguros	Av. rio Branco, 1122	Cazeca	Central
Paulo Campos Seguros	Av. Fernando Vilela, 152	Martins	Central
Pena Corretora de Seguros	Av. Cesário Alvim, 529	Centro	Central
Trianon Minas Corretora de Seguros	R. Johen Carneiro, 390	Lídice	Central
Uri Brasil Corretora de Seguros	R. Tobias Inácio, 180	Lídice	Central
ROMAP Seguros	Av. Rondon Pacheco, 4105	Saraiva	Sul
SMB Corretora de Seguros	R. Quintino Bocaiúva, 930	Centro	Central
Solução Corretora de Seguros	Av. Mato Grosso, 340	Nossa Sº Aparecida	Central
Tranqüiliza Corretora de Seguros	R. Vieira Gonçalves, 123	Martins	Centro
Tropical Adm Corretora de Seguros	R. Carmo Gifoni, 126	Martins	Centro
Uberseguros Corretora de Seguros	R. Intumbiara, 1002	Nossa Sº Aparecida	Centro
Porto Seguro Cia de Seguros Gerais	R. Augusto César, 641	Tabajaras	Central
Bradesco Seguros	Av. Afonso Pena, 740	Centro	Central
Cia Seguros XXXXXX Brasil	Av. Nicomedes Alves dos Santos, 325	Lidice	Central
Gol Administradora e Corretora de Seguros	Av. Floriano Peixoto, 386	Centro	Central
HDI Seguros	Av. Nicomedes Alves dos Santos, 510	Lidice	Central
Liberty Paulista Seguros	Av. Nicomedes Alves dos Santos, 390	Lidice	Central
NSP Administradora e Corretora de Seguros	R. Monte Carmelo, 314	Martins	Central
Práxi Solutions Consultoria em Seguros	Av. Getúlio Vargas, 275	Martins	Central
Proseguros Corretora de Seguros	R. Rezende, 590	Lídice	Central
Prudential do Brasil Seguros	Av. dos Municípios, 146	Patrimônio	Sul
Rada Seguros Corretora de Seguros	R. Padre Anchieta, 80	Lidice	Central
Saúde Brasil Consultoria e Corretagem de Seguros	R. Duque de Caxias, 504	Centro	Central
Sipoli Adm. e Corretora de Seguros	R. Alfredo Júlio, 228	Osvaldo Rezende	Oeste

Sul América Seguros	Av. Nicomedes Alves dos Santos, 475	Lidice	Central
XXX Brasil Corretora de Seguros	Pç. Dr. Nei Hugo Alencar, 451	Saraiva	Sul
Unimed Seguradora	Av. Getúlio Vargas, 275	Martins	Central
Unibanco AIG Seguros	Av. Afonso Pena, 492	Centro	Central
XXXX Clube Seguros	R. Duque de Caxias, 450	Centro	Central
Vida Seguradora	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central
Walseg Adm. Corretora de Seguros	R. Coronel Antonio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Seguradora	Av. Paes Leme, 612	Osvaldo Resende	Oeste

Título: Uberlândia (MG): Comércio de adubos, fertilizantes e sementes agrícolas (1997-2007)

- sementes agrícolas: 1997 – 2007

- adubos e fertilizantes: 1997 - 2007

Sementes 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
AJS Sementes LTDA	R. Ligério Pinheiro, 145	CDI	Norte
ABC A & P (Algar0	Av. José Andraus Gasani, 333	Industrial	Norte
Agrodez Agropecuária	R. Três de Outubro, 235	Jardim América	Norte
Agrodez Agropecuária	Av. José Fonseca e Silva, 1079	Jardim Patrícia	Oeste
Agrogema Agropecuária LTDA	R. Itanhado, 299	Osvaldo Resende	Central
Agromem Sementes Agrícolas LTDA	R. Alexandre Oliveira Marquez, 180	Vigilato Pereira	Central
Agropastoria Três Irmãos LTDA	Av. Vasconcelos Costa, 304	Martins	Central
Agrosementes Ávila LTDA	Av. Juscelino Kubistchek, 1372	Dona Zulmira	Oeste
Agro taxi Comercial LTDA	R. Pombas, 801	Jardim das Palmeiras	Oeste
Agro Verde LTDA	Av. Vasconcelos Costa, 310	Martins	Central
XXXXX Van Ass	R. Quitino Bocaiúva 1691	Saraiva	Sul
Comercial Agrosena LTDA	R. Licério Pinheiro Paula, 105	CDI	Norte
Cotton Tecologia de Sementes LTDA (TRIAGRO)	R. Victor Rodruigues Resende, 500	CDI	Norte
Germina Agropecuária S/A	Pç. Clarimundo Carneiro, 68	Centro	Central
Germina Agropecuária S/A	Av. Marcos Freitas Costa, 987	Osvaldo Rezende	Central
Matsuda Minas LTDA	Av. Juscelino Kubistchek, 300	Dona Zulmira	Oeste
Mercado Rural LTDA	R. Horácio Rezende, 241	Daniel Fonseca	Central
Ribeiro & Grzy Bowski LTDA	Av. Inglaterra, 30	Tibery	Leste
Sementes Agropás	R. Coronel Antônio Laves Pereira, 400	Martins	Central
Sementes Agroverde	Av. Vasconcelos Costa, 310	Martins	Central
Sementes Cabral	Av. Paes Leme, 717	Osvaldo Rezende	Central
Sementes Fartura LTDA	R. Tenente Virmondes, 129	Centro	Central
Sementes Fartura LTDA	Av. Cipriano Del Fávero, 603	Centro	Central
Sementes Pontal LTDA	R. Coronel Antônio Alves Pereira, 41	Centro/Martins	Central
Sementes Silvana LTDA	Av. Segismundo Pereira, 790	Santa Mônica	Central
Uber Seeds LTDA	R. José Rezende, 4599	Custódio Pereira	Leste

Agran Serv. Produto e Comércio Agrícola LTDA	R. Frederico Ozana, 200	Roosevclt	Norte
Crosara XXXX Agrícolas LTDA S/A	Av. AdrianoBalloni, 420	Roosevelt	Norte
Agrinco Máquinas e Equipamentos S/A	R. José Laves Garcia, 415	Brasil	Central
Irmãos Thonnies & Cia LTDA	R. Afonso Egydio Souza, 266	Industrial	Norte
Nicamaqui Comércio Máquinas LTDA	Av. Vasconcelos Costa, 2095	Martins	Central
Triauto Comércio e RepresentaçõesLTDa	Av. Marcos Freitas Costa, 1937	Osvaldo Rezende	Central
Udiparts Comércio de Peças LTDA	Av. João Naves de Ávila, 4384	Santa Mônica	Leste

Sementes 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Agro Fazenda Produtos Agropecuários	Av. Getúylio Vargas, 3089	Chac.Tubalina e Quartel	Oeste
Agri-Sena Sementes Ltda	R. Licério Pinheiro Paula, 105	CDI	Norte
AJS Sementes Ltda	R. Licério Pinheiro Paula	CDI	Norte
Central Veterinária	Rod. Anel Viário Ayrton Sena, s/n Km 130	CDI	Norte
Conexão Rural	Av. João Naves de Ávila, 4825	Pampulha	Sul
Carton Tecnologia De Sementes Ltda	R. Victor Rodrigues Rezende 500	CDI	Norte
Jardins e Pasagisruo	Av. João Naves de Ávila, 4166	Carajás	Sul
MDM- Sementes De Algodão	R. Victor Rodrigues Rezende, 450CDI	CDI	Norte
Mastsuda comércio Ind. Ltda	Av. Mosenhor Eduardo, 963	Bom Jesus	Central
Mercadão Rural	R. Horácio rezende, 241	Daniel Fonseca	Central
Mercadão Rural	Av. Segismundo Pereira, 2432	Santa Mônica	Leste
Plant. Verde	Av. João Mendes, 570	Pampulha	Sul
Sementes Cabral Ltda	Av. Monsenhor Eduardo, 1474	Bom Jesus	Central
Sementes Cabral Ltda	Av. Raulino Cotta Pacheco, 198	Martins	Central
XXXX Comercio E Insumos Agrícolas	R. Orozimbo Ribeiro, 1182	Santa Mônica	Leste
Triegro Ltda	R. Victor Rodrigues Rezende, 500	CDI	Norte
Sementes Savana	R. Orozimbo Ribeiro, 512	Santa Mônica	Leste
Sementes e Cia	R. Triângulo Mineiro,1027	Patrimônio	Sul
Semntes Fcholi	R. Antônio Rezende XXX, 841	Santa Mônica	Leste
Triagro ltda	R. Durval Medeiros, 78	Santa Luzia	Leste

Adubos e Fertilizantes 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	
Agro Fazenda Agro LTDA	Av. Getúlio Vargas, 3089	Tubalina	Sul
Agro Nikkey fertilizantes Motsui	R. Clarimundo José Souza, 1546	Brasil	Central
Agro Fronteira Comercial. Agrícola LTDA	Av. Belo Horizonte, 334	Martins	Central
Brasilcentro Com. E Repre. LTDA	Av. Vasconcelos costa, 91	Martins	Central
Fertivel Ind. Fertilizantes Imp. Exp. LTDA	R. Pedro Zanata, 520	Alto Umuarama	Leste
Fertverde	R. Will Cargil, 183	Industrial	Norte
Paranaíba Fertilizantes ÇTDA	Av. Airton Borges Silva, 1129	Industrial	Norte
Sementes Cabral LTDA	Av. Raulino Cotta Pacheco, 498	Martins	Central
Arbore Agrícola Com. LTDA	R. Laudencio Guerra, 300	Roosevelt	Norte
Cargil Agrícola S/A	R. Will Cargil 880	Industrial	Norte
Companhia Paulista Fertilizantes	Av. José Andraus Gassani, 845	Industrial	Norte
Fertiliza CIA Nacional Fert	R. Oliveira Lima, 243	Pampulha	Sul
Fertiliza CIA Nacional Fert	Av. Segismundo Pereira, 1155	Santa Mônica	Leste
Manah S/A	Av. Liberdade, 243	Patrimônio	Sul
Agor Macro defensivos Agrícolas LTDA	Av. Professora Minervina Candida Oliveira, 3508	Osvaldo Rezende	Central
XXXXXX Produtos Agropecuários	Av. Marcos Freitas Costa, 666	Osvaldo Rezende	Central
Demefertil Produtos Agropécuarios	Av. Floriano Peixoto, 3828	Umuarama	Leste
Galpão Agropecuário LTDA	Av. João Pinheiro, 3766	Umuarama	Leste
Ibiporã Defensivos Agrícolas LTDA	R. Javari, 197	Lídice	Central
Mercado Agropecuário LTDA	R. Olegário Maciel, 255	Centro	Central
Rural verde LTDA	Av. Marcos Freitas Costa, 1319	Osvaldo Rezende	Central
Suporte agrícola LTDA	R. Rio de Janeiro, 1809	Brasil	Central
Pec Plan Bradesco Inseminação Artificial LTDA	Av. Marciano de Ávila, 1076	Bom Jesus	Central
Agrícola Bandeirantes LTDA	Av. Vasconcelos Costa, 686	Martins	Central
Agro-chuva	Av. Vasconcelos costa, 789	Martins	Central
AS Brasil Cerrado Irrigação LTDA	R. Cruzeiro dos Peixotos, 499	Centro	Central
Brasil Verde	Av. Brasil, 2986	Brasil	Central
Luiz Àvre Gomes	Av. Segismundo Pereira 595	Santa Mônica	Leste
Trigo Sistema de Irrigação LTDA	R. Nivaldo Guerreiro, 650	CDI	Norte
Agrovac Com. Repres e Ser,. LTDA	R. Salvador, 304	Centro	Central
Ecopilano Projetos e Consultoria Ambiental	Av. Rio Branco, 1711	Cazeca	Central
Setc Serviços Técnicos TLTDA	Av. Vasconcelos Costa, 3210	Martins	Central

Laboratório Solo Fértil	Av. Getúlio Vargas, 1976	Tabjaras	Central
Allo Topografia e Projetos LTDA	R. Paz, 221	Morada Da Colina	Sul
Estel Engenharia LTDA	Av. Cesário Alvim, 705	Centro	Central
Maurente Topogrtafia LTDA	R. Antônio de Oliveira Silva 263	Pacamebu	Norte
Mira Agrimessura LTDA	Av. rio Branco 1711	Cazeca	Central
Seta Topografia LTDA	R. Olegario Maciel 1427	Lídice	Central
Técnica Topografia Serviço Técnico Civil LTDA	Av. Cesário Alvim , 818	Centro	Central

Adubos Fertilizantes 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Adubos Paranaíba	Av. Airton Borges silva, 1129	Distrito Industrial	Norte
Agro Fazenda Produtos Agropecuárias	Av. Getúlio Vargas, 3089	Tubalina	Oeste
Agro Nikkey Fertilizantes Mitsui	R. Bolívia 1746	Morumbi	Leste
Agrofronteira Cmercial Agríc. Ltda	R. Carmo Gifoni, 857	Martins	Central
Fertilizantes Heringer S/A	Av. Brasil . 3697	Umuarama	Leste
Adubos Orgânicos Triângulo Ltda	R. José Andraus, 1300	Industrial	Norte
Conexão Rural Ltda	Av. João Naves De Ávila, 4825	Santa Mônica	Leste
	Agrícolas		
Ibiroporã defensivos Agrícolas Ltda	R. Javari, 197	Lidice	Central
Soagro-Soc Agro Pecuária Ltda	Av. Marcos Freitas Costa, 1855	Osvaldo Rezende	Central
Udiagro Comércio e Representações	Av. João Naves de Ávila, 6020	Santa Mônica	Leste
Leite e Corte Comércio e Representações Ltda	Av. Monsehor Eduardo, 611	Bom Jesus	Central
Casa Da Chuva	Av. Vasconcelos Costa, 789	Martins	Central
Irrigotas com Ltda	Av. Segismundo Pereira, 2448	Santa Mônica	Leste
Moeth -Juox p/ Irrigaças Ltda	Av. Segismundo Pereira, 2448	Santa Mônica	Leste
Rain Bird Brasil Ltda	R. Piauí, 740	Nossa Sra das Graças	Norte
Terra Verde	Av. Francisco Galassi, 1478	Morada da Colina	Sul
Pivôfort Sistema de Irrigaças	R. Nivaldo Guerreiro Nunes, 650	Jardim América	Norte
Tj- Tropical Jardibagem	R. do Relojoeiro, 50	Jardim Palmeiras	Oeste
Agrolite Comércio E Serviços	R. Ivaldo Alves Nascimento, 122	Bom Jesus	Central
Defesa leite West XXXXX	Av. Prof. José Inácio Souza, 543	Brasil	Central
Leite & Corte Comércio e Representações Ltda	Av. Monsenhor Eduardo, 611	Bom Jesus	Central
Terraleite Ordenhadeiras XXX	Av. Juscelino Kubistchek, 1312	Dona Zulmira	Oeste

Título: Uberlândia (MG): Venda de tratores, peças e serviços (1997-2007)

- Venda de tratores, peças e serviços: 1997 – 2007 – ÚNICA VARIÁVEL

Tratores 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	
Agrotratores LTDA	R. Espirito santo, 1589	Marta Helena	Norte
Bamaq S/A	Av. Vasconcelos Costa, 599	Martins	Central
Citagro Com. Imp. Tratores Agrícolas	Av. Moacyr Lopes Carvalho, 519	Roosevelt	Norte
Cotril Triângulo LTDA	Av. José Andraus Gassani, 753	Industrial	Norte
Eugênio Lanim Tratores e Implementos	R. Avencas, 20	Cidade Jardim	Sul
Maqnelson LTDA	Av. Paulo Roberto Cunha Santos, 2505	Marta Helena	Norte
Max Tratores	R. Idianopolis, 316	Martins	Central
Paranaíba Comércio LTDA	Av. João Leão, 6021	Tibery	Leste
Rumão Sistema Mercatil LTDA	Av. Paulo Roberto Cunha santos, 2001	Roosevelt	Norte
Sotreo s/A	Av. Vasconcelos Costa, 1646	Martins	Central
Traebel s/A	Av. Vasconcelos Costa, 2293	Martins	Central
Ubertratores LTDA	Av. Minervina Candida Oliveira, 1400	Osvaldo Rezende	Central
Gilberto Freitas Tratores	Av. Raulino Cotta Pacheco, 1325	Martins	Central
MR Peças para Tratores	Av. Juscelino Kubstcheck, 1023	Dona Zulmira	Oeste
Mecânica Tratores	R. Estevão Monteiro 109	Custódio Pereira	Leste
XX Mecânica Nossa Senhora da Guia	Av. Cesário Alvim, 1420	Roosevelt	Norte
Oreintal Peças para Tratores	Av. Marcos Freitas Costa, 897	Osvaldo Rezende	Central
XXX Maria Santos Pereira	R. Nilo Peçanha, 407	Tubalina	Oeste
Cintral Triângulo LTDA	Av. Vasconcelos Costa, 1944	Martins	Central
Casa Virabrequim	Av. Juscelino Kubstchek, 1174	Dona Zulmira	Oeste
Compeças Comércio de Peças ÇTDA	R. São Lourenço, 637	Daniel Fonseca	Central
Dante Peças	Av. Cesário Alvim, 2515	Nossa Senhora Aparecida	Central
Dante Peças	R. Salvador, 1115	Nossa Senhora Aparecida	Central
Magnino Peças LTDA	Av. Engenheiro Diniz	Martins	Central
Prudente trator Triângulo LTDA	Av. Raulino Cotta Pacheco, 1589	Martins	Central
Prudente trator Triângulo LTDA	Av. Professora Minervina Candida de Oliveira, 2081	Osvaldo Rezende	Central

Radiadores São Cristóvão LTDA	Av. Levindo de Souza, 1276	Brasil	Central
Recuperadora Gomes LTDa	Av. Brasil, 3725	Brasil	Central
Rolândia Peças LTDA	Av. Professora Minervina Candida de Oliveira, 2055	Osvaldo Rezende	Central
Schviantoo Usivagem Peças e Equipamentos LTDA	Av. Paulo Roberto Cunha Santos Oliveira, 2031	Marta Helena	Norte
Tckhina Componentes e Serviços Hidráulicos LTDA	Av. Cesário Crosara, 770	P. Roosevelt	Norte
Vedamaq LTDA	R. Engenheiro Azeli, 450	Martins	Central

Tratores 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Oriental Peças p/ Tratores Ltda	Av. Marcos Freitas Costa, 897	Osvaldo Resende	Central
Parreira Agrícola	Av. Prof. Minervinna Cândida de Oliveira, 115	Martins	Centro
RC Tratores E peças e Serviços Ltda	R. Antônio Saltão Almeida, 470	Santa Mônica	Leste
Rodipel Trator Peças Ltda	Av. Prof. Minervinna Cândida Oliveira	Brasil	Central
Romaqui Elupilhadeiras e Máq. Pesadas Ltda	Av. Cesário Alvim. 3975	Brasil	Central
Tratoranto Comércio de Máq. Agrícolas Ltda	Av. Marcos Freitas Costa, 2191	Osvaldo Resende	Central
Vidal Vedações Ltda	Av. Brasil, 3437	Umuarama	Leste
Vedamaq Vedações p/ Máquinas	Av. Vasconcelos Costa, 2191	Martins	Central
Dinâmica Implementos Agrícolas	Av. Amazonas, 1380	Umuarama	Leste
Agro Plant Ltda	Km76 119-30 Br050 s/n	Marta Helena	Norte
Agronunes Produtos Agropecuários	R. Dr. Manoel Thomaz t. Souza, 543	Tocantins	Oeste
Agrorural Produtos Agropecuários	Av. Gétulio Vargas, 4734	Tubalina	Oeste
Biro Biro Produtos Agropecuários	Av. João Pinheiro, 2281	Aparecida	Central
Central Veterinária Ltda	Rod. Anel viário Ayrton Senna Km 130, s/n	CDI	Norte
Porto Rural Produtos Agropec.	Av. Gétulio Vargas, 3257	Tubalina	Oeste
Agro São Jorge Ltda	Av. Gétulio Vargas, 3089	Tubalina	Oeste
Brasifrigo S/A	Av. Aírton Borges Silva, 1128	Distrito Industrial	Norte
Bamaq S/A Badeirantes Máquinas e Equipamentos	R. Bernardo Sayão, 225	Brasil	Central
Brasif Máquinas Agrícolas	Av. Jucelino Kubistscheck, 2415	Dona Zulmira	Oeste
Casa das Moto-Serras Yanmar	Av. Prof. Minervinna Cândida Oliveira, 2270	Osvaldo Resende	Central
Citagro Com Implementos e Tratores Agrícolas Ltda	Av. Moacyr Lopes Carvalho, 519	Bom Jesus	Central
Mil Implementos p/ Transportes Ltda	Av. José Andraus Gassani, 5005	Industrial	Norte

Porete Mossey ltda	R. Salvador, 131	Bom Jesus	Central
Sotreq S/A	Av. Vasconcelos Costa, 1646	Martins	Central
Trobel S/A	Av. Vasconcelos Costa, 2233	Martins	Central
Desmatamento machado Ltda	Av. Araguari, 650	Martins	Central
Th- Tropical Jardinagem e Tratores	R. do Relojoeiro, 50	Jardim das Palmeiras	Oeste
Bonilas Injetoras Triângulo	Av. Cesário Crosara, 1344	Roosevelt	Norte
Bombas Injetoras Wnaderley	Av. Ribeirão Praieira, 190	Nossa Sra das Graças	Norte
Cledson Campos Prestação de Serviços	Av. Mauá, 779	Bom Jesus	Central
Inteagro comercial Ltda	R. dos Trambones, 80	Taiamam	Oeste
Mecânica Gilberto Tratores	Av. Raulino Cotta Pacheco, 1325	Martins	Central
Mecânica de Tratores Gerni	R. Estevão Monteiro, 109	Custódio Pereira	Leste
Recuperças de Conversor- Torneadora Souza	Av. Cesário Alvim. 1045	Centro	Central
Rodabta Máquinas Peças e Serviços Ltda	Av. Prof. Minervina Cândida Oliveira, 5650	Minas Gerais	Norte
Tratormáquinas	R. Dr. Jair Vieira Mota, 154	Osavldo Rezende	Central

Título: Uberlândia (MG): Agências de turismo (1997-2007)

- agência de turismo: 1997 – 2007

AGÊNCIAS DE TURISMO 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
A Transcolar Ltda	R. Varginha, 1865	Tabajaras	Central
Agencia de Viagens Tila Turismo	R. Duque de Caxias, 626	Centro	Central
American Tur Turismo Ltda	R. Dr. L A Waack, 200	Marta Helena	Norte
Argus Viagens e Turismo Ltda	R. Duque de Caxias, 477	Centro	Central
Asa Turismo	R. Prof. P. Bernardo, 186	Centro	Central
Dinâmica Turismo	R. José Andraus, 1300	Centro	Central
Edneia Mitiko Goh	R. Goiás, 594	Centro	Central
Empresa Claytur Transportes Ltda	Av. José Fonseca Silva, 220	Jardim Patrícia	Oeste
Princesa do Triangulo Turística	Av. Cabanadas, 1310	Marta Helena	Norte
Fisk-Inglês-Espanhol – Viagens e Cursos no Exterior	Av. Getulio Vargas, 955	Fundinho	Central
Fly Center	Av. Cipriano Del Fávero, 370	Centro	Central
Fly Center	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
Ibrain Turismo Ltda	Av. Cesário Alvim, 3509	Brasil	Central
Jacy Alves Pimenta	Av. Cipriano Del Fávero, 617	Centro	Central
Jeovahtur Excurções e Turismo	Av. M. F. Costa, s/n	Osvaldo Rezende	Central
Magnus Turismo	R. Prof. Pedro Bernardo, 149	Centro	Central
Manoel Humberto Rodrigues Cunha	Av. Floriano Peixoto, 182	Centro	Central
Mar e Sol Turismo Ltda	R. Pombas, 530	Jardim Palmeiras	Sul
Meridianos Agencias Viagens Turismo Ltda	Av. Floriano Peixoto, 182	Centro	Central
Moacir Marques Prado	R. Santos Dumont, 517	Centro	Central
MTS Viagens e Turismo	R. Tenente Virmondes, 323	Centro	Central
Pousada do Rio Quente	Pç Tubal Vilela, 30	Centro	Central
Pratur Turismo	R. Eduardo Oliveira, 697	Lidice	Central
Princesa do Triangulo Turística Ltda	R. Gumercindo Silva, 637	Minas Gerais	Norte
Rodo Leve Transp Turismo Ltda	R. Carrijos, 421		
Scorpion Viagens Turismo Ltda	Av. João Naves de Ávila, 631	Centro	Central
Seneval Nascimento Sousa	Av. João Naves Ávila, 1331	Tibery	Leste

SGTUR Viagens e Turismo	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central
Stephanie Turismo	R. Melo Viana, 30	Osvaldo Rezende	Central
Tavers Empreendimentos Turismo Ltda	Rod. Anel Viário	Industrial	Norte
Tchau Tchau Turismo Ltda	Av. Mato Grosso, 888	Nossa Sº Aparecida	Central
Tila Agencia Viagens Turismo	R. Duque de Caxias, 626	Centro	Central
Transcaribe Brasil Transporte e Turismo	R. S. R. Silveira, 127	Industrial	Norte
Transporte de Passageiros e Funcionários	Av. Fernando Vilela, 402	Martins	Central
Travelltur Viagens e Turismo	Av. Cipriano del Fávero, 617	Centro	Central
Turiskente Turismo Ltda	Pç. Tubal Vilela	Centro	Central
Turiskente Turismo Ltda	Av. Segismundo Pereira, 673	Santa Mônica	Leste
Turislândia Ltda	Av. Coronel Antonio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Uberturismo	R. Santos Dumont, 517	Centro	Central
Valdete Miranda Souza Silva	R. J. M. Nascimento, 653	Bom Jesus	Central
Viação Rosa de Saron	R. Flamboyant, 236	Cidade Jardim	Sul

AGÊNCIAS DE TURISMO 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Agencia STB Viagens	R. Bernardo Guimarães, 29	Centro	Centro
Agencia STB Viagens	R Rafael Marino Neto, 600	Jardin Karaiba	Sul
Agencia de Viagens Lual Turismo	Av João Naves de Ávila, 1730	Santa Mônica	Leste
Aguiar Turismo LTDA	R. Felisberto Carrejo, 203	Fundinho	Central
Aliança Turismo	R. Cambuquira, 84	Osvaldo Rezende	Central
Atalanta Viagens e Turismo	R. Machado de Assis, 709	Centro	Central
Aventur Viagens – Transporte em Vans	Av. dos Municípios, 40	Patrimônio	Sul
BRA Transporte aéreo LTDA	Av. Cipriano del Fávero, 370	Centro	Central
Casa do Turismo	Av. Cesário Alvim, 253	Centro	Central
CI- Central de Intercâmbio	Av. Rio Branco, 156	Centro	Central
Cortes Viagens e Turismo	R. João Furlaneto, 6	Santa Mônica	Leste
CVC	R. Quintino Bocaiúva, 269	Centro	Central
EF-Cursos de Idiomas no Exterior e Intercambio Cultural	R. Monte Castelo, 15	Tabajaras	Central
EL-Shaday Turismo Fretamento e Excursões	Av. Elpídio Aristides Freitas, 1095	P. Roosevelt	Norte
Empresa Trindades Turismo	Av Platina s/n	Dona Zulmira	Oeste
Ênio Uditur	R. Ceres, 1310	Minas Gerais	Norte
Itiquira Turismo Limitada	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central

La Nave Turismo	Av Rondon Pacheco, 1351	Aparecida	Central
La Nave Turismo	Av. Getulio Vargas, 995	Centro	Central
Lisboa Turismo	R. Jacarepaguá, 121	Tubalina	Central
Magnus Turismo	R. Prof. Pedro Bernardo, 149	Centro	Central
Mercado do Turismo	Av. Cipriano del Fávero, 596	Centro	Central
Meridiano's Turismo	Av. Floriano Peixoto, 182	Centro	Central
Nacional Expresso	Av Afonso Pena, 3774	Brasil	Central
P Trans Turismo	Av Atlântica, 595	P. Roosevelt	Norte
PNX Travel	Av. Cipriano del Fávero, 370	Centro	Central
Pousada do Rio Quente	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Pradustur	Av. Espanha, 1545	Tibery	Leste
Rio Quente Ponto Com	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Santostur	R. Cel. Antonio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Sem Fronteiras Turismo	Av. Cesário Alvim, 1204	Brasil	Central
SGTUR – Viagens e Turismo	R. Vigário Dantas, 401	Fundinho	Central
Stilotur	Av. Teresina, 625	Brasil	Central
Terra do Sol Viagens e Turismo	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Tila Turismo	R. Duque de Caxias, 626	Centro	Central
TM Turismo Fretamentos e Viagens	R. Ceará, 1827	Umuarama	Leste
Trade Turismo	Av. Belo Horizonte, 276	Martins	Central
Transportação Turismo	Av. Belo Horizonte, 397	Martins	Central
Travelltur Viagens e turismo	Av. Cipriano Del Fávero, 617	Centro	Central
Turislândia	R. Cel Antonio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Uberlândiatur Cambio e Turismo	R. Coronel Antonio Alves, 400	Centro	Central
Uberturismo	R. Santos Dumont, 517	Centro	Central

Título: Uberlândia (MG): Empresas de organização de eventos (1997-2007)

- empresas de organização de eventos: 1997 – 2007

ORGANIZAÇÕES DE FESTAS 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Big Festas Comércio Repr Bebidas Ltda	R. Atenas, 521	Tibery	Leste
Buffet Requinte	Av. Brasil, 3590	Brasil	Central
Cristal Vídeo e Foto	Av. Floriano Peixoto, 615	Centro	Central
Festas – Realce Festas	R. Monte Alegre, 642	Aparecida	Central
Flor e Festa	Av. Vasconcellos Costa, 2222	Martins	Central
Garçons para Festas	R. São Paulo, 853	Brasil	Central
Gardens Festas	Av. Dr. Arnaldo Godoy Souza, 2085	Tibery	Leste
Lasmar Festas Ltda	Av. Rio Branco, 1046	Cazeca	Central
Luciana D. J. D. M. Costa	R. Tabajaras, 668	Saraiva	Sul
Pierrô Festas	R. Júpiter, 460	Jd. Brasília	Norte
Piui Festas e Eventos	R. Rafael Rinaldi, 805	Osvaldo Rezende	Central
Rodrigo Festas e Decorações	Av. Afonso Pena, 3538	Umuarama	Leste
Unifestas	R. Niterói, 1141	Tibery	Leste

ORGANIZAÇÕES DE FESTAS 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Acrópole	R. José Rezende, 4090	Custodio Pereira	**Leste**
Alemão Buffet e Cia	Av. Doutor Jaime Ribeiro Luz, 2346	Custodio Pereira	Leste
Algodão Doce Buffet Infantil	Av. Rondon Pacheco, 3758	Cazeca	Central
Aliança Festa Buffet e Decorações	Av. Cesário Crosara, 4315	Roosevelt	Norte
Ana Carolina Buffet Infantil e Eventos	R. Itumbiara, 801	Aparecida	Central
Bala e Balão Buffet Infantil e Eventos	Av. Francisco Galassi, 1500	Patrimônio	Sul
Betão Festa Infantil e Empresarial	R. Duque de Caxias, 862	Centro	Central
Boomerang Aluguel de Brinquedos e Buffet Infantil LTDA	R. Duque de Caxias, 953	Centro	Central
Buffet Graciete Festas	R Alcides Lourenço Rocha, 20	Morada da Colina	Sul

Buffet Infantil Gato Xadrez	Pç Sebastião José Naves, 26	Patrimônio	Sul
Buffet RC Festas e CIA	R. Maria Dirce Ribeiro, 548	Santa Mônica	Leste
Camilla Organização de Eventos	R. Emília Rosa Silva, 190	P. Roosevelt	Norte
Castelli Agência de Formatura	Av. Nicomedes Alves Santos, 6000	Fundinho	Central
Eldorados Eventos Decorações e Buffet	Av. Uirapuru, 105	Tubalina	Sul
Fino Trato-Cerimonial e organização de Eventos	R. Arlindo Gomes Rodrigues, s/n	Santa Mônica	Leste
Flash Festas	Av. João Bernardes Souza, 409	P. Roosevelt	Norte
Gruta Festas Eventos e Buffet	Al Raul Petronilho Pádua, 40	Granada	Sul
Gulodice Saldados para Festa	R. Péricles Vieira Motta, 1075	Santa Mônica	Leste
Help Disco Show	Pç João Jorge Cury, 48	P. Roosevelt	Norte
Inácios's Festas e Eventos	Av. José Paes Almeida, 631	Santa Mônica	Leste
Le'arte Buffet	R. Rafael Marino Neto, 110	Jd. Karaíba	Sul
Leonardo Cerimonial e Assessoria	R. Niterói, 304	Aparecida	Central
Maison Sampaio	Av Silvio Rugani, 10	Tubalina	Sul
Marly Festas	R. Varginha, 170	Daniel Fonseca	Central
Nunes Pacheco Cerimonial e Assessoria	Av Amazonas, 1190	Brasil	Central
Organiza-Organização e Assessoria de Eventos	R Eduardo Oliveira, 625	Lídice	Central
Palácio de Marfim Salão	Av. Imbaúbas, 1955	Planalto	Oeste
RD Central de Eventos-Palácio de Cristal	Av. Lidormira Borges Nascimento, 2005	Shopping Park	Sul
Salão de Festas do Gilmar e Decorações	R. Montreal, 1025	Tibery	Leste
Simone Zanatta	Av Segismundo Pereira, 2404	Santa Mônica	Leste
Thrama Promoção e Eventos	Av. Francisco Ribeiro, 2226	Segismundo Pereira	Leste
Center Convetion		Tibery	Leste

Título: Uberlândia (MG): Imobiliárias (1997-2007)

- imobiliárias: 1997 – 2007

IMOBILIÁRIAS 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
A Aabril Imóveis Ltda	Pç Tubal Vilela, 128	Centro	Central
Ahj Empreendimentos Imobiliários	R. Carioca, 168	Morada da Colina	Sul
Aldemar Silva Melo	R. Dq de Caxias, 450	Centro	Central
Alfa Imóveis	Av. Afonso Pena, 1505	Nossa Sº Aparecida	Central
América Imóveis	Av. João Pinheiro, 767	Centro	Central
Angra Empreendimentos Ltda	R. Cel. Antonio Alves Pereira, 189	Centro	Central
Arca Imóveis	Av. Afonso Pena, 1295	N. S. Aparecida	Central
Arco Íris Imóveis	R. Eucaliptos, 485	Cidade Jardim	Sul
Associação Central Corretores	R. Pereiras, 452	Centro	Central
Azevedo Imóveis	R. O. C. Oliveira, 266	Roosevelt	Norte
Bonanza Empreendimentos	Av. Monsenhor Eduardo, 963	N. S. Aparecida	Central
C e A Imóveis	R. Javari, 391	Lidice	Central
C R Sabbag Empreend Ltda	R. Cel. Antonio Alves Pereira, 282	Centro	Central
Carfepe S/A Adma Participadora	Av. Getulio Vargas, 3715	Tubalina	Sul
Castela Consultoria Imóveis Ltda	Av. João Pinheiro, 144	Centro	Central
C C I Corretora de Imóveis	R. dos Pereiras, 452	Lidice	Central
Center Imóveis	R. Timbiras, 630	Vigilato Pereira	Sul
Centralvale Central Imob Vale	Av. Fernando Vilela, 422	Martins	Central
Cidade Jardim Soc Imob Vale	Av. João Pinheiro, 3323	Brasil	Central
City Campo Empreendimento Imobiliário Ltda	R. Cel. Antonio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Cityval Consultoria Imóveis	Av. Rio Branco, 557	Centro	Central
Consultoria e Vendas Oliveira Costa	R. Cel. Antonio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Delta Administração e Participação Ltda	R. Agenor Paes, 60	Centro	Central
Delta Imóveis	R. Quinze de Novembro, 464	Fundinho	Central
Delta Imóveis	Av. João Naves de Ávila, 244	Centro	Central
Delta Imóveis	R. Rafael Rinaldi, 1173	Osvaldo Rezende	Central
Disk Imóveis	R. Vinte e Nove de Outubro, 583	Patrimônio	Sul
Emplac Imóveis Ltda	R. Barão de Camargos, 170	Lidice	Central
Empreendimentos Imobiliários Canaã Ltda	R. Machado de Assis, 501	Centro	Central

Empreendimentos Imobiliários Santos Ltda	R. Goiás, 112	Centro	Central
Empresa Novo Horizonte	R. Padre Pio, 527	Osvaldo Rezende	Central
Equipe Empreendimentos Imobiliários Ltda	R. Santa Vitória, 25	Tabajaras	Central
Eudes Imóveis Ltda	Av. Cesário Alvim, 2003	Brasil	Central
Evaldo Vilela Ribeiro	Av. Floriano Peixoto, 386	Centro	Central
Exata Imóveis	Av. Floriano Peixoto, 97	Centro	Central
Executiva Consultoria Imóveis	R. Artur Bernardes, 37	Martins	Central
F. Moutran Empreend Participação	Av. Floriano Peixoto, 1171	Central	Central
F. Moutran Empreend Participação	R. Monte Alegre, 120	N. S. Aparecida	Central
Fama Consultoria	R. Cruzeiro dos Peixotos, 201	Centro	Central
Fiança Imóveis Ltda	Av. João Naves de Ávila, 582	Central	Central
Gávea Empreendimentos S/A	Av. Rio Branco, 198	Centro	Central
H L Consultoria Imóveis Ltda	R. Olegário Maciel, 252	Centro	Central
Habitual Imóveis	R. Olegário Maciel, 405	Centro	Central
Ideal Consultoria Imóveis Ltda	R. Bernardo Cupertino, 1495	Osvaldo Rezende	Central
Imobiliária – AHJ Empreendimentos Imobiliários	R. Carioca, 170	Morada da Colina	Sul
Imobiliária Alugar	Av. Getulio Vargas, 841	Tabajaras	Central
Imobiliária Bandeirantes	Av. Cipriano del Fávero, 447	Centro	Central
Imobiliária Brasil S/A	Av. João Pinheiro, 655	Centro	Central
Imobiliária Caixeta Ltda	R. P J Samora, 353	Santa Mônica	Leste
Imobiliária Casa Grande	R. Dom Barreto, 37	Fundinho	Central
Imobiliária Castela	Av. João Pinheiro, 1444	Centro	Central
Imobiliária Eurípides Mamede	R. Sete de Setembro, 48	Pacaembu	Norte
Imobiliária Fonseca Ilimitada	R. M. D. Dias, 320	Santa Mônica	Leste
Imobiliária Ipanema Ltda	R. Antonio Crescêncio, 823	N. S. da Aparecida	Centro
Imobiliária Jardim América Ltda	R. Nossa Senhora do Carmo, s/n		Norte
Imobiliária J R	Av. Afonso Pena, 2451	N. S. da Aparecida	Central
Imobiliária Nossa Senhora das Graças	Av. Antonio Tomaz F. Rezende, 796	Nossa Senhora das Graças	Norte
Imobiliária Pinheiros	Av. João Pinheiro, 923	Centro	Central
Imobiliária Rio Branco	Av. Seme Simão, 684	São Jorge	Sul
Imobiliária Rotina	Av. Afonso Pena, 1535	Centro	Central
Imobiliária Terra Firme	Av. Belo Horizonte, 207	Martins	Central
Imobiliária Terra Santa	Av. José Fonseca Silva, 928	Jd. Patrícia	Oeste
Imobiliária Tibery Ltda	Av. Cesário Alvim, 388	Centro	Central

Imobiliária Triângulo	R. Antonio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Imobiliária Uberval	R. Goiás, 206	Centro	Central
Imobiliária Universal	R. Prof. Pedro Bernardo, 232	Martins	Central
Jardins Empreedimentos Imobiliários	R. Camomilas, 255	Cidade Jardim	Sul
Jardins Empreedimentos Imobiliários	R. Eucaliptos, 459	Cidade Jardim	Sul
Jvg Imóveis	Av. Monsenhor Eduardo, 963	Bom Jesus	Central
Laerte Imóveis	R. A S Rezende, 757	Santa Mônica	Leste
Logos Prestação de Serviço	Av. João Pinheiro, 465	Centro	Central
Martins Negócios Imobiliários	Pç. Prof. R. Andraus, 80		Central
Mercadanta Imóveis	Av. Cesário Alvim, 818	Centro	Central
Meta Empreendimentos e Participações	R. Coronel Antonio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Metro Imobiliária Serviços	R. Santos Dumont, 161	Centro	Central
Minas Assessoria Imob Ltda	Av. Araguari, 812	Martins	Central
Minas Moya Ltda	R. Padre Américo Ceppi, 411	Brasil	Central
Modulo Imóveis Ltda	Av. Getulio Vargas, 868	Tabajaras	Central
Moeda Imóveis Ltda	R. Santos Dumond, 414	Centro	Central
Multi Consultoria Ltda	R. Quinze de Novembro, 446	Fundinho	Central
Multi Consultoria de Imóveis	R. Machado de Assis, 206	Centro	Central
Multi Consultoria de Imóveis	R. Roosevelt de Oliveira, 288	Centro	Central
Mundial Empreedimentos	R. Francisco Sales, 872	Osvaldo Rezende	Central
Noé Imóveis	R. Cambuquira, 148	Osvaldo Rezende	Central
Paula Tavares Empreend Ltda	Av. Afonso Pena, 252	Centro	Central
Paulo Campos Imóveis	Av. João Pinheiro, 337	Centro	Central
Pedro Nazareth Barbosa	R. Tabajara, 886	Saraiva	Sul
Piu Empreend Imob Ltda	R. Paz, 330	Morada da Colina	Sul
R F Empreend Imob Ltda	Av. Rio Branco, 86	Centro	Central
R. G. Empreendimentos Imobiliários	R. Cel Antonio Alves Pereira, 745	Centro	Central
Racional Consultoria Assessoria Ltda	R. Buriti alegre, 959	N. S. Aparecida	Central
Rossi Residencial Ltda	Av. Municípios, 755	Patrimônio	Sul
Rossi Residencial Ltda	Av. Nicomedes A. Santos, 489	Lidice	Central
Rotina Administração	Av. Afonso Pena, 1535	Centro	Central
S e S Consultoria imóveis Ltda	Av. Cipriano del Fávero, 9	Fundinho	Central
Santa Mônica Empreend Ltda	R. Fartura, 1366	Minas Gerais	Norte
Santana Imóveis	R. Goiás, 268	Centro	Central
Santana Imóveis	Av. Getulio Vargas, 3247	Tubalina	Sul

Solar Empreendimentos Imobiliários Ltda	Av. R. C. Pacheco, 262	Martins	Central
Telhado Assessoria Imob Ltda	R. Rivalino Pereira, 325	Martins	Central
Tizzo Empreendimentos Imob Ltda	R. Goiás, 517	Centro	Central
Tocantins Empreendimentos Imobiliários	R. Bernardo Cupertino, 858	Osvaldo Rezende	Central
Tradição Administração Imóveis	Av. Vasconcelos Costa, 310	Centro	Central
Triângulo Imóveis	R. Cruzeiro dos Peixotos, 757	Centro	Central
Tva Empreendimentos Imob Ltda	Av. Cesário Alvim, 1681	Centro	Central
Uber Imóveis	Av. João Pinheiro, 1678	Centro	Central
Universal Imóveis	R. Prof. Pedro Bernardo, 232	Centro	Central
Urbanizadora Segismundo Pereira	R. Eduardo Barros, 45	Saraiva	Sul
Werlang Paes Leme Ltda	Av. Ciprino del Fávero, 447	Centro	Central
3m Administradora Imóveis	R. Agenor Paes, 414	Centro	Central

IMOBILIÁRIAS 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Alexandre Imóveis	Av. Raulino Cotta Pacheco, 381	Martins	Central
Aliança Imóveis	R. Silva Jardim, 252	Fundinho	Central
Arantes Imóveis	Av. Belarmino Cotta Pacheco, 488	Santa Mônica	Leste
Azevedo Imóveis	R. Ordália Carneiro Oliveira, 266	P. Roosevelt	Norte
C A Ludovino Imóveis	R. dos Bacuris, 380	Planalto	Oeste
Capital Imobiliária	Av. João Naves de Ávila, 39	Centro	Central
Cityval Imobiliária	Av. Rio Branco, 557	Centro	Central
Copacabana Imóveis	R. Leblon, 50	Patrimônio	Sul
Delta Imóveis	Av. João Naves de Ávila, 257	Cazeca	Central
Executiva Consultoria de Imóveis	Av. Getulio Vargas, 1328	Tabajara	Central
F e J Imóveis	Av. Afonso Pena, 1815	Brasil	Central
Fabrício Consultoria de Imóveis	Av. Ana Godoy Souza, 58	Santa Mônica	Leste
Firma Imóveis -Negócios Imobiliários	R. Tobias Inácio, 151	Lidice	Central
Gama Consultoria de Imóveis	Av. Rondon Pacheco, 3649	Cazeca	Central
Global	Av. Engenheiro Diniz, 595	Martins	Central
GM – Negócios Imobiliários	R. Alexandre Márquez, 1974	Martins	Central
H e L Consultoria de Imóveis LTDA	R. Goiás, 512	Centro	Central
Habitual Imóveis	R. Olegário Maciel, 405	Centro	Central
Imobiliária City Campo	R. Coronel Antonio Alves Pereira, 400	Centro	Central
Imobiliária Jardim América	Av. Cleanto Vieira Gonçalves, 792	Pacaembu	Norte

Imobiliária José Alves	Av. Belarmino Cotta Pacheco, 2505	Martins	Central
Imobiliária Metropolitana	Av. Getulio Vargas, 275	Centro	Central
Imobiliária Santa Cecília	Av. Continental, 170	Laranjeiras	Sul
Imobiliária Solo Rico	Av. José Fonseca Silva, 1120	Jd. Patrícia	Oeste
Imobiliária Tubal Vilela	Av. Getulio Vargas, 869	Centro	Central
Imobiliária Uberval	R. Goiás, 206	Centro	Central
Ipanema Consultoria de imóveis	Av. Afonso Pena, 1219	Centro	Central
Ivan Negócios Imobiliários	R. Artur Bernardes, 352	Martins	Central
JP Consultoria de Imóveis LTDA	Av. Cesário Alvim, 3125	Brasil	Central
Julita Imóveis	Av. Doutor Enodes Oliveira, 1091	Morumbi	Leste
Kel Empreendimentos Imobiliários	R. da Carioca, 170	Morada da Colina	Sul
Leida Imóveis	Av. dos Municípios, 35	Patrimônio	Sul
Leonardo Araújo Investimentos Imobiliários	R. Barão Camargos, 613	Lidice	Central
Líder Negócio Imobiliários	Av. João Naves de Ávila, 225	Cazeca	Central
Mediadora de Imóveis	Av. Paes Leme, 575	Martins	Central
Mega Consultoria de Imóveis	R. Professor Ciro Castro Almeida, 1270	Segis. Pereira	Leste
Meta Imóveis	R. Mario Rezende Ribeiro, 50	Cazeca	Central
Modulo Imóveis	Av. João Pinheiro, 573	Centro	Central
MR Empreendimentos imobiliários	Av. Belo Horizonte, 433	Martins	Central
Multi Imobiliária	Av. Cipriano del Fávero, 416	Centro	Central
Negócios e Negócios	R. Princesa Isabel, 269	Fundinho	Central
Objetiva Imóveis	Av. Cesário Alvim, 1108	Centro	Central
Paulo Campo Imóveis	Av. Fernando Vilela, 152	Martins	Central
Pilar Imoveis	Av. João Naves de Ávila, 426	Cazeca	Central
RC Empreendimento e Participações LTDA	R. Santos Dumont, 562	Centro	Central
Real Imobiliária e Despachante	Av José Fonseca Silva, 432	Luizote de Freitas	Oeste
Realiza Construtora LTDA	R. Rio Grande do Sul, 908	Brasil	Central
Regional Negócios Imobiliários	Av. Seme Simão, 1533	Granada	Sul
Requinte Imóveis	Av. João Pinheiro, 2538	Brasil	Central
Rotina Imobiliária	Av. Afonso Pena, 1533	Aparecida	Central
Senha Imóveis	Av. João Naves de Ávila, 2575	Lagoinha	Sul
Terra Nova Imobiliária	R. Princesa Isabel, 437	Fundinho	Central
Urbi Imóveis	Pça Clarimundo Carneiro, 209	Centro	Central
Valcides José da Cunha	R. Philomena Borges Barcelos, 46	Jd. Ipanema	Leste
Viga Acessória e Venda de Imóveis	Av. Rondon Pacheco, 1344	Cazeca	Central

Título: Uberlândia (MG): Empresas associadas à UNEDI (2007)

- Esse mapa é somente para o ano de 2007

EMPRESAS DO DISTRITO INDUSTRIAL 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Abc Inco S.A	Av. José Andraus Gassani, 2464	Distrito Industrial	Norte
América Seg	Av. Setembrino Rodrigues, 147	Distrito Industrial	Norte
Araguaia Engenharia Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 5.555	Distrito Industrial	Norte
Arc - Engenharia e Tecnologia Ltda	R. Curitiba, 1.127	Brasil	Central
Automation Instrumentação e Controle	Rua da Amora, 301	Pacaembu	Norte
Bom Jesus Materiais p/ Construção Ltda.	Av. Espanha, 277	Tibery	Leste
Branneve Indústria e Comércio Ltda.	Rua Victor Rodrgues Rezende, 401	Distrito Industrial	Norte
Brasil Central Implementos Rodoviários e Transporte Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 6265	Distrito Industrial	Norte
Braspelco Indústria e Comércio Ltda.	Rua Décio Spirandelli de Carvalho, 205	Distrito Industrial	Norte
Bravo Indústria e Comércio de Móveis S. A.	Rua Giuseppe Urani, 111	Distrito Industrial	Norte
Cargill Agrícola S/A	Rua Will Cargill, 880	Distrito Industrial	Norte
Castelli Hall	Av. Lidormira Borges do Nascimento, 6000	Shop. Park.	Sul
Cemig - Cia Energética de Minas Gerais	Av. Coronel José T. Carneiro, 2.777	Distrito Industrial	Norte
Cerâmica Nascimento Indústria Comércio Ltda	Av. Airton Borges da Silva, 1029	Distrito Industrial	Norte
Conel construtora Ltda.	Av. Rio Branco, 1.281	Cazeca	Centro
Conspizza Hidrossemeadura Ltda.	Rua Setembrino Rodrigues Silveira,120	Distrito Industrial	Norte
Cotton Tecnologia de Sementes S/A	Rua Victor Rodrigues Resende, 500	Distrito Industrial	Norte
CVRD - Mineração Andirá	Rua República do Piratini, 1145	Distrito Industrial	Norte
Daiwa do Brasil Têxtil Ltda	Av. Jose Andraus Gassani, 2.215	Distrito Industrial	Norte
Ecológica Locação e Serviços Ltda.	Rua Valdi Borges de Castilho, 141	Distrito Industrial	Norte
Engeset - Engenharia e Serviços de Telemática S/A.	Av. José Andraus Gassani, 4.901	Distrito Industrial	Norte
F. Filhos Indústria e Comércio Ltda	R. Angelo Pizzato, 301	Distrito Industrial	Norte
Facchini - Triângulo Impl. Ltda	Av. José Andraus Gassani, 4740	Distrito Industrial	Norte
Ferramentaria do Triângulo	Rua Setembrino Rodrigues, 117	Distrito Industrial	Norte
Fertivel Indústrias de Fertilizantes Ltda	Rua Will Cargill, 183	Distrito Industrial	Norte
Flanelin - Brasil Estopas e Resíduos Ltda	Av. José Andraus Gassani 503	Distrito Industrial	Norte
Fundilândia Fundição Uberlândia Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 7895	Distrito Industrial	Norte

Global Transportes Com. e Rep. Ltda	Av. José Andraus Gassani, 2.895	Distrito Industrial	Norte
Guindastes Triângulo Ltda.	Rua Nivaldo Guerreiro Nunes, 581	Distrito Industrial	Norte
Hamilton Magalhães Advogados e Associados	Av. Afonso Pena, 2.590	Brasil	Centro
Icatril - Ind. de Café do Triângulo Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 6000	Distrito Industrial	Norte
Indusat Ind. Com. Ltda	R. Setembrino Rodrigues Silveira, 100	Distrito Industrial	Norte
J.C. Rações e Insumos Siderúrgicos Ltda	Av. Antônio Thomaz F. de Rezende, 4.867	Distrito Industrial	Norte
JB Entulho	R. 20, 221	Distrito Industrial	Norte
K / Brasil Embalagens Ltda.	Rua Will Cargill, 1.001	Distrito Industrial	Norte
L & C Logística e Transportes Ltda.	Rua Nivaldo Guerreiro Nunes, 980	Distrito Industrial	Norte
L M Indústria e Comércio Importação e Exportação Ltda.	Rua Nivaldo Gerreiro Nunes, 240	Distrito Industrial	Norte
LEP - Limpeza e Conservação	Praça Lincoln, 99	P. Roosevelt	Norte
Luzforte - Eletrometalúrgica Ltda.	Rua Setembrino Rodrigues Silveira, 3.860	Distrito Industrial	Norte
M Brasil Artes Objetos Ltda.	Rua João Bernardes de Souza, 429	Roosevelt	Norte
Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A	Av. José Andraus Gassani, 5.400	Distrito Industrial	Norte
MDM - Maeda Deltapine Monsanto Algodão Ltda	Rua Victor Rodrigues Rezende, 450	Distrito Industrial	Norte
Mil Implementos P/ Transporte Ltda	Av. José Andraus Gassani, 5005	Distrito Industrial	Norte
Mira OTM Transportes Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 4.870	Distrito Industrial	Norte
Nogueira Truck Service	Rua República do Piratini, 589	Marta Helena	Norte
Paranaiba Fertilizantes Indústria e Comércio Ltda.	Av. Airton Borges da Silva, 1.129	Distrito Industrial	Norte
Peixoto Comércio e Importação Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 6.000	Distrito Industrial	Norte
Plastro do Brasil S/A.	Rua Lineu Anterino Marinho, 255	Distrito Industrial	Norte
Pneus Uberlândia	Av. José Andraus Gassani, 7915	Distrito Industrial	Norte
Premoldar Indústria e Comércio de Premoldados Ltda	Km 145	Alvorada	Leste
Produtos Erlan Ltda	BR 452, Anel Viário KM 123-460	----------	Sul
RB Equipamentos de Segurança.	Av. José Andraus Gassani, 5685	Distrito Industrial	Norte
Recap Locações de Bens Móveis Ltda	Rua Jorge Martins Pinto, 15	Santa Mônica	Leste
Recycleaner Logística Integrada de Resíduos Industriais	Av. Arnaldo Contursi, 1376	Marta Helena	Norte
Representa Indústria Comércio Importação e Exportação Ltda	Rua Nivaldo Guerreiro Nunes, 831	Distrito Industrial	Norte

Sabe - S/A Brasileira de Empreendimentos	Av. José Andraus Gassani, 4.555	Distrito Industrial	Norte
Sacopel Indústria e Comércio de Embalagens Ltda.	Rua Licério Pinheiro de Paula, 175	Distrito Industrial	Norte
Sadia S.A	Av. Cel J.T. Carneiro, 1.001	Jardim Brasília	Norte
Sansil Indústria Têxtil Ltda.	Av. Ignêz Favato, 363	Distrito Industrial	Norte
Skid Alimentos Ltda	Av. Antônio Thomaz F. de Rezende, 4.847	Distrito Industrial	Norte
Souza Cruz S/A	Av. José Andraus Gassani, 5.464	Distrito Industrial	Norte
Space Tecnologia em Serviços Ltda.	Rua Quintino Bocaiúva, 428	Centro	Centro
Start Quimica	Av. Airton Borges da Silva, 2445	Distrito Industrial	Norte
Sun Produtos Químicos Ltda	Rua Victor Rodrigues Resende, 90	Distrito Industrial	Norte
Tecsteel Construções Metálicas Ltda.	Rua Victor Rodrigues Rezende, 671	Distrito Industrial	Norte
Transportadora Cortês Ltda	Av. Airton Borges da Silva, 1529	Distrito Industrial	Norte
Triagro Ltda.	Rua Victor Rodrigues Resende, 500	Distrito Industrial	Norte
Uberzem - Armazéns Gerais Uberlândia Ltda	Av. Airton Borges da Silva, 2.445	Distrito Industrial	Norte
Udiforte Ind e Com Ltda	Av. Antonio T. Ferreira Rezende, 4.296	Distrito Industrial	Norte
União Comércio Importação e Exportação Ltda	Rua Afonso Egydio de Souza, 540-A	Distrito Industrial	Norte
Vitral Vidros Planos Ltda	Av. José Andraus Gassani, 4.775	Distrito Industrial	Norte
Vulcaflex Indústria e Comércio Ltda	Rua Afonso Egydio de Souza, 540	Distrito Industrial	Norte
Zardo Formulários Ltda.	Rua Ignêz Favato, 302	Distrito Industrial	Norte

Título: Uberlândia (MG): Transporte de Pessoas e Cargas (1997-2007)

- Transporte de pessoas e cargas: 1997 – 2007

TRANSPORTES CARGA E PESSOAS - 1997			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Compescal Transportes	R. Nicarágua, 1365	Tibery	Leste
Entregadora Fast Way	R. Martinésia, 148	Centro	Central
Eric Transportes Ltda	Av. João Pinheiro, 3805	Brasil	Central
Expresso Passos Ltda	R. Ceará, 2229	Nossa Senhora Graças	Norte
Expresso Transamérica Ltda	Av. J. A. Gassani, 5195	Industrial	Norte
Ferreira Nascimento Transp	Av. Raulino Cota Pacheco, 1589	Martins	Central
Itd Transportes Ltda	R. Paris, 1455	Tibery	Leste
Itn Transportes Com Ltda	Av. Professor J. I. Souza, 1196	Brasil	Central
Ivan Pereira Rodrigues Cunha	Av. João Naves de Ávila, 7066	Santa Luzia	Leste
J N V Transportes Com Repr Ltda	Av. A. B. Silva, 2529	Buriti	Sul
Jacob Alberto Kuhn	R. Paris, 665	Tibery	Leste
Luiz Carlos Ratelli	R. Eng Azeli, 1394	Osvaldo Rezende	Central
Real Expresso	BR – 050, 5920	Umuarama	Leste
Rodoextra Ltda	R. Paris, 665	Tibery	Leste
Rodoextra Ltda	Av. Inglaterra, 701	Tibery	Leste
Rodonaves Transportes Encomendas Ltda	Av. Afonso Pena, 3308	Brasil	Central
Rodoviário União Ltda	Av. Cesário Alvim, 4422	Brasil	Central
Transimo Transporte Com Ltda	Av. A. T. F. Rezende, 2050	Nossa Senhora Graças	Norte
Transportadora Brasil Central	Av. Ciganos do Brasil, 39	Brasil	
Transportes Estrada ltda	R. Will Cargil, 200	Distrito Industrial	Norte
Ubertran Transportes S/A	R. Terezinha Segadães, 45	Custodio Pereira	Leste
Udi Brasil Transportes	Av. Paes Leme, 918	Osvaldo Rezende	Central
Vilson José Gomes Fonseca	Av. Afonso Pena, 4346	Brasil	Central
Abdon Januário Garcia	R. Melo Viana, 942	Osvaldo Rezende	Central
Advanir Lima	Av. Teresina, 1165	Brasil	Central
Aguiar Transportes Rodoviários	Av. Inglaterra, 810	Tibery	Central
Alebisa Agricultura Ltda	Av. África, 1441	Tibery	Leste

Alebisa Transportes	Av. França, 370	Tibery	Leste
Am Transportes ltda	R. Ceará, 3521	N. S. Graças	Norte
Cardoso Transporte	R. Intumbiara, 58	Nossa S. Aparecida	Central
Cargo Jaffe Transportes	R. José Rezende, 4686	Custodio Pereira	Leste
Cláudio William Alves	Av. Arnaldo Contursi, 1909	Marta Helena	Norte
Comércio Transportes Rodrigues	Av. Mauá, 267	Bom Jesus	Central
Compescal Transporte Repr Ltda	R. Nicarágua, 1365	Tibery	Leste
D e M Transportadora Comercial	Av. Mauá, 856	Bom Jesus	Central
Dec Encomendas Cargas	R. Barão de Cotegipe, 64	Custodio Pereira	Leste
Dica Transportes Ltda	R. Frei Caneca, 646	N. S. Graças	Norte
Dinâmica Transportes	R. Barão de Cotegipe, 65	Custodio Pereira	Leste
Discar Distr Cargas Ltda	Av. Inglaterra, 534	Tibery	Leste
Du Gregório Com Transp Ltda	Rod Anel Viário, s/n	Industrial	Norte
E Junior Transp Agenciamento	R. Prof A R Alvim, 32	Roosevelt	Norte
Ela S/A Transp e Comercio	Av. J. A. Gassani, 5155	Industrial	Norte
Élson Cícero Oliveira	R. Acre, 2324	N. S. Graças	Norte
Empresa Transporte Sopro Divino	Av. J. A. Gassani, 5155	Industrial	Norte
Encomenda Rápida JHP	R. N. G. Nunes, 841	Industrial	Norte
MI Minas Brasil	Av. Professora Minervina Cândida Oliveira, 4578	Umuarama	Leste
Etsul Transportes	Av. Afonso Pena, 4346	Brasil	Central
Eurípedes Frontarolli	Av. Eng Diniz, 1133	Martins	Central
Expresso Cruzador	R. V. R. Rezende, 721	Industrial	Norte
Expresso Dalva	R. Ipiranga, 429	Cazeca	Central
Expresso Harmonia	Av. Inglaterra, 400	Tibery	Leste
Expresso Itamarati	R. Paraíba, 2880	N. S. das Graças	Norte
Expresso Mira	Av. J. A. Gassani, 4870	Industrial	Norte
Expresso Mirassol	Av. Cesário Alvim, 4168	Brasil	Central
Expresso Novato	Av. Pará, 1267	Brasil	Central
Expresso Novato	Al. J. B. Tronconi, 115	Gramado	Norte
Expresso São Luiz	R. Melo Viana, 728	Osvaldo Rezende	Central
Expresso São Luiz	Pç T. U. Março, s/n	Industrial	Norte
Expresso Service	R. Monte Carmelo, 990	Martins	Central
Expresso Tropical	R. Josè Rezende, 3520	Custodio Pereira	Leste
Expresso União	Pç. T. U. Março, s/n	Industrial	Norte
Expresso Universo	Av. J. A. Gassani, 4870	Industrial	Norte

Fadivan Transportes Representações	R. Frei Caneca, 930	Nossa Sº das Graças	Norte
Frente Maciça Transportes Ltda	Br – 050, km 71	Umuarama	Leste
G. B. S Transpostes ltda	Av. Eng Diniz, 226	Martins	Central
Hélio José Carmo	Av. A. A. Vieira, 141	Santa Rosa	Norte
J. Carlos Transp Ltda	R. Gumercindo Silva, 820	Minas Gerais	Norte
J. S. Transporte	R. Viena, 1355	Tibery	Leste
Jnv Transportes Com Repr Ltda	Av. A. B. Silva, 2529	Buritis	Sul
José Carlos Soares	R. Paulo Tarso, 163	Maravilha	Norte
José Eduardo Violin	Av. J. A. Gassani, 1300	Industrial	Norte
José Jorge Miranda	R. Viena, 1364	Tibery	Leste
Júnior Transportes	R. Viena, 1355	Tibery	Leste
Júnior Transportes	Av. França, 124	Tibery	Leste
L C Transportes Ltda	Av. Industrial, 1254	Marta Helena	Norte
Lazertur Empreendimentos	R. Duque de Caxias, 450	Centro	Central
Liderança Transporte Rodov Ltda	Av. Cesário Alvim, 3970	Brasil	Central
Lorival Abadio Resende	BR-050, 5920	Segismundo Pereira	Leste
Marbo Transporte e Com	Av. J. A. Gassani, 1413	Industrial	Norte
Maria Oliveira Silva	R. Viena, 1364	Tibery	Leste
Minas Goias	R. A. E. Souza, 150	Industrial	Norte
Nacional Expresso Ltda	Av. Afonso Pena, 3774	Brasil	Central
Norton Transportes	Av. João Leão, 6161	Custodio Pereira	Leste
Otoni Transportes Ltda	Av. Rebelião Praieira, 190	Nossa Sº das Graças	Norte
Ottmar B. Schultz	R. V. R. Rezende, 721	Industrial	Norte
Palmas Transportes	R. Luiz Visibelli, 244	P. Roosevelt	Norte
Patrus Transportes Urgentes Ltda	R. Padre Américo Ceppi, 560	Brasil	Central
Perdizes Transportes Com Cereais	Av. J. A. Gassani, 320	Industrial	Norte
Queiroz Transportes Ltda	R. Timbiras, 1144	Saraiva	Leste
Rápido Federal Viação	Br-050, 5920	Segismundo Pereira	Leste
Rápido Transpaulo	Av. Francisco Ribeiro, 3120	Segismundo Pereira	Leste
Real Cargas	Br – 050, 5920	Segismundo Pereira	Leste

Rec Transportes	R. Delfim Moreira, 210	Custodio Pereira	Leste
Reinaldo Marques Queiroz	Av. Vasconcelos Costa, 1951	Osvaldo Rezende	Central
Representações Transportadora	Al. João Leão, 5623	Custodio Pereira	Leste
Rodofino Transportes	R. Frei Caneca, 930	Nossa S. Graças	Norte
Rodogrande Transportes	BR – 050, km 121	Segismundo Pereira	Leste
Rodogrão ltda	Br – 050, km 71	Segismundo Pereira	Leste
Rodosino Transporte	Av. P. R. C. Santos, 1275	Martins	Central
Rodoviário Caçula	R. padre américo Ceppi, 1787	Brasil	Central
Rodoviário Caçula	Av. Arnaldo Contursi, 1134	Marta helena	Norte
Rodiviário Goyaz	R. Paraíba, 2851	Nossa S. Graças	Norte
Rodiviário Goyaz	R. Niterói, 575	Bom Jesus	Central
Rodoviário Michelon Ltda	Av. J. A. Gassani, 7905	Industrial	Norte
Rodoviário Nego Amancio	Av. Cipriano del Fávero, 864	Central	Central
Rodoviário Samurai	Av. Industrial, 1254	Marta Helena	Norte
Rodoviário Uberaba	R. Padre Américo Ceppi. 1647	Marta Helena	Norte
Rodiviario união	Av. Cesário Alvim, 4422	Brasil	Central
Ronda Transportes	R. Intumbiara, 58	Aparecida	Central
Rosamar Transportes	Al. João Leão, 5621	Custodio Pereira	Leste
Ruggeri Comércio e Transportes	Av. Dr L. V. Gonçalves, 1920	Santa Mônica	Leste
Rumo Certo Transporters	Av. Inglaterra, 554	Tibery	Leste
Sebastião Paulo Magalhães	R. Frei Caneca, 485	N. S. Graças	Norte
Shel Transportes	R. Barão Cotegipe, 15	Custodio Pereira	Leste
Sinair José Souza	R. L. D. Pena, 133	Osvaldo Rezende	Leste
Sotrange transportes Rodoviários	R. A. E. Souza, 20	Industrial	Norte
Stork Courier	Av. Brasil, 3610	Brasil	Central
T B N Transportadora Brasil	Al. João Leão, 5613	Custodio Pereira	Leste
Time transportes Ltda	Av. Inglaterra, 1370	Tibery	Leste
Tinoco Transportes	R. Prof. M. Godoy, 95	Segismundo Pereira	Leste
TNT Brasil	R. Morum Bernadino, 1315	P. Roosevelt	Norte
Tora Transportes	Av. Cesário Alvim, 4168	Brasil	Central
Trans-Alvorada Transporte Braz Queiroz ltda	R. V. R. Rezende, 10	Industrial	Norte
Trans oliver Ltda	R. Acre, 2324	N. S. das Graças	Norte

Trans-Pontual	Av. Holanda, 1296	Tibery	Leste
Trans Uberlândia	R. Paraíba, 3248	N. S. das Graças	Norte
Trans Wilson	Av. A. R, 361	Industrial	Norte
Transbittar Ltda	Av. Industrial, 1495	Marta Helena	Norte
Trascareca	Av. J. A. Gassani, 10	Industrial	Norte
Transcosara	R. F. V. Ferreira, 126	Santa Mônica	Leste
Transdel Ltda	R. da Produção, 54	Minas Gerais	Norte
Transeng Transportes	Av. Ciganos do Brasil, 43	Brasil	Central
Transfret transportes	R. Frei Caneca, 567	Nossa Sº Graças	Norte
Transgonçalves	Pç. Nossa Senhora Aparecida, 195	Nossa Sº Aparecida	Norte
Transkelma	R. Antonio T. Rezende, 616	Nossa Sº Graças	Norte
Transmendes	R. Viena, 1364	Tibery	Leste
Transmodelo	Av. Vasconcelos Costa, 1215	Martins	Central
Transportadora	R. Londres, 1315	Tibery	Leste
Transportadora Adubo	R. Iguaçu, 830	Marta Helena	Central
Transportadora América Ltda	R. L. P. Paula, 205	Industrial	Norte
Transportadora Arcazul	R. Paraná, 1789	Marta Helena	Norte
Transportadora Barrense	Av. J. A. Gassani, 7965	Industrial	Norte
Transportadora Cabral e Cabral	Av. J. A. Gassani, 210	Industrial	Norte
Transportadora Emborcação	R. Rio de janeiro, 1872	Marta Helena	Norte
Transportadora Erlan	Av. M. F. Costa	Osvaldo Rezende	Central
Transportadora Fael	R. A. E. Souza, 266	Industrial	Norte
Transportadora Fernandes Matias	R. Raul Pinto, 349	Segismundo Pereira	Leste
Transportadora Itapemirim	R. Prudente Morais, 180	Custodio Pereira	Leste
Transportadora J T C Fretes	R. Prof. M A Castilho, 161	Santa Mônica	Leste
Transportadora JHP	R. N. G. Nunes, 841	Industrial	Norte
Transportadora Matsuda	Av. Ciganos do Brasil, 43	Brasil	Central
Transportadora Minas Sul	Al. João Leão, 5613	Custodio Pereira	Leste
Transportadora Nelson Ferreira	R. Frei Caneca, 831	N. S. Graças	Norte
Transportadora Oliveira Cunha	R. Bahia, 873	Brasil	Central
Transportadora Santa Maria	Av. Industrial, 1312	Marta Helena	Norte
Transportadora Stefani	R. Gumercindo Silva, 1500	Minas Gerais	Norte
Transportadora Transbrasiliana	Av. Maranhão, 1527	Brasil	Central
Transportadora Transbrasiliana	Av. Antonio T. F. Rezende, 1460	Nossa S., Graças	Norte

Transportadora Goiasil	Av. M. F. Costa, 1796	Osvaldo Rezende	Central
Transportes Algarin Ltda	R. José Rezende, 4686	Custodio Pereira	Leste
Transportadora Estrada Algran	R. Itanhandu, 141	Osvaldo Rezende	Central
Transportes Gloria S/A	Av. Austrália, 1234	Tibery	Leste
Transportes Minuano	R. Viena, 1345	Tibery	Leste
Transportes Nicolas	R. N. G. Nunes, 455	Industrial	Norte
Transportes Nicolas	Av. Marciano de Ávila, 637	Bom Jesus	Central
Transportes Nicolas	R. Niterói, 317	Tibery	Leste
Transportes Transemi	R. Viena, 2432	Tibery	Leste
Transrápido Araguari	R. Ceára, 1662	N. S. Graças	Norte
Transrocha Transporte	Av. Ortízio Borges, 734	Santa Mônica	Leste
Transuber Encomenda	Av. Raulino Cota Pacheco, 1589	Osvaldo Rezende	Central
Transvale transporte Rodoviário	Anel Viário, 121	Industrial	Norte
Udi Transportes Ltda	R. Alfenas, 124	Osvaldo Rezende	Central
Udibrasil Transportes	Av. Paes Leme, 978	Martins	Centro
Viação Santa Cruz	R. Lavoura, 2200	Minas Gerais	Norte
Vic Transportes	R. Ceára, 3100	N. S. das Graças	Norte
Vvs Transportes Ltda	R. Taylor Silva, 934	Taiaman	Oeste

TRANSPORTES CARGA E PESSOAS - 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Gol	Pça. José Alves dos Santos s/n	Aeroporto	Leste
LKR Transporte de Documentos e Amostras	R. Professor Mario Godoy, 587	Segismundo Pereira	Leste
SGTUR-Viagens e Turismo	R. Vigário Dantas, 401	Fundinho	Centro
Tam-Linhas aéreas	Av. Cesário Alvim, 274	Centro	Centro
Gato Preto Transportes	R. Viena, 2432	Tibery	Leste
A Limpar Transporte e Limpeza de Detritos	Av. Afonso Pena, 2800	Aparecida	Centro
Friel Transporte Perecíveis LTDA	R. Viena, 1354	Tibery	Leste
UDI Entregas Urgentes LTDA	R. Piauí, 2540	Umuarama	Leste
Cascalheira Uberabinha	Av. Oscar Miranda, 1221	Segismundo Pereira	Leste
Guindaste Triangulo LTDA	R. Nivaldo Guerreiro Nunes, 581	D. Industrial	Norte
Trans Bárbara	Av. Juscelino Kubitschek, 365	Dona Zulmira	Oeste
Transportadora Monte Carmelo	Av. Rondon Pacheco, 4722	Lidice	Central

Caiapó Cargas	Av. Espanha, 465	Tibery	Leste
Calfértil Transportes	Av. Brasil, 3697	Brasil	Central
Conex Press Logística Integrada	Av. Engenheiro Diniz, 370	Martins	Central
Expresso Araguari Encomendas e Cargas	Av. Para, 1267	Brasil	Central
L e C Logística e Transportes LTDA	R. Nivaldo Guerreiro Nunes, 980	D. Industrial	Norte
LDB Transportes de Cargas Ltda	Av. Juscelino Kubitschek, 1865	Dona Zulmira	Oeste
Líder Mudanças	R. Aguapé, 400	Ch. Tubalina e Quartel	Oeste
Losate Trans Azevedo	Av. Inglaterra, 575	Tibery	Leste
Minas Goiás Transportes	R, Afonso Egidio Souza, 150	Industrial	Norte
Regional Encomendas	R. Pedro Quirino Silva, 2275	Umuarama	Leste
Rodoban Transportes Terrestre e Aéreos Ltda	R. Rio de Janeiro, 218	Aparecida	Central
Rodonaves Transportes e Encomendas Ltda	R. Florestano Macedo Tibery, 6800	Tibery	Leste
Transbrasil Transportes e logística		Industrial	Norte
Transcontinental Transportes LTDA	Av. França, 127	Tibery	Leste
Transfox Transporte	Km 72 Br 050	Industrial	Norte
Transnorato	R. da Produção, 54	Minas Gerais	Norte
Transportadora Rodosoja Ltda	Av. Maranhão, 1545	Brasil	Central
Transporte Transuberlândia	R. Frei Caneca, 485	Nossa Senhora Graças	Norte
Transpotiguá	R. Lisboa, 631	Tibery	Leste
Transuber Encomenda Urgente Ltda	Av. Morum Bernadino, 1315	Roosevelt	Norte
Transveloso Transportes	R. Osório José Cunha, 303	Brasil	Central
Udi News Express distribuição e Serviço	Av. Belo Horizonte, 1530	Martins	Central
Unilog Universo Logística Ltda	R. Nivaldo guerreiro Nunes, 1010	Industrial	Norte
Viena Transportes Ltda	R. Viena, 1367	Tibery	Leste

Título: Uberlândia (MG): Concessionárias de carros (1997-2007)

- Concessionárias: 1997 – 2007

1997 CONCESSIONÁRIAS			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Autominas Ltda	Av. João Naves de Ávila, 3333	Santa Mônica	Leste
Autominas Ltda	Av. Belo Horizonte, 307	Martins	Central
Autominas Ltda	Av. Vasconcelos Costa, 270	Martins	Central
Autominas Ltda	R. Marciano Santos, 500	Santa Mônica	Leste
Monza Veículos	Av. Paulo Roberto Cunha Santos, 2085	Marta Helena	Norte
Monza Veículos	Av. Cesário Crosara, 3400	P. Roosevelt	Norte
Udiauto	Av. Floriano Peixoto, 570	Centro	Central
Udiauto	R. Tenente Virmondes, 615	Centro	Central

2007 CONCESSIONÁRIAS			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Automara Automóveis e Caminhões	Av Arlindo Massaro, s/n	Umuarama	Leste
Autominas Ltda	Av. João Naves de Ávila, 3333	Jardim Finotti	sul
Autus-Chevrolet	Av. Afonso pena, 3980	Brasil	Central
Citroen-Grupo Vitesse	Av. João Naves de Ávila, 5450	Santa Luzia	Leste
Futura Veículos	Av. Afonso Pena, 3075	Brasil	Central
Trivel Veiculos	Av. Afonso Pena, 2699	Aparecida	Central
Udiauto	Av. Floriano Peixoto, 570	Centro	Central
Udiauto	R. Tenente Virmondes, 615	Centro	Central
Unimotors Car Service	Av. João Naves de Ávila, 3835	Santa Luzia	Leste
Curinga	Rondon Pachego	Tibery	Leste
Auto Kamel	Av. João Naves de Ávila	Jardim Finotti	Sul
AUTOMOBILE - **Uberlândia**	Av. João Naves de Ávila	pampula	Sul
Hiundai	Cesário Alvim	Aparecida	Central

Título: Uberlândia (MG): Provedor de Internet (1997-2007)

Para 1997 é ZERO.

2007 PROVEDORES DE INTERNET			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Centershop	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
CTBC	Rua Machado de Assis, 333	Centro	central
Netsabe	Av José Andraus Gassani, 4555	Industrial	Norte
Triang Internet Provider	Av. João Naves de Ávila, 4825	Santa Mônica	Leste
Uber Provedor Internet	Rua Niteroi n.1028	Aparecida	Central

Título: Uberlândia (MG): Lojas de Departamentos (1997-2007)

ELETRODOMESTICOS (DEPARTAMENTO) 1997			
NOME DO ESTABELECIMENTO	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Casa Bahia	Av. Afonso Pena, 257	Centro	Centro
Casas Bahia	Av. Floriano Peixoto, 365	Centro	Centro
Lojas Arapuá S/A	Av. Afonso Pena, 589	Centro	Centro
Magazine Luiza S/A	Av. Floriano Peixoto, 1406	Nossa Sº Aparecida	Centro
Magazine Luiza S/A	Av. Afonso Pena, 262	Centro	Centro
Mig	Pça. Tubal Vilela, 93	Centro	Centro
Ponto Frio	Av. Afonso Pena, 526	Centro	Centro
Spirandelli	Av. Floriano Peixoto, 500	Centro	Centro
Spirandelli	Av. Afonso Pena, 700	Centro	Centro
Spirandelli	Av. Floriano Peixoto, 1384	Nossa Sº Aparecida	Centro
Mig	Av. Afonso Pena, 245	Centro	Centro
Mig	Av. Floriano Peixoto, 1219	Centro	Centro
Casas Pernambucanas	Av. Afonso Pena, 640	Centro	Centro
Riachuelo	Av. Afonso Pena	Centro	Centro
Lojas Americanas	Pça. Tubal Vilela, 252	Centro	Centro

Eletrodomésticos Departamentos 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Eletrozema Ltda	Av. Afonso Pena, 177	Centro	Central
Lojas Mig	Av. Afonso Pena, 245	Centro	Central
Lojas Mig	Pç. Tubal Vilela, 93	Centro	Central
Lojas Mig	Av. Floriano Peixoto, 1219	Centro	Central
Lojas Mig	Av. Floriano Peixoto,1406	Centro	Central
Magazine Luiza	Av. Floriano Peixoto, 1406	Centro	Central
Magazine Luiza	Av. Afonso Pena, 262	Centro	Central
Magazine Luiza	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Lojas Mig	Km 1622 ros Br-365, s/n	Morumbi	Leste
Casas Bahia	Av. Afonso Pena, 257	Centro	Central

Casas Bahia	Av. Afonso pena, 217	Centro	Central
Casas Pernambucanas	Av. Afonso Pena, 640	Centro	Central
Lojas Renner	Av. João Naves de Ávila., 1331	Tibery	Leste
Ponto Frio	Av. Afonso Pena, 526	Centro	Central
Ponto Frio	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Rede Eletrosom	Pç. Tubal Vilela, 27	Centro	Central
Rede Eletrosom	Av. João Pinheiro, 1154	Centro	Central
Ricardo Eletro	Av. João Naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Ricardo Eletro	Pç. Tubal vilela, 85	Centro	Central
Têxtil Abril	Av. Floriano Peixoto, 377	Centro	Central
C&A		Tibery	Leste
Riachuelo		Centro	Central
Lojas Americanas	Pç. Tubal Vilela, 252	Centro	Central

Título: Uberlândia (MG): Atacadistas (1997-2007)

ATACADISTAS ANO 1997			
NOME DO ESTABELECIMENTO	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Arcom Comércio Importação e Exportação LTDA	Rod. Anel Viário, 2001	Distrito Industrial	Norte
Peixoto Com. Imp. LTDA	Av. José Andraus Gassani, 6000	Distrito Industrial	Norte
Dom Bosco Com Imp. Exp. LTDA	R. Bandeira, 401	Tibery	Leste
Estrela Com Imp. Exp. LTDA	R. Ceará, 2975	Marta Helena	Norte
Irmãos Alves Industria Importação Comércio	Av. Floriano Peixoto, 3780	Brasil	Centro
Martins Comércio Importação Exportação LTDA	Av. Floriano Peixoto, 2300	Brasil	Centro
Royal Atacadista Distribuidora LTDA	R. Bernado Sayão, 1345	Custódio Pereira	Leste
Sudeste Comércio Impo. Exp. LTDA	R. Venezuela, 777	Tibery	Leste
União Comércio Imp. Exp. LTDA	R. Afonso Egydio Souza, 540	Distrito Industrial	Norte
Makro Atacadista	BR 050, 73	Segis. Pereira	Leste
Tecisos Tita LTDA	Av. Floriano Peixoto, 624	Centro	Centro

Atacadistas 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Aliança Atacadista Ltda	Av. Afonso Pena,3385	Brasil	Central
Arcom	Av. João naves de Ávila, 1331	Tibery	Leste
Angrito Lufir Comércio Serviços e Transp. De Mercadorias Ltda	Av. JoséAndraus Gassani, 4380	Industrial	Norte
Irmão Khedi Com Imp. Ltda	Av Brasil 1670	Aparecida	Central
Irmão Khedi Com Imp. Ltda (Depósito)	Av. Cesário Alvim, 3619	Brasil	Central
Makro Atacadista	Km/73 BR 050, 7085	Custódio Pereira	Leste
Peixoto Com .Ind. Serviços e Transportes Ltda	Av. José Andraus Gassani, 600	Distrito Industrial	Norte
Martins Comércio Imp. E Exp. Ltda	Av. Floriano Peixoto, 624	Aparecida	Central
União Comércio Imp. E exp. Ltda	Rod. Com. Neuza Rezende, Km/3 s/n	Rodovia Uberlândia Martinésia	Norte
Tecidos Tita	AV. Floriano Peixoto, 624	Centro	Central

Título: Uberlândia (MG): Universidade, Centro Universitário e Faculdades - Campi (1997-2007)

Faculdades 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Universidade Federal de Uberlândia	Campus Santa Mônica	Santa Mônica	Leste
Universidade Federal de Uberlândia	Campus Umuarama	Umuarama	Leste
Universidade Federal de Uberlândia	Campus Educação Física	Aparecida	Central
Unitri	R. Rafael Marino Neto, 600	Jardim Karaiba	Sul

Faculdades 2007			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Universidade Federal de Uberlândia	Campus Santa Mônica	Santa Mônica	Leste
Universidade Federal de Uberlândia	Campus Umuarama	Umuarama	Leste
Universidade Federal de Uberlândia	Campus Educação Física	Aparecida	Central
Esamc	Av. Vasconcelos Costa, 270	Martins	Central
Faculdade Católica de Udia	R. Padre Pio, 300	Osvaldo Rezende	Central
Faculdade Politécnica	R. Rafael Marino Neto, 600	Jardim Karaiba	Sul
Faculdade Politécnica	Av. Fernando Vilela, 837	Martins	Central
Unialgar	Av. Floriano Peixoto, 6495	Alto Umuarama	Leste
Uniessa	R. Bocaiuva, 82	Morada da Colina	Sul
Uniminas	Av. Alfredo Vilela Andrade, 255	Morada da Colina	Sul
Unipac	Av. João Pessoa, 7198	Martins	Central
Unipac	Av. Fernando Vilela, 785	Martins	Central
Unipac	Pç. Doutor Duarte, 99	Fundinho	Central
Unipac	R. Barão Camargos, 695	Fundinho	Central
Unipac	Av. Cipriano del Favero	Centro	Central
Uniube	R. Coronel Severiano, 251	Tabajaras	Central
Uniube	Av. Rondon Pacheco, 2000	Lídice	Central
Unopar	R. Agenor Paes, 163	Saraiva	Sul
IPG- Inst.de Pós – Graduação	R. Horácio Rezende 460	Daniel Fonseca	Central
Unitri	Av. Nicomedes Alves Dos Santos,4545	Morada da Colina	Sul

Título: Uberlândia (MG): hipermercados e supermercados em rede (2007)

SERVIÇO: Supermercado			
NOME	**ENDEREÇO**	**BAIRRO**	**SETOR**
Bretas Supermercados	Av. Getúlio Vargas, 2380	Tubalina	Oeste
Bretas Supermercados	Av. João Naves de Ávila, 5039	Santa Mônica	Leste
Bretas Supermercados	Av. Afonso Pena, 1322	Centro	Central
Bretas Supermercados	Av. João Pinheiro, 77	Centro	Central
Bretas Supermercados		Roosevelt	Norte
Cristo Rei Supermercados	Av. Brasil, 2400	Brasil	Central
Sinhá Supermercados	AV. Floriano Peixoto, 62	Centro	Central
Sinhá Supermercados	R. Timbiras, 905	Saraiva	Sul
Leal Supermercados	Av. Cesário Crosara, 3855	Roosevelt	Norte
Leal Supermercados	Av. Noruega, 180	Tibery	Leste
Supermercados Super Maxi	Av. José Fonseca e Silva, 618	Luizote	Oeste
Supermercados Super Maxi	R. Tupis 965	Saraiva	Sul
Supermercados Super Maxi	Rua dos Eucaliptos, 450	Cidade Jardim	Sul
Supermercados Super Maxi	Av. Araguari, 1549	Martins	Central
SUPERMWERCADO SORRISO - Smart	RUA: ESTRELA DALVA, 1038	JARDIM BRASILIA	Norte
EMPORIUM SÃO LUIZ - Smart	AV: JOAQUIM LEÃO DE CAMARGO, 451	TUBALINA	Oeste
DOCECIA EMPORIUM - Smart	PRAÇA LEBLON, 20	PATRIMONIO	Sul
SUPER PRATICO - Smart	PRAÇA CICERO MACEDO, 211	Tabajaras	Central
SUPERMERACADO LUNASA - Smart	AV: PAES LEMES, 1103	MARTINS	Central
SUPERMERCADO ECONOMICO - Smart	AV: CESARIO ALVIM, 2465	APARECIDA	Central
EMPORIUM JOAB - Smart	AV: TAYLOR SILVA, 988	GUARANI	Oeste
KAIANA SUPERMERCADO - Smart	RUA: CHAPADA DO ARARIPE, 157	São Jorge	Sul
SUPERMERCADO GURITTA - Smart	AV: JERUSALEM, 622	CANAA	Oeste
SUPERMERCADO NOVO IDEAL - Smart	RUA: DELFIM MOREIRA, 335	CUSTODIO PEREIRA	Leste
Supermercado Central – Biz	Av. Comendador Alexandrino Garcia, 2897	Minas Gerais	Norte
Supermercado Patriotismo – Biz	Rua dos Picas Paus, 560	Nova Uberlândia	Sul
Supermercado Nosso – Biz	Rua Fábio Cardoso, 546	São Jorge	Sul
Supermercado Borges – Biz	Av. Israel, 229	Laranjeiras	Sul
Supermercado Mineirão - Biz	Rua Monte Carmelo, 1346	Martins	Central

Empório Super Útil – Biz	Rua Simão Pedro, 189	Pacaembú	Norte
Supermercado Redentor – Biz	Rua República do Piratini, 375	N. S. das Graças	Norte
Empório Taiaman – Biz	Rua dos Tarois, 380	Taiaman	Oeste
Supermercado Goiabão – Biz	Rua Rio Solimões, 559	Mansour	Oeste
Supermercado N. S. da Aparecida – Biz	Rua Marta Helena de Souza, 321	Jardim Brasília	Norte
Supermercado Amigão – Biz	Rua das Seringueiras, 1043	Jaraguá	Oeste
Supermercado Master – Biz	Av. Serra do Bodoquena, 638	Laranjeiras	Sul
Stop Supermercado – Biz	Av. Fernando Vilela, 1236	Martins	Central
Supermercado China – Biz	Av. Antonio Carlos Vieira da Cunha, 465	Granada	Sul
Supermercado Avenida – Biz	Av. Antonio Jore Izac, 1240	Morumbi	Leste
Supermercado Catalão – Biz	Av. Comendador Alexandrino Garcia, 1812	Marta Helena	Norte
Cruzeiro Supermercado - Valor	Av. Floriano Peixoto, 1989	Aparecida	Central
Supermercado Almeida - Valor	Av. Jerusalém, 883	Canaã	Oeste
Supermercado Bom Dia – Valor	Rua Oscar Gomes Moreira Jr, 980	Tubalina	Oeste
Supermercado Danyella – Valor	Rua Rio Grande do Sul, 1857	Marta Helena	Norte
Supermercado Danyella – Valor	Av. Gabriela Junqueira Freitas, 10	Jardim Patrícia	Oeste
Supermercado do Irmão – Valor	Rua Serra da Mantiqueira, 670	São Jorge	Sul
Supermercado Félix – Valor	Av. Araguari, 1116	Martins	Central
Supermercado Mendonça – Valor	Rua Rio Corumbá, 436	Mansour	Oeste
Supermercado M.M – Valor	Rua Dr. Manoel Thomaz Teixeira Souza, 885	Tocantins	Oeste
Carrefour	Av. João Naves de Ávila	Tibery	Leste
Extra	AVENIDA RONDON PACHECO, 755	Tabajaras	Central
D’Ville	Av. Getúlio Vargas	Tabajaras	Central

Apêndice 02

FACULDADES E UNIVERSIDADES 2007

1. UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÃNDIA

1.1. Cursos de Graduação em Uberlândia

Cursos
Agronomia
Ciências Biológicas
Educação Física
Enfermagem
Medicina Veterinária
Odontologia
Medicina
Ciência da Computação
Engenharia Biomédica
Engenharia Civil
Engenharia Elétrica
Engenharia Mecânica
Engenharia Mecatrônica
Engenharia Química
Física
Física de Materiais
Matemática
Química
Direito – Diurno
Direito - Noturno
Ciências Econômicas
Administração
Ciências Contábeis
Arquitetura e Urbanismo
Educação Artística
Música
Decoração
Filosofia
Geografia – Diurno
Geografia - Noturno
História – Diurno
História - Noturno
Letras – Diurno
Letras - Noturno
Pedagogia – Diurno
Pedagogia - Noturno
Psicologia
Ciências Sociais

1.2. Mestrado

Cursos
Administração
Agronomia
Ciência da Computação
Ciências Veterinárias
Ciências da Saúde
Econômia
Ecologia Conserv. De Recursos Naturais
Educação Brasileira
Engenharia Civil
Engenharia Elétrica
Engenharia Mecânica
Engenharia Química
Física
Genética e Bioquímica
Geografia
História
Imunologia e Parasitologia Aplicadas
Lingüística Aplicada
Odontologia
Psicologia
Química

1.3. Doutorado 2005

Cursos
Ecologia e conservação de Rec. Naturais
Educação Brasileira
Engenharia Elétrica
Engenharia Mecânica
Engenharia Química
Geografia
Genética e Bioquímica
Imunologia e Parasitologia Aplicadas
História
Química

2. UNITRI - CENTRO UNIVERSITÁRIO DO TRIÂNGULO

2.1. Curso de Graduação

Cursos
Arquitetura e Urbanismo
Biologia
Ciência da Computação
Ciências Contábeis
Comunicação Social
Jornalismo
Publicidade e Propaganda
Design de Moda
Direito
Educação Física
Enfermagem
Engenharia da Produção
Farmácia
Fisioterapia
Geografia
Letras – Português/Inglês
Nutrição
Odontologia
Pedagogia
Psicologia
Secretariado Executivo
Serviço Social
Sistemas de Informação
Turismo e Hotelaria
Graduação Tecnológica
Gestão da Segurança Pública e Patrimonial
Gestão de Agronegócios
Gestão de Telecomunicações
Internet e Rede de Computadores
Cinema, Televisão e Mídia Digital
Estética e Imagem Pessoal

2.2. Cursos de Pós Graduação *Lato Sensu*

Cursos
Banco de Dados
Docência no Ensino Superior
MBA em Gestão e Desenvolvimento de Pessoas
MBA em Gestão de Marketing
Docência no Ensino Superior
Gerenciamento de Projetos de TI
Nutrição Clínica
Psicopedagogia

3. UNIMINAS – UNIÃO EDUCACIONAL MINAS GERAIS LTDA.

3.1. Cursos de Graduação

Cursos
Administração Financeira
Administração em Marketing
Direito
Engenharia de Produção
Engenharia de Telecomunicações
Pedagogia
Sistema de Informação
Comunicação Empresarial
Redes de Computadores
Gestão de Pequenas e Médias Empresas
Gestão de Rotinas Empresariais
Administração Financeira
Administração em Marketing
Direito
Engenharia de Produção
Engenharia de Telecomunicações
Pedagogia
Psicologia
Sistema de Informação
Comunicação Empresarial
Redes de Computadores
Gestão de Pequenas e Médias Empresas
Gestão de Rotinas Empresariais

3.2. Pós-Graduação Lato Sensu

Cursos
Administração e Estratégia de Negócios
Engenharia de Segurança do Trabalho
Gestão da Produção
Gestão em Movimentos Sociais e Políticas Públicas
Segurança da Informação
Biotecnologia em Qualidade de Alimentos
Direito Ambiental
Engenharia Sanitária
Gestão em Agronegócios
Psicopedagogia Clínica e Institucional
Gestão Financeira Corporativa
Gestão Ambiental

4. FPU – FACULDADE POLITÉCNICA DE UBERLÂNDIA

4.1. Cursos de Graduação

Cursos
Administração
Sistemas de Informação
Engenharia Elétrica c/ Ênfase em Telcomunicações e do Curso de Engenharia de Controle e Automação
Ciências Contábeis
Direito
Engenharia de Controle e Automação (Mecatrônica)
Engenharia de Telecomunicações
Cursos Superiores de Tecnologia
Gestão Financeira
Gestão de Marketing
Gestão de Agronegócios
Gestão de Recursos Humanos

5. ESAMC – ESCOLA SUPERIOR DE ADMINISTRAÇÃO MARKETING COMUNICAÇÃO DE UBERLÂNDIA

5.1. Cursos de graduação

Cursos
Comunicação Social – Publicidade e Propaganda
Administração - Marketing
Administração - Finanças
Relações Públicas
Relações Internacionais
Design
Direito empresarial
Comunicação Social – Publicidade e Propaganda
Administração - Marketing
Administração - Finanças
Relações Públicas
Relações Internacionais
Design

6. FACULDADE CATÓLICA DE UBERLÂNDIA

6.1. Cursos de Graduação

Cursos
Pedagogia – Gestão Escolar
Normal Superior com habilitação em Educação Infantil
Normal Superior com habilitação Séries Iniciais
Geografia Licenciatura
Filosofia Bacharelado e Licenciatura
Serviço Social
Historia

7. UNIPAC – UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS – FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ESTUDOS SOCIAIS DE UBERLÂNDIA

7.1. Cursos de Graduação

Cursos
Pedagogia
Normal Superior

8. UNIUBE – SOCIEDADE EDUCACIONAL UBERABENSE

8.1. Cursos de Graduação

Cursos
Administração
Ciências Aeronáuticas
Engenharia Civil
Engenharia Elétrica
Engenharia da Computação
Engenharia de Produção
Sistemas de Informação
Direito
Turismo

8.2. Cursos Superiores de Tecnologia

Cursos
Design de Interiores
Gestão de Agronegócios
Cursos Seqüenciais

9. UNIESSA

9.1 Cursos de Graduação

Cursos
Administração
Administração com Ênfase em Agronegócios
Administração Hospitalar
Design de Produto

9.2. Pós Graduação Latu-senso

Cursos
Administração de Negócios
Administração de Varejo
Administração da Vida
Auditoria e Perícia Contábil
Finanças e Controladoria Corporativa
Mercado de Capitais e Derivativos
Ciências do Comportamento Humano
Comportamento Organizacional e Gestão de Mudanças
Marketing Executivo
Desenvolvimento e Gerenciamento de Projetos
Logística Empresarial
Comércio Exterior
Desenvolvimento e Gestão de Produtos de Comunicação Virtual
Direito Empresarial
Planejamento Societário e Sucessão Familiar
Psicologia Jurídica
Administração Estratégica em Agronegócios
Controle de Qualidade e Gerenciamento da Produção de Alimentos
Administração e Marketing Esportivo
Treinamento Esportivo
Lazer, Recreação e Turismo
Planejamento, Gestão e Marketing em Turismo
Educação Infantil
Gestão Educacional
Pedagogia Empresarial
Administração Pública e Desenvolvimento Regional
Ciências Políticas
Responsabilidade Social
Aprendizagem e Desenvolvimento em Terapias Manuais
Fisioterapia Desportiva
Gerontologia
Saúde Pública com Ênfase em Programa de Saúde da Família

Terapia Oriental de Harmonização Energética
Biossegurança nos Estabelecimentos de Saúde e Pesquisa
Planejamento Ambiental e Desenvolvimento Sustentável
Saúde Ambiental
Banco de Dados
Infraestrutura de T.I.
Java para Sistemas Corporativos
Gestão de Redes e Telecom
Desenvolvimento .NET
Engenharia de Segurança do Trabalho
Gerenciamento de Obras
Processos de Controle Ambiental

10. UNOPAR

10.1. Cursos de Graduação:

Cursos
Administração
Ciências Contábeis
Filosofia
História
Letras
Pedagogia
Serviço Social
Normal Superior
Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas
Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais
Superior de Tecnologia em Marketing
Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental
Superior de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos
Superior de Tecnologia em Gestão Comercial
Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo

10.2. Mestrado Strictu sensu

Curso
Mestrado em Tecnologia de Informação e Comunicação na Formação em EAD

10.3. Especialização Lato-sensu

Cursos
Bovinocultura de Corte
Contabilidade Empresarial e Auditoria
Educação Especial Inclusiva
Educação Física Escolar
Gestão e Organização da Escola
M.B.A. em Gestão de Pessoas
MBA Executivo em Negócios
Recreação e Lazer com Ênfase em Escolas, Hotéis e Empresas

Anexos

Anexo 01

ANEXOS

ANEXO 1:

METODOLOGIA DEL PROYECTO

A.1.1 Aspectos operativos

La construcción del conocimiento implica una apropiación progresiva de la realidad. Es un proceso iterativo y dialéctico de exploración del objeto que se quiere conocer y de re-elaboración a través de la actividad del sujeto que busca conocer.

En el marco del presente proyecto, dicho proceso se asemeja a un abordaje del problema "en espiral", mas que a un recorrido lineal y continuo hecho de etapas sucesivas. Esto significa, entre otras cosas, que el análisis teórico de los aspectos estudiados y la experimentación y confrontación con la realidad han avanzado de manera interdependiente, gracias a diferentes instrumentos metodológicos, los cuales han sido utilizados de manera flexible durante las diferentes fases del proyecto.

A.1.1.1 Abordaje teórico-conceptual

Se trata de la exploración teórico-conceptual del fenómeno de intermediación a través de los diferentes trabajos y opiniones referidos a dicha problemática. Dichas informaciones han sido obtenidas ya sea a través de fuentes documentarias (libros, artículos), como también en el marco de entrevistas y discusiones con expertos en el tema.

A.1.1.2 Abordaje empírico

Se trata de la observación el fenómeno de intermediación de manera directa. En este caso, se ha utilizado una de las modalidades mas frecuentes del abordaje empírico que es la llamada "estudio de casos", la cual permite, entre otras cosas, construir conocimiento a partir de informaciones directas provenientes del terreno, de la realidad.

Estos datos permitieron confrontar elementos teóricos y conceptuales y, a la vez, identificar aspectos del problema analizado que no hubieran sido observados anteriormente o se hayan transformado en el tiempo.

Para esto se seleccionaron 4 ciudades en las cuales se observó el fenómeno de intermediación, a través de la definición y puesta en marcha de un proceso de monitoreo.

A.1.2 Proceso de selección de las ciudades recurso

La selección de las ciudades en las cuales se implementó el monitoreo fue realizada por una comisión compuesta por el PGU-ALC: responsables, asesores temáticos y representantes de las Instituciones de Anclaje Regional y el IREC-DA/EPFL, en diferentes etapas y en función de una serie de criterios:

A.1.2.1 Preselección de las ciudades candidatas

A partir de una muestra de 18 ciudades con las cuales el PGU-ALC había realizado diferentes proyectos exitosos (Consultas Urbanas y otros procesos, la preselección de las ciudades candidatas se realizó en función de los siguientes criterios:

- *Dinámica Urbana (dimensiones de intermediación):* demográficos, económicos, político institucionales, servicios y equipamiento, medio ambiente, territorio, sociales, culturales. El siguiente cuadro resume los puntos atribuidos a dichos criterios:

Criterios de la Dinámica Urbana	**Escala (puntos)**
1. Demográficos	**10**
Tasa de crecimiento: alta, media, baja	0-5
Saldos migratorios: positivos ó negativos	0-5
2. Económicos	**10**
Actividades económicas generadas (se generaron, se mantienen, se perdieron las existentes)	0-5
Alcances de las funciones económicas (son de nivel zonal, regional, nacional/internacional)	0-5
3. Político Institucional	**5**
Instituciones y funciones políticas generadas (se generaron, se mantienen, se perdieron las existentes)	0-5
4. Servicios y Equipamientos	**5**
Creación de servicios y funciones (se generaron, se mantienen, se perdieron las existentes)	0-5
Medio Ambiente	**5**
Los problemas ambientales (altos, medios, bajos)	0-5
5. Gestión del Territorio	**5**
Existencia de instrumentos de planificación (locales, regionales, no existen)	0-5
6. Social	**5**
Modificaciones en la estructura social (altas, moderadas, no existen)	0-5
7. Cultural	**5**
Cambios en los referentes culturales (altos, medios, bajos)	0-5
TOTAL	**50**

- *Factibilidad (condiciones mínimas necesarias para realizar el proyecto)*: experiencia previa con el PGU-ALC, campo de actuación de la COSUDE, informaciones en PGU, colaboraciones con ONG's y socios locales, interés de la institución de anclaje de referencia en la región.

El siguiente cuadro resume los puntos atribuidos a estos criterios:

Criterios de Factibilidad	**Escala (puntos)**
1. Experiencias previas de trabajo del PGU-ALC	**0-10**
El PGU-ALC ha desarrollado una Consulta Urbana	10
Otras actividades	5
2. Apoyo de la Cooperación Suiza para el Desarrollo en el país	**0-10**
Trabaja la COSUDE	10
Otras agencias suizas	5
No existe cooperación	0

3. Disponibilidad de información en el PGU-ALC	**0-10**
Documentación completa y de calidad (dossier, productos, etc.)	10
Documentación parcial	5
4. Existencia y calificación de ONGs o socios locales	**0-10**
Existe Institución de Anclaje Local PGU-ALC	10
Existen otros socios conocidos	5
No existen socios	0
5. Interés y calificación de las Instituciones de Anclaje Regional PGU-ALC	**0-10**
IAR trabajan en la ciudad y tienen interés	10
IAR tienen contactos e interés	5
IAR no trabajan, piensan hacerlo	0
TOTAL	**50**

- *Equilibrio Regional y Escala de Intermediación (representación de las diferentes tipologías de ciudades).* Pueden resumirse de la siguiente manera:

  Regiones consideradas: México, Caribe, Centro América, Brasil, Región Andina, Cono Sur.
  Escala de intermediación: Se refiere básicamente a la función de relacionarse de la ciudad con su entorno, según la cual pueden clasificarse como:

  - Centro regional: Ciudades que cumplen una interface rural-urbano por el desempeño de servicios a la colectividad regional.
  - Capital Regional: Interface regional-nacional, a través de funciones administrativas y/o económicas.
  - Polo Internacional: Interface nacional-internacional a través de funciones comunicacionales y/o económicas.
  - Mancomunidad de Ciudades: Grupo de pequeñas ciudades aledañas en una región que se influencian mutuamente.
  - Ciudades Periféricas a grandes Capitales: ciudades que actúan como intermediadoras entre el entorno rural y las capitales.

De las 18 ciudades preseleccionadas[29], los resultados más favorables recayeron sobre las ciudades de: Iquitos, Maranguape, Puerto Cortés, Cuenca, Santiago de los Caballeros, Texcoco y Camilo Aldao.

En lo que se refiere a los resultados de Equilibrio Regional y Escala de intermediación, los resultados fueron los siguientes:

Ciudades preseleccionadas	Resultados indicadores Dinámica Urbana	Resultados factibilidad	Total	Ubicación regional	Tipo de ciudad
1. Iquitos	44	42	86	Andina	Capital Regional
2. Maranguape	46	39	85	Brasil	Centro Regional
3. Puerto Cortés	44	40	84	Centro América	Polo Internacional
4. Cuenca	47	36	83	Andina	Capital Regional

[29] Las 18 ciudades preseleccionadas fueron: Iquitos, Maranguape, Puerto Cortés, Cuenca, Santiago de los Caballeros, Texcoco, Camilo Aldao, Cochabamba, Barra Mansa, Neiva, Cotacachi, Manta, Cerro de Pasco, Cap Haitien, León, Santo André, Quetzaltenango, Ciudad Guayana.

Ciudades preseleccionadas	Resultados indicadores Dinámica Urbana	Resultados factibilidad	Total	Ubicación regional	Tipo de ciudad
5. Stgo. Caballeros	48	35	83	Caribe	Capital Regional
6. Texcoco	45	35	80	México	Periférica
7. Camilo Aldao	45	32	77	Cono Sur	Mancomunidad

Como se aprecia hay equilibrio regional en la selección de las ciudades, 2 se encuentran en la región andina, 1 en Brasil, 1 en Centro América, 1 en El Caribe, 1 en el Cono Sur y 1 en México. Al mismo tiempo, todas las escalas de intermediación están representadas en la muestra.

Por último, se verificó la disposición de los alcaldes y autoridades para participar en el proyecto. El compromiso formal de los mismos para ofrecer la información necesaria y garantizar su disposición de trabajar mancomunadamente con otros actores de la localidad ha sido un elemento definitorio para la participación de las ciudades en la implementación del Monitoreo. Todo el proceso puede ser resumido en la tabla siguiente:

REGIÓN /POBLACIÓN	BRASIL	CARIBE	ANDINA	CONO SUR	MÉXICO	CENTRO AMÉRICA	TOTAL
+ 500 000							
500-100 mil habitantes		Santiago Caballeros 450 000 hab. Capital Regional	Iquitos 306 322 hab. Capital regional Cuenca 300 000 hab. Capital regional		Texcoco 170 000 hab. Periférica		4
100-50 mil habitantes	Maranguape 88 478 hab. Centro regional					Puerto Cortés 51 000 hab. Polo internac.	2
> 50 mil habitantes				Camilo Aldao 50 000 hab. Mancomunidad			1
TOTAL	1	1	2	1	1	1	7

A.1.2.2 Selección definitiva de las ciudades

El primer encuentro entre los representantes de las diferentes instituciones y organizaciones implicadas en el proyecto de monitoreo se realizó en la ciudad de Cuenca, Ecuador, para la realización de un Seminario Internacional, con un triple objetivo:

- Difundir los instrumentos conceptuales del proyecto y capacitar a los representantes de las ciudades invitadas en la temática de la intermediación.
- Presentar las ciudades preseleccionadas.
- Definir los criterios de selección definitiva de las ciudades en las cuales se implementaría el monitoreo.

Además de las ciudades preseleccionadas, fueron invitadas a asistir al seminario las ciudades candidatas. El grupo reunido en Cuenca quedó así constituido por representantes de las ciudades de: Camilo Aldao en Argentina, Maranguape en Brasil, Cuenca en Ecuador, Iquitos en Perú, Santiago de los Caballeros en República Dominicana, Puerto Cortés en Honduras y Manta en Ecuador (la ciudad de Texcoco no tomó parte en el evento) y por representantes de las instituciones coordinadoras del

proyecto: IREC-DA/EPF, COPEVI, asesores temáticos y responsables de las Instituciones de Anclaje Regional del PGU-ALC.

A partir del Seminario de Cuenca, la selección definitiva de las ciudades se basó en un concurso de propuestas concretas de implementación del monitoreo elaboradas por los socios locales, según los siguientes criterios:

- Cumplimiento de compromisos anteriores con el PGU-ALC e interés por el presente proyecto, estado del expediente de candidatura,
- Calidad de la propuesta técnica implementación del monitoreo.

Sobre esta base, una comisión integrada por representantes del PGU-ALC, COPEVI e IREC seleccionó definitivamente a las ciudades de Camilo Aldao en Argentina, Maranguape en Brasil, Cuenca y Manta en Ecuador.

A.1.2.3 Implementación del Monitoreo

El monitoreo es un ***proceso programado y permanente*** que requiere de ***recolección y análisis de información, tanto cuantitativa como cualitativa,*** con el fin de obtener una visión plural y actualizada de la realidad que se quiere conocer. Para esto, es necesario construir una metodología de monitoreo, es decir, definir cuales son las informaciones que deberán ser recolectadas, cómo y con qué frecuencia se hará dicha recolección, quienes serán las instituciones y personas implicadas y de qué manera y, sobre todo, cómo se utilizarán las informaciones obtenidas.

Es decir que la construcción de la metodología de monitoreo tiene en cuenta:

- La definición de los roles, dimensiones, variables, indicadores y escalas de intermediación que se pretende monitorear (es decir el tipo de información que se quiere obtener).
- Las modalidades concretas en las que se implementará dicho monitoreo, como son: instrumentos operativos para la recolección de datos, fuentes de información, frecuencia del relevamiento de datos, constitución de equipos ejecutivos de monitoreo y sus modos de relación con los diferentes actores sociales (es decir, la identificación de los responsables directos del monitoreo que constituirán el equipo ejecutivo y los procesos de intercambio entre dicho equipo, las autoridades públicas, los diferentes organismos implicados y la población).

Es importante recordar que, en el marco del presente proyecto, el monitoreo ha sido realizado sobre la base de procesos de gobernabilidad participativa, es decir que no ha estado reservado exclusivamente a un grupo de técnicos, sean municipales o de instituciones académicas, sino que resulta de la acción de diferentes organizaciones e instituciones públicas y privadas implicadas en los problemas de desarrollo de sus ciudades.[30]

A continuación se amplían los 2 momentos centrales de la implementación del monitoreo realizados en el marco del presente proyecto que son: los talleres para la puesta en marcha y la implementación propiamente dicha.

---

[30] Volveremos sobre este aspecto en el punto "Participantes al taller".

Talleres para la puesta en marcha del monitoreo

En cada una de las ciudades seleccionadas se realizó un taller en el cual se construyó colectivamente el sistema de monitoreo utilizado en cada ciudad. [31]. Para eso, fue necesario:

- Definir los aspectos técnicos de dicho monitoreo: roles de intermediación que serían observados, medidos y analizados a través de dimensiones, variables e indicadores correspondientes, fuentes de información, instrumentos para la obtención de las mismas.
- Establecer los acuerdos interactores necesarios para la puesta en marcha del monitoreo en cada ciudad, los roles y las responsabilidades de cada organismo e institución (públicas y privadas) elaborando un plan de trabajo para los 3 primeros meses de implementación del monitoreo (acciones a realizar y los recursos necesarios para su ejecución (humanos, técnicos, materiales). A la vez, ha sido necesario poner en marcha mecanismos de difusión del proceso a otros actores de la sociedad.
- Reforzar la capacitación de los equipos locales que serían responsables del monitoreo.
- Favorecer la creación de espacios permanentes para la continuación del monitoreo a mediano plazo, como lo son los "Observatorios locales de la Ciudad".

Los diferentes aspectos enunciados han sido trabajados de manera interdependiente durante el taller, a través de actividades adecuadas a las modalidades de trabajo de los responsables de misión y de la ciudad donde se trabajaba. Durante el taller se elaboró al mismo tiempo, un plan de trabajo para los 3 primeros meses del monitoreo y un acuerdo interactores, el cual estableció los roles y responsabilidades de cada una de las instituciones y organismos públicos y privados implicados en el proceso, constituyendo el punto de partida para la constitución de los Observatorios Locales.

Participantes en el taller y constitución de los equipos de monitoreo

En el marco del presente proyecto, el monitoreo ha sido resultado de la acción conjunta y solidaria de diferentes organizaciones e instituciones públicas, privadas y de la sociedad civil implicadas en la temática analizada. Esta capacidad de trabajar de manera interactoral ha sido determinante en la selección definitiva de las ciudades recurso para la implementación del monitoreo. Por lo tanto, los talleres de puesta en marcha del monitoreo han permitido consolidar la construcción de equipos interactorales para el monitoreo propiamente dicho, definiendo los roles y responsabilidades de cada institución, los cuales han sido materializados a través del Acuerdos Interactores. Fueron convocados a los talleres:

- Responsables ejecutivos (responsable del proyecto de Monitoreo + personas que estarían directamente a cargo del relevamiento y actualización de los datos).
- Comité de seguimiento y asesoramiento (representantes municipales + personas claves relacionadas con las dimensiones que se pretendían monitorear, como por ejemplo en Manta, responsables sector portuario, turismo, etc.).
- Personas e instituciones recursos privilegiados para la recolección de informaciones (se trata de representantes de las instituciones que han apoyado la candidatura de la ciudad, como también de aquellos que deberían estar relacionados con el proyecto).

Además de los participantes permanentes a las reuniones de trabajo, se realizaron en algunos casos encuentros de carácter más público, convocando a diferentes instituciones que debían ser sensibilizadas al proceso puesto en marcha (posibles fuentes de información futuras, asociaciones

[31] El IREC-DA/EPFL fue responsable de la concepción de la metodología de trabajo en los talleres y de su difusión al PGU-ALC, sus instituciones de anclaje y los actores locales implicados en el monitoreo, en el marco del primer taller realizado en la ciudad de Manta.

estratégicas para el desarrollo del proceso, académicos que puedan aportar una visión complementaria del fenómeno de intermediación, etc.).

A.1.2.4 Monitoreo propiamente dicho:

A partir de los talleres locales, durante un período de aproximadamente 3 meses se procedió a la observación sistemática de los aspectos de intermediación definidos durante el taller en las diferentes ciudades

Fuentes de información

Existen ***diferentes fuentes de información y diferentes métodos*** para obtener los datos necesarios para todo proyecto de investigación-acción.

Frecuentemente, se observa una tendencia a considerar prioritariamente, y a veces casi exclusivamente, aquellas fuentes de datos que proporcionan índices cuantitativos. Si bien estas informaciones son importantes, ocurre a veces que no existen sistematizadas, o que no están actualizadas, o bien simplemente son inexistentes. Por otro lado, datos resultantes por ejemplo de censos o de otro tipo de mediciones periódicas, proporcionan un tipo de información, pero no el único.

Con el fin de garantizar la diversidad de informaciones se puede privilegiar las siguientes fuentes:

Para la recolección de datos cuantitativos

- Los servicios estadísticos o de recenso de información de la administración pública, a escala local, regional y nacional (en relación directa con la intermediación, que relaciona la ciudad estudiada con su entorno)
- Los centros de documentación que temas urbanos y regionales
- Las bibliotecas especializadas

Para la introducción de datos cualitativos

- Los responsables de oficinas públicas especializadas sobre los temas estudiados, a nivel local, regional y nacional
- Los científicos especializados sobre la problemática urbana y regional
- Los dirigentes de instituciones involucradas en la problemática
- Los líderes de organizaciones
- Los usuarios.

Instrumentos para la recolección de datos

Los instrumentos para la recolección de datos deben ser rigurosos y objetivos, primero, por la seriedad de las fuentes utilizadas, y segundo, por la comparación crítica de las distintas informaciones obtenidas sobre un tema específico.

A nivel cuantitativo, se puede trabajar a partir de:

- Censos oficiales a escala urbana, provincial y nacional
- Encuestas previas y estudios, realizados por autoridades oficiales o por fuentes independientes
- Datos sectoriales, producidos por servicios locales especializados o de nivel superior

A nivel cualitativo, los limites del tiempo dedicado a esta tarea (3 meses en la fase inicial de experimentación), obligó los responsables del estudio a privilegiar:

- Las entrevistas con informantes claves, elaboradas a partir de guías focalizadas sobre la temática estudiada

- Los debates de ideas en el marco de reuniones abiertas (entre responsables del monitoreo e informantes) y seminarios temáticos (involucrando distintos puntos de vista sobre una dimensión particular de la intermediación).

A.1.2.5 Informes locales del monitoreo

Las informaciones obtenidas durante los 3 meses de monitoreo y una análisis preliminar de las mismas fueron realizadas por los equipos locales, con el asesoramiento del PGU-ALC a través de sus instituciones de anclaje. Dichos informes han servido de base para la elaboración del presente informe final (capítulos 3 y 4).

A.1.2.6 Análisis comparativo

Las informaciones provenientes de las ciudades a través de los informes locales de monitoreo fueron confrontándolas con los elementos conceptuales y las hipótesis de la investigación. Los resultados de dicho análisis se encuentran en el presente informe.

Anexo 02

Questões elaboradas por SPOSITO et al (2006, p. 26-29).

- Quais são as atividades econômicas predominantes e/ou hegemônicas nas cidades escolhidas?

- Quais são as atividades mais dinâmicas em termos de valor da produção?

- Que atividades empregam mais pessoas?

- Como vem se transformando a distribuição da População Economicamente Ativa, segundo setores econômicos?

- Qual é a participação da PEA agrícola e da PEA industrial sobre a PEA total?

- É possível observar transformações significativas na ocupação da população nas últimas duas / três décadas?

- É possível estabelecer uma periodização para a mudança do perfil ocupacional a partir da difusão do agronegócio ou da entrada de grandes empresas industriais, comerciais e de serviços nas cidades estudadas?

- Em que momento as atividades primárias perdem hegemonia no total da mão-de-obra ocupada (se é que perderam)?

- Como se processa a evolução do PIB?

- Como se observa a relação entre consumo produtivo e consumo consutivo?

- Que atividades comerciais e de serviços estão intrinsecamente associadas ao consumo produtivo?

- Quais são as observações possíveis quanto aos fluxos de origem e destino dos produtos e serviços inerentes ao consumo produtivo?

- É possível observar hegemonia das casas comerciais inerentes ao consumo produtivo no que tange não necessariamente ao número de casas comerciais, mas ao valor bruto das operações?

- O que é possível observar quanto à arrecadação do ICMS?

- No caso das grandes indústrias, é possível observar sua participação na arrecadação da cidade?

- Quanto do consumo de energia elétrica está associado ao setor rural e a atividades econômicas no espaço urbano?

- As atividades industriais instaladas nas cidades a serem estudadas são de ramos com tecnologia avançada e/ou que produzem mercadorias de alto valor agregado?

- Quais são os novos fatores de localização industrial que possibilitam compreender o processo de desconcentração das atividades produtivas, nas escalas regional e nacional?

- Observa-se a entrada significativa de grupos econômicos maiores (redes de hotéis, de *fast foods*, franquias etc.) alterando as lógicas de estruturação dos espaços urbanos das cidades em estudo?

- Como se dá a evolução dos serviços de transportes? Quais são os meios de articulação dessas cidades a outros espaços e qual é a espessura dos fluxos que se desenham?

- Como se dá a evolução dos sistemas de objetos inerentes aos transportes (rodoviárias, terminais urbanos, aeroportos, pistas de pouso) e às telecomunicações?

- Qual é o número de estabelecimentos bancários, agências, postos bancários e caixas eletrônicos?

- Que elementos que poderiam ser citados como exemplo da difusão do circuito superior da economia urbana?

- Que efeitos podem ser observados com a difusão do sistema de produção flexível (subcontratação, desemprego, terceirização etc.)?

- Quais são as principais características que poderiam ser associadas à formação de um mercado de trabalho formal?

- Quais são os períodos do ano de maior nível de emprego? Quais apresentam o maior nível de desemprego ou de subemprego?

- Quais são os novos arranjos produtivos observados a partir da difusão do agronegócio ou de outras atividades econômicas importantes para a cidade e região?

- É possível observar a decadência de atividades que já tiveram hegemonia sobre a dinâmica da economia e das cidades em estudo?

- Qual é a relação entre população urbana e rural?

- Há manutenção de espaços rurais nas cidades?

- O abastecimento alimentar dá-se, predominantemente, por meio dos supermercados, ou existem formas tradicionais de abastecimento como as feiras no centro das cidades?

- Qual é o peso do êxodo rural na dinâmica populacional e quando ele é mais significativo?

- É possível observar migrantes descendentes (cidade maior para cidade menor, fluxo inerente à mão-de-obra especializada) e verificar a origem deles?

- Quanto aos migrantes ascendentes, é possível observar a presença de pessoas oriundas de outras regiões do estado, ou há predomínio de pessoas de outros estados do país?

- Ainda quanto aos migrantes descendentes, é possível observar sua distribuição segundo gênero? Há predominância ou não de homens?

- Existem favelas e áreas de ocupação em situação de risco?

- Como tem sido atendida a demanda habitacional dos segmentos socioeconômicos mais pobres?

- Onde se localizam os espaços predominantemente ocupados por grupos sociais excluídos? É possível encontrar espaços ocupados por grupos auto-segregados?

- Quais são as formas utilizadas por grupos excluídos e segregados para solucionar o problema habitacional?

- Há atuação dos movimentos sociais urbanos?

- Como se caracteriza a condição de moradia precária?

- O uso residencial ainda remanesce na área central?

- Quais são os procedimentos legais necessários para a produção da cidade formal?

- De que maneira o mercado imobiliário tem atuado?

- Qual é o estágio de desenvolvimento institucional dos municípios para o enfrentamento da questão habitacional?

- De que forma o processo de planejamento urbano do município vem sendo conduzido quanto à promoção da regularização fundiária e ao combate à especulação imobiliária?

- Quais são os atores, quais são os papéis e com que interesses os mesmos têm atuado na questão da moradia?

- Observa-se nessas cidades a redefinição de suas estruturas internas, com o aparecimento de novas áreas de concentração de atividades comerciais e de serviços, gerando uma cidade multi(poli)cêntrica?

Anexo 03

Logomarca	Empresa Associada	Endereço
	Abc Inco S.A.	Av. José Andraus Gassani, 2464 - Distrito Industrial
	América Seg	Av. Setembrino Rodrigues, 147 - Distrito Industrial
	Araguaia Engenharia Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 5.555 - Distrito Industrial
	Arc - Engenharia e Tecnologia Ltda.	Rua Curitiba, 1.127 - Brasil
	Automation Instrumentação e Controle	Rua da Amora, 301 - Pacaembu
	Bom Jesus Materiais p/ Construção Ltda.	Av. Espanha, 277 - Tibery
	Branneve Indústria e Comércio Ltda.	Rua Victor Rodrgues Rezende, 401 - Distrito Industrial
	Brasil Central Implementos Rodoviários e Transporte Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 6265 - Distrito Industrial
	Braspelco Indústria e Comércio Ltda.	Rua Décio Spirandelli de Carvalho, 205 - Distrito Industrial
	Bravo Indústria e Comércio de Móveis S. A.	Rua Giuseppe Urani, 111 Pólo Moveleiro - Distrito Industrial
	Cargill Agrícola S/A	Rua Will Cargill, 880 - Distrito Industrial
	Castelli Hall	Av. Nicomedes Alves dos Santos, 6000 - Shop. Park.
	Cemig - Cia Energética de Minas Gerais	Av. Coronel José T. Carneiro, 2.777 - CRIU - Distrito Industrial
	Cerâmica Nascimento Indústria Comércio Ltda.	Av. Airton Borges da Silva, 1029 - Distrito Industrial
	CF Logistica Integrada	Av. Antônio T. F. de Resende, 2050 - Bairro Esperança
	Conel Construtora Ltda.	Av. Rio Branco, 1.281 - Cazeca
	Conspizza Hidrossemeadura Ltda.	Rua Setembrino Rodrigues Silveira,120 - Distrito Industrial
	Cotton Tecnologia de Sementes S/A.	Rua Victor Rodrigues Resende, 500 - Distrito Industrial

	Daiwa do Brasil Têxtil Ltda	Av. Jose Andraus Gassani, 2.215 - Distrito Industrial
	Engeset - Engenharia e Serviços de Telemática S/A.	Av. José Andraus Gassani, 4.901 - Distrito Industrial
	F. Filhos Indústria e Comércio Ltda	Rua Angelo Pizzato, 301 Distrito Industrial
	Facchini - Triângulo Impl. Ltda	Av. José Andraus Gassani, 4740 - Distrito Industrial
	Ferramentaria do Triângulo	Rua Setembrino Rodrigues, 117 - Distrito Industrial
	Flanelin - Brasil Estopas e Resíduos Ltda	Av. José Andraus Gassani 503
	Fundilândia Fundição Uberlândia Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 7895 - Distrito Industrial
	Global Transportes Com. e Rep. Ltda	Av. José Andraus Gassani, 2.895 - Distrito Industrial
	Guindastes Triângulo Ltda.	Rua Nivaldo Guerreiro Nunes, 581 - Distrito Industrial
	Hamilton Magalhães Advogados e Associados	Av. Afonso Pena, 2.590 – Bairro Brasil
	Icatril - Ind. de Café do Triângulo Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 6000 - Distrito Industrial
	Indusat Ind. Com. Ltda	Rua Setembrino Rodrigues Silveira, 100 - Distrito Industrial
	J.C. Rações e Insumos Siderúrgicos Ltda.	Av. Antônio Thomaz F. de Rezende, 4.867 - Distrito Industrial
	JB Entulho	Rua 20, 221 - Distrito Industrial
	K / Brasil Embalagens Ltda.	Rua Will Cargill, 1.001 - Distrito Industrial
	L & C Logística e Transportes Ltda.	Rua Nivaldo Guerreiro Nunes, 980 - Distrito Industrial
	L M Indústria e Comércio Importação e Exportação Ltda.	Rua Nivaldo Gerreiro Nunes, 240 - Distrito Industrial
	Luzforte - Eletrometalúrgica Ltda.	Rua Setembrino Rodrigues Silveira, 3.860 - Distrito Industrial

	M Brasil Artes Objetos Ltda.	Rua Odorico Luiz de Oliveira, 300 - Distrito Industrial
	Martins Comércio e Serviços de Distribuição S/A.	Av. José Andraus Gassani, 5.400 - Distrito Industrial
	MDM - Maeda Deltapine Monsanto Algodão Ltda	Rua Victor Rodrigues Rezende, 450 - Distrito Industrial
	Midia Trade Marketing Integrado.	Rua Tahiti, 130 - Nosso Recanto
	Mil Implementos P/ Transporte Ltda	Av. José Andraus Gassani, 5005 - Distrito Industrial
	Mira OTM Transportes Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 4.870 - Distrito Industrial
	Nogueira Truck Service	Rua República do Piratini, 589 - 1º Piso - Marta Helena
	Paranaiba Fertilizantes Indústria e Comércio Ltda.	Av. Airton Borges da Silva, 1.129 - Distrito Industrial
	Peixoto Comércio e Importação Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 6.000 - Distrito Industrial
	Plastro do Brasil S/A.	Rua Lineu Anterino Marinho, 255 - Distrito Industrial
	Pneus Uberlândia Ltda	Av. José Andraus Gassani, 7915 - Distrito Industrial
	Polycomposite Resinas e Plásticos Técnicos Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 1.413 - Distrito Industrial
	Premoldar Indústria e Comércio de Premoldados Ltda	BR 452, Km 145 – Alvorada
	Produtos Erlan Ltda	BR 452, Anel Viário KM 123-460 - Setor Sul
	RB Equipamentos de Segurança.	Av. José Andraus Gassani, 5685 - Distrito Industrial
	Recap Locações de Bens Móveis Ltda	Rua Jorge Martins Pinto, 15 – Santa Mônica
	Recycleaner Logística Integrada de Resíduos Industriais	Av. Arnaldo Contursi, 1376 - Marta Helena

	Representa Indústria Comércio Importação e Exportação Ltda.	Rua Nivaldo Guerreiro Nunes, 831 - Distrito Industrial
	Sabe - S/A Brasileira de Empreendimentos	Av. José Andraus Gassani, 4.555 - Distrito Industrial
	Sacopel Indústria e Comércio de Embalagens Ltda.	Rua Licério Pinheiro de Paula, 175 - Distrito Industrial
	Sadia S.A.	Av. Cel J.T. Carneiro, 1.001 - Distrito Industrial
	Sansil Indústria Têxtil Ltda.	Av. Ignêz Favato, 363 - Distrito Industrial
	Silveira Logística e Distribuição de Alimentos Ltda	Rua Afonso Egydio de Souza, 232 - Distrito Industrial
	Skid Alimentos Ltda	Av. Antônio Thomaz F. de Rezende, 4.847 - Distrito Industrial
	Souza Cruz S/A.	Av. José Andraus Gassani, 5.464 - Distrito Industrial
	Space Tecnologia em Serviços Ltda.	Rua Quintino Bocaiúva, 428 - Centro
	Start Quimica	Av Airton Borges da Silva, 2445
	Sun Produtos Químicos Ltda	Rua Victor Rodrigues Resende, 90 - Distrito Industrial
	Tecsteel Construções Metálicas Ltda.	Rua Victor Rodrigues Rezende, 671 - Distrito Industrial
	Telas Triângulo Ltda	Rua Nivaldo Guerreiro Nunes, 631 - Distrito Industrial
	Transportadora Cortês Ltda	Av. José Andraus Gassani, 6.555 - Distrito Industrial
	Triagro Ltda.	Rua Victor Rodrigues Resende, 500 - Distrito Industrial
	Uberzem - Armazéns Gerais Uberlândia Ltda	Av. Airton Borges da Silva, 2.445 - Distrito Industriall
	Udiforte Ind e Com Ltda	Av. Antonio T. Ferreira Rezende, 4.296 - Distrito Industrial

	União Comércio Importação e Exportação Ltda.	Rodovia Neuza Rezende, KM 03 - Distrito Industrial
	Vitral Vidros Planos Ltda.	Av. José Andraus Gassani, 4.775 Distrito Industrial
	Vulcaflex Indústria e Comércio Ltda.	Rua Afonso Egydio de Souza, 540 - Distrito Industrial
	Zardo Formulários Ltda.	Rua Ignêz Favato, 302 - Distrito Industrial

Fonte: www.unedi.com.br